



PROFHISTÓRIA

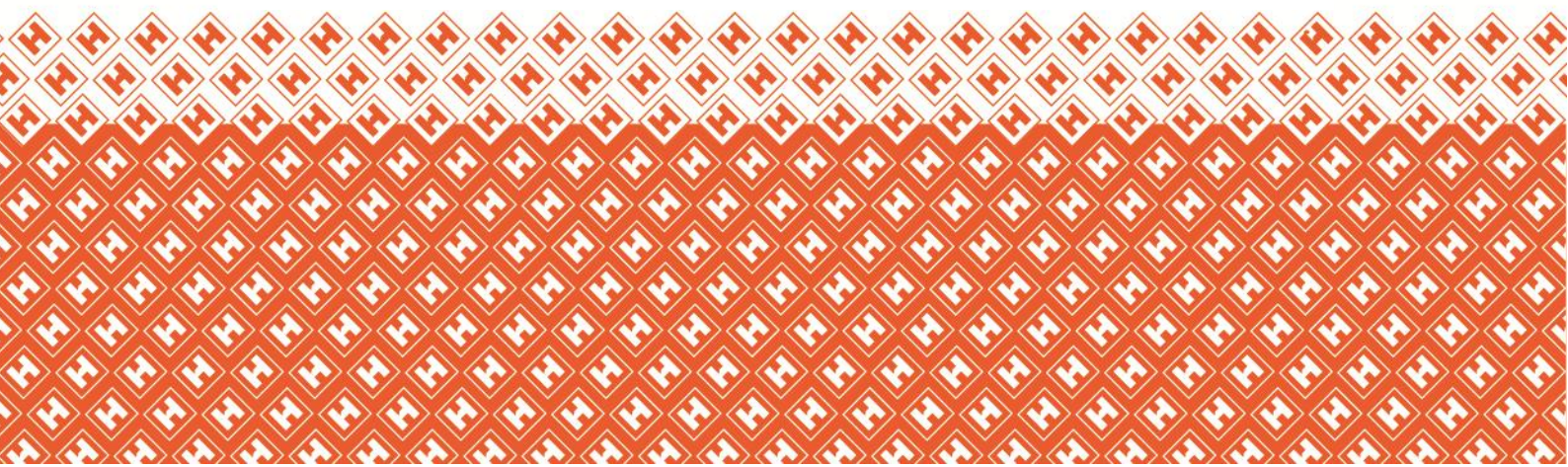
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ANA CLAUDIA MAIOLLI DE OLIVEIRA

**“Um sonho para se viver”:
Exercício da memória na reconstituição
da história da Escola Municipal
Monteiro Lobato no município de
Campo Mourão (PR) sob o olhar dos
alunos(as) da sala de recursos
multifuncional**

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

Maio / 2025



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

ANA CLAUDIA MAIOLLI DE OLIVEIRA

**“UM SONHO PARA SE VIVER”: EXERCÍCIO DA MEMÓRIA NA
RECONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL
MONTEIRO LOBATO NO MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO (PR)
SOB O OLHAR DOS ALUNOS DA SALA DE RECURSOS
MULTIFUNCIONAL**

**CAMPO MOURÃO – PR
2025**

ANA CLAUDIA MAIOLLI DE OLIVEIRA

**“UM SONHO PARA SE VIVER”: EXERCÍCIO DA MEMÓRIA NA
RECONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL
MONTEIRO LOBATO NO MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO (PR)
SOB O OLHAR DOS ALUNOS DA SALA DE RECURSOS
MULTIFUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional,
da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas:
Produção e Difusão

Orientadora: Dra. Divania Luiza Rodrigues –
UNESPAR, Campo Mourão, PR

**CAMPO MOURÃO – PR
2025**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e
Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP
e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Maiolli de Oliveira, Ana Claudia
?Um sonho para se viver?: Exercício da memória na
reconstituição da história da Escola Municipal
Monteiro Lobato no município de Campo Mourão (PR)
sob o olhar dos alunos(as) da sala de recursos
multifuncional / Ana Claudia Maiolli de Oliveira. --
Campo Mourão-PR, 2025.
218 f.: il.

Orientador: Divania Luiza Rodrigues.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Ensino de História) --
Universidade Estadual do Paraná, 2025.

1. Ensino de História. 2. Documentário. 3.
Experienciação. 4. Sala de Recursos Multifuncional.
5. Sequência Didática. I - Rodrigues, Divania Luiza
(orient). II - Título.

ANA CLAUDIA MAIOLLI DE OLIVEIRA

**“UM SONHO PARA SE VIVER”: EXERCÍCIO DA MEMÓRIA NA
RECONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO
LOBATO NO MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO (PR) SOB O OLHAR DOS
ALUNOS DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL**

BANCA EXAMINADORA

Dra. Divania Luiza Rodrigues – UNESPAR, Campo Mourão, PR

Dra. Cyntia Simioni França - UNESPAR, Campo Mourão, PR

Dra. Juslaine de Fátima Abreu Nogueira – UNESPAR, Curitiba, PR

Dr. Jorge Pagliarini Júnior – UNESPAR, Campo Mourão, PR

Data de Aprovação

14/05/2025

Campo Mourão – PR

A todos(as) os(as) estudantes, que, como eu, ousaram sonhar e serem transformados pela Educação.

Aos(as) meus(minhas) alunos(as) da Sala de Recursos Multifuncional da Escola Municipal Monteiro Lobato.

À diretora Heleni dos Santos Ferreira, à comunidade do bairro Jardim Lar Paraná e a todos(as) os(as) envolvidos(as) nessa pesquisa.

A minha mãe Dulce, que é a minha referência de sabedoria, humildade e bondade.

Aos meus irmãos Marcos e Adriano e a minha irmã Sandra pelo incentivo e presença constante em minha vida.

Ao meu marido Edson que tornou meu caminhar mais leve e seguro, pois sempre esteve ao meu lado, me apoiando em meus objetivos e deixando a minha vida mais feliz.

Amo o seu cuidado. Amo você!

As minhas filhas Lara e Sarah, minhas “tutucas”, meus amores, que iluminam a minha vida e me enchem de orgulho, alegria e gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me permitiu viver e experienciar essa conquista tão importante e que muitas vezes não me sentia capacitada a tentar.

À minha amiga Patrícia Lopes Romero, que foi a pessoa, que mais me incentivou a fazer o mestrado ProfHistória, me enviando a data de inscrição e me apoiando em todos os momentos.

À minha orientadora Professora Dra. Divania Luiza Rodrigues, pela confiança, orientações e contribuições assertivas, que com afetuosidade me guiou nessa jornada de uma forma leve, competente, humanística e carinhosa.

À Professora Dra. Cyntia Simioni França, que ministrou a disciplina de *Ensino de História: História Oral e Narrativa*, trazendo contribuições e reflexões significativas, meus agradecimentos pelos ensinamentos e contribuições, durante as aulas e na qualificação e por todo o respeito, profissionalismo e amor, que tem pela Educação e transborda em sua fala e ações.

À Professora Dra. Juslaine de Fátima Abreu Nogueira, pela leitura cuidadosa e pelas reflexões e contribuições de excelência, pelo carisma e a maneira peculiar, profissional e admirável de se envolver com o texto.

Aos meus colegas de turma do ProfHistória (2023) da Universidade Estadual do Paraná, pelas reflexões, aprendizados, risadas e companheirismo. Seremos eternamente o sexto ano do mestrado, falantes, mas produtivos.

Ao professor Diego Alex Ferreira colega de mestrado, parceiro de várias atividades e que aceitou o desafio de fazer a edição do vídeo sem hesitar.

À diretora Heleni dos Santos Ferreira, que abriu as portas de sua casa e de suas memórias, tornando nossos encontros riquíssimos de conhecimento, beleza, empatia, nostalgia e reflexão, me permitindo fazer parte de cada detalhe, de cada lembrança, me auxiliando na reconstituição da história da Escola Municipal Monteiro Lobato e me envolvendo ainda mais nesse lindo sonho para se viver.

Aos(as) alunos(as) da Sala de Recursos Multifuncional, pequenos(as) em estatura e grandes em sabedoria, dedicação e envolvimento, por aceitarem a proposta e me deixarem ainda mais encantada e orgulhosa. O brilho de cada um de vocês iluminou o nosso caminhar.

A todos os envolvidos, que cederam o seu tempo, memória, sorrisos, lembranças particulares, risadas e lágrimas. Cada um de vocês foi essencial em nossa jornada e suas contribuições inigualáveis.

Ao meu marido Edson, meu companheiro de vida há quase 25 anos. Obrigado pelo incentivo e apoio diário. Obrigado por sempre acreditar em mim e mostrar, que estou no caminho certo. Juntos superamos tantos desafios e vivemos tantas alegrias. Construimos uma linda história e uma família linda, que é o nosso bem maior. Sempre serás o meu amor.

Às minhas filhas Lara e Sarah, que confiam em mim e acreditam no meu potencial. Amo cada uma de vocês e me sinto feliz, grata e apaixonada pelos seres humanos íntegros e com valores admiráveis que estão se tornando.

A minha mãe Dulce, que trabalhou de sol a sol e sempre me incentivou a estudar, sendo meu porto seguro em todos os momentos da minha vida e com uma sabedoria divina.

Aos meus irmãos, que sempre me estenderam a mão e se fizeram presente em todas as etapas da minha vida.

Todo jardim começa com um sonho de amor.

Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma.

Quem não tem jardins por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles...

(Rubem Alves)

RESUMO

OLIVEIRA, Ana Claudia Maiolli. **“Um sonho para se viver”**: exercício da memória na reconstituição da História da Escola Municipal Monteiro Lobato no Município de Campo Mourão (PR) sob o olhar dos(as) alunos(as) da Sala de Recursos Multifuncional. 184f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2025.

A pesquisa teve como tema “Um sonho para se viver”: exercício da memória na reconstituição da História da Escola Municipal Monteiro Lobato no Município de Campo Mourão (PR) sob o olhar dos(as) alunos(as) da Sala de Recursos Multifuncional, localizada no bairro Jardim Lar Paraná, no município de Campo Mourão (PR). Esse trabalho teve como proposta pedagógica, que os(as) educandos(as) da Sala de Recursos Multifuncional sejam os sujeitos ativos e protagonistas na reconstituição da história, por meio de uma sequência didática, que resultou na produção de um vídeo documentário. A história da instituição é marcada pela luta da própria comunidade escolar para a construção da Escola, tendo como diferencial uma arquitetura específica e a participação efetiva da comunidade. Para além da história oficial, ela foi reconstituída pelo olhar dos(as) estudantes, por intermédio de narrativas da própria comunidade escolar e de objetos geradores (Ramos, 2004; Cainelli, 2008), como fontes históricas, contribuindo para um ensino de História reflexivo, instigante, singular e de transformação social. Observa-se que o ensino desse componente curricular no Brasil foi realizado a partir de grandes feitos e grandes heróis, silenciando as histórias e os sujeitos locais. As vozes desses, que muitas vezes não constam nos documentos oficiais, foram o ponto de partida na perspectiva de uma nova abordagem de pensar, fazer e ensinar. O ensino de História nos anos iniciais do Ensino fundamental (Fonseca, 2009), a experiência do cinema (Bergala, 2008; Fresquet, 2020) e o protagonismo do(a) estudante na realização da sequência didática possibilitou uma nova abordagem, tendo como referência a própria vivência dos sujeitos, na qual todos(as) se tornam ensinantes/aprendentes. .

Palavras-chave: Ensino de História, Documentário, Experiência, Sala de Recursos Multifuncional, Sequência Didática.

ABSTRACT

The research had as its theme “A dream to live”: an exercise in memory in the reconstruction of the History of the Monteiro Lobato Municipal School in the Municipality of Campo Mourão (PR) from the perspective of the students of the Multifunctional Resource Room, located in the Jardim Lar Paraná neighborhood, in the municipality of Campo Mourão (PR). This work had as its pedagogical proposal that the students of the Multifunctional Resource Room be the active subjects and protagonists in the reconstruction of history, through a didactic sequence, which resulted in the production of a documentary video. The history of the institution is marked by the struggle of the school community itself to build the School, with its distinctive features being a specific architecture and the effective participation of the community. In addition to the official history, it was reconstructed from the perspective of the students, through narratives from the school community itself and generating objects (Ramos, 2004; Cainelli, 2008), as historical sources, contributing to a reflective, thought-provoking, unique and socially transformative History teaching. It is observed that the teaching of this curricular component in Brazil was carried out based on great deeds and great heroes, silencing local stories and subjects. Their voices, which often do not appear in official documents, were the starting point for a new approach to thinking, doing and teaching. The teaching of History in the early years of elementary school (Fonseca, 2009), the experience of cinema (Bergala, 2008; Fresquet, 2020) and the leading role of the student in carrying out the didactic sequence enabled a new approach, taking as a reference the subjects' own experiences, in which everyone becomes teachers/learners. From this perspective, by redefining the history of the institution, the possibilities for the historical, emancipatory and humanistic education of students and of a memory, which was expressed and materialized in images and sounds in movement, are expanded.

Keywords: History Teaching, Documentary, Experience, Multifunctional Resource Room, Didactic Sequence.

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EMMOL	Escola Municipal Monteiro Lobato
PPP	Projeto Político-Pedagógico
SD	Sequência Didática
SRM	Sala de Recursos Multifuncional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Mapa da cidade de Campo Mourão (PR)	32
Imagem 2 - Cidade de Campo Mourão	33
Imagem 3 - Escola Municipal Monteiro Lobato	34
Imagem 4 - Parque Infantil Monteiro Lobato – 1968	36
Imagem 5 - Jardim de Infância Monteiro Lobato	37
Imagem 6 - Posse dos membros da Associação de Pais e Professores da Escola Municipal Monteiro Lobato - 1992	38
Imagem 7 - Conclusão da nova sede da Escola (1998)	39
Imagem 8 - Árvore Pau Brasil e a professora Rozélia (Projeto em comemoração aos 500 anos de “Descobrimento do Brasil”)	46
Imagem 9 - Registro escrito à mão pela Professora Elisangela Cleunice de Oliveira Linares	49
Imagem 10 - Escadas que dão acesso ao pavilhão do 1º andar	58
Imagem 11 - Banheiro masculino e feminino nas salas de aulas da EMMOL	59
Imagem 12 - Autorização da construção da Escola Municipal Monteiro Lobato – Prefeito Tauillo Tezelli	61
Imagem 13 - Espelho do hall de entrada	62
Imagem 14 - Slogan e Logotipo da Escola Municipal Monteiro Lobato	63
Imagem 15 - Hall de entrada com os logotipo e slogan da EMMOL	64
Imagem 16 - Quadro côncavo branco e quadriculado para sala de aula	65
Imagem 17 - “Janelinha” das portas das salas de aula – EMMOL	66
Imagem 18 - Sala de Recursos Multifuncional da EMMOL	71
Imagem 19 - Estudantes assinando o termo de autorização para a participação da pesquisa .	83
Imagem 20 - Fontes históricas: camiseta do uniforme e fotografias - Objetos geradores	85
Imagem 21 - Fotografias antigas da EMMOL	86
Imagem 22 - Explorando as fontes históricas	86
Imagem 23 – Questionário: responsável da estudante Izabella	88
Imagem 24 - Questionário: responsável da estudante Luiza	89
Imagem 25 - Questionário: responsável do estudante Lucas	90
Imagem 26 – Questionário: responsável da estudante Ana Lara	91

Imagem 27 - Aula passeio	94
Imagem 28 - Aula passeio – fontes históricas	95
Imagem 29 - Projeto Arborização – Árvore Pau-Brasil (Brasil 500 anos)	96
Imagem 30 – Planta Boldo – EMMOL	97
Imagem 31 - Árvores frutíferas da EMMOL	97
Imagem 32 - Pitangueira na cidade de Araruna (PR)	98
Imagem 33 - História Oficial da Escola Municipal Monteiro Lobato	100
Imagem 34 - Biografia do escritor José Bento Renato Monteiro Lobato	101
Imagem 35 - Pesquisa do patrono da instituição: Monteiro Lobato	102
Imagem 36 - Túmulo de Monteiro Lobato - Cemitério da Consolação, localizado na zona sul de São Paulo	103
Imagem 37 - Visita a biblioteca da Escola Municipal Monteiro Lobato	104
Imagem 38 - Exploração das obras do Monteiro Lobato	105
Imagem 39 - Fita de vídeo cassete do Sítio do Pica-pau amarelo	106
Imagem 40 - Literatura do escritor Monteiro Lobato	106
Imagem 41 - Produção textual – carta/convite para Professora Heleni	108
Imagem 42 - Carta produzida pela estudante Ana Lara: “Oi Heleni”	110
Imagem 43 - Carta produzida pelo estudante Lucas Davi: “eu quero muito te conhecer”	111
Imagem 44 - Carta produzida pela estudante Izabella: “Heleni, acho que você é muito inteligente”	112
Imagem 45 - Carta produzida pela estudante Luiza Gabriella: “Gostaria que você viesse contar a história, que é também a história da nossa escola”	113
Imagem 46 - Carta produzida pelo aluno Leonardo: “Tudo bem com você”	114
Imagem 47 - Carta produzida pelo educando Davi Rafael: “Você é uma pessoa linda!”	115
Imagem 48 - Carta produzida pelo educando Davi Rafael: “A professora disse que você tem muito conhecimento e eu queria saber”	116
Imagem 49 - Cartas/convites finalizadas	117
Imagem 50 - Recepção das Cartas/convite pela professora Heleni dos Santos Ferreira	118
Imagem 51 - Café da manhã compartilhado	119
Imagem 52 - Confeção do cartão para os estudantes dos 5º anos e convidados	120
Imagem 53 - Preparando a vinda da Diretora Heleni - cartões	121
Imagem 54 - Momentos especiais em sala de aula	123

Imagem 55 - Chegada da diretora Heleni na EMMOL	125
Imagem 56 - Relatos de afetividade	127
Imagem 57 - Agradecimento: entrega das rosas para a diretora Heleni	128
Imagem 58 - Entrelaçando memórias: professoras e estudantes	128
Imagem 59 - Filme “A chegada do trem na estação”	134
Imagem 60 - Filme “A chegada do trem na estação” - exploração cinematográfica	135
Imagem 61 - Minuto Lumière 1 - Sala de Recursos Multifuncional	137
Imagem 62 - Minuto Lumière 2 - Cozinha da Escola Municipal Monteiro Lobato	138
Imagem 63 - Minuto Lumière 3 - Escadaria da Escola Municipal Monteiro Lobato que dá acesso ao térreo	139
Imagem 64 - Minuto Lumière 4- Área externa da escola	140
Imagem 65 - Minuto Lumière 5 - Quadra da Escola Municipal Monteiro Lobato	141
Imagem 66 - Minuto Lumière 6 - Entrada principal da Escola Municipal Monteiro Lobato	142
Imagem 67 - Minuto Lumière 7 - Pátio interno da Escola Municipal Monteiro Lobato	143
Imagem 68 - Minuto Lumière 8 – Aula de Educação Física	144
Imagem 69 - Minuto Lumière: desenho do estudante Leonardo	145
Imagem 70 - Minuto Lumière: desenho da estudante Luiza	146
Imagem 71 - Minuto Lumière: desenho do estudante Davi Machado	147
Imagem 72 - Minuto Lumière: desenho do estudante Samuel	148
Imagem 73 - Minuto Lumière: desenho do estudante Lucas	149
Imagem 74 - Minuto Lumière: desenho do estudante Ana Lara	150
Imagem 75 - Minuto Lumière: desenho da estudante Izabella	151
Imagem 76 - Iniciando as gravações	154
Imagem 77 - Construindo o vídeo documentário	155
Imagem 78 - Estudantes protagonistas	156
Imagem 79 - Gravando, rememorando e aprendendo	157
Imagem 80 - Chegando ao final das gravações	158
Imagem 81 - Avaliação: Samuel	162
Imagem 82 - Avaliação: Luiza	163
Imagem 83 - Avaliação: Lucas	165
Imagem 84 - Avaliação: Izabella	167

Imagem 85 - Avaliação: Ana Lara	169
Imagem 86 - Avaliação: Leonardo	171
Imagem 87 - Avaliação: Davi	173
Imagem 88 - Convite aos familiares: devolutiva aos familiares	176
Imagem 89 - Respeitável público: com vocês os nossos atores!	178
Imagem 90 - Gravando: “Vem aqui comigo produção”	179
Imagem 91 - Cartão que estava nas cadeiras	180
Imagem 92 – Retrospectiva de nossa jornada	181
Imagem 93 - Sessão cinema: o espetáculo começou	182
Imagem 94 - Agradecimentos aos convidados	183
Imagem 95 - Agradecimento aos protagonistas da pesquisa	184
Imagem 96 - Nossas estrelas da noite: meus alunos	185

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 - A SD foi realizada em oito atendimentos, conforme detalhada a seguir: 79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CENÁRIO I: ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO LOBATO: “UM SONHO PARA SE VIVER”: HISTÓRIA LOCAL E O CONTEXTO DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO POR MEIO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL	30
1.1 História Oficial da Escola Municipal Monteiro Lobato.	32
1.2 A história que não é contada: “Um sonho para se viver”	39
1.2.1 Rememorações: Histórias Sensíveis	42
1.2.1.1 Professora Rozélia: porto seguro de memórias e excelência no profissionalismo	43
1.2.1.2 Professora Elisângela: profissionalismo e doação no ato de educar	48
1.2.1.3 "Tia Sirlei: acolhimento e afetividade que transborda sua essência	51
1.2.1.4 Professora Ana Roseli: 31 anos de dedicação, empatia e amor pela educação e pelo Monteiro	52
1.2.2 Rememorações de “Um sonho para se viver” - Professora Heleni	56
1.3 Sala de Recursos Multifuncionais: um mundo de potencialidades para se descobrir	67
CENÁRIO II: CAMINHANDO NOS ARQUIVOS ESCOLARES E NAS MEMÓRIAS COMO FONTES HISTÓRICAS: CONSTRUÇÃO E REGISTRO DA HISTÓRIA LOCAL SOB O OLHAR DOS ESTUDANTES DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL	72
2.1 Aprendentes/ensinantes: Sequência Didática Temática e o Cinema no Ensino de História	73
2.1.1 Lucas: “professora olha para mim”	73
2.1.2 Luíza: “vem comigo produção”	74
2.1.3 Davi Rafael: o carisma de um olhar	74
2.1.4 Leonardo: “por que tantas fotos, professora?”	75
2.1.5 Izabella: quando a meiguice se transforma em uma criança	75
2.1.6 Ana Lara: descobrindo um novo mundo	76
2.1.7 Samuel: nosso astronauta preferido	76
2.1.8 Davi: Nosso menino sorriso	77
2.1.9 Sequência Didática (SD) e a participação dos aprendentes/ensinantes	77
2.2 Cena I: Escola, Sala de Recursos Multifuncional e Família	80
2.3 Cena II: “Um sonho para se viver”	82
2.3.1 Aula passeio para o ensino e aprendizagem de História	93
2.4 Cena III - Pesquisadores Mirins: estreitando laços e entrelaços na busca de novos saberes	99
2.5 Cena IV – Estreitando laços e construindo pontes	107
2.6 Cena V - Memórias Sensíveis: compreender, refletir, ressignificar e reconstituir - de mãos dadas com a História Viva	119
2.6.1 O fascínio pela História Viva: de mãos dadas com o passado e o presente	124
2.7 Cena VI: O cinema como experiência e possibilidades de aprendizagem: um encontro com a alteridade	130
2.7.1 Minuto Lumière: uma pedagogia da criação	131
2.7.2 Minuto Lumière Mirins: um gesto lúdico de criação e emancipação na Escola Municipal Monteiro Lobato.	134
2.8 Cena VII: O lugar da História Oral: a memória viva como possibilidade de Ensino de História.	152
2.9 Cena VIII - Avaliação por aprendizes e aprendentes: do (in)visível ao visível	158
2.9.1 Tecendo cenas e materializando memórias	174
2.10 Cena IX: O eu, o outro e o nós – quando as “cenas” se materializam.	177

CENÁRIO III: NOSSAS VOZES: REMEMORANDO E FAZENDO PARTE DE UMA HISTÓRIA	187
3.1 O Ensino de História como possibilidade de múltiplas leituras e novos saberes	187
3.2 Os desafios do Ensino de História na construção de laços e entrelaços do aprender	193
3.3 Processo criativo de uma documentarista professora	197
3.4 Entre laços e entrelaços: nossas memórias	203
3.5 Um Sonho para se viver: um sonho vivido	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS	210
REFERÊNCIAS	214

INTRODUÇÃO

De quando me tornei uma professora...

Para eternos “apredentes/ensinantes”

Ao iniciar a dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História, fez-me refletir sobre a minha própria história como professora, lembrei imediatamente de um pequeno trecho de Fresquet (2020), em seu livro Cinema e Educação, que dizia “‘Apague as pegadas’, ao menos algumas, para que os outros, que vêm atrás, tenham a chance de criar seus próprios caminhos.” Possibilitar novos caminhos, encurtar outros, fazer paradas, quando necessário, se aventurar em rumos ainda não conhecidos, talvez seja um dos grandes desafios de ser professora.

Essas poucas linhas, inundaram a minha mente, comecei a refletir sobre a minha prática, sobre os(as) meus(minhas) estudantes, digo meus porque é assim, que sinto, uma parte deles(as) está em mim, assim como também quero deixar um pouco de mim em cada um(a). Pensei na minha trajetória, que começou por volta do ano de 1987, quando tinha apenas oito ou nove anos de idade e morava na zona rural, na comunidade Lirial de São Luiz, no município de Araruna (PR).

Eu era uma criança miúda, esperta, falante, curiosa, que amava subir nas árvores e brincar ao ponto de dormir nos galhos das mangueiras. Minha mãe saía “gritando” ao escurecer para saber, onde eu estava. Eu era uma criança, que brincava de bonecas com as espigas de milho, que fazia arcos e flechas de bambu, que vivia com os pés descalços, com o joelho ralado, fazia estilingues e bolinhas de argila e moldava minhas panelinhas de barro, pois amava produzir meus próprios brinquedos e, financeiramente, sabia que não podia comprar.

Eu amava estudar, pois comecei a ir para a “Escolinha São Pedro”, na zona rural, com meus irmãos, antes mesmo de ser matriculada na primeira série. Naquela época (1984-1990), não tinha a Educação Infantil. E o Ensino Fundamental, nas séries iniciais, é o que chamamos hoje de salas multisseriadas, pois a escolinha de madeira era uma única sala e com uma única professora para todas as turmas. A “merenda” como era chamada, era feita pela própria docente e, nos dias de frio, ela nos levava para sentar ao sol e eu colocava o caderno em cima das minhas pernas e aos poucos o frio ia diminuindo.

Há dois quilômetros da nossa casa, morava uma senhora, que não era alfabetizada e pediu para mim, que a ensinasse a ver às horas no relógio, pois facilitaria a organizar o seu dia para levar a comida na roça na hora certa, entre outros afazeres. O resultado é que Dona Tereza não só aprendeu a ver as horas, mas a ler palavras e frases. Como brinde, ganhei da Dona Tereza um presente, que emociono ao lembrar, uma embalagem de margarina da marca Coamo de um quilograma. Isso mesmo, um quilo, cheio de milho pipoca! Fui para casa radiante, cantando, brincando e sentindo, que eu era uma verdadeira professora. Foi a primeira vez, que não brinquei de ser professora, mas realmente senti como uma e essa experiência marcou a minha vida.

Quando terminei o Ensino Fundamental, fiz o Magistério e Técnico em Contabilidade, posso dizer, que o Magistério deu suporte pedagógico, que colaborou significativamente para a minha prática docente, tanto na rede municipal, quanto particular e estadual. Porém, apesar de amar a área educacional, quando casei no ano de 2000, fui para Portugal, um país que me acolheu, fiz muitos amigos e expressei minha gratidão. Após oito anos morando em Portugal, voltei em 2008 para a minha cidade de origem (Araruna – PR) e, no ano de 2010, iniciei como contratada por meio do Processo Seletivo Simplificado (PSS) na rede estadual de ensino como professora de História e acadêmica em Artes Visuais.

Desde o princípio da experiência como professora de História na rede estadual, e, em 2012 na rede privada, percebi o quanto é bom ensinar estudantes, que querem e têm facilidades em seu processo de ensino e aprendizagem, mas percebi, também, o quanto é maravilhoso e gratificante ensinar àqueles, que têm dificuldades, pois é um desafio constante.

Em 2013, assumi o concurso nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Sala de Recursos Multifuncional (SRM) na Rede Municipal de Campo Mourão (PR), no período matutino, onde permaneço até os dias atuais e, à tarde, continuei no ensino regular na rede estadual como professora de História, porém deixei a rede privada para assumir o concurso municipal. Em 2015, assumi o concurso na rede estadual no componente curricular de Arte. Continuei minha caminhada como professora de Arte e História na rede estadual e professora da SRM na rede municipal.

Penso que não escolhi a Sala de Recursos Multifuncional, mas fui escolhida e isso é uma parte da minha história, que contarei no decorrer desta dissertação. Mas, nesse processo de que todos somos “aprendentes/ensinantes”, pois todo professor é um “ensinante/aprendente”, e todo estudante é também um “aprendente/ensinante”. Segundo Adriana Fresquet (2020, p.20), professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal

do Rio de Janeiro (FE/UFRJ) e pesquisadora, é necessário um novo olhar para o processo de ensinar e aprender, e, reconhecer, que todos estamos envolvidos nele.

Percebi o quanto nossos(as) estudantes têm necessidades e especificidades diferentes e a aprendizagem acontece também de forma diferenciada, tendo essa consciência, saber como nossos(as) discentes aprendem é o ponto de partida para pensar em como ensinar.

No contexto atual, devemos levar em consideração as mudanças, que tivemos em tão curto período, pois estamos vivenciando uma pós-pandemia, que deixou marcas profundas em todas as áreas, mas em especial, na área socioafetiva/emocional e educacional. A Covid-19 foi descoberta em dezembro de 2019, no entanto, a Organização Mundial da Saúde passou a caracterizá-la como uma pandemia, a partir de 11 de março de 2020. Segundo o site do Ministério da Saúde, no Brasil, do dia onze de março de 2020 até o dia seis de junho do ano de 2024, ocorreram 712.324 óbitos. A Covid-19, além de acarretar perdas humanas por mais de 210 países, trouxe implicações psicológicas, que afetaram grande parte da população, incluindo as nossas crianças.

Nossos(as) educandos(as) da rede municipal de Campo Mourão permaneceram em casa a partir do dia dezenove de março de 2020, as atividades escolares eram enviadas e entregues quinzenalmente na instituição escolar.

As aulas via site/aplicativo Google Meet¹ seguiam o horário estabelecido pela instituição escolar. Os(as) estudantes participavam por meio de uma videochamada, usando um computador ou dispositivo móvel. Eles(as) entravam nas reuniões, utilizando links gerados pelos professores.

Na rede municipal, os docentes realizavam as aulas via Meet e a maioria dos(as) educandos(as) participava, utilizando os aparelhos celulares dos responsáveis. É relevante informar que, uma quantidade significativa de discentes não conseguia participar por não ter acesso à tecnologia e, também, pelos pais estarem trabalhando no horário das aulas. Dessa forma, o contato foi realizado via WhatsApp², que colaborou para as orientações e a comunicação.

¹ Google Meet o Google Meet é uma ferramenta de videoconferência online. Ele permite que as pessoas se conectem e se comuniquem em tempo real usando áudio, vídeo e chat. Através dessa plataforma de comunicação é possível realizar reuniões, aulas e eventos online, independentemente da localização geográfica dos participantes. Disponível em: <https://www.ipnet.cloud/blog/google-workspace/google-meet/> Acesso em 29 de julho de 2024

² WhatsApp é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à internet. Disponível em: <https://www.significados.com.br/whatsapp/> Acesso em 29 de julho de 2024.

Além da defasagem de conteúdos básicos, que ainda permanece, como observamos diariamente em sala de aula, o distanciamento social e a diminuição de atividades psicomotoras, que são desenvolvidas na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, afetaram o desenvolvimento dos(as) estudantes.

Nossas crianças tiveram perdas de entes e amigos queridos, foram privadas do convívio de seus próprios familiares e uma grande parte acabou se aproximando ainda mais dos recursos tecnológicos, o que, atualmente, também é preocupante, pois o ato de brincar, correr, pular e se relacionar foi sendo substituído pela tela do celular.

Na área educacional, no ano de 2018, tivemos as mudanças da BNCC (Base Nacional Curricular Comum), que buscaram trazer uma igualdade, mas sem garantir a equidade. Logo, percebemos lacunas difíceis de serem preenchidas, por não levarem em consideração as diferentes especificidades e pluralidades de cada região e, na maioria das vezes, de cada indivíduo.

Notamos nas entrelinhas, que as lutas sociais das minorias estão cada vez mais ausentes em um documento norteador como a BNCC. O ensino de História deve propiciar discussões e reflexões sobre a realidade sócio-histórica, para a superação da hegemonia. Silenciar as narrativas das minorias culturais, sociais, étnicas e de gênero historicamente excluídas das práticas curriculares de História é ir contra uma educação de todos e para todos.

Observamos que nossos(as) estudantes também mudaram, que a tecnologia influencia em seus cotidianos. Cada educando(a) é único(a), porém novas plataformas on-line educacionais estão sendo inseridas, tornando o ensino ainda mais mecanizado, como verificamos na rede estadual, e, que depois da pandemia, foi massificada.

Na rede municipal de Campo Mourão, também iniciou o processo da plataformização. O que nos preocupa enquanto professores(as) da rede básica, é observar a naturalização desse ato pela sociedade e até mesmo por uma boa parte dos profissionais de educação. Temos no momento (ano de 2024) três plataformas: Aprimora, Giro pela Educação e o ATLA Ensino.

O APRIMORA tem como objetivo principal o(a) docente postar as atividades e avaliações, para os(as) educandos(as) do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental realizar, remotamente em casa ou nos horários destinados, essa prática pedagógica.

Assim, a Secretaria Municipal de Educação acompanha os acessos, enviando planilhas para as escolas, a fim de que estejam cientes de quem está acessando e quais precisam melhorar os seus índices, tendo um ranking por discente e instituições municipais.

O Giro pela Educação, é uma plataforma do EduQ Brasil, designada como uma Plataforma de Gestão Educacional e Pedagógica, que fornece material físico para o(a) professor(a) e estudantes. Esses realizam, no Giro pela Educação, as avaliações on-line, na data prevista pela Secretaria Municipal de Educação. Assim como o APRIMORA, é observado o índice de aprendizagem do(a) educando(a) e da turma, sendo realizado do terceiro ao quinto ano do Ensino Fundamental.

O ATLA é uma plataforma para o(a) docente. Nesse ambiente são lançadas as avaliações trimestrais, os relatórios individuais dos(as) estudantes e da turma, mesmo sendo utilizado pela Secretária de Educação do Município o RCO (Registro de Classe On line). O ATLA gera documentos finais por turma, escola e município. Também há vários materiais pedagógicos e formações disponíveis para o(a) educador(a).

Assim, percebemos as mudanças educacionais realizadas e compreendemos que nós, professores(as), deveríamos participar ativamente por meio de diálogos, estudos, reflexões e de forma colaborativa. Mas não somos chamados para participar efetivamente delas, e, muitas vezes, tendo que cumprir metas, sabendo que, o sistema está engessando e nos tirando a autonomia.

Observamos que as plataformizações são processos de massificação e podemos afirmar, que um dos objetivos do sistema educacional no contexto atual é tentar homogeneizar, como se todos os estudantes/familiares e comunidade escolar fossem similares em um país com tantas diferenças regionais, culturais e sociais, que afetam diretamente a aprendizagem e a formação integral do indivíduo. Uma de nossas preocupações é que essa plataformização continue sendo ampliada na rede municipal, como notamos na rede estadual.

Em relação à SRM, até o momento, não foi imposta nenhuma plataforma para ser usada com os(as) discentes. Utilizamos o Registro de Classe On line e o ATLAS. Nele, usufruímos os materiais de apoio, pois é onde estão os conteúdos pedagógicos, leis, instruções e formações, mas não precisamos lançar notas ou relatórios no mesmo.

Nesse cenário preocupante, que estamos vivenciando, o papel do professor é essencial, sendo necessário (re)pensar o Ensino de História e suas estratégias, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (1996, p.26), que influenciou o que chamamos de Pedagogia Crítica, evidencia que “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”.

Como profissionais da educação, concordamos com Freire, o ensino não deve ser bancário, que privilegia a transmissão de conhecimento, sem se preocupar se o(a) discente assimilou os conteúdos abordados. Nossos estudantes não podem ser meros ouvintes, pois o ato de aprender não é uma via única e uma das grandezas de ser professor é oportunizar e criar estratégias, para que os(as) educandos(as) possam ser sujeitos do processo, construindo e reconstruindo os saberes, desenvolvendo a autonomia e a criticidade.

Portanto, ensinar e aprender caminham de mãos dadas, pois estamos vivenciando grandes desafios em sala de aula, desde um sistema, que nos mecaniza, ambientes superlotados, desvalorização profissional, conteúdos, que privilegiam as vozes dominantes, a indisciplina, a ausência dos familiares no processo de ensino e aprendizagem, estudantes com dificuldades e especificidades diversas, entre outros.

Nesse sentido, ao trabalhar com uma proposta, que contemple o público da Sala de Recursos Multifuncional, também favorecemos outras seriações, pois compreendemos que, a maioria dos professores do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) atua na sala regular das séries finais do Ensino Fundamental e Médio. Devemos reconhecer, que a História nos ajuda a compreender o local, em que vivemos e o mundo. O ensino de História deve ser antes de mais nada reflexivo, crítico, que promova a formação da consciência histórica e a formação integral do cidadão, sendo fundamental começar logo nas séries iniciais.

Em pleno século XXI, não podemos continuar ensinando História como apenas transmissão de grandes feitos históricos, datas cívicas e os grandes heróis trazidos nos livros didáticos, que em vários momentos estimulam uma memorização mecanizada e que pouco desenvolve os(as) estudantes. O papel do professor não é reproduzir assuntos julgados mais importantes, por uma classe dominante, não devemos permanecer apenas nos conteúdos simplificados do livro didático ou agora das plataformas de ensino.

Segundo a professora Selva Guimarães Fonseca (2009, p. 45), que possui ampla experiência na área de educação, com ênfase em formação de professores, metodologias, práticas de ensino e aprendizagem em História, “o professor deve ter uma relação crítica, nunca de submissão ao livro didático, que, como todo texto, toda fonte, deve ser questionado, problematizado e amplamente explorado com os alunos”, dessa forma, a postura docente é o diferencial, para que o ensino de História seja verdadeiramente uma prática social.

Para a professora Flavia Eloisa Caimi (2009, p.66), “temos que trabalhar para a superação de uma tradição verbalista da história escolar”, para que nossos(as) estudantes se

percebam como sujeitos históricos e que também fazem história. Dessa forma, reconhecer a identidade cultural, tendo como princípio a vivência da criança, é fundamental.

Observamos a importância de uma prática educativa-crítica e que o ensino de História precisa iniciar logo nas séries iniciais, pois todos são sujeitos da História. Os(as) estudantes do Atendimento Educacional Especializado atendidos(as) por meio da Sala de Recursos Multifuncional, também estão inseridos(as) nesse sistema tão engessado, sendo que, muitas vezes, não se reconhecem como sujeitos. Acreditamos, que a história local, os saberes dos(as) discentes, a fonte oral e a experiência cinematográfica produziram novos saberes e a história local tão “adormecida” se tornou uma “nova história”, intermediada por vozes, que podem complementar os documentos oficiais.

Assim, a pesquisa teve como tema a reconstituição da história da Escola Municipal Monteiro Lobato - Educação Infantil e Ensino Fundamental I, localizada no bairro Jardim Lar Paraná, no município de Campo Mourão (PR), com os(as) estudantes da Sala de Recursos Multifuncional (SRM) do período matutino, por meio de uma Sequência Didática (SD) e a produção de um vídeo documentário, contribuindo para um ensino de História local reflexivo, instigante, singular e de transformação social, ressignificando o olhar sob a instituição e contribuindo para a formação histórica, emancipadora e humanística dos(as) educandos(as).

O trabalho desenvolvido teve como proposta pedagógica os(as) discentes da SRM serem os sujeitos ativos e protagonistas nessa reconstituição da história da Escola Municipal Monteiro Lobato (EMMOL), por meio de uma Sequência Didática, que resultou na produção de um vídeo documentário.

As atividades da SD foram realizadas, e denominamos de cenas, seguindo uma sequência de nove cenas, que se iniciaram com a reunião dos(as) responsáveis para a explanação da proposta de pesquisa, autorização para a realização da mesma, roda de conversa com os(as) educandos(as), pesquisa, análise de fontes históricas, aula passeio, produção de carta/convite, narrativas sensíveis e históricas, Momento Lumière, depoimentos, produção de desenhos e registros escritos, finalizando com a produção audiovisual.

A produção do vídeo documentário foi realizada com a participação efetiva dos(as) discentes, que foram os(as) protagonistas desse trabalho, tanto na organização, quanto na realização das gravações. O momento Lumière realizado por cada estudante, proporcionou um contato inicial com a linguagem do cinema de forma espontânea, lúdica, autônoma e criativa, mas, ao mesmo tempo, sistematizada e com seriedade.

O vídeo documentário foi produzido por meio de imagens e gravações realizadas durante a SD na reconstituição da história da Escola Municipal Monteiro Lobato. Acreditamos, que a produção audiovisual contribuiu de forma significativa para o engajamento escolar dos(as) educandos(as) e o ensino de História, sendo estimulados(as) e instigados(as) pela produção e experiência cinematográfica, aliando a teoria, a prática em novas aprendizagens, que possibilitaram o desenvolvimento global do(a) estudante.

Reconhecemos, que o ensino de História no Brasil foi realizado a partir de grandes feitos e grandes heróis, silenciando as histórias e os sujeitos locais. As vozes desses, que muitas vezes não constam nos documentos oficiais, podem ser o ponto de partida fundamental na perspectiva de uma nova abordagem de pensar, fazer e ensinar História. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018. p.401) “[...] pretende estimular ações nas quais professores e alunos sejam sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, nesse sentido eles próprios devem assumir uma atitude historiadora”.

Diante dessas perspectivas, delineamos a problemática: como estimular ações de ensino de História para reconstituir a história local da Escola Municipal Monteiro Lobato, por meio de uma Sequência Didática temática e a produção de um vídeo documentário com os(as) estudantes da Sala de Recursos Multifuncional das séries iniciais do Ensino Fundamental, enquanto sujeitos do processo de ensino e aprendizagem?

Partindo dessa problemática, a Base Nacional Comum Curricular de História (Brasil, 2018, p. 403) deixa bem explanado que os “[...] anos iniciais contempla, antes de mais nada, a construção do sujeito”. Nessa perspectiva, é importante, que o ensino de História se inicie nas séries iniciais do Ensino Fundamental, partindo da realidade do(a) próprio(a) estudante e do ambiente, que está inserido(a), sem buscar a tão utópica hegemonia, a qual não queremos e não a aceitamos, pois somos um país de diversidades étnicas, sociais e regionais.

A escolha dos(as) discentes da Sala de Recursos Multifuncional das séries iniciais do Ensino Fundamental I para a nossa pesquisa, foi justamente por serem crianças, que estão na fase inicial da escolaridade, que possuem laudos médicos ou que foram avaliadas por uma equipe multidisciplinar, matriculadas na sala regular e atendidas em contraturno na SRM. Elas, apesar da pouca idade cronológica, possuem histórias marcadas por traumas e fracassos escolares, apresentando, na maioria das vezes, baixa autoestima, pouca iniciativa e autonomia, dificuldade de aprendizagem e/ou comportamentais e não se reconhecendo como sujeitos históricos.

As crianças da SRM se sentem, muitas vezes, excluídas dentro da própria sala de aula regular, ou não se sentem capazes de realizar algo, preferindo não se expor ou se sentindo inferiorizadas por várias situações, já vivenciadas e por suas dificuldades escolares. Nesse contexto, a BNCC também deixa em evidência, que é necessário promover uma educação voltada às singularidades e às diversidades, e, conforme afirma a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p.14), “[...] a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades”.

O ensino de História na Sala de Recursos Multifuncional nas séries iniciais se justificou principalmente devido à escassez de material encontrado e de sua importância na formação e desenvolvimento do(a) estudante. Em uma pesquisa realizada no mês de novembro de 2023, no site no Catálogo de Teses & Dissertações – CAPES, sobre a Sala de Recursos Multifuncionais e o ensino de História, constatamos, que as dissertações dirigidas à SRM são direcionadas à inclusão, ao processo de aprendizagem e práticas pedagógicas, e não, em sua maioria, ao ensino de História.

Conforme constatamos ao digitarmos “Sala de Recursos Multifuncional”, apareceu no Mestrado Profissional 47 dissertações, ao pesquisar “Sala de Recurso Multifuncional – ensino de História”, constatamos quinze resultados, sendo dez dissertações no Mestrado Acadêmico e cinco dissertações no Mestrado Profissional.

Dessas cinco dissertações do mestrado profissional as temáticas foram: “A inclusão de jogos digitais educativos na sala de recursos multifuncional”, “Jogos matemáticos como possibilidade de situação desencadeadora de aprendizagem de operações aritméticas em sala de recursos multifuncional”, “O trabalho colaborativo entre professores e a aprendizagem dos estudantes público-alvo da educação especial na educação de jovens adultos”, “Políticas Públicas em Educação Inclusiva: Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues em Macapá-AP” e a Educação especial e educação quilombola em Presidente Kennedy/ES”, sendo, essa última, direcionada a compreensão da História dos territórios quilombolas, que foram investigados e se há matrícula de estudantes quilombolas na Educação Especial, nas duas unidades de ensino pesquisadas.

Dessa forma, trabalhar com o ensino de História nas séries iniciais da Sala de Recursos Multifuncional, além de contribuir para a formação integral dos(as) educandos(as) e desenvolver a sua consciência histórica, reflexiva e crítica, permite colaborar com novas práticas pedagógicas.

Segundo Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p.14), a Educação Básica deve “[...] assumir uma visão plural, singular e integral da criança”. Nesse sentido, é necessário reconhecer as particularidades e as especificidades dos(as) discentes da SRM, compreendendo que nossas crianças, com todas as suas especificidades, possuem potencialidades para o desenvolvimento de habilidades e competências na área cognitiva, afetiva-emocional, na linguagem oral e escrita.

Desse modo, percebemos, que essa pesquisa com os(as) estudantes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) foi necessária, buscando um ensino de História, que estimule o processo de aprendizagem, valorizando as potencialidades, respeitando e aprendendo com os diversos saberes, por meio de uma aprendizagem dialógica, que permita cada educando(a) poder se tornar sujeito ativo na construção do conhecimento e de sua identidade cultural.

Em relação à Escola Municipal Monteiro Lobato, a escolha foi devido ser uma instituição de educação pública e municipal. Sua história expressa a participação efetiva da comunidade escolar na construção da instituição, pois em 1989, iniciou-se um movimento da própria comunidade escolar e do Bairro para a construção de uma nova escola e a implementação do Ensino Fundamental I.

Um movimento, que gerou várias reuniões, abaixo assinado, passeatas e a participação da comunidade, sendo a nova escola inaugurada em 1997, tendo como diferencial uma história arquitetônica singular, considerada por muitos como “Escola Modelo” e a participação ativa da comunidade do Jardim Lar Paraná, um bairro considerado na época, violento e de periferia. Essa história contempla várias vozes sensíveis, não encontradas nos documentos oficiais, mas que são essenciais para um ensino reflexivo, humanizador e transformador, compreendendo, que existe uma identidade cultural e uma memória a ser preservada.

Realizar a pesquisa nessa instituição, foi também rememorar a minha história profissional em relação à instituição e o respeito, que tenho por ela. O trabalho com a temática a história local com os(as) estudantes da Sala de Recursos Multifuncional foi justamente para contemplar um ensino de História, que faça parte do cotidiano do(a) discente.

É muito importante, que os(as) educandos(as) possam caminhar, estudar, refletir, aprender, ensinar, investigar, rememorar a história da instituição, que também faz parte de sua própria história, de seus amigos e familiares. Entendemos, que a história local da escola é de suma importância para o Bairro Jardim Lar Paraná e o município de Campo Mourão, bem

como na trajetória do(a) próprio(a) estudante, que possivelmente não enxergará a instituição da mesma forma, depois dessa pesquisa.

A proposta para trabalhar com a Sequência Didática e a produção cinematográfica justificou-se, principalmente, por envolver os(as) discentes no decorrer de todo o processo como sujeitos ativos e colaborativos, pois possui uma ampla conexão entre o conteúdo, as metodologias e os(as) educandos(as).

Acreditamos, que isso ocorreu de forma significativa, instigante e contínua, proporcionando um processo de ensino e aprendizagem, que foi gradativo por meio das atividades propostas. É importante ressaltar que a produção da Sequência Didática, trouxe uma contribuição significativa para o ensino e aprendizagem dos(as) estudantes e o engajamento entre professor(a) e aluno(a), aluno(a) e professor(a).

O diferencial dessa proposta metodológica de SD e a produção cinematográfica é o trabalho efetivo com fontes orais, depoimentos, objeto gerador e experiências audiovisuais realizadas pelos(as) próprios(as) discentes, que resultou em um vídeo documentário.

Observamos, no decorrer da nossa trajetória escolar, que os(as) educandos(as) da SRM são muitas vezes excluídos de projetos e atividades diversificadas. Não podemos naturalizar essas atitudes, ainda existentes em nossas escolas e estão mais presentes, do que pensamos, mas, na maioria das vezes, não paramos para refletir.

As especificidades de cada ser humano devem ser respeitadas, mas não excluídas. Para Maria Teresa Eglér Mantoan (2003, p.16), Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), “A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral”.

Dessa forma, o professor inclusivo compreende e reconhece, que cada estudante é um ser único, que não podemos e não queremos alcançar a homogeneidade em sala de aula, mas que devemos promover um ensino de qualidade, atento a todas as vozes, que compõem a sala de aula.

Sendo assim, a SD é uma proposta desafiadora e inovadora. Segundo Montoan (2003, p.31), “As grandes inovações são, muitas vezes, a concretização do óbvio, do simples, do que é possível fazer, mas que precisa ser desvelado, para que possa ser compreendido por todos e aceito sem muitas resistências, senão aquelas que dão brilho e vigor ao debate das novidades”.

Acreditamos, que o material produzido por meio da SD, realizado pelos(as) estudantes do Atendimento Educacional Especializado, provavelmente, será utilizado pela instituição escolar, pelo município de Campo Mourão e a proposta pedagógica ampliada para todas as séries da Educação Básica e com temáticas históricas variadas. Sendo a produção do vídeo documentário uma metodologia, que contribui para a formação dos(as) discentes, e, que no momento, ainda é pouco utilizada nas escolas. Observamos que a experiência cinematográfica vai ao encontro das sábias palavras de Freire (1996, p.24),

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

Entendemos e também reconhecemos a importância das tecnologias nos dias atuais, não podemos simplesmente negar a sua utilização, como se não houvesse pontos positivos, é um recurso, que está presente, que veio para permanecer e cabe a nós professores(as) utilizá-los de forma estratégica para o pleno desenvolvimento dos(as) estudantes.

Nesse processo de aprendizagem, o historiador brasileiro Luis Fernando Cerri (2011, p. 69) afirma que “O aprendizado é um ato de colocar saberes novos em relação com saberes anteriores [...]”. Assim, Ecléa Bosi (2003, p.16-17), doutora em Psicologia Social, discorre que “Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!”.

Acreditamos, que a pesquisa promoveu uma riqueza de novos saberes, dentro de uma história local, com vozes, que fazem parte da comunidade escolar.

A proposta de trabalhar o objeto gerador no ensino de História, encontramos em Ramos (2008, p.21) ao afirmar que “Se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas”.

Dessa forma, todo objeto pode ser lido, questionado, sendo uma fonte de investigação e reflexão, e explicada ou evidenciada por meio da formulação das questões e do diálogo. Entendemos que, a partir da abordagem da história local, os(as) estudantes “leram” cada parte da Escola Municipal Monteiro Lobato de uma forma significativa, tendo a possibilidade de permanecer em suas memórias ao longo de sua vida.

Com relação à cinematografia na Educação e no Ensino de História, percebemos e estamos de comum acordo com Adriana Fresquet (2020, p.20), das possibilidades do cinema nas escolas, ao afirmar que “Com o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode,

provoca as práticas pedagógicas [...]”. É assim, que nos sentimos: desafiados, provocados nessa nova prática, que está diretamente ligada ao sensível, à experimentação e à pesquisa.

Sabemos, que estar em contato com uma história viva é algo imensurável, pois permite que a aprendizagem seja gerada em cada ato de escutar, em cada expressão, em cada silêncio, em cada ato investigativo e, aos poucos, aquela história engavetada, se torna algo próximo e importante de ser estudado, pois não se trata de uma história alheia, mas de algo próximo. Como relata Bosi (2003. p. 18), “Há, portanto, uma memória coletiva produzida no interior de uma classe[...]”. Essas memórias merecem ser rememoradas, escutadas, registradas possibilitando a formação de sujeitos históricos e a produção de conhecimentos.

Com o intuito de melhor organização, a pesquisa foi desenvolvida em três capítulos, que designamos como Cenários.

No primeiro capítulo designado como Cenário I, tivemos como principal objetivo conhecer a história da Escola Municipal Monteiro Lobato, trabalhando com os documentos oficiais como ponto de partida, mas reconhecendo, que há uma história não oficial, não contada, mas que merece ser reconstituída pelos(as) estudantes atendidos na Sala de Recursos Multifuncional e pela comunidade escolar. Fizemos também a caracterização do Atendimento Educacional Especializado realizado na Sala de Recursos Multifuncionais nas séries iniciais do Ensino Fundamental I.

No segundo capítulo II ou Cenário II, enfatizamos a proposta metodológica, que foi a realização da Sequência Didática, que envolveu as narrativas de pessoas comuns, com as suas experiências sensíveis e conhecimentos históricos sobre a história da Escola Municipal Monteiro Lobato. Essas narrativas puderam se entrecruzar com fontes históricas oficiais, por meio do trabalho colaborativo.

Acreditamos, que a reconstituição da história local sob o olhar de vários sujeitos e ângulos, valorizou a identidade local, os saberes escolares, a narrativa de cada envolvido(a) e o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo dos(as) discentes da SRM, que resultou na produção de um vídeo documentário.

No último capítulo, designado Cenário III, fizemos uma reflexão sobre os resultados de cada atividade realizada por meio da SD, como foram os encontros e a participação dos(as) envolvidos(as). Realizamos uma autoavaliação e analisamos os possíveis erros e acertos, observando, se conseguimos atingir o objetivo proposto e se a aprendizagem foi significativa para os(as) estudantes.

CENÁRIO I: ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO LOBATO: “UM SONHO PARA SE VIVER”: HISTÓRIA LOCAL E O CONTEXTO DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO POR MEIO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL

O primeiro capítulo desse trabalho teve como principal objetivo conhecer a história da Escola Municipal Monteiro Lobato, utilizando como ponto de partida o Projeto Político-Pedagógico (PPP)³, que é um documento oficial da instituição, mas reconhecendo, que há uma história não oficial, que merecia ser reconstituída pelas estudantes atendidas(as) na Sala de Recursos Multifuncional e pela comunidade escolar.

A história da Escola Municipal Monteiro Lobato foi além do PPP e propiciou a experimentação, a rememoração, possibilitando novos olhares, novas discussões e novas narrativas, que enriqueceram a história da instituição e o ensino de História, muitas vezes, tido como menor importância, oportunizando uma aprendizagem significativa para os(as) discentes, que diariamente frequentam sobre o seu objeto de estudo, que é a sua própria instituição escolar.

No segundo momento, a história da escola foi contada pelas diferentes vozes, de professoras e funcionários da instituição e a narrativa da professora supervisora Heleni dos Santos Ferreira, que vivenciou e colobarou com a comunidade escolar em toda a trajetória da construção da instituição.

Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p.397), afirma que “Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos”. Reconstituir o passado recente por meio de sujeitos, que vivenciaram determinado fato histórico é permitir, que o ensino de História se torne instigante, participativo e reflexivo, analisando vários ângulos e podendo compreender de forma crítica e reflexiva as diversas visões sobre o mesmo fato.

Nesse contexto, segundo Ecléa Bosi (2003, p.15), “A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. As paixões individuais revelam uma experiência histórica vivida, sendo possível conhecer informações factuais e uma nova visão sobre o fato abordado, pois não é uma narrativa homogênea, pelo contrário, é complexa, revela pontos divergentes

³ (PPP) - Compreendemos que há outras denominações correlatas, mas optamos por utilizar Projeto Político-Pedagógico. O projeto pedagógico da escola, é, também um projeto político, por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com interesses reais e coletivos. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão. Nessa perspectiva, podemos consultar a seguinte obra: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político- pedagógico da escola: uma construção possível**. 14ª ed. Editora Papirus, 2002.

dos documentos oficiais, gera novos questionamentos e novas investigações, promove uma aproximação entre os envolvidos, estimulando ainda mais o processo de aprender.

Ainda nesse primeiro capítulo, fizemos a caracterização do Atendimento Educacional Especializado, realizado nas Salas de Recursos Multifuncionais, nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, por meio da legislação vigente, que evidencia quem são os(as) estudantes, que têm o direito garantido em Lei para frequentar o AEE.

Nessa perspectiva do ensino de História, com a participação efetiva dos(as) discentes da SRM, concordamos com Fonseca (2009, p.125) sobre os estudos da história local na educação básica:

[...] podemos construir uma ‘pedagogia da memória’ que faça frente aos problemas de identidade, pertencimento, pluralidade cultural, étnica e religiosa e exclusão social que marcam as nossas escolas. Nesse sentido, a história local pode ter um passo decisivo na construção de memórias que se poderão inscrever no tempo longo, médio ou curto, favorecendo uma melhor relação dos alunos com a multiplicidade.

Dessa forma, memória e história se entrelaçam e favorecem a democracia. Compreendemos que para a história local são importantes, assim como para a construção das identidades e o sentimento de pertencimento tão necessários nos dias atuais.

Nossos(as) estudantes possuem histórias de vidas diferentes, vivem em uma sociedade com várias pluralidades (étnicas, religiosas, culturais) e desigualdades, não podemos privilegiar apenas as vozes dominantes. Se faz necessário uma História, que inicie de onde vivemos, do lugar que conhecemos para uma história maior. Nessa perspectiva, Fonseca (2009, p.129-130) concorda, que a história local é uma janela para o mundo e afirma:

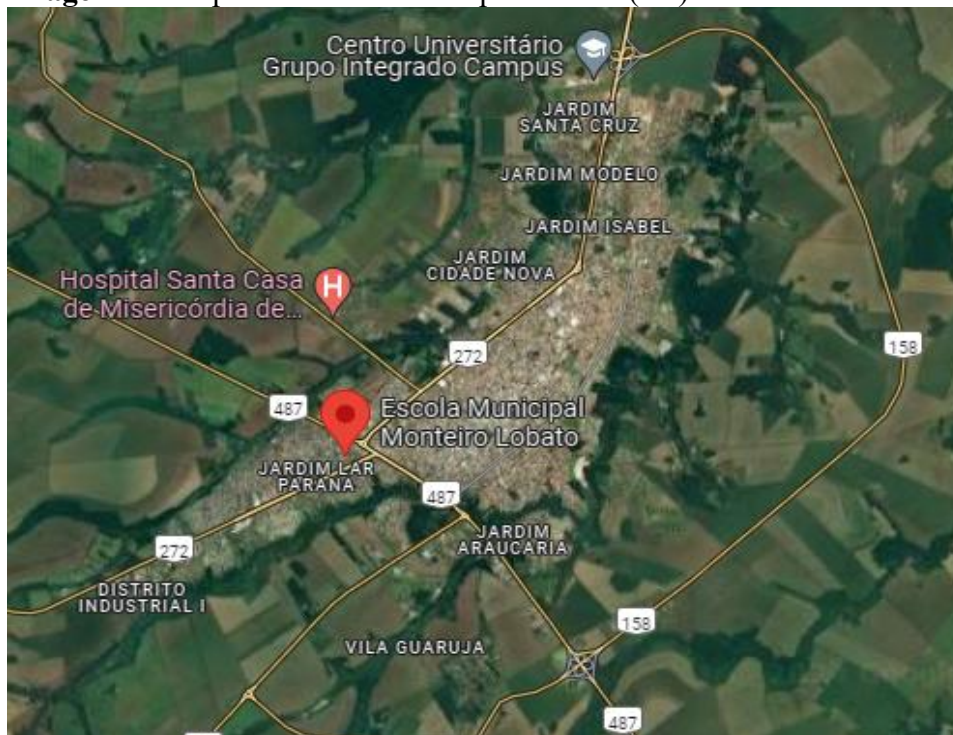
Cabe a nós romper com as dicotomias, os didatismos que nos impõem segmentações, compartimentações do tipo ‘primeiro se ensina isto e só depois aquilo’. O mundo está dentro das nossas casas, nas diferentes localidades. Nosso cotidiano é perpassado pelas coisas do mundo. Nossos grupos de convívio são compostos por pessoas de diferentes lugares, nacionalidades, origens étnicas e culturais. O local e o global se mesclam, se articulam e se aproximam num movimento contínuo.

Ao entrelaçarmos a História da Escola Municipal Monteiro Lobato com os documentos oficiais e fontes orais, ampliamos a compreensão dos contextos históricos, revelando silêncios, que não constam nos documentos oficiais, preservando e registrando uma memória viva e presente sobre o passado que se torna mais presente nesse momento.

1.1 História Oficial da Escola Municipal Monteiro Lobato.

A Escola Municipal Monteiro Lobato está localizada na Rua Mario Castaldelli, número 419, no Bairro Jardim Lar Paraná, no município de Campo Mourão (PR), conforme demonstrada na imagem 1 abaixo.

Imagem 1 - Mapa da cidade de Campo Mourão (PR)



Fonte: Google Maps (2024) - [Formatado pela pesquisadora].

A cidade de Campo Mourão (conforme a imagem 2) está localizada na região Centro-Oeste do Estado do Paraná e com uma área de 749,637 km². Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2024, o município contava com uma estimativa de 103.340 habitantes, sendo um polo-microrregional, que serve de referência a 25 municípios e a mais de 357 mil pessoas. Justamente por causa da localização privilegiada, está inserida nas rotas de integração para os principais centros urbanos do país e do Mercosul.

Segundo o site Viaje Paraná, a principal fonte econômica do município de Campo Mourão é a agricultura. Sede da maior cooperativa agroindustrial da América Latina (Coamo). Campo Mourão possui férteis campos e é conhecida nacionalmente como a Terra do Carneiro no Buraco, devido ao prato típico com este mesmo nome.

Imagem 2 - Cidade de Campo Mourão



Fonte: Prefeitura Municipal de Campo Mourão (2024).

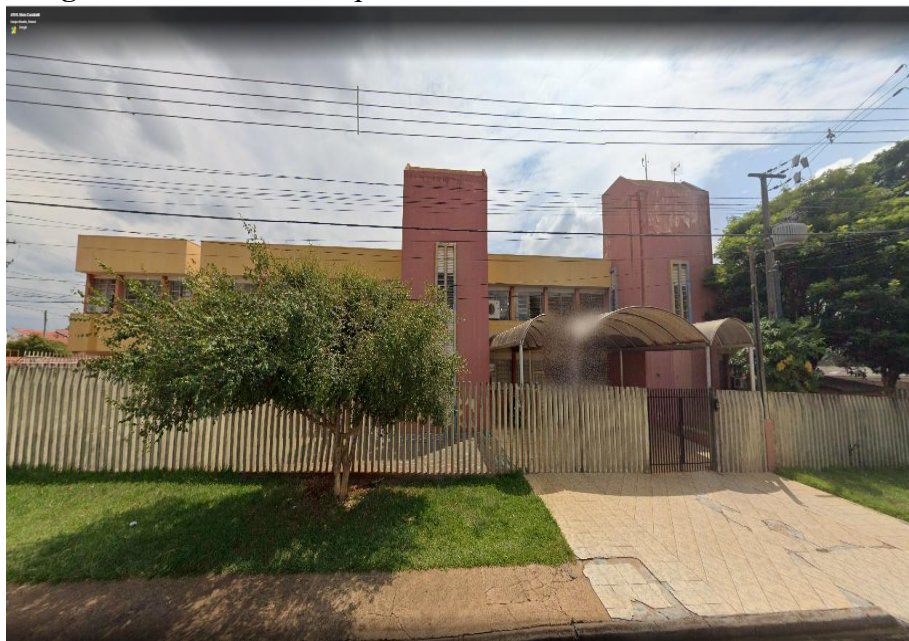
O patrono da Escola Municipal Monteiro Lobato, conforme descrito no Projeto Político-Pedagógico (PPP), é o escritor José Bento Monteiro Lobato, que nasceu em 18 de abril de 1882 em Taubaté, estado de São Paulo. Filho de José Bento Marcondes Lobato e de Augusta Monteiro Lobato. Cresceu brincando na fazenda de seu avô, o Visconde de Tremembé. Em 1914, tem seu primeiro texto publicado em São Paulo. Em 1918, lança seu primeiro livro, *Urupês*, saindo assim da condição de autor desconhecido para dono de editora, no início, chamada de Monteiro Lobato, e posteriormente Editora Brasiliense. Esse notável literato é bastante conhecido entre as crianças, pois se dedicou a um estilo de escrita com linguagem simples, que realidade e fantasia estão lado a lado. Pode-se dizer que, ele foi o precursor da literatura infantil no Brasil.

A Escola Municipal Monteiro Lobato (conforme a imagem 3) atende duas modalidades de ensino, a Educação Infantil (Nível I e Nível II) e Ensino Fundamental nas séries iniciais (1º ao 5º ano). Na data do dia 26 de abril do ano 2024, a escola atendia no total 603 estudantes, sendo 163 da Educação Infantil e 440 estudantes do Ensino Fundamental, que estavam distribuídos em 8 turmas da Educação Infantil e 18 turmas do Ensino fundamental, no período matutino e vespertino, totalizando 26 turmas.

A instituição também atendia em contraturno 45 educandos(as) no Reforço Escolar, distribuídos em 9 turmas, com horários e cronogramas estabelecidos e 31 estudantes do Atendimento Educacional Especializado, por meio da Sala de Recursos Multifuncional,

distribuídos em 7 turmas com cronogramas diferenciados para melhor atender, de acordo com as suas especificidades e seriação, sendo importante relatar, que todos(as) os(as) discentes da SRM frequentavam o Ensino Fundamental I.

Imagem 3 - Escola Municipal Monteiro Lobato



Fonte: Google Maps (2024).

A Escola Municipal Monteiro Lobato está sob a direção da professora Ana Roseli de Almeida, que trabalha nessa instituição de ensino, desde o ano de 2002 e a vice diretora a professora Patricia Gomes Vieira, que iniciou como professora nessa instituição em 2013 e assumiu a vice direção no ano de 2018. A escola conta com uma equipe pedagógica composta por quatro pedagogas, 49 professores(as) 11 funcionários(as) de serviço de apoio e dois funcionários(as) na equipe administrativa.

Segundo o PPP (2022) da Escola Municipal Monteiro Lobato, a instituição possui 1648,26 m² de área construída. Conforme consta no Projeto Político Pedagógico, sua arquitetura moderna tem amplas instalações, distribuídas em dois pavimentos. Salas com quadros brancos semi côncavos, ar condicionado, dois banheiros internos por sala de aula (1 masculino e 1 feminino, identificados). Salas para atividades psicomotoras, uma sala contendo uma cama para a realização de troca higiênica para estudantes com necessidades especiais, cozinha, refeitório, secretaria, hall de entrada, sala de informática dos(as) professores(as), sala para os(as) professores(as), sala de orientação educacional, sala do diretor(a), almoxarifado, lavanderia e depósito de materiais de limpeza.

A instituição possui uma ampla biblioteca com depósito de materiais de expediente (dois banheiros, masculino e feminino), sendo um lugar ideal para a contação de histórias, leitura e pesquisa. Ao final do corredor, tem uma rampa de acessibilidade, uma cancha poliesportiva com 540 m, dois playgrounds e uma cancha de areia com 144 m². Todas as dependências da Escola possuem banheiros individuais e armários embutidos.

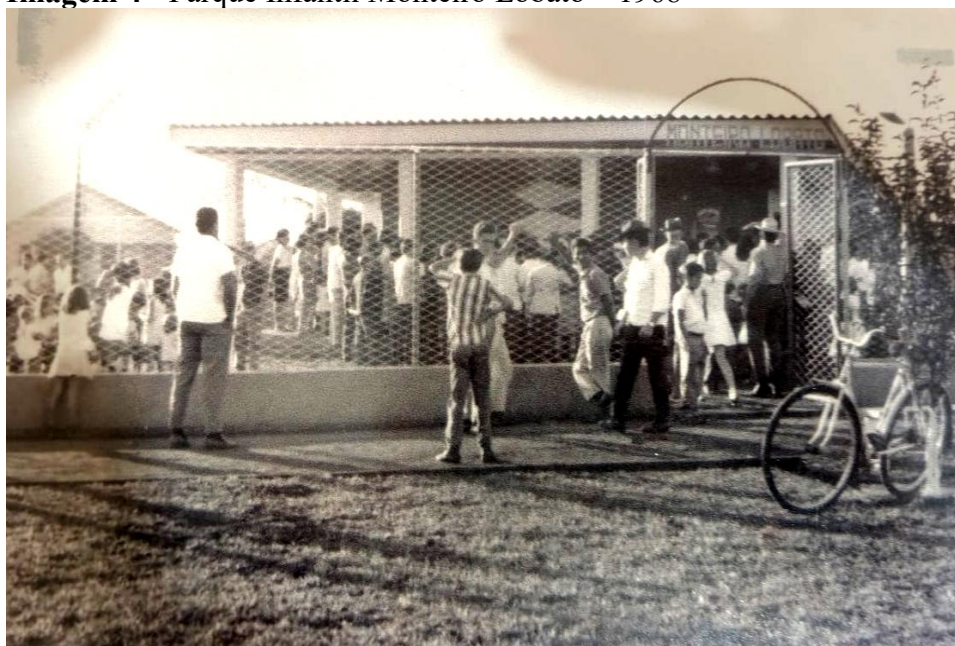
Em relação aos recursos tecnológicos, a Escola Municipal Monteiro Lobato possui no momento 4 lousas digitais, 58 tablets, 4 data show, 6 impressoras e 14 aparelhos de som portátil (um para cada sala de aula).

O Projeto Político-Pedagógico teve a sua última alteração no ano de 2022, é um documento escolar, que deve ser construído coletivamente e que aborda a proposta educacional da instituição. Segundo esse documento (2022, p.7),

Dessa forma, ao ser concluído este Projeto Político-Pedagógico, a Instituição de Ensino passa a ter sua própria identidade e todos que nela estão inseridos, passam a fazer parte da identidade da mesma. Cada trabalhador da Educação é responsável pela construção histórica do estabelecimento de ensino onde trabalha sendo protagonista dos fatos históricos vividos e construídos no decorrer dos termos de funcionamento do estabelecimento, história essa que faz diferença em muitas vidas em desenvolvimento.

Falar sobre a história da Escola Municipal Monteiro Lobato é dialogar sobre a construção histórica da instituição, é retomar a primeira construção da Escola Municipal Monteiro Lobato, que antes de atender o Ensino Fundamental I, conforme consta no PPP, era chamado de Parque Infantil Monteiro Lobato e foi concluído em 1968 (demonstrado na imagem 4), na gestão do Prefeito Augustinho Vecchi, localizada na Praça Alvorada do Bairro Lar Paraná, com apenas vinte crianças em caráter recreativo.

Imagem 4 - Parque Infantil Monteiro Lobato – 1968



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Monteiro Lobato.

Em 1979, a Supervisora Educacional do Parque Infantil Monteiro Lobato, Heleni dos Santos Ferreira, elaborou um projeto, solicitando a criação da Educação Pré-escolar, nesse mesmo espaço, destinado a recreação, transformando o parque recreativo infantil em Educação Pré-Escolar, devido a demanda da comunidade escolar do Bairro Lar Paraná.

A supervisora Heleni dos Santos Ferreira elaborou o projeto em parceria com os profissionais do parque de recreação e foi enviado por meio do chefe de Departamento da Educação, o Professor José Pochapski, e, da Coordenadora Ioni Canali, ao Prefeito Augustinho Vecchi. Nesse mesmo ano (1979), o Parque Infantil Monteiro Lobato passou a receber a denominação Jardim de Infância Monteiro Lobato.

Na gestão do Prefeito José Pochapski, o Jardim de Infância Monteiro Lobato (conforme a imagem 5) passou por várias reformas, sendo possível atender duzentas crianças entre quatro a seis anos.

Imagem 5 - Jardim de Infância Monteiro Lobato

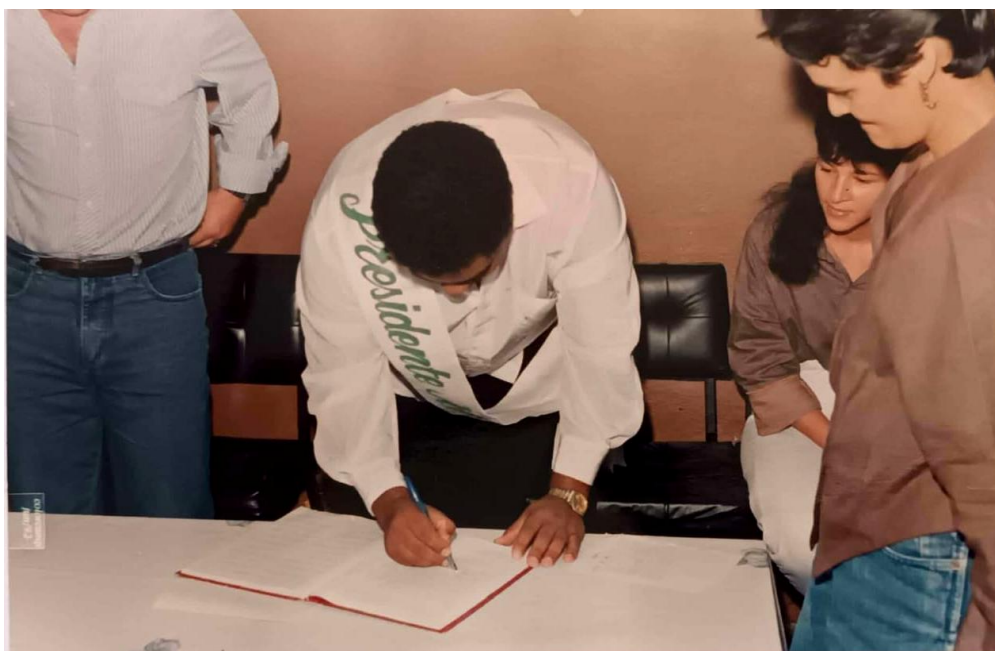


Fonte: Arquivo da Escola Municipal Monteiro Lobato.

No ano de 1989, conforme consta no PPP, iniciou-se um movimento, que envolveu a comunidade escolar, a comunidade do Lar Paraná, coordenado pela Diretora Heleni, reivindicando a construção de um novo prédio para a escola e a ampliação do atendimento ao Pré-escolar e a implementação do Ensino Fundamental das séries iniciais, devido ao grande aumento da população do Bairro Lar Paraná.

O movimento, que se iniciou em 1989, foi fortalecido somente em 1993 com o incentivo político da nova Política da Secretária de Educação, proposta pelo Secretário da educação José Eugênio Maciel. Nesse ano, a Diretora Heleni dos Santos Ferreira e o Presidente da Associação de Pais e Professores (APP), João Marcos Borges, retomaram a liderança do movimento, apoiados pelos membros da diretoria (demonstrados na imagem 6), a comunidade em geral e o Presidente do Bairro, Celso do Vale.

Imagem 6 - Posse dos membros da Associação de Pais e Professores da Escola Municipal Monteiro Lobato - 1992



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Monteiro Lobato.

Após várias reuniões com a grande participação da comunidade, a reivindicação foi enviada ao Prefeito Rubens Bueno. Em uma Assembleia Geral do Bairro, realizada no Salão Paroquial Nossa Senhora do Caravágio, no Bairro Lar Paraná, a comunidade em geral, pais de alunos(as) e professores(as), liderados pelo presidente da APP, João Marcos Borges Avelar, elegeram como prioridade a construção do novo prédio para a Escola.

Em 1995, conforme relatado no Projeto Político-Pedagógico, o novo presidente da Associação de Pais e Professores deu continuidade aos pleitos e um abaixo assinado com mais de seiscentas assinaturas foi entregue ao Secretário da Educação, José Eugênio Maciel, que levou até o Prefeito Rubens Bueno, que autorizou a negociação da aquisição do terreno para a tão sonhada escola.

Em agosto de 1996, com presença de representantes da comunidade, no Bairro Lar Paraná, alunos(as), professores(as), pais, em ato solene e público, o Prefeito Rubens Bueno colocou o marco fundamental da construção da obra e apresentou à comunidade a Construtora Mallavazi como responsável da obra.

O término da nova escola estava prevista para seis meses, mas a sua inauguração na nova e tão sonhada Escola Municipal Monteiro Lobato somente aconteceu no dia 08 de outubro de 1997, na gestão do Prefeito Tauillo Tezelli (a imagem 7 mostra concluso a construção da escola). Segundo o Projeto Político-Pedagógico (2022, p. 9) da escola “Em 22

de janeiro de 1998, conforme consta no Diário Oficial n.º 5175, Resolução n.º 4.455/97, fica autorizado o funcionamento do Ensino Fundamental de primeira a quarta séries do 1º Grau [...]”.

Imagem 7 - Conclusão da nova sede da Escola (1998)



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Monteiro Lobato.

O prédio atual da Escola Municipal Monteiro Lobato, uma verdadeira conquista da comunidade escolar, comemorou em outubro de 2024, 28 anos, que foi inaugurado, durante todo esse período permanece com a mesma pintura, não sofrendo alguma alteração em sua planta arquitetônica.

Percebemos, conversando com os(as) estudantes, que nenhum(a) deles(as) (que frequentam o Atendimento Educacional Especializado), conhece um pouco sobre a história da instituição, mas todos conhecem um pouquinho sobre o patrono “Monteiro Lobato” e suas produções, associando a história da escola com o dia do livro infantil, 18 de abril. Alguns deles(as) consideravam, que a EMMOL tinha sido construída pelo próprio escritor Monteiro Lobato.

1.2 A história que não é contada: “Um sonho para se viver”

Uma história de uma escola situada em um bairro, com vários problemas sócios econômicos, mas que a comunidade se une por uma causa maior: a construção de uma

instituição escolar para atender as famílias do bairro Jardim Lar Paraná. Uma Sala de Recursos Multifuncional, com estudantes com particularidades e especificidades individuais, a qual muito deles(as) não acreditam em seu próprio potencial, muitas vezes também discriminados(as) devido aos laudos e dificuldades, sendo comparados(as) com outros(as) educandos(as) e se sentindo inferiores aos demais.

Reconstituir a história da Escola Municipal Monteiro Lobato é ressignificar a história da instituição e talvez dos(as) próprios(as) discentes. Reconhecemos a importância e a necessidade do ensino de História, logo nas séries iniciais do Ensino Fundamental, que muitas vezes ocupa um espaço de menor importância em relação aos outros componentes curriculares.

Nessa perspectiva, Fonseca (2009 p.50) discorre que “A história não está longe de nós, fora de nós”, é importante, que nossos(as) estudantes percebam desde as séries iniciais, que fazemos história e também construímos história. Ainda para Fonseca (2009, p.110), “não é necessário primeiro ensinar a ler e a escrever para somente depois iniciar os estudos em História. Ao contrário, a história de vida da criança, de sua família, de sua escola, de sua cultura, é a base para a aprendizagem significativa!”.

Assim, se faz necessária uma alfabetização interdisciplinar, que estimule e possibilite uma reflexão histórica. Acreditamos, que o processo de alfabetização está interligado com a aprendizagem histórica, que pode ser por meio de uma fotografia antiga, um documento histórico, um filme ou um objeto. Segundo Fonseca (2009, p. 98), “uma das possibilidades metodológicas para ensinar História alfabetizando os alunos é por meio da história oral”.

Nesse sentido, a história local é uma das possibilidades para a alfabetização histórica e para que nossos(as) estudantes possam compreender, que são protagonistas, que aprendem e que também podem ensinar história de forma significativa. Fonseca (2009, p. 110) evidencia que “Não somos sujeitos apenas da história, mas também do conhecimento: participamos da escrita e das múltiplas leituras da História”. A história não é feita somente por heróis, que estão impressos nos livros de história, mas construída por todos(as) e que somos uma parcela de um todo.

Sendo assim, trabalhar com objetos geradores, documentos oficiais, cinema e fontes orais é permitir novas abordagens históricas, não se trata de escolher uma fonte histórica, ou de afirmar que uma é melhor que a outra.

A riqueza está justamente em cruzar as fontes históricas e permitir, que haja um exercício de alteridade, envolvendo todos(as) no processo de experimentação, que a fonte oral permite, possibilitando novos olhares e experiências, reinterpretado uma história, que vai além dos documentos oficiais, nos colocando à disposição para ouvir e aprender, pois a memória viva complementa, questiona e elucida. Segundo Bosi (2003, p.15),

A memória oral, longe da unilateralidade para qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretende tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades.

A história da Escola Monteiro Lobato vai muito além da história oficial, tão resumida e sucinta, que apesar da participação da comunidade relatada no Projeto Político Pedagógico, ainda não consegue expor as narrativas sensíveis e, ao mesmo tempo, a luta da comunidade na concretização de um sonho, dos anseios, lágrimas, frustrações e esperanças, que marcaram a trajetória dessa instituição e da comunidade escolar.

A EMMOL foi planejada e arquitetada pela própria comunidade escolar, hoje é conhecida por muitos cidadãos como “Escola Modelo”, mas o que poucos sabem, é que foi a própria comunidade escolar, que instituiu essa nomenclatura e que permanece até os dias atuais.

A maioria das pessoas, que não conhece a história da escola, pensa que o nome “Escola Modelo” seria um nome dado pela própria prefeitura, devido a sua estrutura diferenciada e que seria um “modelo” para futuras escolas, não associando a “Escola Modelo” à luta da comunidade pela construção.

Fazendo uma breve reflexão, reconhecemos que foi um projeto inovador e até mesmo ambicioso, no sentido de ser um grande desejo, que foi transformado em uma meta, criando estratégias e ações para que “esse sonho” pudesse ser concretizado.

O logotipo “um sonho para se viver” retrata na íntegra o que foi a construção da EMMOL, um sonho que se tornou realidade e que hoje estamos vivendo o sonho, que se iniciou com uma pessoa e se espalhou por toda a comunidade, tornando possível, que esse sonho se tornasse realidade.

Reconhecida por muitas como Escola Modelo, a Escola Municipal Monteiro Lobato em pleno ano de 2024, ainda tinha lista de espera de estudantes, que os pais gostariam que seu/sua filho(a) estudassem nessa instituição, não somente pela estrutura arquitetônica tão

bem planejada e executada, mas porque possui um ensino de qualidade. A escola tem sempre como foco o(a) educando(a), mantendo uma proximidade com a comunidade escolar e uma história a ser preservada.

Como Escola Modelo e sendo uma conquista da própria comunidade escolar, a EMMOL ainda tem um diferencial, que é o contato com a comunidade escolar muito presente. A Associação de Pais e Professores (APP) participa de forma significativa nas decisões e contribuições para a melhoria da instituição, trabalhando como verdadeiro órgão colegiado sem fins lucrativos, que se une em prol de uma educação de qualidade, buscando soluções para as necessidades da instituição.

E para compreender melhor a História da Instituição, principiámos ouvir algumas vozes, que muito têm a dizer, não foram entrevistas oficiais, foram conversações, mas que contribuíram de forma significativa para essa pesquisa, e, nessa perspectiva, concordamos com Alberti sobre a entrevista:

[...] há nela uma vivacidade, um tom especial, característico de documentos pessoais. É da experiência de um sujeito que se trata: sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a - as, conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes (Alberti, 2004, p.14).

E, realmente, como a história oral nos envolve ao ouvir as narrativas, começamos a ter um outro olhar, ainda mais reflexivo da instituição e das pessoas, que já tínhamos contato, mas agora, é diferente, é algo mais próximo e admirável. Bosi (2003, p. 36) afirma “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. Percebemos o quanto o engajamento, o brilho no olhar das pessoas, que contavam a sua história, os sorrisos, que surgiram por meio de lembranças e rememorações, as pausas na fala, novos relatos e experiências, que nos aproximam e nos envolvem na História.

1.2.1 Rememorações: Histórias Sensíveis

As narrativas apresentadas são memórias de vida, ricas de experiencição e de história, que se entrelaçam com a História oficial da Escola Municipal Monteiro Lobato. Escutar, conversar e compreender as trajetórias individuais, enriquece a história oficial, nos aproxima da história e ela se torna próxima de nós, seja pelo conteúdo histórico verbalizado,

seja pela afetividade e pela reflexão, que fazemos na construção do saber. Dessa forma, os sujeitos com suas narrativas sensíveis passam a fazer parte de nossa pesquisa, como coautores dos nossos textos, das nossas produções. Segundo Alberti (2004, p.15) sobre a experiência do interlocutor, que a história oral possibilita,

[...] sua presença nos torna mais próximo do passado, como se pudéssemos restabelecer a continuidade com aquilo que já não volta mais. Se ouço de um entrevistado um relato de seu cotidiano vivido há 60 anos em minha cidade, acabo me identificando com ele, e, eu mesma, caminhando pelas ruas em meio a bonde se senhores de chapéus. Esse fascínio do vivido é sem dúvida em grande parte responsável pelo sucesso que a história oral tem alcançado nos últimos anos [...].

1.2.1.1 Professora Rozélia: porto seguro de memórias e excelência no profissionalismo

Nesse fascínio pelo vivido, uma das nossas conversas foi com a professora Rozélia Neves, de 48 anos de idade, residente no Jardim Lar Paraná, na cidade de Campo Mourão. Por sempre ser moradora desse bairro, conhece um pouco do Lar Paraná e da história da Escola Municipal Monteiro Lobato.

A professora Rozélia cursou o Magistério, o que denominamos hoje de Formação de Docentes, é graduada em Educação para Séries Iniciais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Pós-Graduada em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Iniciou como professora no dia dezoito de fevereiro de 1998, no ano de 1999 começou a trabalhar na Escola Municipal Monteiro Lobato, onde permanece até os dias atuais. No ano de 2024, foi professora regente do Nível I da Educação Infantil, no período da manhã e no período da tarde, foi professora alfabetizadora do primeiro ano do Ensino Fundamental.

A professora Rozélia permitiu a gravação de nossa conversa informal e transcrever alguns trechos de sua fala nessa pesquisa. Sobre a História da Escola Municipal Monteiro Lobato e a sua experiência:

Eu iniciei em fevereiro de 1999 na Escola Monteiro Lobato, na prefeitura em 1998. Mas cheguei na Escola Monteiro Lobato em 1999, sendo professora de psicomotricidade no período da manhã e alfabetizadora do primeiro ano à tarde na Escola.

A Escola foi inaugurada em 1998 e em 1999 eu cheguei na escola. Era tudo novo, prédio novo. Tinha uma sala só pra psicomotricidade, que tinha espelho na parede e nós começamos vários projetos. O de psicomotricidade, na época fazíamos curso, era modelo na escola, tínhamos aula de artes, aula de inglês e vários, projetos diferentes.

Sobre o uniforme, já havia a pretensão de ser azul com branco, mas o logo ainda não tinha, nem a parte inteira da camiseta. Foi feito um concurso entre as turmas, do Ensino Fundamental, do primeiro ano até a quarta série, na época, não tinha quinto ano no município. E nós fizemos, então, um concurso entre as turmas para verificar como seria o logo da escola, para poder montar o uniforme. E nesse projeto de concurso, a minha turma do primeiro ano fez um acróstico, onde a frase principal era: Um sonho para se viver, e a sigla era EMMOL, que significava, Escola Municipal Monteiro Lobato, e realmente era um sonho. Então, ficou um sonho para se viver, porque a criança entrava aqui na escola, até hoje, como entra, para, futuramente, realizar o seu sonho. Sua pretensão profissional ou pessoal. Então ficou um sonho para se viver, nossa turma, que ganhou o concurso na época.

A diretora Heleni juntamente com a comunidade escolar, eles batalharam para a construção do novo prédio da nossa escola. E foi em 1998 que esse sonho se realizou. E quando nós fizemos o slogan de um sonho para se viver, casou direitinho. A Heleni falou assim: “nossa menina, realmente é a história da nossa escola”.

Começamos lá na praça, fizemos todo o movimento na época, para entrar aqui nesse prédio, que está até hoje, onde até hoje nós seguimos com o intuito de realizar o sonho das crianças e também dos profissionais que aqui estão até hoje ou que já passaram pela nossa escola. Cada pessoa que passou por aqui, desde aluno, pais da comunidade, profissionais, eles sempre deixam um pouquinho de si e nós deixamos um pouquinho de nós para eles. Quando começou a Escola Monteiro Lobato, era na praça e era só educação infantil. Em 1998, quando inaugurou esse novo prédio, foi estendido para educação infantil e ensino fundamental para atender a demanda da comunidade, que era o sonho da comunidade, porque terminava a educação infantil no Monteiro Lobato e tinha que ir para outra escola. E o pessoal morava bem mais próximo aqui da nossa escola do que ter que levar para outro lugar. Então em 1998, abrangeu a educação infantil e o ensino fundamental, só que até então era até quarta série, pois o Estado trabalhava de quinta até oitava série na época, né? Então assim, por isso que se estendeu. E foi em 1998 o primeiro ano que nós tivemos educação infantil e de primeiro a quarta série. Eu lembro que em 1999, quando eu entrei, nós tínhamos oito turmas de primeiros anos. Quatro turmas de manhã, quatro turmas à tarde. Então a nossa sala da escola, todas eram cheias, e não era vinte, vinte e dois alunos, era em torno de trinta e cinco alunos naquela época, em 1999. Então, nós tínhamos bastante alunos. E um detalhe, as nossas salas, elas foram elaboradas no projeto de forma que foi calculado por metro quadrado por aluno. Por isso, que ela se tornou uma escola padrão, né? E dois andares realmente para poder dar todo esse suporte para a quantidade de demanda de alunos que nós tínhamos na nossa região, na nossa comunidade. Então, por isso que sempre alterna. Há anos... que tem a mais, como se diz, salas de educação infantil, nível 1, nível 2, e há anos que a mais turmas do ensino fundamental, pois depende da demanda da nossa comunidade.

De ciclo dos professores, nós éramos em quatro, a Roseli, a Ana Roseli, a Vera e eu. Nós éramos responsáveis por toda a parte de atividade física dos alunos fora de sala de aula e responsável por toda a parte de apresentação artística da escola. Então, festa junina, nós que ensaiávamos as nossas turmas, tinha evento de talentos, nós que escolhíamos o que cada um ia apresentar, tinha concurso de quadrilha, concurso de dança, tudo a gente tinha que fazer. Havia já exposição de Monteiro Lobato, todos os anos,

chegava a época de abril, que era o dia do patrono da nossa escola, o mês do patrono, então o Hall da escola ficava todo enfeitado, dentro do tema da turma do Sítio Pica-pau Amarelo. Havia também o projeto de inglês com a professora Cláudia, que hoje trabalha na Escola Gurilândia. Depois, com o passar dos anos, esses projetos foram extintos. Mas era feito tudo, organizadinho. E tinha aquela amostra, que juntava todos os projetos e era aberto para a comunidade. Era um momento, de que a gente via bastante coisa, tudo resolvido, tudo prontinho, as crianças se apresentando, a comunidade participando junto com a gente. E a Heleni sempre à frente disso. E teve uma época, que a nossa escola também, à noite, era um prédio usado para a formação de docentes. Era uma época, que a Heleni conseguiu parceria, o pessoal alugava o nosso prédio para poder estudar à noite e onde ajudava também nos recursos para manter a nossa escola.

Sobre o pátio da escola, nosso pátio da escola hoje ele é coberto e tinha três árvores no nosso pátio, a primeira árvore do pátio foi um outro projeto da escola, o Projeto Mirim⁴, então as crianças do quarta série, eles tinham que escolher uma pessoa para ser o prefeito e vereador e ele tinha que fazer as propostas dele como candidato, e depois que fizeram a pré-seleção ficaram dois candidatos pré-selecionados e ele tinha que convencer todo mundo por que ele seria o vereador, e nessa escolha o Marcos Feitosa colocou como projeto a arborização do nosso pátio para as crianças brincarem na sombra e ele foi eleito o vereador Mirim e desde então nós temos a árvore aqui no nosso pátio da escola.

Outra lembrança, que nós temos de arborização, foi quando o Brasil fez 500 anos, a nossa escola conseguiu uma muda do Pau Brasil e ela permanece na nossa escola na entrada, ali na lateral. Então, quando o Brasil fez 500 anos, nós plantamos essa árvore, que hoje é enorme, gigante.

Quando o Brasil fez 500 anos, então nós plantamos a mudinha, e aí ele cresceu, ele tem espinhos nos galhos, então assim, é histórica. É a história também do Monteiro, então nós temos a parte de arborização do pátio, mas também temos a parte da comemoração dos 500 anos do Brasil, que foi um marco para a nossa escola, todo o pessoal, desde a educação infantil até a quarta série, nós fizemos uma solenidade e fizemos o plantio, e ela permanece conosco até hoje, bastante anos já.

Em seguida, fomos conversando, caminhando, relembando e tecendo a história da Escola Monteiro Lobato, que é viva, porque também é a história dos sujeitos. A professora Rozélia me levou até a árvore Pau Brasil. Durante esse trajeto, novas memórias foram evidenciadas e relatadas. Em dado momento, a professora Rozélia tocou na árvore Pau Brasil (conforme a imagem 8), dando a impressão, que também foi tocada por memórias, que refletiu em um sorriso genuíno.

⁴ Segundo a Professora Heleni, o Projeto Mirim consistia em levar as crianças a conhecer as ações dos poderes legislativos, executivos do município. O projeto acontecia por meio de um processo democrático de eleição. Os alunos (representantes de cada sala) se candidatavam, faziam seus projetos para melhorar a escola e iam nas salas explicar aos demais (campanha eleitoral). No dia das eleições havia todo o processo: urnas, inscrições dos votantes, etc. Todos os candidatos tinham um dia que passavam quatro horas no gabinete do prefeito e na Câmara de Vereadores, para acompanharem de perto como funcionava o trabalho do prefeito e dos vereadores.

Imagem 8 - Árvore Pau Brasil e a professora Rozélia (Projeto em comemoração aos 500 anos de “Descobrimento do Brasil”)



Fonte: Acervo da pesquisadora (maio de 2024) – [Formatado pela autora].

E professora Rozélia continua a sua narrativa:

Nesses 25 anos de Monteiro, muitas coisas me marcaram, principalmente meus ex-alunos. São muitos, milhares de alunos, que passaram por mim. Hoje em dia, eu dou aula para filhos de ex-alunos. Então, assim, é muito marcante, você ver o rostinho de cada aluno, que passou por você. O mesmo olhar de quando era criança. É claro, que nós passamos por situações em que nós perdemos nossos alunos, né? Por fatalidade da vida. Mas o que mais me marca realmente, é você poder olhar e falar: A comunidade me conhece, meus alunos me conhecem e confiam em meu trabalho até hoje. São 25 anos. Vinte e cinco anos de construção, realmente, de um sonho, que eu tinha de me tornar professora, já que meu pai era analfabeto. Então ele falava com muito orgulho para todos: minha filha é professora ali no Monteiro Lobato e, desde então, eu trabalho para a formação das minhas crianças, nem que seja um pouquinho, uma mínima semente, que eu plante para o futuro, e, que meus alunos possam construir o futuro deles e os que estão ao seu redor. E eu já consigo ver esse resultado, já que tem alunos daqui que já foram nossos alunos e que hoje trazem os seus filhos para nós e continuam ainda confiando no nosso trabalho. Todo mundo, que entra na escola dá uma parte de si, mas também leva uma parte da nossa escola, minhas colegas deram aula para a Any e minha filha já tem 17 anos e ela não esquece essa escola.

Eu penso que somos uma Escola Modelo, porque assim: foi surgindo, foi acontecendo, devido à história da escola, porque nós tínhamos uma qualidade de ensino muito boa, tínhamos um prédio excelente. Por que Modelo? Porque as crianças não precisam sair da sala para ir ao banheiro. Cada sala já tem o seu banheiro, banheiro feminino, banheiro masculino e do tamanho, que elas precisavam. A noite tínhamos formação de docentes, então realmente era uma escola, que abrangia muitas coisas, desde o pedagógico, a parte física, a parte de estrutura para formação de pessoas de outras cidades, que vinham para a nossa escola, há uma história, as famílias, que traziam seus filhos para cá e deixavam até o final e foi se passando de geração em geração. Se tornou a escola modelo justamente, não só pelo prédio, mas pela construção da história como um todo. Muitos não conseguiam estudar de manhã aqui nos colégios, eles iam à noite, era pago. Então tinha o magistério à noite. E teve anos que todas as salas da parte superior da escola foram usadas. Era faculdades, que pagavam para a nossa escola ceder o espaço. Então vinha gente de várias cidades da região. Luiziana, Mamborê, Barbosa Ferraz, tinha gente de Fênix. Então, assim, eles vinham de ônibus toda semana, várias vezes na semana, duas, três vezes para fazer essa formação. E aí, contrapartida, a escola, ela sedia o prédio e recebia os recursos para manter. A gente chamava, assim, até na época, teve um projeto que nós fizemos Amigos da Escola. Então, nessa parceria dos Amigos da Escola foi que a faculdade veio para cá. E nessa época, essa parceria resultou em ter parceiros como neurologistas, pediatras, psicólogos, fonoaudiólogos, eles faziam parte da nossa escola como amigos da escola e atendiam as crianças gratuitamente. Então a gente sempre teve esse trabalho em parceria. E para quem lembrar [risos], era a época que o Tony Ramos fazia propaganda na televisão, amigos da escola. Então nós tivemos bastante anos assim, que realmente nós tivemos bastante amigos da escola em todos os termos, seja na parte pedagógica, seja na parte de atendimento às crianças, seja na parte de recursos que a gente alugava a escola como um todo, e parcerias de alguns esportes para poder fazer com que o nosso aluno e a família pudessem ter sempre a confiança no nosso trabalho e na nossa escola.

A história oral complementa os documentos oficiais, possibilitando olhar por outro ângulo. É uma metodologia, que produz conhecimento histórico, mesmo não sendo uma teoria da história. Para Ferreira,

[...] o testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória, o que obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como as relações entre escrita e oralidade, memória e história, ou tradição oral e história; o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças [...]. (Ferreira, 2012, p. 171).

Essas conversas nos permitem ter um entendimento sobre a Escola Municipal Monteiro Lobato e da própria comunidade escolar, que possui uma identidade cultural. Compreendemos melhor a instituição nos dias atuais, por meio das narrativas e reconstituímos

a história da EMMOL com um olhar ressignificado, pois as narrativas sensíveis também nos sensibilizam ao mesmo tempo, que gera novos saberes.

1.2.1.2 Professora Elisangela: profissionalismo e doação no ato de educar

Outro momento importante foi a conversa informal com a professora Elisangela Cleunice de Oliveira Linares. Professora da Rede Municipal de Campo Mourão, há 24 anos e há 22 anos, fazendo parte da equipe de professores da EMMOL. A professora Elisangela também foi professora do 4º ano da minha filha Sarah, deixando boas memórias e contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento.

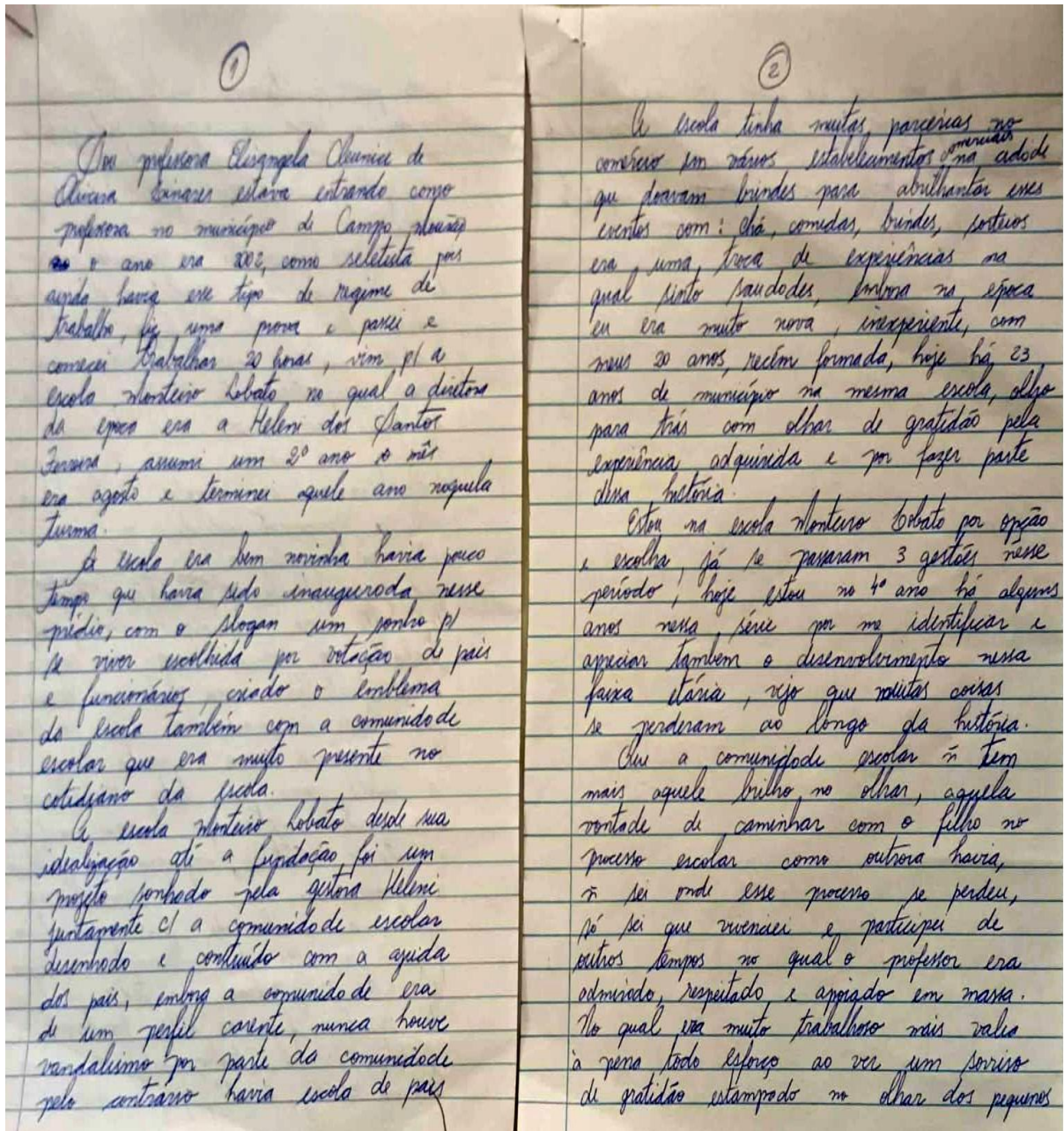
A professora Elisangela cursou o Magistério, graduada em Pedagogia no ano de 2004, Pós-graduada em Arte e Educação e também em Neuropedagogia. Iniciou a sua trajetória no ano de 2000 na Rede Municipal de Campo Mourão e começou a trabalhar na Escola Municipal Monteiro Lobato no ano de 2002, desses 24 anos como professora, 22 deles foram dedicados profissionalmente a EMMOL, onde permanece até os dias atuais.

Uma de nossas conversas sobre a História da Escola Municipal Monteiro Lobato aconteceu em uma sexta-feira, estávamos juntas na sala dos professores e começamos a conversar sobre a história da instituição. A professora relatou, que desde que a escola foi inaugurada, já tinha lista de espera, os pais tinham muito orgulho da escola e do ensino. A professora comentou “que mesmo sendo um bairro de baixa renda e com muitos problemas de violência, a comunidade era muito participativa”. Com um sorriso contagiante relatou que,

Alguns pais tinham problemas com a justiça, como ex-condenados e outros envolvidos em coisas ilícitas, colaboravam com a escola em tudo o que precisava, respeitavam os professores e possuíam uma atitude comprometida com a instituição, ajudando a cuidar da escola, preservando e cuidando do ambiente escolar.

Sobre a sua experiência com a Escola Municipal Monteiro Lobato, a professora Elisângela Cleunice de Oliveira Linares, registrou por meio de duas folhas (frente e verso) um pouco sobre a sua história com a instituição (demonstrado na imagem 9). Atualmente, seus dois filhos estudam nessa instituição. O mais novo iniciou na Educação Infantil.

Imagem 9 - Registro escrito à mão pela Professora Elisângela Cleunice de Oliveira Linares



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024) – (imagem autorizada pela professora).

Sou professora Elisângela Cleunice de Oliveira Linares, estava entrando como professora do município de Campo e o ano era 2002 como celetista pois ainda havia esse tipo de regime de trabalho, fiz uma prova e passei e comecei a trabalhar vinte horas. Vim para a Escola Monteiro Lobato no qual a diretora da época era a Heleni dos Santos Ferreira, assumi um 2º ano, o mês era agosto e terminei aquele ano naquela turma.

A escola era bem novinha, havia pouco tempo que havia sido inaugurada. Nesse prédio, com o slogan “um sonho para se viver” escolhida por votação

pelos pais e funcionários, criado o emblema da escola também com a participação comunidade escolar que era presente no cotidiano da escola.

A Escola Monteiro Lobato, desde sua idealização até a fundação foi um projeto sonhado pela gestora Heleni juntamente com a comunidade escolar, desenhado e construído com a ajuda dos pais, embora a comunidade era de um perfil carente, nunca houve vandalismo por parte da comunidade, pelo contrário havia escola de pais e os pais respeitavam muito o ambiente escolar e toda a equipe pedagógica com um olhar de cuidado, carinho e orgulho dos seus filhos estudarem aqui.

Em 2003 passei no concurso público do município para professores do magistério, assumi o nível I, depois o nível II, 1º série que na época ainda era série, respectivamente 2º série, 3º série, 4º série também por vários anos. Nessa época trabalhávamos com projetos: literatura, arte, psicomotricidade e inglês.

Eu sou pós-graduada em arte e Neuropedagogia, também participei da fundação e implementação do projeto de arte no município no qual trabalhei por vários anos na escola e trabalhava com todas as turmas por quarenta horas semanais, dos níveis ao quinto ano. Foi uma experiência única e muito rica.

A escola como um todo trabalhava com muitos projetos e havia constantes apresentações artísticas, exposição ao público e a comunidade era muito presente na escola. A escola de pais era ativa, faziam exposições de artesanatos, contação de histórias, palestras com todos os tipos de assuntos: finanças, vida saudável... ginástica laboral, teatro, música, xadrez, karatê, projetos diversos...

A escola tinha muitas parcerias no comércio. Em vários estabelecimentos comerciais na cidade doavam brindes para abrilhantar esses eventos com: chá, comidas, brindes, sorteios, era uma troca de experiências na qual sinto saudades, embora na época eu era muito nova, inexperiente. Com meus vinte anos, recém formada, hoje há 23 anos no município na mesma escola, olho para trás com olhar de gratidão pela experiência adquirida e por fazer parte dessa história.

Estou na Escola Monteiro Lobato por opção e escolha, já se passaram 3 gestões nesse período, hoje estou no 4º ano há alguns anos nessa série que me identifiquei e apreciar o desenvolvimento nessa faixa etária, vejo que muitas coisas se perderam ao longo da história. A comunidade escolar não tem mais aquele brilho no olhar, aquela vontade de caminhar com o filho no processo escolar como outrora havia, não sei onde esse processo se perdeu, só sei que vivenciei e participei de outros tempos no qual o professor era admirado, respeitado e apoiado em massa. No qual era muito trabalhoso, mas valia a pena todo serviço ao ver um sorriso de gratidão estampado no olhar dos pequenos e dos pais que era gratos por tudo o que fazíamos por seus filhos, a comunidade era participativa e assídua, muito presente nesse processo tão importante família-escola.

Percebemos na fala da professora Elisângela, as mudanças ocorridas na educação no decorrer dos anos, da saudade e nostalgia em sua narrativa.

Reconhecemos, ainda, que a EMMOL possui um laço estreito de participação com a comunidade escolar, mas, que há pouco tempo atrás, analisando a narrativa, esse laço ainda

era mais forte e resistente. É necessário uma reflexão e ações, para que esse diferencial, que marca a história da instituição, não se perca no decorrer do tempo e das novas gerações.

Dessa forma, o estudo da história da EMMOL, pelas novas gerações da comunidade Jardim Lar Paraná, é uma das ações, que pode contribuir para que os laços estreitos e a participação da comunidade continue sendo efetiva.

Segundo Alberti (2004, p. 27), “a constituição da memória é importante porque está atrelada à construção da identidade”. Aos poucos vamos conhecendo mais sobre a história do Jardim Lar Paraná e o sentimento de pertencimento dos sujeitos envolvidos na construção da EMMOL, as representações do passado e o olhar sobre o mesmo assunto no presente.

1.2.1.3 "Tia Sirlei: acolhimento e afetividade que transborda sua essência

A funcionária Sirlei Pereira de Oliveira, tia Sirlei como chamamos, auxiliar de serviços gerais, é colaboradora há 17 anos na Escola Municipal Monteiro Lobato, relatou que, quando começou a trabalhar nessa instituição, a maioria dos eventos da cidade de Campo Mourão era realizada nessa escola, devido ao espaço moderno e referência de arquitetura e de ensino. Tia Sirlei nunca trabalhou em outra escola, se refere a instituição como “*meu berço*” e “*muito aprendizado*”. Em relação ao carinho por essa instituição suas palavras foram:

Tenho um apego, porque minhas filhas passaram por esta escola, fizeram o pré lá na praça, a minha filha mais velha e as minhas gêmeas estudaram até a quarta série, então a gente participou da construção dessa escola, pois minhas filhas eram alunas e meu marido eletricitista e ele ajudou como amigo da escola, depois fez parte da Associação de Pais, então a gente trabalhou junto para construção da escola.

Ouvindo o relato da tia Sirlei, sua expressão muda, se torna nostálgica e serena, um brilho no olhar surge e continua relatando:

Eu lembro de muitos movimentos, de festa, festa aqui na rua Duque de Caxias, fazia passeatas, fomos muitas vezes na prefeitura e na câmara de vereadores com a Heleni, com o secretário Rogério Maciel e o Rubens Bueno que era nessa época. Esse terreno da escola era uma plantação de eucalipto, e todo mundo acreditou que era possível, a gente se engajou.

No decorrer da conversa, a Tia Sirlei relatou, que a Heleni tinha esse projeto e o idealizou, que não havia uma única escola, que era de seu conhecimento, que tivesse um banheiro dentro da sala de aula. Ela mostrou aos pais, que logo aprovaram e sonharam com ela nessa construção moderna. Com muito carinho, Tia Sirlei relata, que uma das suas filhas

gêmeas, que estudava na escola, lutou para a cobertura da quadra, ela que conseguiu trazer a cobertura da quadra, ela que levantou a bandeira por meio do Projeto Prefeito Mirim. Nessa época, a filha de tia Sirlei tinha apenas 9 anos e liderava essa empreitada, assim como outros projetos também conquistaram benefícios para essa instituição.

Por meio das lembranças, percebemos, que elas estão entrelaçadas com a construção da identidade. Lembrar sobre a História da EMMOL é também conhecer um pouco mais sobre cada sujeito histórico, que compartilha a sua própria história e trajetória.

1.2.1.4 Professora Ana Roseli: 31 anos de dedicação, empatia e amor pela educação e pelo Monteiro

Nesse processo de lembrança, entendimento e reconstituição sobre a história da Escola Municipal Monteiro Lobato, conversamos com a professora Ana Roseli de Almeida, professora da Rede Municipal de Ensino de Campo Mourão, desde o ano de 1993, trabalhando há 22 anos na EMMOL e em 2018 assumiu a direção dessa instituição, permanecendo como gestora até hoje.

A professora Ana Roseli relata um pouco de sua história, ao relatar sobre a história da EMMOL.

Eu me chamo Ana Roseli, tenho 52 anos e 31 anos de professora. Iniciei minha profissão em 1993 na Escola Narciso Simão, em Piquirivaí. Em 2002, eu vim para a cidade de Campo Mourão, e comecei a trabalhar na Escola Monteiro Lobato, 40 horas. Após dois anos de estar no Monteiro 40 horas, eu me mudei para o Conjunto Cohapar, então no período, eu fiquei no Monteiro e a tarde em outra escola [...].

Somente na Escola Monteiro eu tenho 22 anos, é uma escola onde eu aprendi muito, muito mesmo. Mais da metade da minha trajetória profissional foi no Monteiro, é uma escola que eu tenho um amor, um carinho muito grande.

O Monteiro Lobato sempre foi uma escola muito organizada. Desde quando eu entrei, existe essa organização, essa procura pela escola pela comunidade, não só do bairro do Lar Paraná, mas também de outros bairros, sempre foi muito grande. Nós sempre tivemos muita fila de pais querendo pôr os filhos na escola. Por quê? Porque desde a direção, que era a Heleni na época, sempre o foco foi o aprendizado, sempre foi focado no melhor para o aluno, e sempre foi uma escola muito acolhedora e muito organizada. Uma escola que sempre esteve à frente, sempre desenvolvendo vários projetos, projetos que auxiliavam e auxiliam os alunos no seu desenvolvimento, não só profissional, mas também no seu desenvolvimento pessoal desde os pequeninhos, sempre mostrando a importância da educação, mostrando, ensinando que temos que ter respeito principalmente com o próximo e da importância do aprendizado em nossas vidas.

A Escola Monteiro Lobato sempre teve a sua comunidade muito presente, muito participativa. É uma comunidade que acolheu a escola, ela confia na escola, ela confia nos profissionais que tem na escola, ela acredita na capacidade e na competência de cada profissional, independente se é o

professor, se é o orientador, se é as cozinheiras, se é o apoio, se é o “guardinha” lá do portão, se é a direção. É uma comunidade, que acredita na escola e que colabora com a escola. É uma comunidade, que quer o seu filho aqui, tem segurança do seu filho estar na escola e tudo, que eles podem fazer para ajudar a escola, eles fazem. A comunidade está sempre presente, tanto nos eventos quanto nas reuniões. Na assembleia do início de ano, nós decidimos junto com a comunidade, o planejamento da escola para o ano todo. É uma comunidade que ama e cuida da escola.

E a diretora Ana Roseli, reconhecendo a importância da comunidade escolar e atuando como gestora ativa e participativa, evidencia:

Como gestora da Escola Monteiro Lobato, há sete anos, já estou no segundo mandato, eu e a Patrícia, Diretora -Auxiliar, nós procuramos manter a escola no padrão que sempre foi, com organização e dedicação, porém, nós acreditamos, que não é a direção que faz uma escola, e sim toda a equipe. Nós acreditamos, que se deu certo é a equipe, se algo deu errado é a equipe, porque nós todos trabalhamos com o foco, que é o nosso aluno. Então nós acreditamos, que uma escola precisa ser gerenciada não pela direção, mas por toda uma equipe, através das ideias, das opiniões, é através das decisões em equipe, que nós conduzimos a escola. E até então, nesses sete anos de gestão, a gente tem percebido, que existe um carinho e um amor muito grande da equipe com a escola. Nós decidimos juntos tudo, que vamos fazer e sempre ouvimos as opiniões e as ideias e a gente acredita, que a equipe está fazendo um bom trabalho, a equipe realiza um ótimo trabalho. A gente percebe o amor, que a equipe tem pela escola, do cuidado pela escola, do cuidado com o aluno, do olhar pelo aluno, tanto professor em sala de aula quanto as tias que cuidam no intervalo, tanto na hora da entrada ou saída dos alunos, a gente percebe, que há um cuidado da equipe com o aluno, da equipe como um todo com a escola, das decisões para a escola, pelo melhor para a escola. Então, é uma relação de amor muito grande da equipe com a escola. Nesse momento, nós estamos com 75 funcionários e eu digo, que 90% dessa equipe já está na escola há muito tempo, há muitos anos. Nós só temos mesmo novatos, que entraram, e quando entram na escola eles se apaixonam pela escola e não querem sair. Muitos conseguem ficar e outros não conseguem, devidos serem PSS ou quando são concursos novos que precisam ir para uma remoção, mas a gente sente o carinho desses profissionais que chegam na escola, porque eles são muito bem recebidos pela equipe. É uma equipe que ela auxilia, ela ajuda, é uma equipe que colabora, é uma equipe participativa.

Ouvindo essas memórias, de pessoas que fizeram e fazem parte da Escola Municipal Monteiro Lobato, concordamos com Éclea Bosi (2003, p. 18): “Há portanto, uma memória coletiva produzida no interior de uma classe”, uma memória cheia de sentimentos, imagens, ideias e valores, que nos envolve, nos contagia e modifica o nosso olhar sobre a instituição. Ana Roseli segue:

Já tenho 31 anos de profissão, já estou com tudo certo para aposentadoria e me sinto muito feliz e muito honrada de poder me aposentar, finalizar os meus trabalhos na Escola Municipal Monteiro Lobato, porque foi uma escola que fez uma diferença muito grande na minha vida, tanto profissional quanto pessoal. Foi uma mudança muito grande na minha vida, então eu tenho um amor muito grande pelo Monteiro, um cuidado muito grande pelo Monteiro [...]. Então, eu me sinto muito feliz e muito honrosa de terminar a minha trajetória profissional numa escola que é tão valorizada e que faz o diferencial, pois sua própria história já é diferenciada.

As ouvir cada palavra, cada relato, ao observamos cada expressão facial, percebemos a riqueza e o conhecimento, que a fonte oral nos permite. Concordamos com Bosi (2004, p.17) quando afirma “Pude perceber essa força da memória coletiva [...], sobre a memória individual do recordador [...]”, e a rememoração vai acontecendo de forma espontânea e construindo novos saberes. Segundo Santhiago (2015, p. 153) “Não serão mais narrativas frias [...]”, são narrativas sensíveis, que falam de si e da história, por isso, se complementam.

Entre as histórias sensíveis, estou lembrando da minha história com a EMMOL, quando assumi o concurso e fui à distribuição de aula em fevereiro de 2013 para escolher a escola e a turma. Naquele ano, foram chamados muitos professores e o ambiente estava muito cheio, então para ver melhor, fui sentar na segunda fileira de cadeiras, próximo aos painéis manuscritos com as turmas e escolas disponíveis na sessão pública. Quando sentei, olhei as vagas, que havia na Escola Municipal Monteiro Lobato, que era a escola, que eu desejava pelo fácil acesso à minha cidade de origem (Araruna).

Meus olhos fixaram em uma abreviatura SRM e eu não sabia definir o que era, também não havia reparado, que ao meu lado estava uma senhora, que em determinado momento, olhou para mim e disse “já sabe qual escola vai pegar?”. Olhei para ela e respondi “eu quero a Escola Municipal Monteiro Lobato”.

A senhora abriu um leve sorriso e me disse “e qual turma?”, eu mecanicamente respondi a verdade, que estava querendo a SRM, mas não sabia muito bem o que era. Me senti envergonhada por falar, que não sabia, mas como morei oito anos em Portugal, estava desatualizada de muitas coisas na área educação. Ela olhou para mim, explicou de forma resumida o que era, relatou que aquela turma estava sendo aberta naquele ano e me encorajou dizendo que eu tinha “perfil”. Eu olhei para ela, sorri e respondi “obrigado, agora tenho certeza, que é essa sala que eu quero” pensei.

Levantei da cadeira e voltei aguardar a minha vez, pedindo mentalmente, para que ninguém, que estivesse a minha frente, assumisse aquela turma. Quando chegou a minha vez, assumi a SRM e fui me apresentar para a direção na escola.

Chegando na escola, a secretária me informou que a diretora ainda não havia chegado, pois estava na distribuição, mas que não iria demorar, pois sabia, que vários professores lhe aguardavam. Aquele tempo, que aguardávamos a diretora, todas estávamos ansiosas e com receio. Pois todas as professoras, que assumiram aulas nessa escola, tiveram a mesma referência sobre a exigência da direção e orientação escolar, sendo a escola com maior número de vagas disponíveis no município de Campo Mourão.

A diretora chegou e foi até nós. Para a minha surpresa, aquela senhora que eu sentei ao lado e que me explicou o que era a Sala de Recursos, era a Diretora Heleni, que com um sorriso aberto e uma postura impecável nos acolheu, mas eu já tinha me sentido acolhida alguns momentos antes.

Nesse processo de rememoração e de aprendizagem, somos tocados de uma forma diferente e sensível. Pois, nele, vamos construindo em nossa mente uma sequência de fatos, que marcam a história da instituição, a história dos nossos colegas de trabalho e, ao mesmo tempo, a nossa própria linha do tempo nessa escola.

Essas narrativas sensíveis nos possibilitam reconstituir comportamentos e memórias de um determinado período, deixando espaços para “[...] interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento” (Bosi, 2004, p.18), ao mesmo tempo em que a vivacidade e a riqueza dos detalhes nos sensibilizam e nos permitem preencher lacunas.

As escolhas das narrativas foram pensadas por serem de profissionais, que nos dias atuais trabalham na EMMOL e que estão presentes no dia a dia da escola. As crianças conhecem as autoras das narrativas. Várias dessas crianças já estudaram com as professoras e, no ano de 2024, tivemos algumas, que foram discentes da professora Elisangela.

Evidenciamos, ainda, que todas as vozes contribuem para o ensino de História, que fazemos parte da história e produzimos conhecimentos, que vão além dos documentos escritos. Nessa perspectiva, e com Fonseca (2009, p. 127), entendemos, que “A história deixa de ser única e homogênea, deixa de privilegiar as vozes dominantes a favor da multiplicidade de outras vozes e sujeitos históricos que construíram e constroem a história local”.

As narrativas sensíveis, ao mesmo tempo, em que produzem conhecimento histórico, nos aproximam da instituição e dos envolvidos. Elas se traduzem em uma relação de reciprocidade, respeito, admiração e seriedade, despertando em todos algo, que estava adormecido. Assim, nos pesquisadores avivam o interesse pelo aprender e ouvir cada vez mais e mais e no outro a satisfação em poder rememorar, ser escutado. Nessa relação, as narrativas possibilitaram não somente a reconstituição da história da EMMOL, mas o

reconhecimento de sujeito histórico, como uma parcela significativa e memorável nessa pesquisa e na vida de tantas pessoas, que fazem parte da história da EMMOL.

1.2.2 Rememorações de “Um sonho para se viver” - Professora Heleni

Sabemos que a fonte oral, é um dos principais instrumentos de identidade de grupos, ela permite tornar visível, o que a maioria das vezes a classe dominante buscou deixar invisível, ou com o passar do tempo por não serem documentadas, ficam no esquecimento das novas gerações, mas ouviremos atentamente os sujeitos históricos, repletos de rememorações e experiências que têm a dizer.

Durante a pesquisa, entre ouvir/aprender e rememorar, foram realizados dois encontros com a professora Heleni em sua residência, antes da implementação. Em nossa última conversa, que durou mais de quatro horas entre sorrisos, memórias, pausas, contações de histórias, projetos realizados, narrativas de fotos, e, um bom café acompanhado de pão de queijo, recheado de conhecimento e experiências, sentimentos de nostalgia, alteridade e rememorações, estiveram sempre presentes. Segundo Alberti (2004, p.94) “A memória, já se disse, é a presença do passado”. E realmente, o passado está presente e podemos sentir esse “fascínio pelo vivido”, por meio dessas narrativas.

Nesse momento de “estudo exploratório”, essencial para a pesquisa e imensurável para o pesquisador. Bosi (2003, p. 61) afirma que o “narrador e ouvinte, irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar”, e com esse sentimento de rememoração, curiosidade, respeito e empatia, que iniciávamos a nossa conversa, naquela sexta-feira ensolarada no mês de junho de 2024.

A professora Heleni dos Santos Ferreira foi diretora por 24 anos e sempre eleita pela comunidade escolar. Estudou pedagogia na UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná), em Campo Mourão, na época denominada FECILCAM (Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão). Durante nossas conversas, a diretora autorizou a gravação de alguns momentos de suas narrativas e transcrevi uma das muitas falas, que me marcaram:

Eu tenho um caso de amor, de alma, com a educação e com a Escola Monteiro Lobato. A Escola Monteiro Lobato, pra mim, é um caso de amor que eu tive, eu acho que é o caso, o maior caso de amor que eu tive na minha vida... É com Deus, meus filhos e o Monteiro Lobato.

Foi uma vida dedicada à Educação, à Escola. Em suas palavras:

É um sentimento que eu trago comigo, assim, de paixão mesmo, de querer a melhor educação, na verdade, é um amor pela humanidade, porque a educação é o que faz a pessoa ser humana. Na minha visão, o que faz o crescimento humano é a educação, é pela educação. Esse é o caso de amor, que Deus me colocou na vida.

Segundo Bosi (2003, p. 44) sobre os depoimentos orais, “ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência”, por isso, acreditamos nas potencialidades do ensino de História, por meio dos relatos orais, que revitaliza o nosso interior e possibilita trazer sorrisos para a alma.

Ao falar da história de construir uma Escola (imagens 10 e 11), a professora Heleni relatou que

Esse sonho começou na minha infância, que eu sempre queria ter uma escola, mas a gente era muito pobre, morava no sítio. E quando eu vinha na cidade, eu vinha na igreja, e tinha uma escolinha. As crianças desciam uma escada para ir para o pátio, e eu achava que o uniforme daquelas crianças era um uniforme xadrezinho de vermelho. Eu devia ter o quê? Eu devia ter nessa época uns 11 anos, eu tinha de 9 a 11 anos nessa época, que eu sonhava com essa escola. Aí eu despertei por isso, eu me encantei com essa imagem dessas crianças descendo a escada. E daí quando a vida passou, eu estudei, fui para cá, fui para lá, e quando eu vim para Campo Mourão, e fui para a área da educação, eu fui lá para o Lar Paraná. São coisas das mãos de Deus. A comunidade do Lar Paraná me abraçou. Eu acho que abraçou comigo toda a minha história, porque parece-me que, sabe, eles adivinhavam umas coisas. E a luta foi ali no parquinho, ali na praça, era Monteiro Lobato, Parque Infantil Monteiro Lobato, que era só para a recreação infantil, quando eu fui para lá, coordenar uma equipe que trabalhava com recreação infantil. E daí, lá, a gente começou a aumentar alunos, aumentar alunos, aumentar crianças, e a gente resolveu fazer uma Escola da Educação Infantil. Aí nós reunimos os pais e começamos a planejar como que nós queríamos essa escola. E fomos sonhando, sonhando junto mesmo. Mas eu queria uma escola que tivesse escada, mas como que vamos colocar uma escada numa escola e se for térreo, né?

Aí surgiu a ideia. Tinha um pai que era mestre de obra. Acho que era o nome dele, se eu não me engano, era Celso. Não sei se é esse o nome certo dele. A gente foi conversando, afinando as ideias e daí a gente teve essa ideia de fazer uma escola com um andar. Ah, mas nossa, não vai ser possível.

Imagem 10 - Escadas que dão acesso ao pavilhão do 1º andar



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024) – [formatado pela autora].

Não era comum ter essa escola, não existia, mas nesse tempo veio para Campo Mourão uma arquiteta, que eu nem me lembro o nome dela, e ela foi convidada para ir na nossa reunião, que era mais uma reunião da APP da escola, do Conselho Escolar, para a gente ir afinando as ideias, que tinha sido decidido em assembleia. E daí, eu acho assim, é por Deus as coisas. Ela falou assim, eu vou fazer o projeto. E ela fez o projeto da escola. E nós demos as coordenadas, eu queria que fosse com aquela parte para colocar os armários embutidos, para não ter pó em cima, com as janelas rebaixadas, para poder ventilar bem. Os ventos pegar nas cabeças das crianças, para respirarem um ar bom, vamos dizer assim, e assim, eu fui falando, nós fomos fazendo, falando os detalhes, eu e a diretoria da APP, eu, o Conselho, fomos falando os detalhes que a gente imaginava ter numa escola, que a gente queria banheiros dentro da sala, um banheiro masculino e um feminino dentro da sala, para que fosse uma suíte, para não ter aquele banheiro, sabe, que todo mundo usava, e daí dava vontade em todo mundo de ir na mesma hora para o banheiro, ficava aquele xixi para o chão, e isso me irritava muito quando eu era supervisora principal, que antes de eu ser diretora, eu já trabalhava na prefeitura como supervisor educacional, por isso queria os banheiros dentro das salas de aula.

Imagem 11 - Banheiro masculino e feminino nas salas de aulas da EMMOL



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024) – [formatado pela autora].

A gente planejou cada sala de aula do Monteiro para caber no máximo 25 alunos, para poder ter uma produtividade boa e os professores poderem trabalhar com mais tranquilidade, para poder render o que os professores trabalhavam, na época a gente imaginava 25 alunos, o máximo que poderia ter na sala, e assim por isso foi feito. E ela foi anotando e ela fez esse projeto, entregou para nós e depois ela foi embora de Campo Mourão e eu perdi o contato dela e não sei quem é, não sei onde que ela está, mas o projeto arquitetônico surgiu dessa conversa, dessa fala, desse sonho.

Um projeto arquitetônico inovador e desafiador, um sonho que já era sonhado pela comunidade escolar, mas como conseguiram (demonstrado na imagem 12)? E chegou o momento, que a professora Heleni, que também foi minha diretora, quando iniciei como professora da Sala de Recursos Multifuncional no ano de 2013, começou a relatar:

Para a gente conseguir a verba para construir a escola, foi outra batalha, a gente tinha o projeto pronto, não tinha local, não tinha terreno, não tinha onde colocar o projeto da escola e não tinha dinheiro para fazer. O que a gente fez? A gente fez um movimento de novo com os pais, com a APP da escola, foi um representante, eu não me lembro, se eu não me engano, foram, assim, uns seis pais representando a comunidade num encontro que veio o ministro da Educação em Campo Mourão, foi um encontro político que aconteceu lá no Expresso Nordeste. E daí nesse dia foi levado esse documento para entregar para o ministro, pedindo a verba para construir essa escola. A energia era tão grande das pessoas e todo mundo estava naquela expectativa, e a gente levou esse documento. Fomos recebidos, foi entregue

para o ministro, na época o secretário de educação era o Maciel, José Eugênio Maciel, e arrumaram para a gente entrar e somente entregar esse documento nessa reunião, nesse jantar político que ia acontecer. A gente entregou o documento para o ministro e o ofício, que estava pedindo e a quantia de dinheiro, que a gente precisava para construir essa escola. Porque os pais, o mestre de obra e essa arquiteta já tinha feito, na verdade, tinha feito o orçamento de quanto queria para construir essa escola. E a gente pediu o valor que tinham colocado lá na época, que os pais tinham colocado. E, por uma bênção de Deus, o ministro, nesse dia, eles já, no próprio verso do pedido do projeto, ele liberou essa quantia dessa verba para o prefeito de Campo Mourão, que na época era o Rubens Bueno, para ir buscar em Brasília esse valor.

A professora Heleni, nesse momento, fez uma pausa. Segundo Bosi (2004, p. 65) “a fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis”. Conseguimos retornar ao tempo narrado, enquanto continuamos a ouvir.

Nessa época, o presidente da APP da escola, quando chegou a verba, era o João Marcos Avelar. E o João Marcos teve uma participação definitiva nisso, porque quando chegou a verba, aí a prefeitura fez, o prefeito fez uma reunião lá no Lar Paraná para decidirem onde queriam aplicar essa verba. Nessa reunião, eu não pude estar por questões pessoais. Eu não pude estar nessa reunião, porque eu moro do outro lado da cidade. Eu estava a pé, e por questões pessoais, eu não pude ir. O João Marcos foi, ele era o presidente da APP, e foi ele que liderou lá na hora a comunidade que votou, de novo, para escolher a construção da Escola Monteiro Lobato, lá no lado Paraná. Então, foi sacramentado essa aplicação dessa verba, graças a essa participação da diretoria da APP e de todo o Conselho e de todos os pais que estavam presentes, que foram em massa, lotou o espaço. E os pais, de novo, se fizeram presente, a comunidade em geral, e foi votado para a construção dessa escola. Então, daí sacramentou. Depois foi outra batalha, para nós conseguirmos o terreno para construir. A gente tinha daí a verba, tinha o projeto, tinha o dinheiro, e não tinha ainda o terreno. Aí foi outra batalha para a gente conseguir o terreno. Esse terreno onde está a escola foi desapropriado e escola foi construída. Cada etapa era um desafio para a gente vencer e, graças a Deus, vencemos todos os desafios e a escola está lá. Como sempre digo: eu fui cem por cento abençoada.”

Imagem 12 - Autorização da construção da Escola Municipal Monteiro Lobato – Prefeito Tauillo Tezelli



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Monteiro Lobato.

Sobre o hall de entrada da Escola Monteiro Lobato (conforme a imagem 13), a professora Heleni contou pausadamente e com leve sorriso nos lábios, como se uma imagem viva estivesse presente naquele momento:

Enquanto fui diretora, eu sempre adorava ver as crianças descenderem a escada. Eu saía sempre ali fora para ver as crianças descenderem a escada. E depois, mais tarde, a gente colocou um espelho... não sei se ainda tem o espelho grande lá na escola, que era para que todo mundo se visse, porque ali era o reflexo, no meu pensar, aquele espelho era para refletir todas as pessoas que contribuíram, que sonhavam, que entram, que trabalham, e que trabalhavam na escola, e que trabalham até hoje, para se sentir parte.

Imagem 13 - Espelho do hall de entrada



Fonte: Arquivo da pesquisadora (junho de 2024).

Cada vez que uma pessoa entra para a escola, está ali o rosto de cada um que faz parte do trabalho diário da escola. Então, esse espelho, ele tem uma coisa mágica, na verdade. É assim, uma coisa de alma, sabe? Cada um que passa ali, ele se olha. Então, ele sabe que ele está naquela Escola, a ideia era que cada um se sentisse parte da escola e a responsabilidade de cada um que entra ali fazer o seu melhor, porque ele está ali, não é as paredes sozinhas que estão. Então, o espelho é uma coisa muito mágica, que quando a gente colocou tinha todo esse sentimento envolvido para todos.

A professora Heleni ao falar do *slogan* da Escola “Um sonho para se viver” (demonstrado nas imagens 14 e 15) relatou:

Não foi um sonho só meu, foi um sonho meu, que foi sonhado por todos os que participavam da escola. A comunidade foi sempre muito participativa, os funcionários, os professores, todos na verdade sonharam o mesmo sonho. Por isso, que é um sonho para se viver. E acho que estamos vivendo esse sonho. Quem está lá na escola, a comunidade que participa, está vivendo esse sonho que foi de todos que construíram, que sonharam para deixar como legado a comunidade do lar Paraná.

Imagem 14 - Slogan e Logotipo da Escola Municipal Monteiro Lobato



Fonte: Arquivo da pesquisadora [formatado pela autora].

Sobre o *slogan* e o logotipo e a imagem do Sol suas palavras foram:

Na verdade, esse logo foi feito a partir da história da comunidade, de como a escola estava se sentindo naquela época, que todos participavam, e quem desenhou foi a Ana Regina dos Santos, que era secretária da época na escola, ela ficou pouco tempo na escola como secretária, mas ela desenhava muito bem. Então, esse sol representa o quê? Na verdade, esse colorido do sol representa a iluminação. A mente, a inteligência das crianças e raios de sol que brilham. Então, na verdade, a gente trabalhava muito com essa valorização das ideias das crianças, da comunidade, dos pais, dos professores, que foram sempre muito fantásticos, os professores sempre foram parte ativa da escola. Eu fui cem por cento abençoada por Deus, porque eu sempre tive uma equipe de professores, funcionários, desde merendeira, o pessoal administrativo, o pessoal que fazia a limpeza da escola, todos professores, orientadores, nem sempre eu tive orientador, eu tive a época que eu era diretor e orientador, mas todos eram muito empenhados em tudo que se fazia na escola. Então, todos davam a sua opinião. Então, esse sol é a luz. Luz que brilha, que seria a mente iluminada de todos os que participavam da escola, tanto professores, como alunos, como pais, como funcionários em geral. O logo que fica bem em cima do hall de entrada, enorme, foi o Darci que pintou. Darci pintou, ele pintava as escolas, tá? E daí eu falei para ele, mostrei o logo e falei, olha, eu quero que nessa, nessa faixa aqui, que seja feito o slogan da escola. E daí ele olhou. Não estava no projeto da pintura da escola. E daí eu falei, oh, se tiver custos separados, eu pago, nem, que seja do meu bolso pra você fazer, mas eu quero que seja feito, será possível? E ele era uma pessoa de muito bom humor, muito do bem, sabe? Muito do bem mesmo. E daí ele falou assim, eu faço sim! E ele me fez e não cobrou nada pra escola.

Imagem 15 - Hall de entrada com os logotipo e slogan da EMMOL



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024).

Quanta riqueza ao dar espaço para as narrativas, para Fonseca (2009, p.123), “ensinar e aprender história local e do cotidiano é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas”. Nesse sentido, concordamos plenamente com a autora, pois é necessário conhecer a história local, para que cada sujeito, mesmo que ainda criança, que está em formação, possa se situar, conhecendo o passado, valorizando o presente, intervindo no espaço, que ocupa e se desenvolva como cidadão com criticidade, que possa perceber logo nas séries iniciais, que faz parte da história e assim desenvolva a consciência histórica.

Conhecer a histórica local é oportunizar novos olhares e saberes, detalhes que não foram observados e a partir dessa pesquisa foram dialogados e novos saberes assimilados. Assim, percebemos que tudo é história, e que há um valor imensurável em cada objeto, como a professora Heleni foi nos contando. Como, por exemplo, os quadros côncavos das salas de aula da EMMOL:

Esses quadros côncavos, foi uma parceria, que a gente fez ainda quando a gente estava construindo o projeto de construir a escola com a UEM (Universidade Estadual de Maringá). Eu fui lá na UEM pra ver esses quadros, foi bem na época que estavam com as salas novas da UEM, muito projeto, muita coisa nova, muita inovação na época. E essa ideia veio lá da UEM, de Maringá.

O quadro negro, como chamávamos, foram substituídos pelo quadro branco e quadriculado, assim, os professores e estudantes não precisam ter contato com o giz, que pode causar alergias. Mas, o formato em côncavo (conforme a imagem 16) foi mantido por proporcionar maior qualidade para os estudantes e diminuir os reflexos da claridade, que podem ocorrer.

Imagem 16 - Quadro côncavo branco e quadriculado para sala de aula



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024).

Assim, a professora Heleni discorre sobre as “janelinhas” de vidro nas portas das salas de aula da EMMOL (de acordo com a imagem 17):

As janelinhas de vidro nas portas permitiam ver a sala de aula, sem ter que abrir a porta. Porque, na verdade, quando você ia chamar o professor, ou se você precisava de um aluno, você via pela janela se era possível a gente bater e entrar para não ficar toda hora batendo. Se o professor estivesse explicando, se o professor estivesse interagindo a gente não ia interromper o

professor. E essa ideia das janelinhas veio do colégio Santa Cruz, que os meus filhos estudavam no Colégio Santa Cruz. Então, digamos assim, você passava para ver. Então primeiro você passava para ver se você podia interromper o professor ou não, porque tinha muita coisa, por exemplo, um pai chegava para conversar comigo, que queria falar com o professor, que queria pegar o aluno, então primeiro a gente passava para olhar, para ver se era possível ou não. Não era uma espionagem. Mas muitos achavam que era...

Imagem 17- “Janelinha” das portas das salas de aula – EMMOL



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024) – [formatado pela autora].

A professora Heleni também relatou sobre as parcerias da instituição e os projetos desenvolvidos como o de Literatura, Inglês, Psicomotricidade, Projeto de Resoluções de Problemas Participativa, Parceiros da Escola, deixando em evidência que a EMMOL, sempre teve portas abertas para a comunidade e muitas parcerias com pais, profissionais de diversas áreas, com a universidade, e, somente com esse apoio e de toda a comunidade escolar, ela existe e deixou um legado para o Jardim Lar Paraná e por todos, que passaram pela Escola.

Fazendo uma reflexão sobre a pesquisa, visualizamos cenas, que vão se constituindo em cenários e completando uma história, que iniciou com poucas cenas. Para Bosi (2003, p. 56),

Quanto mais o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais vai se configurando a seus olhos a imagem do campo de significações já pré-formada nos depoimentos.

É um processo único, de ouvir e querer ouvir ainda mais, lembrei, nesse momento, de uma aula do ProfHistória com a professora Cyntia Simioni França sobre rememorações. Quantas aprendizagens e reflexões fizemos por meio de conversações e leituras. Comecei refletir sobre a importância do ouvir e de auto redescobrir-me como escutadora. Para Oliveira e Paim (2019, p. 32):

Redescobrir-me mais escutadora que contadora de história, gostar de ouvir. Para contar há de ter uma escuta, a narrativa tece os dois, transpassando memórias do ouvir e do contar. Riquezas de fios do tecido feito de rememorações ditas, enlaçando/entrelaçando os dois: boca e ouvido, quem narra e quem escuta.

No processo de escuta, percebemos que a História pode ser encontrada nas árvores, nas escadas, em um espelho, numa “janelinha”, no uniforme, em uma sala de aula, e, quando nos colocamos a disposição de ouvir, ler, interagir com o que está a nossa volta, estamos possibilitando um ensino de História, que vai sendo construído, a partir da vivência dos(as) discentes e na construção de sua identidade.

1.3 Sala de Recursos Multifuncionais: um mundo de potencialidades para se descobrir

A Educação Inclusiva é um termo contemporâneo. Na década de 90 do século passado, começou no Brasil uma nova discussão, com um modelo de atendimento escolar denominado Inclusão Escolar, sendo a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada em 1994, na cidade espanhola de Salamanca, um fator preponderante na discussão reflexiva sobre a educação inclusiva. A Declaração de Salamanca (1994) formalizou a “Educação para Todos”, com princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais, afirmando a necessidade de organizar as escolas para atender a todos. Assim, conforme Mantoan (2003 p.8),

[...] uma escola inclusiva oferece condições de acesso aos seus educandos, atendendo suas necessidades específicas, eliminando barreiras arquitetônicas, de comunicação, informação e atitudinais, preparando-se para receber todos os educandos. Tem por princípio o direito incondicional à escolarização de todos os educandos nas escolas de ensino regular, recusando-se a criar espaços isolados para ministrar um ensino específico para determinadas

deficiências. A escola para todos caracteriza-se por reconhecer e valorizar diferenças, a heterogeneidade das turmas e a diversidade de processos de construção coletiva e individual do conhecimento.

Dessa forma, uma educação inclusiva, é uma educação para todos(as), que desenvolva um trabalho pedagógico participativo, com igualdade, mas sem esquecer a equidade, tanto na forma de organização, quanto no acesso ao conhecimento. Falar em Educação Inclusiva é falar de reivindicações em defesa de uma política de justiça social, que garanta o acesso e permanência, a aprendizagem e uma educação de qualidade para todos, e, inserido nesse sistema inclusivo, há o Atendimento Educacional Especializado, realizado nas Salas de Recursos Multifuncionais, que garante o direito de todos(as) os(as) estudantes a compartilharem o mesmo espaço escolar na sala regular e um Atendimento Educacional Especializado em contaturno.

Conforme Mantoan (2003, p.22),

na concepção inclusiva e na lei, esse atendimento especializado deve estar disponível em todos os níveis de ensino, de preferência na rede regular, desde a educação infantil até a universidade. A escola comum é o ambiente mais adequado para se garantir o relacionamento dos alunos com ou sem deficiência e de mesma idade cronológica, a quebra de qualquer ação discriminatória e todo tipo de interação que possa beneficiar o desenvolvimento cognitivo, social, motor, afetivo dos alunos, em geral.

Sabemos da importância do Atendimento Educacional Especializado na vida escolar dos(as) estudantes, bem como, esse trabalho pedagógico na SRM é um desafio constante, pois não basta ensinar, é necessário saber como ensinar e compreender como cada discente aprende, respeitando as suas especificidades e desenvolvendo um trabalho pedagógico, que vá ao encontro das necessidades, com estratégias de ensino diferenciado, adaptações curriculares, valorizando os saberes dos(as) educandos(as) e conhecimento sobre os Transtornos Globais do Desenvolvimento, Deficiência Intelectual, Deficiência Física e Neuromotoras e os Transtornos Funcionais Específicos. Segundo Mantoan (2003, p.37),

Ensinar atendendo às diferenças dos alunos, mas sem diferenciar o ensino para cada um, depende, entre outras condições, de se abandonar um ensino transmissivo e de se adotar uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, integradora, que se contrapõe a toda e qualquer visão unidirecional, de transferência unitária, individualizada e hierárquica do saber.

Logo, o papel da SRM é fundamental, pois colabora de forma significativa com o processo de ensino e aprendizagem dos(as) estudantes proporcionando uma metodologia que nem sempre é possível desenvolver na sala regular. Porém, há critérios para a organização do Atendimento Educacional Especializado, realizado por meio da Sala de Recursos Multifuncionais, que buscam desenvolver o(a) discente em sua totalidade. Há uma legislação a seguir, sendo a última instrução N.º 003/2024 – da Secretaria de Estado da Educação – SEED - Diretoria De Educação – DEDUC, que estabelece os critérios, caracterizando quais educandos(a) têm o direito ao atendimento, o objetivo da Sala de Recursos Multifuncionais, a carga horária, a organização do atendimento e a avaliação do ingresso.

Na Sala de Recursos Multifuncionais, como resolve a Instrução N.º 003/2024 – DEDUC/SEED, o atendimento é realizado em contraturno, contando com mobília, equipamentos tecnológicos, materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e tem por objetivo “promover o acesso do estudante ao currículo escolar e o pleno desenvolvimento do seu potencial de aprendizagem, eliminando barreiras à sua escolarização” e o trabalho pedagógico “se dará por meio de ações didáticas e colaborativas amparadas na perspectiva da educação inclusiva, da acessibilidade e do trabalho pedagógico colaborativo”.

A Sala de Recursos Multifuncional da Escola Monteiro Lobato é organizada respeitando a Instrução N.º 003/2024 e pode atender educandos(as) na área de Deficiência Intelectual (DI), Deficiência Física Neuromotora (DFN), Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e Transtornos Funcionais Específicos (TFE).

É direito do(a) educando(a) frequentar a Sala de Recursos Multifuncionais, desde que apresente os documentos comprobatórios, os quais devem ser anexados durante a matrícula no Sistema Estadual de Registro Escolar (SERE), no campo específico. Cada Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) está autorizada a atender até 20 discentes, que serão atendidos por meio de um cronograma elaborado pelo(a) professor(a) especialista da SRM, pela equipe pedagógica da instituição de ensino e com a autorização do responsável legal do(a) estudante para a efetivação da matrícula.

No ano de 2024, havia 31 discentes matriculados no período matutino e vespertino. Os(as) estudantes, que fizeram a pesquisa da história da Escola Municipal Monteiro Lobato, estiveram regularmente matriculados na sala regular no período vespertino e frequentaram o Atendimento Educacional Especializado no período da manhã. No momento da pesquisa, foram atendidos 16 educandos(as), divididos em quatro turmas, por meio de cronogramas específicos, tendo dois atendimentos por semana, totalizando quatro horas semanais.

Foram atendidos na Sala de Recursos crianças com os seguintes diagnósticos: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Opositor Desafiante (TOD), Distúrbio de Aprendizagem não especificado, Síndrome de Down, Deficiência Intelectual, Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), Transtorno de Desenvolvimento de Linguagem Expressiva (apraxia), Inteligência Limítrofe, Dislexia, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Baixa Visão, Distúrbio de Processamento Auditivo Central (DPAC) e Neuropatia Sensitivo-Motora por Deficiência de Transportador de Riboflavina (Síndrome Brown-Vialetto-van Laere). Alguns estudantes possuíam mais de um laudo diagnóstico e apresentaram retenções escolares ao longo de sua trajetória.

Os laudos são essenciais para garantir, de acordo com a lei, o direito dos(as) nossos(as) discentes enquanto cidadãos, além de serem fundamentais para o ingresso na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) e para a elaboração do Plano de Atendimento Educacional Especializado. Essas conquistas são muito importantes e representam avanços significativos para a sociedade. No entanto, não os enxergamos apenas como estudantes com laudos, mas sim como crianças com especificidades individuais e potencialidades únicas.

Para Mantoan (2003, p. 38) “O sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e limitações são reconhecidas, mas não conduzem nem restringem o processo de ensino [...]”, pois o foco está no desenvolvimento pleno dos(as) educandos, partindo do conhecimento prévio para o desenvolvimento em todas as áreas (afetivo/social, psicomotor e cognitivo).

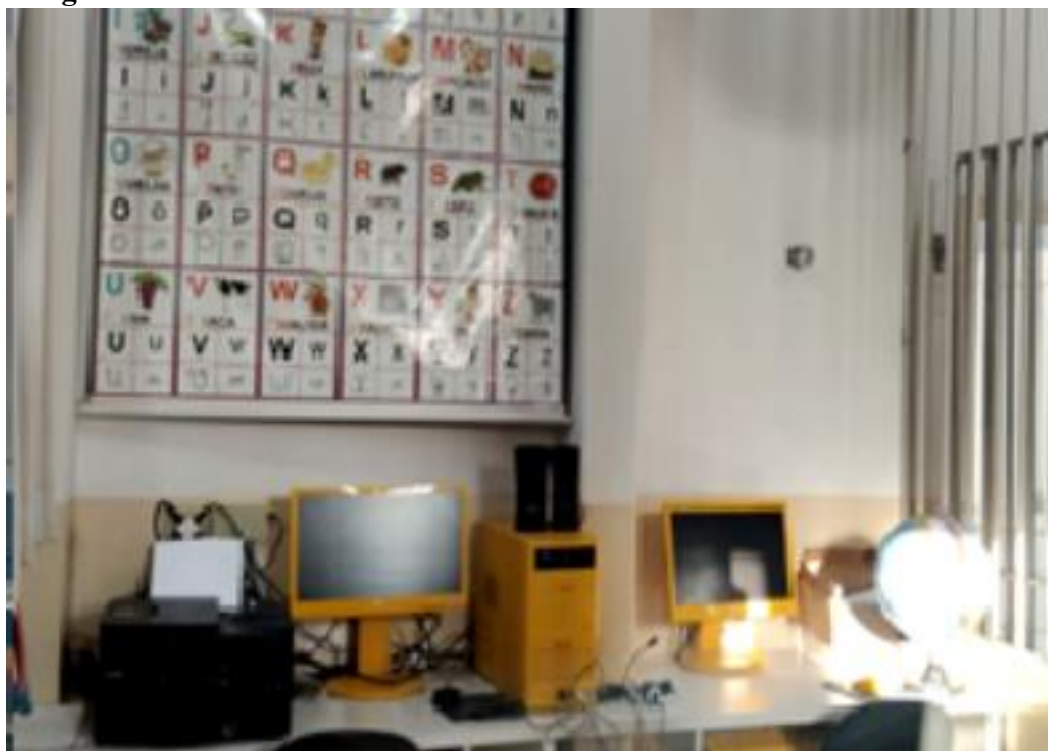
Dessa forma, reconhecendo a importância da SRM para a Escola Municipal Monteiro Lobato, que realiza um trabalho colaborativo entre professor(a) da Sala de Recursos Multifuncional, professor(a) da sala regular e equipe pedagógica, para os responsáveis dos(as) estudantes, que podem encontrar na instituição escolar um apoio pedagógico e orientações, sempre que necessário, e, para o(a) estudante, que consegue observar os avanços e encontram nesse espaço acolhedor um sentimento de empatia, estratégias de ensino diferenciadas, atividades que estão de acordo com o seu domínio cognitivo, sendo enfatizados os avanços.

A Sala de Recursos Multifuncional da Escola Municipal Monteiro Lobato (imagem 18) foi aberta no ano de 2013, sendo uma sala no período da manhã e outra no período da tarde. Antes de se tornar uma SRM, o espaço era utilizado como consultório odontológico para as crianças da comunidade do Jardim Lar Paraná.

Quando assumi o concurso em 2013, ainda não sabia, que eu seria a primeira professora da SRM do período da manhã. Atendemos os(as) estudantes na biblioteca, em

torno de um mês, até a sala ficar pronta. Falar sobre a SRM da Escola Monteiro Lobato é falar de ressignificação, de doação, de respeito e ética. É se emocionar ao lembrar de tantos sorrisos, conquistas, vitórias, incertezas e aprendizado em saber, que podemos fazer a diferença na vida de crianças e que essas nos ensinam a tornarmos um ser humano melhor. Ao mesmo tempo, é sempre perguntar se estamos no caminho certo, vivenciado junto com os(as) estudantes seus receios, avanços, dificuldades e superações.

Imagem 18 - Sala de Recursos Multifuncional da EMMOL



Fonte: Arquivo da pesquisadora (junho de 2024).

Como relatei nas primeiras páginas desse texto, é muito bom ensinar discentes, que têm facilidade em aprender, mas é maravilhoso e gratificante ensinar aqueles, que têm dificuldades a serem superadas e potencialidades a serem evidenciadas. E fazer parte deste percurso é desafiador, mas ao mesmo tempo aconchegante para a alma, tendo a certeza, que realmente somos eternos ensinantes e aprendentes.

CENÁRIO II: CAMINHANDO NOS ARQUIVOS ESCOLARES E NAS MEMÓRIAS COMO FONTES HISTÓRICAS: CONSTRUÇÃO E REGISTRO DA HISTÓRICA LOCAL SOB O OLHAR DOS ESTUDANTES DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL

No capítulo anterior, evidenciamos a história da Escola Municipal Monteiro Lobato sob um olhar, que vai além da história oficial, por meio de memórias, que enriquecem a nossa pesquisa por serem memória viva e pela proximidade afetiva, que a história oral possibilita e a caracterização do Atendimento Educacional Especializado realizado nas Salas de Recursos Multifuncionais.

Nesse segundo capítulo, enfatizamos a proposta metodológica, que foi a realização de uma Sequência Didática (SD) denominada como cenas, desenvolvidas pelos estudantes. Ela envolveu análise de fontes históricas, aula passeios, produções de cartas e as narrativas de pessoas comuns, com as suas experiências sensíveis e conhecimentos históricos sobre a história da Escola Municipal Monteiro Lobato.

Essas narrativas se entrecruzaram com fontes históricas oficiais, por meio do trabalho colaborativo. Realizamos a reconstituição da história local sob o olhar de vários sujeitos e ângulos, valorizando a identidade local, os saberes escolares, a narrativa de cada envolvido e o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo dos(as) educandos(as) da SRM, que resultou na produção de um vídeo documentário.

O vídeo documentário teve como objetivo a finalização da Sequência Didática, que também poderá ser utilizado como recurso pedagógico pelos professores da própria instituição, comunidade escolar e o município de Campo Mourão, servindo de apoio para os(as) docentes da rede básica de ensino e estimulando a produção de outros audiovisuais para o Ensino de História e a aprendizagem dos(as) estudantes.

Produzir um vídeo documentário é compreender e acreditar no potencial do Cinema como recurso e estratégia de ensino na educação. Para Fresquet (2020, p.19), “[...] trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas”, acreditávamos que era um desafio, mas que proporcionou novas possibilidades, que ressignificou o aprendizado de todos os envolvidos.

2.1 Aprendentes/ensinantes: Sequência Didática Temática e o Cinema no Ensino de História

A reconstituição da história da Escola Municipal Monteiro Lobato foi realizada com um grupo de estudantes da Sala de Recursos Multifuncional, composta por oito discentes, sendo cinco meninos e três meninas, regularmente matriculados no período da tarde e atendimentos em contraturno, no período da manhã, por meio de um cronograma estabelecido.

A professora Flávia Heloísa Caimi (2009, p.71), professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF), cita um provérbio, que diz “para ensinar história a João é preciso entender de ensinar, de história e de João”. É necessário conhecimento do conteúdo a ser ensinado, mas é fundamental conhecer quem é o sujeito, qual o seu estilo de aprendizagem e se o nosso estudante está aprendendo, pois se utilizarmos técnicas e recursos adequados, a aprendizagem do(a) educando(a) (como a de “João”), conforme afirma Caimi, seria uma consequência natural.

Dessa forma, dos oito discentes, que participaram da pesquisa, é relevante compreender um pouco de cada um deles. Afetuosamente chamo cada um, cada uma, de “meu”, “minha”, uma expressão de carinho, respeito, empatia e admiração. Acredito que entre nós existe um vínculo e que construímos um ambiente de confiança e apoio. Creio que cada um, cada uma também são meus, são minhas crianças, que me ensinam e que também posso ensinar.

2.1.1 Lucas: “professora olha para mim”

O meu Lucas é uma criança autêntica, com um jeitinho especial, que nos encanta, emociona e nos ensina a ver o mundo de uma forma diferente, refletindo e enxergando outros ângulos, mostrando novos caminhos e novos saberes, que não sei se conseguiria sem a sua presença e convivência.

Lucas possui uma sinceridade, que nos chama a atenção, ao mesmo tempo gosta de nos contradizer, quando lhe perguntamos algumas coisas, mas com um carisma e um sorriso tão particular, que nos coloca sempre um sorriso.

Aprecia contar histórias para a professora e para os colegas, possui um amplo vocabulário e fala corretamente todas as palavras. Em suas narrativas exige atenção e se não estivermos olhando para ele, Lucas diz: “professora olha para mim”, isso mesmo, utiliza o “para mim” e não “pra mim” que é o mais comum na oralidade.

Lucas aprecia musicalização, possui uma voz afinada e está evoluindo gradativamente, nos colocando lágrimas de alegria e sorrisos repentinos. E, quando nos damos conta até a minha família (esposo e filhas) já conhecem um pouquinho desse estudante tão cativante, autêntico e único.

2.1.2 Luíza: “vem comigo produção”

A minha Luíza é uma criança expressiva, autêntica, falante e interativa. É participativa e possui uma boa socialização e compreensão de temas diversificados. Está sempre atenta as coisas, que acontecem ao seu redor, é esperta e observadora.

Possui uma boa argumentação e aprecia, que as coisas sejam realizadas a sua maneira. Sempre está disposta a colaborar e aprecia atividades, que envolvam apresentações e exposições orais.

É uma criança amorosa e com personalidade, caprichosa e dedicada, ao mesmo tempo, é impulsiva e agitada, aprecia colaborar com a professora, é uma ótima ajudante.

Seus olhos brilham em atividades, que são do seu interesse e sempre demonstra seu carinho por meio de desenhos e registro escrito. Por ser questionadora, não aceita facilmente qualquer resposta e demonstra muito criatividade em suas produções orais.

2.1.3 Davi Rafael: o carisma de um olhar

O meu Davi Rafael é uma criança, que tem uma boa compreensão dos conteúdos propostos, é falante e participativo, com um olhar carismático e afetivo, mesmo quando tenta não demonstrar afetividade.

Tem um bom raciocínio lógico matemático, criando estratégias e as colocando em prática em vários momentos. Aprecia rodas de conversa e possui uma boa argumentação, demonstrando liderança em vários momentos e conseguindo conquistar adeptos para a sua opinião, ao mesmo tempo, é tímido e não gosta de se expor para as câmeras, mas não deixa de sempre iniciar um sorriso.

Possui uma boa socialização, busca interagir com estudantes de comportamentos semelhantes, seja na sala regular ou durante o intervalo. Em vários momentos, opta por não concordar, mesmo apreciando o que foi proposto.

Se sente bem, quando recebe atenção e carinho de algumas pessoas. Tem um olhar cativante, que muitas vezes passa despercebido e um sorriso gentil e meigo. É uma criança,

que demonstra amor por meio de suas expressões faciais, dono de um sorriso lindo e um olhar singelo, agora aceita receber abraços e também demonstra maior afetividade.

2.1.4 Leonardo: “por que tantas fotos, professora?”

Meu Leonardo é uma criança educada, prestativa e carismática. Durante as atividades lúdicas fora da sala de aula é extrovertido, sociável e cheio de energia, desmonstrando autonomia e iniciativa, sendo rápido e possuindo uma agilidade corporal, que colabora com toda a sua equipe.

Na sala de aula sua timidez ainda prevalece, costuma fugir das câmeras e das apresentações orais. Sempre me pergunta por que tiro tantas fotos, pois tenho o hábito de imprimir fotos das atividades e jogos e colar em seus cadernos.

Seu olhar é um chamado para nos aproximar, seus desenhos e sua letra são pequeninas, caprichadas e as atividades bem realizadas. Mesmo deixando em evidência, que não gosta de fazer desenhos, eles são lindos e criativos.

Necessita constantemente de estímulos positivos, e tem receio de se aventurar por medo de errar. Leonardo em alguns momentos é um adulto mirim e em outros uma criança, que somente necessita de atenção e que se sente ao seu lado e mostre-o quão incrível e inteligente ele é.

2.1.5 Izabella: quando a meiguice se transforma em uma criança

A minha Iza é uma menina carismática, meiga, educada, de um sorriso contagiante e um olhar que nos fascina. Seu tom de voz era tão baixinho, que normalmente não conseguíamos ouvir, não nos olhava nos olhos, raramente iniciava conversas, tinha receio de se expor e respondia somente, quando a pergunta era direcionada a ela, sendo objetiva e sucinta.

Iza é dedicada em todas as atividades propostas, está superando barreiras e olhando para si própria com um olhar de menos cobrança, começando a enxergar suas potencialidades, lutando contra a timidez e a insegurança.

No momento, sorri constantemente, está mais alegre e questionadora, pergunta quando tem dúvidas, interage com os colegas, nos olha nos olhos e nos contagia com a sua meiguice e com as suas opiniões. Iza transborda empatia e os seus olhos brilham cada dia mais.

2.1.6 Ana Lara: descobrindo um novo mundo

A minha Ana Lara é uma criança dedicada, que gosta de falar e contar coisas de seu dia a dia, fazendo várias associações com a sua rotina diária.

Tem um senso de responsabilidade perante os estudantes da SRM, que possui maior dificuldade de aprendizagem, devido a história da sua família e as especificidades de seu irmão menor, ao mesmo tempo, necessita de atividades, que possa extrapolar como correr e brincar.

No dia a dia, tenta esconder sua insegurança e algumas vezes suas travessuras. É sociável e meiga, esperta e acolhedora, tímida e alegre, compreensiva e autêntica. Está atenta em tudo o que acontece ao seu redor, resolvendo as coisas no mesmo momento e demonstrando as suas emoções e afetividade. É participativa e está desenvolvendo cada vez mais a sua autonomia e o seu brilho no olhar.

2.1.7 Samuel: nosso astronauta preferido

O meu Samuel, “Samuca” ou “Samuquinha” como chamamos, é um encanto de criança, conhece todo o sistema solar, sempre nos ensina sobre os planetas e nos contando de suas descobertas.

Samuel é uma criança, que nos encanta e nos conquista, está ampliando cada dia mais o seu vocabulário, conseguindo formar frases completas tanto na oralidade quanto no registro escrito.

Samuel aprecia trabalhar em pares, participar das atividades e começou a perguntar com mais regularidade. “Samuquinha” aprecia estar com colegas e já percebeu o quanto seus colegas apreciam a sua companhia.

Está evoluindo em todas as áreas e nos surpreendendo diariamente, pois está mais participativo, realiza jogos em equipe, relata coisas de seu cotidiano, participa de jogos de dramatização e a sua expressão facial está mais presente em nossa aula.

Quando está diante de uma dificuldade relacionada aos conteúdos, seus colegas já percebem e querem ajudá-lo. Está desenvolvendo a autonomia, superando seus receios e nos contagiando com o seu jeito único e cativante de ser e é claro nos ensinando sobre o sistema solar.

2.1.8 Davi: Nosso menino sorriso

O meu Davi é o nosso menino sorriso de olhos brilhantes e está sempre com um sorriso estampado no rosto. Gosta de conversar e quando nos damos conta, já estamos envolvidos em suas narrativas.

É carismático e educado, possui empatia e é um verdadeiro guerreiro, não deixando as suas especificidades e o receio do futuro, bem como a sua rotina cansativa entre atendimentos, fisioterapia, médicos, treinos, tirar a sua alegria contagiante.

Está evoluindo gradativamente em todas as áreas, possui boa oralidade e um bom raciocínio lógico. É uma criança, que todos querem por perto, às vezes um pouco dramático, fazendo uma expressão carinhosa, quando nos olha ou quando nos pede alguma coisa, nem, por isso, deixa de ser o nosso menino sorridente, que aprecia ler em voz alta, realiza contações de histórias, que ama matemática e nos ensina diariamente em nunca desistir.

2.1.9 Sequência Didática (SD) e a participação dos aprendentes/ensinantes

Essas oito crianças, que participaram da pesquisa possuem várias habilidades e potencialidades. Nos surpreendem diariamente e estão se desenvolvendo em várias áreas gradativamente.

Portanto, os laudos são pré-requisitos para a matrícula na SRM, não queremos enfatizar os laudos, porém evidenciar que barreiras estão sendo superadas, novas aprendizagens consolidadas e que cada um deles ensina e nos surpreende positivamente.

O motivo principal para que esse trabalho não fosse realizado com os dezesseis estudantes, foi devido à incompatibilidade de horário e a rotina diária do educando e de seus familiares, tornando difícil a participação efetiva na pesquisa.

Vários foram atendidos semanalmente por fonoaudióloga, psicóloga, AMPARA (Centro Especializado no Atendimento a Pessoas com Transtorno do Espectro Autista), Terapia Ocupacional e AME Espaço Multidisciplinar, entre outras atividades físicas, além do Atendimento Educacional Especializado duas vezes por semana.

Para a realização, o método de ensino utilizado foi a Sequência Didática. Uma metodologia defendida por vários autores, entre eles, Zabala (1998) com o livro “A Prática educativa: como ensinar”, que evidencia as relações, que se estabelecem entre os professores, os discentes e os conteúdos no processo ensino e aprendizagem.

Segundo Zabala (1998, p.18), a sequência didática é “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores quanto pelos alunos [...]”.

Nesse sentido, o professor da SRM ao mediar a Sequência Didática com seus estudantes busca desenvolver as habilidades de cada indivíduo, valorizando o conhecimento prévio e sendo mediador nas diversas atividades, partindo de um trabalho prático e inovador, pois nenhuma SD é igual a outra, mas todas podem promover o protagonismo do educando. Por meio da SD, o docente possibilita uma nova experiência cognitiva, social e afetiva.

Conforme Vygotsky (1984, p.101), "(...) o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer".

Para Sacristán (1991, p. 83),

A qualidade profissional reside na capacidade de deduzir esquemas estratégicos de ideias gerais, de selecionar, combinar e inventar esquemas práticos mais concretos para desenvolver o esquema estratégico. Trata-se de uma habilidade fundamental na elaboração de sequências didáticas, sem a qual não se consegue fazer o trânsito entre os objetivos gerais e os específicos, incluindo as tarefas.

Assim, a Sequência Didática pode ser entendida como “[...]uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática” (Zabala; 1998, p.20), de forma integrada e que permite recursos didáticos diferenciados, que envolve reflexão, análise e síntese, por meio da mediação do professor. Segundo Sacramento (2012, p. 45), “ocorre quando o professor estimula os estudantes a se apropriarem de determinado conhecimento por meio de ações que potencializem o entendimento dos conteúdos”.

Compreendendo que essa proposta metodológica promove laços afetivos com os(as) estudantes, possibilita uma organização e estruturação do pensamento e o acesso aos conteúdos, sempre partindo do pressuposto, que todos têm potencial para aprender, embora cada um aprenda de forma diferente. Acreditamos que é indicado para todos os educandos, mas em particular para os discentes do Atendimento Educacional Especializado.

Reconhecemos que as SD são práticas educativas já consolidadas no Brasil, porém, por vezes, temos que relembrar e praticar, conforme afirma Freire (2007, p. 23), “[...] que ensinar não é transferir conhecimentos [...]”, é necessário repensar a nossa prática e nossos métodos de ensino. Nossos estudantes da SRM, já permanecem quatro horas em sala de aula

no ensino regular, e a SRM não é um reforço escolar, é um espaço de construção e reconstrução do saber, que vai além dos conteúdos básicos de sua seriação.

Por isso, acreditamos que a Sequência Didática permite a pesquisa e a experiência, que todos aprendem e também todos ensinam, que todos participam e se envolvem, que juntos podemos refletir, pesquisar e indagar de forma dialética, democrática e sendo sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem e de novos saberes.

Durante a realização da SD, os(as) estudantes produziram o material para o documentário, experienciando novos saberes, novas experiências, sendo protagonistas e pesquisadores. Concordamos com Fresquet (2020, p.21) quando afirma:

Com o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o “faz de conta” e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do conhecimento.

E é exatamente o que queremos, uma prática pedagógica, que proporcione aos educandos a inspiração e a curiosidade para o aprender, que os provoque a pesquisar, a interagir, que permita ouvir o outro, em um verdadeiro exercício de alteridade, que consiga visualizar e entender que a história é constituída por pessoas comuns, que seja permitido uma experiência sensível, que sejam valorizadas as sensações e as emoções, que sejam permitido o errar, que a persistência prevaleça e a aprendizagem significativa possa ocorrer.

Não buscamos a perfeição, muito menos a história incontestável da EMMOL, mas queremos possibilitar uma aprendizagem significativa, colaborativa e ressignificada. Concordamos com Fonseca (2009, p. 82) quando afirma, que “tamanha responsabilidade de aprender e ensinar História, ensinar e ensinar a aprender”. Por isso, acreditamos que a SD e a produção cinematográfica com os estudantes, é permitir uma nova leitura da Escola Municipal Monteiro Lobato, que todos os envolvidos deixarão a sua contribuição.

Quadro 1 - A SD foi realizada em oito atendimentos, conforme detalhada a seguir:

CENAS	DURAÇÃO	MÊS
Cena I: Escola, Sala de Recursos Multifuncional e Família	1h	Maio/2024
Cena II: “Um sonho para se viver” - Aula passeio para o ensino e aprendizagem de história	2h30min	Maio/2024
Cena III: Pesquisadores Mirins: entre laços e	2h30min	Maio/2024

entrelaços: na busca de novos saberes		
Cena IV – Estreitando laços e construindo pontes	2 h30min	Junho/2024
Cena V: Memórias Sensíveis: compreender, refletir, ressignificar e reconstituir - de mãos dadas com a História Viva	3 horas	Setembro/2024
Cena VI: O cinema como experiência e possibilidades de aprendizagem: um encontro com a alteridade - Minuto Lumière: uma pedagogia da criação - Minuto Lumière Mirins: um gesto lúdico de criação e emancipação na Escola Municipal Monteiro Lobato	2h30min	Agosto/2024
Cena VII: O lugar da História Oral: a memória viva como possibilidade de Ensino de História	2 horas	Setembro/2024
Cena VIII: Avaliação: Aprendizizes e aprendentes: do (in)visível ao visível	2h30min	Setembro/2024
Cena IX: O eu, o outro e o nós – quando as “cenas” se materializam.	1h30min	Fevereiro/2025

2.2 Cena I: Escola, Sala de Recursos Multifuncional e Família

No início do ano letivo de 2024, fizemos uma reunião individual com os pais para assinar a documentação para a matrícula de seus filhos(as) na Sala de Recursos Multifuncional e explicar sobre o trabalho pedagógico realizado, conversamos sobre as individualidades das crianças e os atendimentos, que cada um realizava. Nesse momento, também dialogamos sobre o Projeto de Pesquisa do Mestrado e sobre o interesse e a possibilidade da participação dos estudantes na pesquisa e a disponibilidade dos familiares e educandos.

Por meio dessa reunião individual, conhecemos um pouco mais sobre a rotina de cada discente e os atendimentos, que cada criança realizava. Nesse primeiro momento realizado no início do ano letivo, percebemos que não seria possível a participação de todos, devido aos compromissos de vários estudantes, mas acreditamos que trazer os pais e responsáveis para a Escola era essencial para possibilitar uma aprendizagem mais

significativa para nossos educandos, independentes se poderão ou não participar do projeto de pesquisa.

A EMMOL sempre buscou a participação efetiva das famílias na Escola, temos uma APP (Associação de Pais e Professores) fortalecida e atuante em nossa instituição, o que colabora de forma positiva para o aperfeiçoamento do processo educacional, para a assistência escolar e para a integração escola-comunidade.

Tiba (1996, p.140) afirma que “O ambiente escolar deve ser de uma instituição que complete o ambiente familiar do educando, os quais deve ser agradáveis e geradores de afeto. Os pais e a escola devem ter princípio muito próximos para o benefício do filho/aluno”.

Desse modo, buscamos uma parceria educacional com a família, pois sabemos o quanto colabora para o desenvolvimento das habilidades de nossas crianças. Se os princípios e objetivos forem realizados em parceria com a família, os resultados poderão ser mais significativos.

Assim, no mês de maio realizamos uma reunião com os pais e fizemos a explanação da pesquisa, explicando a proposta da Sequência Didática, que resultou na produção de um vídeo documentário. Para os pais que não puderam participar, realizamos uma nova reunião no início de junho, quando a SD já tinha sido iniciada, mas que os próprios responsáveis estavam cientes da pesquisa e autorizaram a participação dos filhos, até que uma nova reunião fosse realizada.

Todos os pais convocados para a reunião autorizaram e assinaram a autorização para a participação de seus filhos(a) na pesquisa. Ouviram com atenção e demonstraram interesse pela pesquisa, ficando feliz por seus filhos(as) participarem de um projeto, que transcende a sala de aula.

Nas duas reuniões, aconteceu algo em comum o interesse dos pais para a participação efetiva de seus filhos(as) e um momento de partilha sobre as suas rotinas, angústias, alegrias e superações. Em uma das reuniões, acabamos todos nos emocionando sobre os relatos de mães, que contaram a trajetória vivenciada até o momento e os desafios, que estavam vivendo no contexto atual.

No final, comecei a refletir sobre a trajetória de meus estudantes, quantas memórias vieram à tona naquela reunião, quantas “lutas” travadas para defender os direitos de seus filhos. Lutas que deveriam ser simplificadas, já que os direitos estão garantidos em Lei. Comecei a meditar sobre alguns dos meus alunos, que apesar da pouca idade cronológica, quantos obstáculos foram superados e outros, que ainda deverão ser superados.

Também analisei a implementação, que já estava se iniciando com os pais e responsáveis dos meus discentes, novamente veio à tona a minha trajetória como mestranda e a minha memória voltou no primeiro dia de aula do mestrado, no dia 09 de março do ano de 2023, com o professor Federico Alvez Cavanna, que ao entrar na sala de aula começou a discorrer sobre a disciplina “História do Ensino de História” e de forma muito cativante comentou, que o principal objetivo da disciplina era “ler, escrever, conversar e (talvez) pensar”. E realmente lemos, escrevemos, conversamos, refletimos e talvez pensamos.

2.3 Cena II: “Um sonho para se viver”

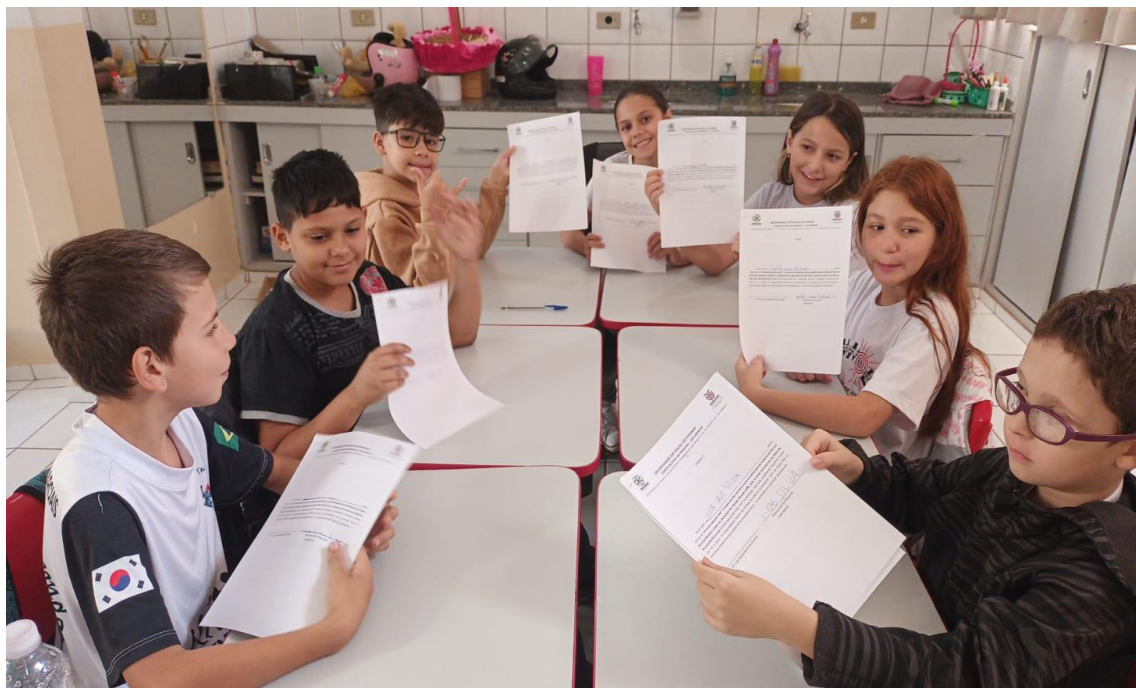
Sabemos o quanto é fundamental iniciar o ensino de História logo nas séries iniciais, para que a criança possa compreender o mundo a sua volta e se reconhecer como sujeito histórico. Fonseca (2009, p. 17) afirma que a História “é fundamental para a formação da consciência histórica do educando, para a formação do cidadão”. Segundo Cerri (2011, p. 83-84),

[...] o objetivo da disciplina não é ensinar coisas, dar conta de uma grande lista de conteúdos estabelecida por alguém em algum momento do passado. O objetivo maior é formar a capacidade de pensar historicamente e, portanto, de usar as ferramentas de que a história dispõe na vida prática, no cotidiano, desde as pequenas até as grandes ações individuais e coletivas.

Dessa forma, iniciamos a nossa prática com uma pequena ação, mas não menos importante com os estudantes, entregando a autorização para cada educando(a) preencher (de acordo com a imagem 19). Explicamos que cada um tinha naquele momento o poder de escolha, que apesar de seus responsáveis já terem autorizado, cada um tinha a livre escolha de participar, de assumir um compromisso, colaborar com a pesquisa e juntos reconstituir uma nova História da Escola Municipal Monteiro Lobato.

Entendemos e concordamos com Cerri (2011, p.69), que “[...] o ensino de história não tem como ser enunciação, mas diálogo”. Compreendendo que todos podem aprender história, se torna viável trabalhar com a história local. Pois, aproxima o estudante do saber histórico. Esse consegue assimilar o ensino de História com a sua vivência local, se sentindo parte de um todo, trazendo a história mais próxima de si e não como se fosse algo, que pessoas comuns não fizessem parte, por se tratar de uma história “maior”. Todos nós fazemos parte de uma história e produzimos conhecimento.

Imagem 19 - Estudantes assinando o termo de autorização para a participação da pesquisa



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024).

Para Schmidt e Cainelli (2004, p. 114),

O trabalho com a história local no ensino da História, facilita também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para construção de sua consciência histórica.

Reconhecendo a importância da história local, iniciamos a Sequência Didática, com fontes históricas próximas dos(as) discentes e que estão presentes em seu cotidiano, como o próprio uniforme da EMMOL com o *slogan* “Um sonho para se viver”. A camiseta usada diariamente por todos os(as) educandos(as), mas como observamos, tão pouco explorada, foi o nosso primeiro objeto gerador. Segundo Ramos (2008, p.32),

O objetivo primeiro do trabalho com o objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano. Ora, tal exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento do

novos na experiência vivida: conversa entre o que se sabe e o que se vai saber – leitura dos objetos como ato de procurar novas leituras.

Nesse momento, foram entregues algumas camisetas do uniforme da EMMOL. Cada estudante teve a oportunidade de olhar para o uniforme escolar e dar a sua opinião sobre o logotipo. Começaram a refletir sobre o significado e questionar, ficaram curiosos para saber como surgiu, qual era o significado do Sol e instigados a conhecer a História da Escola Municipal Monteiro Lobato e fizeram questionamentos.

Como nesse momento, ainda não havia respostas, alguns discentes perguntaram se podiam pesquisar, se tinham permissão para pedir a colaboração de seus pais, outros expuseram a sua opinião e os possíveis significados, mas todos queriam saber a história do logotipo. Como afirma Freire (1996, p. 28), “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, engajar os estudantes na busca pelo saber é também despertar a curiosidade. Assim, Freire (1996, p.32) afirma que,

a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital [...]. [...] Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil.

O ato de ensinar exige reflexão, diálogo, criticidade e a curiosidade. Após despertar essa curiosidade em nossos estudantes por meio do manuseio das camisetas, entregamos arquivos (pastas) contendo fotos de diversos momentos históricos da Escola Municipal Monteiro Lobato (conforme a imagem 20). Os educandos começaram a compreender o que são fontes históricas e o quanto os objetos podem colaborar para reconstituir a História.

Desse modo, o acervo de fotografias da EMMOL constituiu-se no nosso segundo objeto gerador. Segundo Ramos (2004, p. 21), “Se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas”.

Imagem 20 - Fontes históricas: camiseta do uniforme e fotografias - Objetos geradores



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024).

Foi por meio das fotos (de acordo com a imagem 21), que os(as) estudantes começaram a comparar as diferenças da Escola Municipal Monteiro Lobato no ano de 1997 e na atualidade, como a cobertura da quadra, as árvores plantadas, relatando as diferenças e o que permaneceu igual, observaram a pintura já desbotada. Reconheceram duas professoras, que estavam no álbum e que ainda fazem parte do quadro do magistério da instituição. Observaram os primeiros computadores e relataram que seus irmãos também estudaram nessa escola.

Segundo Freire (1996, p. 88), “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto [...]”. Foi por meio da curiosidade dos(as) discentes, que a pesquisa foi ganhando formas, gerando questionamentos. Assim, pesquisaram respostas para todas as indagações, que estavam surgindo.

Concordamos com Ramos (2004, p. 55) ao afirmar que “o caminho é o próprio diálogo [...]”, bem como na “pedagogia do objeto, torna-se necessário implementar uma pedagogia da pergunta”. Compreendemos que não há uma receita pronta com perguntas já preparadas, pois os estudantes colaboram na trajetória da pesquisa, de acordo com as necessidades e questionamentos, que vão surgindo.

Imagem 21 - Fotografias antigas da EMMOL



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024)

Segundo Freire (1987, p. 47), “Somente o diálogo, que implica em um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-la”. Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”. As crianças conseguem observar, refletir, dialogar, comparar e indagar, sendo o professor o mediador e a pesquisa um caminho, que devemos percorrer juntos, fazendo as pausas, que forem necessárias, com reflexões e diálogos (conforme a imagem 22).

Imagem 22 - Explorando as fontes históricas



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024).

Para finalizar o atendimento nesse dia, os(as) estudantes levaram para os seus responsáveis uma pesquisa para os mesmos responderem com seus filhos(as).

As questões da pesquisa (de acordo com as imagens 23 a 26) tinham como objetivo verificar o conhecimento prévio deles a respeito da história da instituição, do significado do *slogan* da Escola, do significado do sol presente na identificação da escola, da opinião acerca do atendimento realizado na SRM, do costume de ir ou não ao cinema e da sua ligação com a Escola Municipal Monteiro Lobato.

Um dos objetivos desse estudo era envolver os familiares e colaborar com os(as) educandos(as), para que algumas das questões surgidas pudessem ser respondidas e compartilhadas com o grupo.

Nas imagens a seguir podemos conferir as perguntas da pesquisa, bem como as respostas de quatro familiares.

Imagem 23 – Questionário: responsável da estudante Izabella

  
Nome dos responsáveis (identificação opcional): <u>Fabiana Soares Lopes</u>
Nome do Aluno(a): <u>Izabella Soares Vichuete</u>
1- Senhores pais e/ou responsáveis, você já conhecia o logo da Escola Municipal Monteiro Lobato "Um sonho para se viver" (X) Sim () Não
1- Qual o significado do logo "Um sonho para se viver" ? <u>Senhor e acreditar no futuro.</u>
2- Quantas vezes vocês você e a sua família já foi no cinema? <u>Nunca</u>
3- O que você sabe sobre a história da Escola Municipal Monteiro Lobato? <u>Eu mesmo fiz Magistério na escola Monteiro Lobato mas não conheço o histórico.</u>
4- Qual a sua relação com a Escola Municipal Monteiro Lobato? Mais algum familiar já estudou nessa instituição escolar? <u>Eu fiz Magistério, meu filho estudou na escola e o outro estuda na escola ainda. Eu faço parte do APPE.</u>
5- Qual a sua opinião sobre a Sala de Recursos Multifuncional? <u>Na minha opinião a sala de recurso é muito boa na realidade é maravilhosa. Se alguém conseguir tem uma luz para meus filhos</u>
Obrigado pela colaboração em nossa pesquisa!

Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024).

Imagem 24 - Questionário: responsável da estudante Luiza

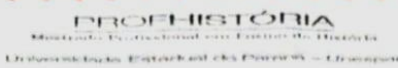
 UNESPAR	PROEHISTÓRIA Monitoria Profissional em Ensino de História Universidade Estadual do Paraná - Unespar	 PROEHISTÓRIA Monitoria Profissional em Ensino de História
Nome dos responsáveis (identificação opcional): Julia Thiago de Silva Jessica Galdino Martins		
Nome do Aluno(a): <u>Luiza Gabriel Martins Rivas</u>		
1- Senhores pais e/ou responsáveis, você já conhecia o logo da Escola Municipal Monteiro Lobato "Um sonho para se viver"? (X) Sim () Não		
1- Qual o significado do logo "Um sonho para se viver"? 		
2- Quantas vezes vocês você e a sua família já foi no cinema? <u>(Eu) Nossa família já foi duas vezes</u>		
3- O que você sabe sobre a história da Escola Municipal Monteiro Lobato? <u>Que era uma escola muito conhecida</u>		
4- Qual a sua relação com a Escola Municipal Monteiro Lobato? Mais algum familiar já estudou nessa instituição escolar? <u>Avó materna conhecida Andersona Kardiner</u>		
5- Qual a sua opinião sobre a Sala de Recursos Multifuncional? <u>A melhor coisa para Luiza,</u> <u>Ajudou ela a desenvolver a parte acadêmica e</u> <u>emocional</u>		
Obrigado pela colaboração em nossa pesquisa!		

Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio de 2024).

Imagem 25 - Questionário: responsável do estudante Lucas

  
Nome dos responsáveis (identificação opcional): <u>Crustiane Patú da Silva</u>
Nome do Aluno(a): <u>Lucas Davi Silva</u>
1- Senhores pais e/ou responsáveis, você já conhecia o logo da Escola Municipal Monteiro Lobato "Um sonho para se viver" () Sim (X) Não
1- Qual o significado do logo "Um sonho para se viver"? <u>Ainda não sabemos</u>
2- Quantas vezes vocês você e a sua família já foi no cinema? _____
3- O que você sabe sobre a história da Escola Municipal Monteiro Lobato? <u>Não morávamos em Campo Mourão</u> <u>Não sabemos da sua história</u> <u>ainda</u>
4- Qual a sua relação com a Escola Municipal Monteiro Lobato? Mais algum familiar já estudou nessa instituição escolar? <u>Não tenho familiares que estudaram</u> <u>no Monteiro</u> <u>Lucas é o primeiro</u>
5- Qual a sua opinião sobre a Sala de Recursos Multifuncional? <u>A Sala de recurso tem sido</u> <u>fundamental no desenvolvimento do</u> <u>meu filho. Sua evolução é notável</u> <u>em escrita, socialização, verbalização e</u> <u>etc. portanto, somente gratidão, uma</u> <u>sala necessária, indispensável!</u>
Obrigado pela colaboração em nossa pesquisa!

Imagem 26 – Questionário: responsável da estudante Ana Lara


Nome dos responsáveis (identificação opcional): Marlene G. dos Santos

Nome do Aluno(a): Ana Lara G. dos Santos

1- Senhores pais e/ou responsáveis, você já conhecia o logo da Escola Municipal Monteiro Lobato "Um sonho para se viver"?

() Sim

(X) Não

1- Qual o significado do logo "Um sonho para se viver"?

Significa realizar todos os seus sonhos em vida.

2- Quantas vezes vocês você e a sua família já foi no cinema?

Já fomos 4 vezes ao cinema.

3- O que você sabe sobre a história da Escola Municipal Monteiro Lobato?

Eu mãe da Ana Lara viu no site a escola Monteiro Lobato.

4- Qual a sua relação com a Escola Municipal Monteiro Lobato? Mais algum familiar já estudou nessa instituição escolar?

Minha filha Ana Lara está na escola Monteiro Lobato, minha relação com a escola é excelente, Ana Lara incluiu muito na escola Monteiro Lobato.

5- Qual a sua opinião sobre a Sala de Recursos Multifuncional?

Sala de recursos multifuncional é maravilhosa as crianças aprendem de forma diferente da sala de aula.

Obrigado pela colaboração em nossa pesquisa!

Após a realização da pesquisa com os responsáveis, durante o atendimento⁵ em sala de aula, quatro estudantes relataram que conversaram com os familiares sobre o assunto, mas não responderam ao questionário de forma escrita. No entanto, as crianças socializaram com os colegas, por meio de relatos verbais, o que os seus pais haviam contado.

Percebemos por meio dos questionários respondidos por escrito e dos relatos verbais dos(as) discentes, que as famílias ainda não conheciam a história da escola, não associando no momento o logotipo a sua história. Sobre ir ao cinema em família, cinquenta por cento já vivenciaram esse momento familiar.

Em relação à questão se algum familiar já havia estudado na EMMOL, dos questionários respondidos, somente um estudante não teve algum familiar, que estudou, devido morar em outro estado.

Tivemos, ainda, respostas de pais de educandos(as) que foram alunos do curso de Magistério, a qual hoje conhecemos como Formação de docentes. O curso era ofertado no período noturno ofertado por meio de um projeto do Ministério da Educação e da Secretária do Estado de Educação em parceria com as secretarias dos municípios utilizando o espaço arquitetônico dessa instituição.

Sobre a SRM, todos reconheceram a sua importância para o desenvolvimento de seus filhos, destacando, por exemplo:

“A melhor coisa para a Luiza. Ajudou ela a desenvolver a parte acadêmica e emocional”;

“Sala de Recursos Multifuncional é maravilhosa, as crianças aprendem de formas diferente da sala de aula”;

“A Sala de recurso tem sido fundamental no desenvolvimento do meu filho. Sua evolução é notável em escrita, socialização, verbalização e etc, portanto, somente gratidão, uma sala necessária, indispensável”;

“Na minha opinião a sala de recurso é muito boa, na verdade é maravilhosa. Só assim consegui ter uma luz para meus filhos”.

Refletimos após esse atendimento, que a prática educativa construída pelos docentes e estudantes, exige também alegria e esperança. Segundo Freire (1996, p. 72), “A esperança de

⁵ A palavra atendimento se refere ao Atendimento Educacional Especializado – AEE realizado nas Salas de Recursos Multifuncionais - SRM é destinado aos estudantes da Educação Especial, realizado por professor especialista em contraturno escolar, em prol de eliminar as barreiras para aprendizagem, possibilitando a igualdade de condições para o acesso ao currículo.

que professor e aluno juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria”.

Notamos que a alegria e a esperança devem fazer parte da prática educativa e que juntos podemos superar obstáculos e promover novas aprendizagens. Despertar a curiosidade nos discentes da SRM fez parte desse “caminhar juntos” e possibilitou gerar conhecimento. Sobre a esperança concordamos Freire (1996, p.72), “é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo”. Queremos aprender com curiosidade, criticidade, experiencição e com alegria na busca por novos saberes.

2.3.1 Aula passeio para o ensino e aprendizagem de História

No segundo momento, fizemos um passeio observador e investigador pela Escola Municipal Monteiro Lobato. Os(as) estudantes começaram a procurar fontes históricas, que nos permitissem conhecer um pouco mais sobre a história da instituição. Segundo Schmidt e Cainelli (2004, p. 94-95),

O contato com as fontes históricas facilita a familiarização do aluno com as formas de representação das realidades e do passado e do presente, habituando-o associar o conceito histórico à análise que origina e fortalecendo sua capacidade de relacionar baseado em uma situação dada. Referentemente ao processo de ensino-aprendizagem, essa nova concepção de documento histórico exclui qualquer tipo de relação autoritária, como a do ensino sempre centrada no professor. O inverso também não está adequado a esse processo de renovação, isto é, o aluno não pode ser relegado a sua própria sorte, como se o ato de conhecer fosse algo dado de espontâneo. Essa concepção propõe que a relação entre professor, aluno e conhecimento seja interativa, uma relação em que o trabalho com os conteúdos e o prazer de aprender poderão ajudar aluno e professor a pensarem historicamente e se apoderarem da história vivida numa dimensão totalmente humana.

Iniciamos a aula passeio à procura de um conhecimento interativo, humanístico, que os discentes sentissem vontade de aprender. Durante a aula passeio, os(as) discentes encontraram troféus e medalhas expostos na sala dos professores, porém, com pouca evidência, questionaram o porquê dos troféus, repararam nas datas e relataram, que não imaginavam, que a instituição possuía tantas vitórias, associando os troféus a vitórias e conquistas.

A aula passeio (apresentada na imagem 27) foi acontecendo e novas indagações foram surgindo, entre elas, “Quantos anos têm a nossa Escola? Quem planejou? Quem

plantou as árvores? Quantas pessoas ainda trabalham na Escola, desde quando foi inaugurada?” E outras reflexões eram realizadas, como por exemplo “o porquê do espelho no hall de entrada? O sol da sigla EMMOL? Se todas as escolas tinham dois banheiros por sala de aula? Se os estudantes sabiam de outra escola com essa característica, como, por exemplo, os quadros em côncavos?”, entre outros questionamentos e reflexões.

No *hall* de entrada, alguns educandos não tinham percebido, que havia uma pintura com o logotipo e o slogan da escola e os quadros da parede com informações importantes sobre a história da Escola (conforme a imagem 27).

Imagem 27 - Aula passeio



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024).

Logo, foi perceptível, que já estavam mais atentos e observadores, os próprios colegas mostravam, um para o outro, o que encontravam e compartilhavam suas opiniões e dúvidas. Nesse momento, algumas fontes históricas foram explicadas (conforme a imagem 28), de acordo com a curiosidade do discente, e outras ainda teríamos, que continuar a pesquisa.

Imagem 28 - Aula passeio – fontes históricas



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024).

Segundo Fonseca (2009, p. 125),

O local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver – logo, podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia a dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens. Assim, o ensinar e o aprender História não é algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim algo a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana de forma ativa e crítica.

Tais reflexões e questionamentos geraram outras, que, a partir desse momento, cada estudante poderia buscar respostas com seus pais, familiares e professores. A intenção era justamente instigar a curiosidade e procurar respostas.

Em nossa aula passeio, uma das “paradas” significativas foi a arborização da escola, realizada por meio de projetos realizados pelas professoras da instituição. Conversamos a respeito da árvore Pau-Brasil (de acordo com a imagem 29), plantada pelos educandos da escola na comemoração dos quinhentos anos do “descobrimento” do Brasil. Com relação ao conceito de “descobrimento”, sempre contextualizamos que, antes dos portugueses chegarem ao Brasil, os povos indígenas já moravam aqui.

Imagem 29 - Projeto Arborização – Árvore Pau-Brasil (Brasil 500 anos)



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024). Foto tirada pelo estudante Davi [celular da professora].

Próximo a árvore do Pau-Brasil, também há um pé de Boldo (mostrado na imagem 30). Segundo o relato da professora Heleni, é uma planta, que serve como remédio natural, que alivia a dor de estômago, auxilia na digestão e possui várias propriedades medicinais.

Uma estudante conseguiu assimilar essa planta medicinal com a sua vivência familiar. Relatou que seus familiares possuem em seu quintal como remédio, mas que preferia tomar remédio em gota, e, assim entre diálogos, risadas, perguntas, respostas e comentários, a aula prosseguiu.

Para Cainelli (2006, p. 61), “o conhecimento prévio das crianças sobre os acontecimentos relatados e os valores do grupo social ao que pertencem amarram-se na construção do novo conhecimento que estão desenvolvendo”, fazendo ligações com a história, o ambiente em que vivem e a própria identidade cultural.

Imagem 30 – Planta Boldo – EMMOL



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024). Foto tirada pelo estudante Lucas (celular da professora).

Continuamos a aula passeio na parte externa da EMMOL, visitamos as árvores frutíferas (conforme a imagem 31), como a pitangueira, a cereja silvestre e o pé de gabioba, entre outras, também plantadas pelos estudantes por meio de projetos.

Esses projetos deixaram a instituição escolar com um ambiente agradável, desenvolvendo a conscientização, preservação do meio ambiente, além de usufruir as sombras, que podem ser utilizadas pedagogicamente.

Imagem 31 - Árvores frutíferas da EMMOL



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024). Foto tirada pelo estudante Lucas (celular da professora).

Enquanto os estudantes brincavam nas árvores frutíferas, depois de saber um pouco mais sobre elas, compreendendo que cada espaço da escola tem uma história a ser contada, lembrei que também tenho uma pitangueira plantada em minha residência (mostrada na imagem 32), resultado de um dos projetos da Escola Municipal Monteiro Lobato.

Lembro-me perfeitamente, que quando cheguei em casa com a muda da pitangueira, minhas filhas colocaram água e no fim de semana, meu irmão Adriano, fez um buraco e colocamos adubo orgânico e juntos plantamos. Todo ano ela produz. Teve ano que produziu mais de uma vez, entretanto o real motivo de ter levado essa muda para casa, é a doce lembrança da minha infância, brincando em uma pitangueira por inúmeros dias e atrevo-me a dizer alguns anos.

Imagem 32 - Pitangueira na cidade de Araruna (PR)



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024).

Fazendo uma breve reflexão, percebemos que a Escola transcende os muros da instituição. Para nossos discentes na fase inicial do Ensino Fundamental, é necessário criar estratégias, para que todos possam participar ativamente no processo de ensino e aprendizagem, possibilitando que o ensino de História faça sentido, não seja fragmentado e distante de nós.

Para Fonseca (2009, p. 51), “[...] concebo a História como o estudo das ações humanas, da experiência humana”, nada melhor, que permitir aos educandos a possibilidade de experienciar essa história tão próxima e que faz parte de sua própria.

Fonseca (2009, p.52-53), acerca do conhecimento histórico, afirma “Não está pronto e acabado, mas em construção, em movimento”. É um conhecimento aberto a múltiplas leituras e interpretações”.

Se compreendermos que o conhecimento histórico é dinâmico e não são verdades absolutas e incontestáveis, estamos possibilitando um ensino de História, que dialoga com o próprio estudante, desenvolvendo a identidade histórica, possibilitando se reconhecer como sujeito histórico e estimulando o ato de investigar e pesquisar, rompendo com o ensino de História tradicional.

2.4 Cena III - Pesquisadores Mirins: estreitando laços e entrelaços na busca de novos saberes

No processo de construção do saber, começamos o nosso atendimento tendo como suporte informativo, a História da Escola Municipal Monteiro Lobato, conforme consta no Projeto Político-Pedagógico (PPP), sendo uma fonte histórica oficial. Sabemos que os documentos escritos oficiais, não podem ser considerados como incontestáveis, ou como verdade absoluta. Concordamos com Schmidt e Cainelli (2004, p. 95),

[...] os documentos não serão tratados como fim em si mesmos, mas deverão responder às indagações e às problematizações de alunos e professores, com o objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado.

Durante a roda de conversa, lemos o texto de apoio, extraído do PPP da escola, com os(as) educandos(as) (conforme a imagem 33). A respeito dessa história oficial, conversamos e dialogamos. Muitas dúvidas e indagações foram respondidas nesse momento, com as informações contidas no PPP, assim, como novas perguntas começaram a surgir.

Os(as) discentes, até o presente momento, não tinham conhecimento sobre o quanto essa instituição foi “sonhada”, não sabiam que foi a própria comunidade escolar, liderada pela professora Heleni, docentes e estudantes, que iniciaram o projeto para a construção no novo prédio escolar.

Reconheceram e ficaram admirados, que o mesmo prefeito, que inaugurou a EMMOL, era o mesmo da gestão 2021-2024, o Senhor Tauillo Tezelli. Ficaram surpresos ao se darem conta, que a maioria de seus pais tinha a idade de estudar nessa instituição, quando a mesma foi inaugurada e, assim, por meio da conversação, fomos construindo novos saberes.

Outros questionamentos pertinentes foram sobre o patrono da escola “Monteiro Lobato”. Devido às indagações, retornamos à Sala de Recursos Multifuncional, para que os estudantes utilizassem o computador para pesquisar sobre a biografia do autor.

Imagem 33 - História Oficial da Escola Municipal Monteiro Lobato



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024).

Uma pesquisa sobre o patrono da EMMOL, não estava em nossas “cenas”, não estávamos em um lugar apropriado, ou com um equipamento de projeção, para melhor visualização, porém, era necessário.

Freire (1996), em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, afirma que ensinar exigia pesquisa, e o quão isso é importante, quando parte do interesse de nossos(as) educandos(as), desenvolvendo a autonomia e a busca pelo saber movidos pela curiosidade. Assim, nas palavras de Freire (1996, p. 29):

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Como professores, a pesquisa é essencial para uma educação crítica, mas observar os(as) nossos(as) “pesquisadores(as) mirins”, buscando, indagando, perguntando é estimulador. Como pesquisadores(as) em busca do saber, nossos(as) estudantes precisavam desse momento para conhecer melhor a história do escritor e o motivo, que a nossa instituição recebeu este nome: Escola Municipal Monteiro Lobato.

Para essa atividade de investigação, os(as) educandos(as) utilizaram o *notebook* da professora como recurso de pesquisa (conforme a imagem 34).

Dessa forma, compreendemos que, o nome do patrono da escola como objeto de pesquisa, foi uma necessidade, que surgiu naquele momento do atendimento, e tornou-se um “objeto gerador” de trabalho, que contribuiria para o conhecimento sobre a história da escola.

Conforme algumas dúvidas foram sanadas, por meio de um curto documentário denominado “BIOGRAFIAS - Monteiro Lobato” sobre a biografia do escritor José Bento Renato Monteiro Lobato, e outros questionamentos foram surgindo e o engajamento educacional acontecendo.

Imagem 34 - Biografia do escritor José Bento Renato Monteiro Lobato



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024). Foto tirada pelo estudante Davi (celular da professora).

Algumas indagações foram “Onde viveu Monteiro Lobato? Quando morreu? Por que Monteiro Lobato foi preso? Quais são as suas obras? Onde está enterrado? Por que o documentário disse que muitos consideravam Monteiro Lobato machista e racista? O que é machismo? Onde fica Taubaté? Foi ele que construiu a nossa escola?”

Aos poucos fomos pesquisando e conversando, buscando responder às perguntas de cada estudante, associando a curiosidade deles com a História da Escola Municipal Monteiro Lobato, partindo das indagações e dos diálogos dos(as) próprios(as) discentes (de acordo com a imagem 32). Pesquisaram no *Google Maps*⁶ para saber a localização da cidade de Taubaté, onde está enterrado o escritor Monteiro Lobato (mostrados nas imagens 35 e 36). Buscamos o globo terrestre na biblioteca para ter uma visão ampla do espaço geográfico, entre outras questões.

Imagem 35 - Pesquisa do patrono da instituição: Monteiro Lobato

⁶ O Google Maps é uma das ferramentas mais versáteis e úteis do Google. Mais do que exibir um simples mapa dos seus arredores, ele também une rotas de trânsito, lugares para visitar em uma cidade, orientações de transporte público, entre várias outras funcionalidades em um único aplicativo. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2018/12/18/noticias/google-maps-guia-completo-para-usar-os-principais-recursos/>. Acesso em 30 de julho de 2024.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024). Foto tirada pelo estudante Davi (celular da professora).

Os(as) educandos(as) trabalharam de forma colaborativa na pesquisa realizada, tendo como recurso a internet e o *notebook* da professora, conversavam entre si sobre o que e como pesquisar. No momento da leitura, uma estudante leu em voz em alta para a melhor compreensão de todos, em particular para os(as) discentes, que estão em processo de alfabetização.

Imagem 36 - Túmulo de Monteiro Lobato - Cemitério da Consolação, localizado na zona sul de São Paulo



Fonte: Site da Cidade de São Paulo [formatada pela pesquisadora].

A curiosidade pode gerar o conhecimento. Segundo Freire (1996, p.32), “Não haveria criatividade sem curiosidade [...]”, assim, seremos ousados em dizer que com a curiosidade, o processo de ensino e aprendizagem será construído e reconstruído, desenvolvendo não somente a criatividade, mas habilidades, que promovem a autonomia, iniciativa, persistência, empatia e o estímulo para pesquisar.

Nesse ato, os(as) estudantes se interessaram em saber sobre as obras e vida do escritor Monteiro Lobato, bem como onde se encontrava os seus restos mortais. Um dos discentes relatou que jamais imaginaria, que o túmulo do escritor fosse simples, porque Monteiro Lobato não era uma pessoa comum, pelo contrário, todos os “alunos do Monteiro tinha que saber sobre ele”.

Em seguida, continuamos a nossa pesquisa, que os(as) próprios(as) educandos(as) tiveram a iniciativa. Visitamos a biblioteca da Escola Municipal Monteiro Lobato (conforme a imagem 37) para explorar esse espaço, que é cada vez menos utilizado, porém atrativo quando bem explorado. Tivemos como objetivo, conforme mencionado por um dos estudantes, encontrar as obras literárias do patrono da escola, verificar se estavam em um lugar acessível e fácil encontrá-las.

Imagem 37 - Visita a biblioteca da Escola Municipal Monteiro Lobato



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024). Foto tirada pelo estudante Lucas (celular da professora).

Em uma das estantes da biblioteca estava a foto impressa de Monteiro Lobato e a identificação do escritor para melhor organização e exploração do espaço literário (de acordo com a imagem 38).

Imagem 38 - Exploração das obras do Monteiro Lobato

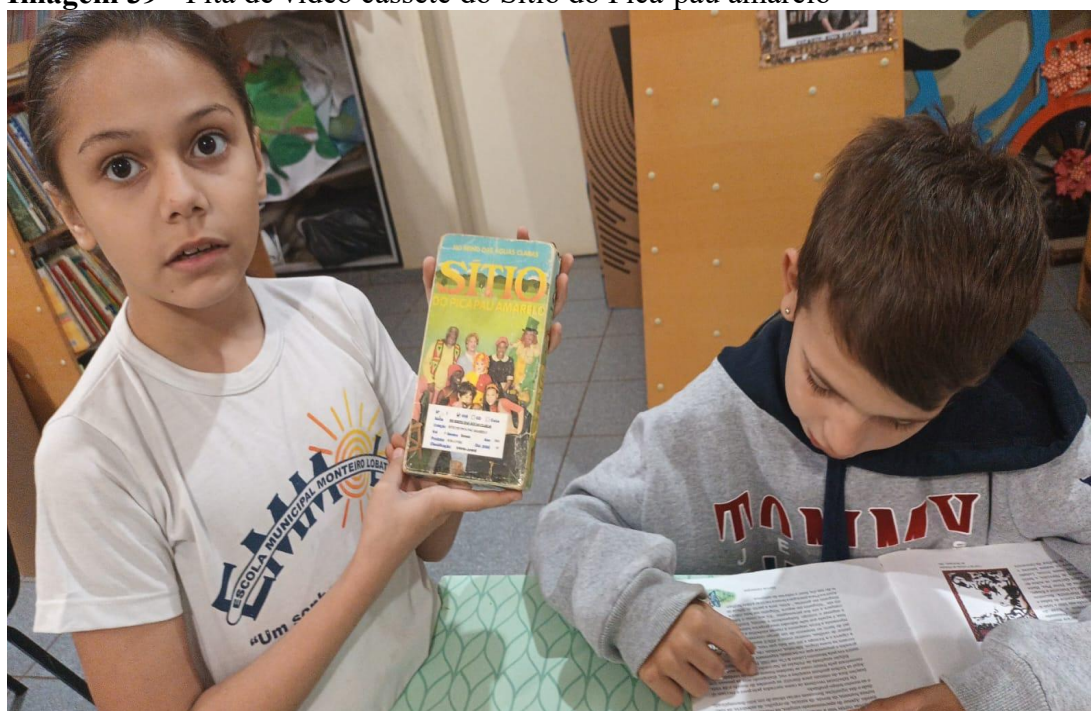


Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024). Foto tirada por um estudante (Lucas).

Na biblioteca, os(as) estudantes exploraram o ambiente e os objetos contidos nesse espaço, uma educanda encontrou entre várias Fitas de Vídeo cassete uma do Sítio do Pica-Pau

amarelo (demonstrado na imagem 39). Alguns discentes começaram a ler sobre o autor, outros se interessaram pelas fábulas, relatando que já conheciam algumas. Também encontraram as roupas (fantasias), que a instituição possui dos personagens do Sítio do Pica-pau amarelo.

Imagem 39 - Fita de vídeo cassete do Sítio do Pica-pau amarelo



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024).

Para finalizar a visita na biblioteca, cada estudante levou uma obra literária do Monteiro Lobato (conforme a imagem 40) para realizar a leitura em casa. Cada discente fez a leitura sozinho ou os pais sendo leitores⁷. No próximo atendimento os(as) educandos(as) realizaram a contação dessas histórias.

Imagem 40 - Literatura do escritor Monteiro Lobato

⁷ Segundo o site Mundo Autista o **ledor** é a pessoa que realiza a leitura. Uma leitura para a pessoa com deficiência visual, intelectual, com déficit de atenção e hiperatividade, autismo. Além de dislexia, baixa visão ou dificuldades de aprendizagem. Disponível em <https://omundoautista.uai.com.br/o-ledor-e-a-pessoa-com-deficiencia/> Acesso em 11/04/2025.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024). Foto tirada pelo estudante Davi (celular da professora).

2.5 Cena IV – Estreitando laços e construindo pontes

A história oficial da escola, por meio de seu PPP, respondeu muitas questões levantadas por nossos(as) estudantes, bem como a aula passeio. Todavia, novas curiosidades foram surgindo, precisávamos conhecer um pouco mais sobre a instituição, quem foi a diretora Heleni, que na época idealizou com a comunidade do Jardim Lar Paraná e tornaram o sonho, que era a construção da Escola, em realidade.

Segundo Fonseca (2009, p. 98), “Uma das possibilidades metodológicas para ensinar História alfabetizando os alunos é por meio da história oral”. De acordo com a autora, a história oral proporciona o engajamento dos(as) educandos(as) na assimilação dos conteúdos, no respeito ao próximo, na rememoração e na experiência histórica, que vai além dos livros didáticos.

Durante a elaboração do projeto de pesquisa, a proposta era convidar a diretora Heleni, por meio de uma carta compartilhada, construindo a redação com todos os discentes. No entanto, dialogando com os(as) estudantes, optaram por cada um escrever a sua “cartinha” (conforme a imagem 38), convidando a Heleni a vir até a Escola para compartilhar a História da Escola Municipal Monteiro Lobato.

Imagem 41 - Produção textual – carta/convite para Professora Heleni



Fonte: Arquivo da pesquisadora (maio/2024).

Nesse momento de produção e interação, ressaltamos a importância do engajamento com a História. Para isso, é necessário ir além dos livros didáticos, pois precisamos propiciar uma história de experiência, que não responda a todas as perguntas, no entanto, que gere novas reflexões, que permite o envolvimento, e até mesmo a dúvida, que suscita questionamentos e comparações com os documentos oficiais, que desperte a curiosidade dos estudantes para esse ambiente escolar, tão familiar, mas com uma história a ser compreendida e valorizada. Uma experiência que se baseia no diálogo e na troca de saberes. Para Marieta de Moraes Ferreira (2012, p.171),

[...] o testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória, o que obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como as relações entre escrita e oralidade, memória e história, ou tradição oral e história, o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos.

Assim, a fonte oral para a autora pode ser chamada da história dos excluídos, entretanto não é uma história menor ou menos importante. Longe de ser uma teoria da história

ou uma historiografia, ela é uma matriz metodológica rica, que produz conhecimento histórico, que contribui para o ensino e aprendizagem e gera documentos, que são as entrevistas e documentários.

Produzindo, acima de tudo, uma experiência histórica individual, ampliando a capacidade de observar, refletir com maior criticidade e analisar por meio desse olhar analítico. Há uma construção de conhecimento histórico e uma transformação no interior de cada indivíduo.

Segundo Ramos (2008, p.21), “Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente”.

Nessa perspectiva, a história oral possibilita a construção da história local. Segundo Fonseca (2009, p. 191):

A história oral se justifica por várias razões, mas talvez a mais importante seja o fato de concebermos a necessidade de incorporação, no ensino e aprendizagem da História, dos protagonistas vivos, pessoas que estão vivendo e fazendo história no meio próximo. As crianças compreenderam que todos os homens, mulheres e crianças são sujeitos da história. Toda experiência humana tem valor para a história, que não é algo morto, congelado. Ao contrário, está viva, pulsando, em construção. Todos nós fazemos e escrevemos história.

Sendo assim, e reconhecendo a importância da fonte oral para a nossa pesquisa, os(as) estudantes produziram as cartinhas para convidar a professora Heleni para uma conversa em sala de aula. Eles(as) demonstraram autonomia e liberdade tanto na produção textual, quanto na produção dos desenhos. Explicitaram, ainda, a compreensão de que a fonte oral tem um espaço essencial na elaboração do conhecimento histórico e que, muitas vezes, os sujeitos da História estão tão próximos de nós. Assim todos nós, independentemente da idade, somos sujeitos e fazemos História.

Na sequência, apresentamos as imagens e a descrição dos textos das cartas escritas e ornamentadas por cada um(a) dos(as) estudantes (conforme as imagens 42 a 48). Nelas e com elas, podemos perceber a transmissão de mensagens, que não são apenas grafias, mas frutos da essência, de afetos de cada um e de cada uma. Elas expressam os sentimentos e as esperanças das crianças diante da possibilidade do gesto de diálogo e conhecimento com a Professora Heleni, que, nesse momento, já era uma conhecida, imaginada, pelas vezes em que seu nome, sua história e seus sonhos estiveram presentes em nossos atendimentos.

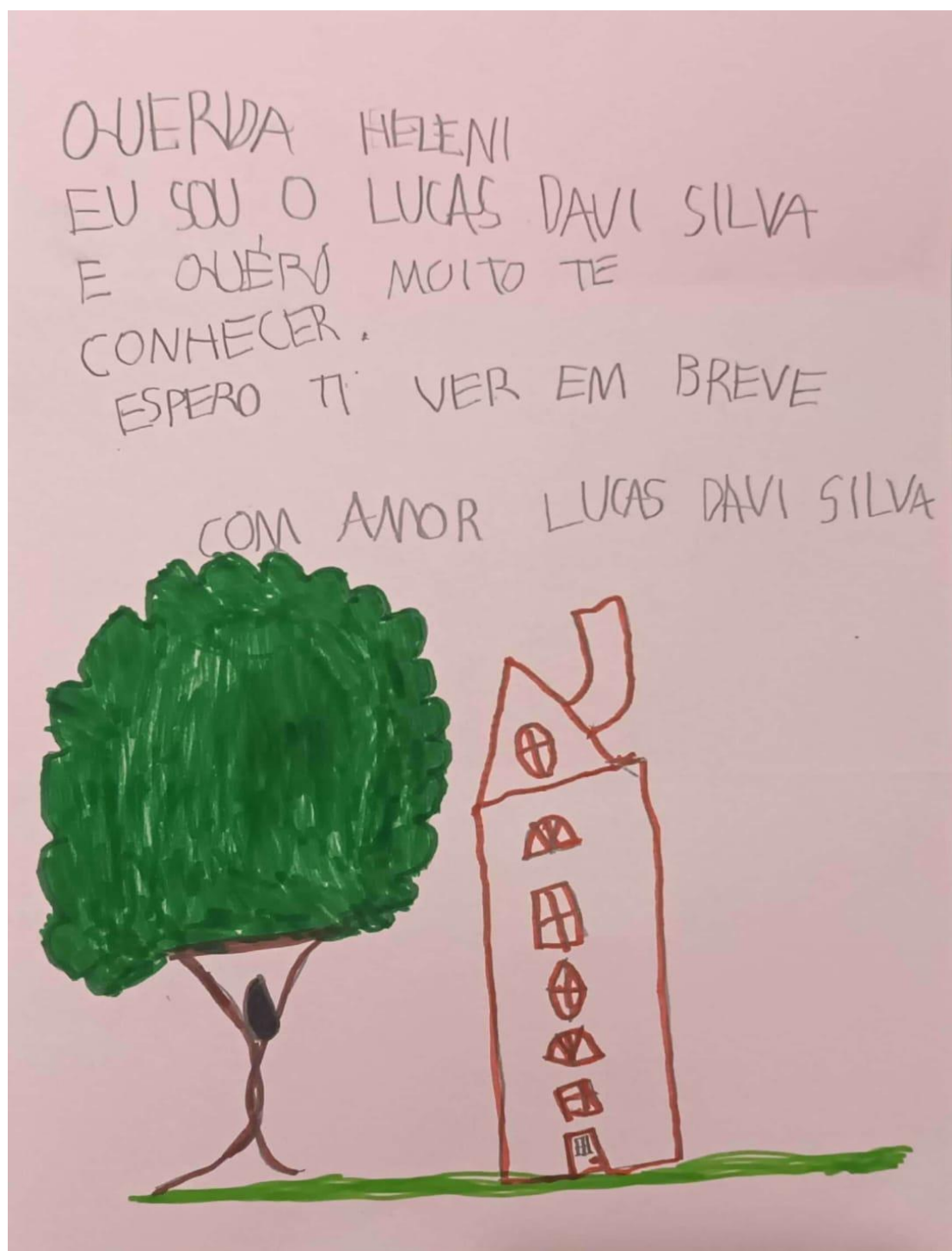
Imagem 42 - Carta produzida pela estudante Ana Lara: “Oi Heleni”



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (junho de 2024).

Oi Heleni!
 Você está bem?
 A gente está trabalhando sobre a história da Escola Monteiro Lobato, você aceita participar com a gente e
 contar a história da nossa escola?
 Um grande abraço cheio de carinho
 Ana Lara

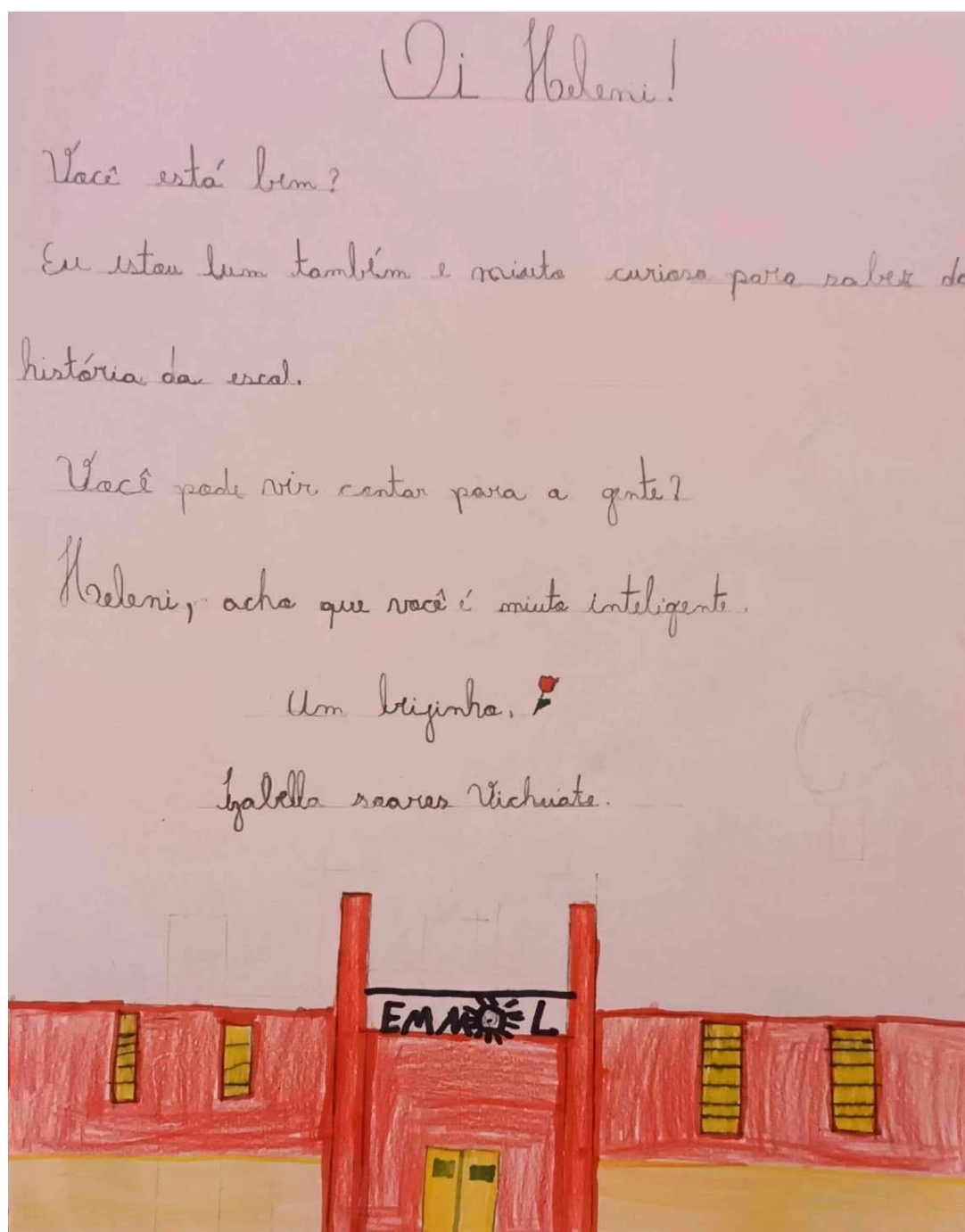
Imagem 43 - Carta produzida pelo estudante Lucas Davi: “eu quero muito te conhecer”



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (junho de 2024).

*Querida Heleni
Eu sou o Lucas Davi Silva
E quero muito te conhecer
Espero te ver em breve
Com amor: Lucas*

Imagem 44 - Carta produzida pela estudante Izabella: “Heleni, acho que você é muito inteligente”



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (junho de 2024).

*Oi Heleni!
 Você está bem?
 Eu estou bem também e muito curiosa para saber da história da escola.
 Você pode vir contar para a gente?
 Heleni, acho que você é muito inteligente.
 Um beijinho
 Izabella*

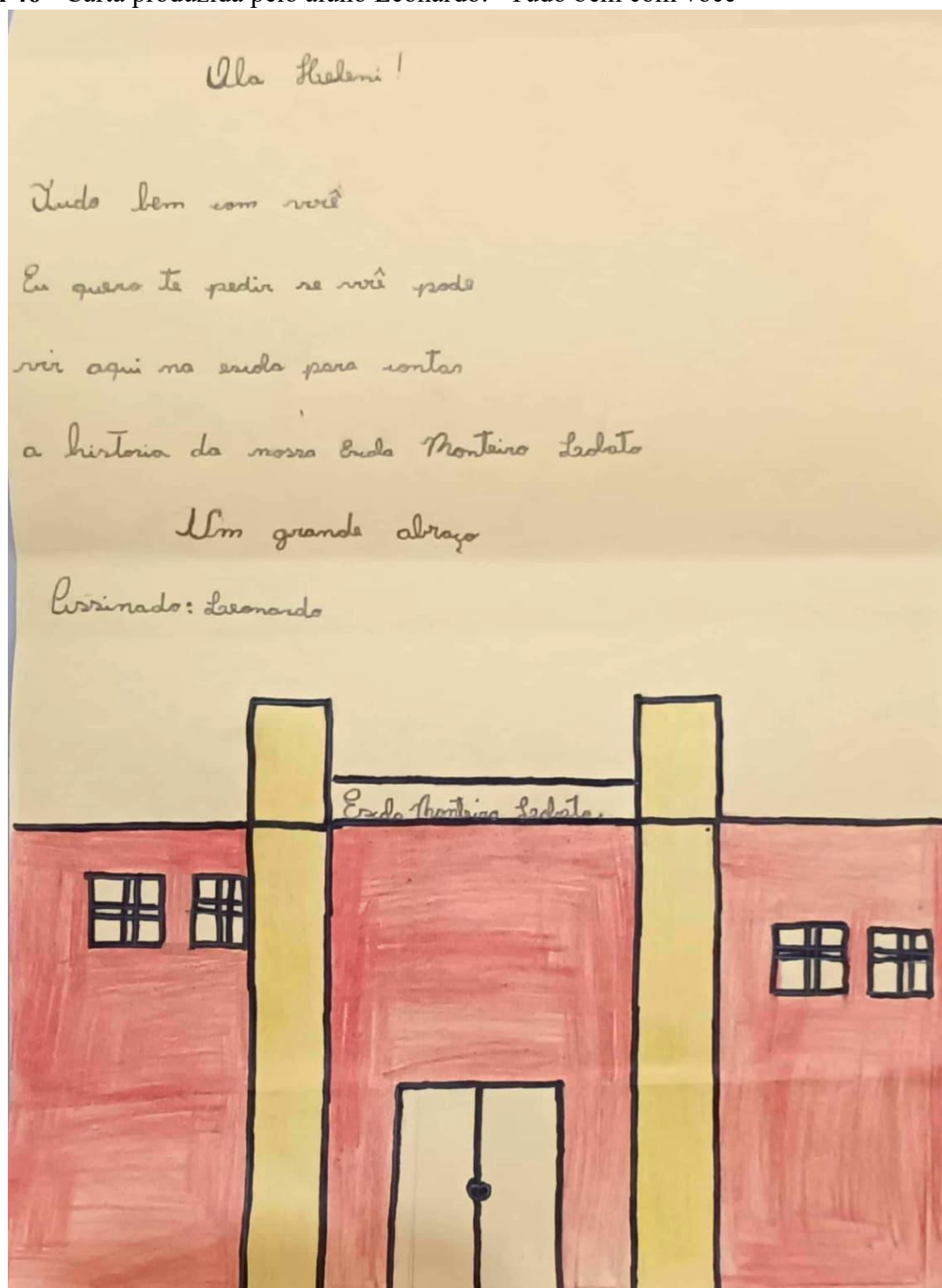
Imagem 45 - Carta produzida pela estudante Luiza Gabriella: “Gostaria que você viesse contar a história, que é também a história da nossa escola”



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (junho de 2024).

Querida Heleni
Olá diretora Heleni, quero te convidar a escola para participar de um projeto da Escola Municipal Monteiro Lobato.
Gostaria que você viesse contar a história, que é também a história da nossa escola.
Com carinho Luiza Gabriella Martins Pereira
'Um sonho para se viver'
Luiza

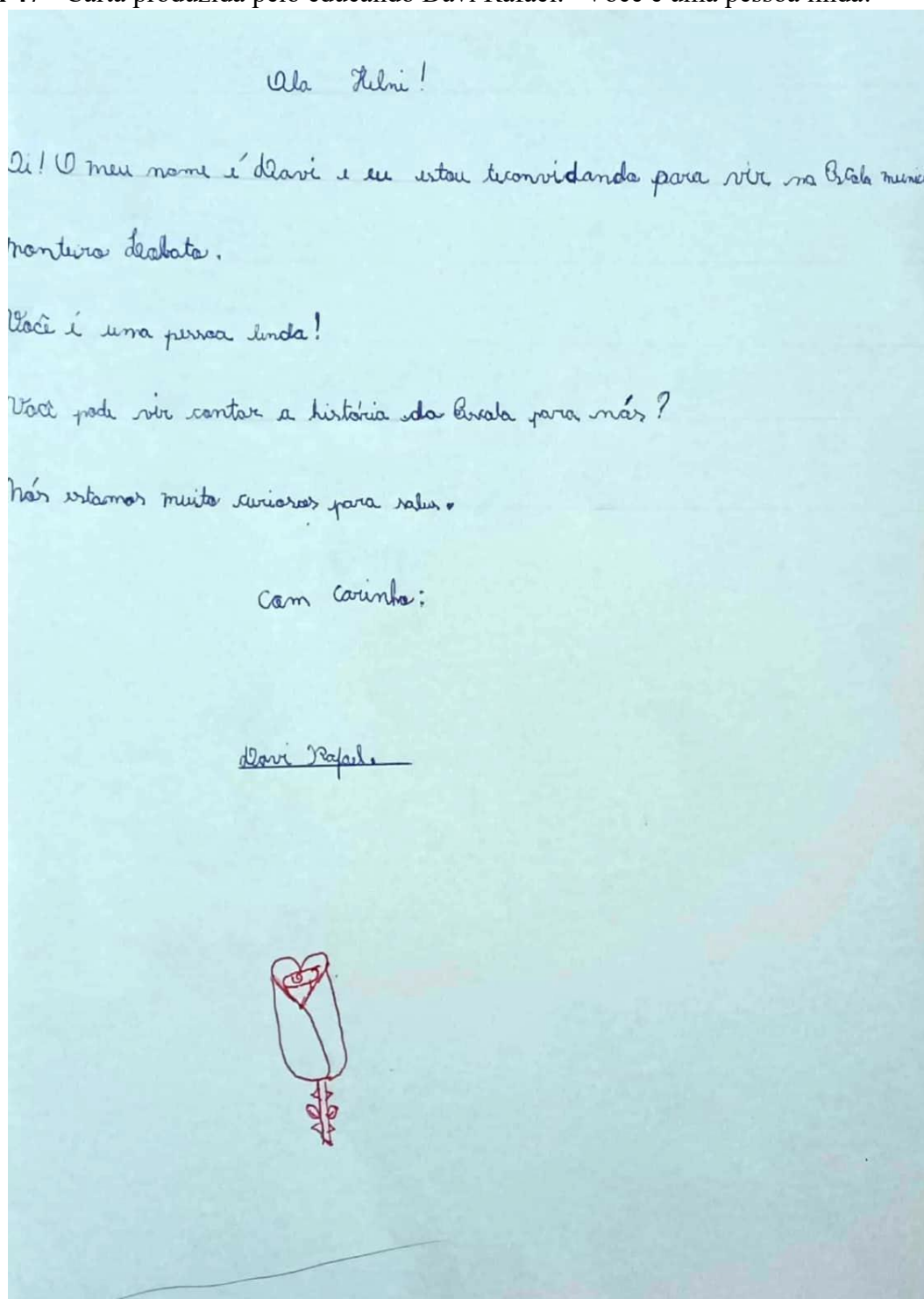
Imagem 46 - Carta produzida pelo aluno Leonardo: “Tudo bem com você”



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (junho de 2024).

Olá Heleni!
Tudo bem com você
Eu quero te pedir se você pode vir aqui na escola para contar a história da nossa Escola Monteiro Lobato
Um grande abraço
Assinado: Leonardo

Imagem 47 - Carta produzida pelo educando Davi Rafael: “Você é uma pessoa linda!”



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (junho de 2024).

Olá Heli!

Oi! O meu nome é Davi e eu estou te convidando para vir na Escola Monteiro Lobato.

Você é uma pessoa linda!

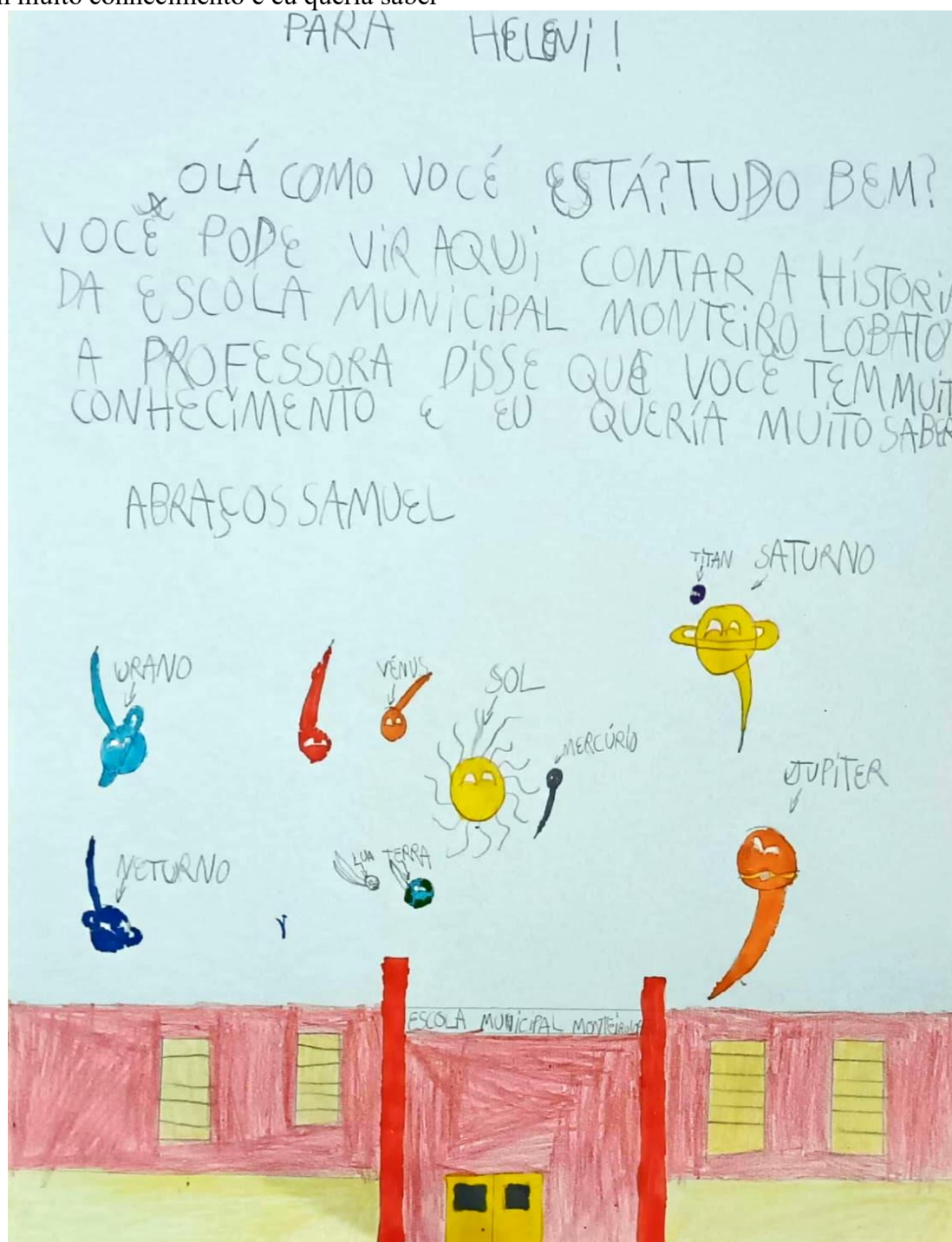
Você pode vir nos contar a história da Escola para nós?

Nós estamos muito curiosos para saber.

Com carinho

Davi Rafael.

Imagem 48 - Carta produzida pelo educando Davi Rafael: “A professora disse que você tem muito conhecimento e eu queria saber”



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (junho de 2024).

*Para Heleni!
Olá como você está? Tudo bem?
Você pode vir aqui contar a história da Escola Municipal Monteiro Lobato
A professora disse que você tem muito conhecimento e eu queria saber
Abraços Samuel*

Para envio das cartas/convites, os(as) discentes construíram um envelope e fizeram frases e desenhos afetuosos, recortando os papéis em formato de coração. Essa iniciativa foi realizada pelos(as) educandos(as), que finalizaram as cartas e se propuseram a ilustrar os corações, enquanto os colegas concluía o registro escrito (demonstrado na imagem 49).

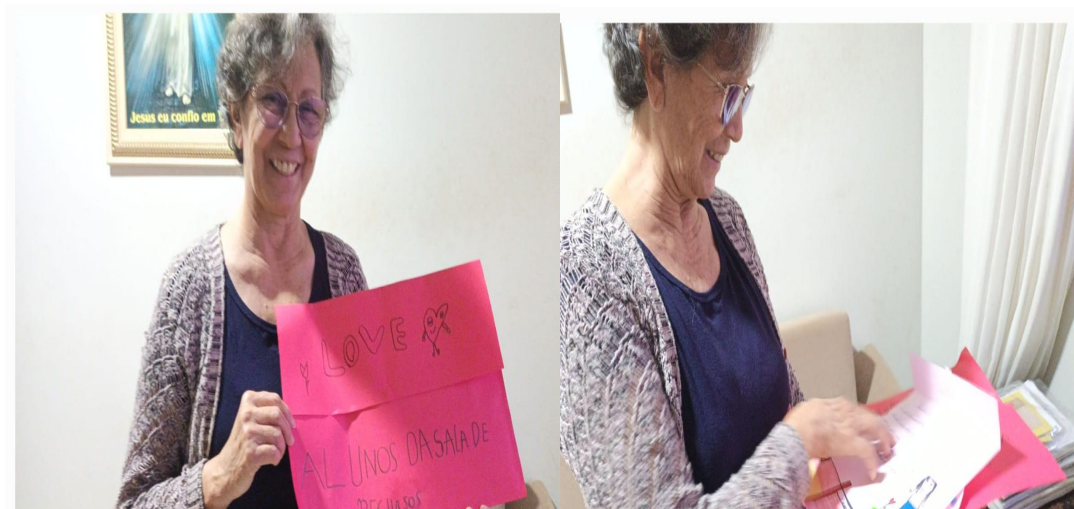
Imagem 49 - Cartas/convites finalizadas



Fonte: Arquivo da pesquisadora (junho de 2024).

Em outro atendimento, na última semana antes do recesso escolar de julho, os(as) estudantes chegaram e perguntaram como tinha sido a entrega das cartas (conforme a imagem 50) e se a professora Heleni havia aceitado o convite. Alguns relataram, que estavam ansiosos para saber a reação, outros já perguntavam a data, que iriam conhecê-la, outro educando relatou, que já sabia, qual pergunta iria fazer.

Imagem 50 - Recepção das Cartas/convite pela professora Heleni dos Santos Ferreira



Fonte: Arquivo pessoal (julho de 2024)

Nesse momento, mostrei o vídeo gravado e fotos da professora Heleni, recebendo as “cartinhas”. E, quando disse que a resposta foi “sim”, todos ergueram as mãos e comemoram. Fui envolvida pelo instante e, quando percebi, estava também de pé, batendo palmas e comemorando. Esse atendimento foi realizado como encerramento do primeiro semestre de 2024 e a História da EMMOL esteve presente, durante todo o café da manhã compartilhado (mostrado na imagem 51), conversamos sobre as quatro cenas já realizadas e começamos a organizar as próximas cenas.

Imagem 51 - Café da manhã compartilhado



Fonte: Arquivo da pesquisadora (junho de 2024).

2.6 Cena V - Memórias Sensíveis: compreender, refletir, ressignificar e reconstituir - de mãos dadas com a História Viva

A professora Heleni dos Santos Ferreira aceitou o convite dos(as) estudantes da Sala de Recursos Multifuncional para compartilhar a História da Escola Municipal Monteiro Lobato. Concordamos em compartilhar esse momento, tão significativo para a história da escola, com os(as) educandos(as) dos quintos anos do Ensino Fundamental, do período da manhã. Esse dia especial foi muito aguardado pelos(as) discentes e começamos a nos organizar para preparar esse instante, que aconteceu no dia vinte e seis de setembro de 2024.

Iniciamos confeccionando um cartão para entregar aos(as) estudantes dos quintos anos e demais participantes, que estariam na ocasião, identificando qual seria a temática, que nossa convidada iria rememorar. Os(as) educandos(as) escolheram duas fotos da escola, ainda que registrassem o mesmo evento, porém com ângulos diferentes. As fotos escolhidas retratam o ano de 1998, quando foi autorizado o primeiro ano letivo da instituição e os estudantes “abraçaram” a EMMOL (de acordo com a imagem 52).

A escolha dos quintos anos foi devido esses(as) estudantes estarem concluindo o Ensino Fundamental I e ainda não conhecerem a história da escola, a qual há tanto tempo estudaram. Também devido às professoras regentes, porque ambas trabalhavam com a

diretora Heleni e conhecem a história da instituição. Assim, como muitos, também têm uma relação de afetividade, respeito e dedicação pela EMMOL.

Imagem 52 - Confecção do cartão para os estudantes dos 5º anos e convidados



Fonte: Arquivo da pesquisadora (setembro de 2024)

Os(as) educandos(as) participaram de todo o processo, ajudaram a recortar e a colar as balas de iogurte em cada cartão e, durante essa atitude tão simples, foram também imaginando como a diretora se sentiria, se os(as) alunos(as) dos quintos anos iriam gostar, se a Heleni iria gostar deles(as) e como seria esse dia tão importante.

Enquanto trabalhávamos a coordenação motora fina e o trabalho em equipe por meio do recorte (assim como na imagem 53), os(as) estudantes também falaram o que gostariam que a Heleni explicasse, e caso não fosse dito, o que iriam perguntar, porém, para isso, seria necessário fazer uma lista de perguntas. Assim, todo o trabalho de planejamento foi realizado em conjunto, e, a imaginação, expandindo as possibilidades desse encontro ser muito especial para todos(as).

Imagem 53 - Preparando a vinda da Diretora Heleni - cartões



Fonte: Arquivo da pesquisadora (setembro de 2024).

Em seguida foi decidido entre os(as) discentes quem faria a fala inicial no dia “palestra” (assim que os educandos chamavam esse momento) e apresentar a proposta da pesquisa e a diretora Heleni.

Tivemos uma estudante, que logo se prontificou e os colegas aceitaram de imediato. Começamos a montar a narrativa inicial e fomos escrevendo o texto, para que a educanda pudesse “treinar” em casa, entretanto no mesmo atendimento, a mesma já sabia o que iria falar e “treinou” perante os colegas com sorrisos e seriedade.

Após esse momento, os(as) estudantes começaram a elaborar algumas perguntas coletivamente. Tivemos dois discentes, que contribuíram na formulação das questões, mas deixaram em evidência, que caso a diretora Heleni não explicasse durante a “palestra”, era para seus colegas perguntarem, porque sentiriam muita vergonha.

Por último, como professora, conversei com os(as) educandos(as) para entregar uma singela lembrancinha para a diretora Heleni. Confesso que tomei a iniciativa e sugeri uma orquídea, mas perguntei o que eles(as) achavam e abri um espaço para sugestões e decidirmos juntos.

Um estudante disse, que era necessário juntar dinheiro, o outro já relatou, que não tinha dinheiro, as meninas já começaram a ficar preocupadas e outro disse, que queria participar também, mas questionou como iriam fazer.

Expliquei que esse mimo de comprar seria responsabilidade da professora, pois eles já estavam organizando a “palestra” e fizeram a parte mais difícil. Logo surgiu outra discussão, quem iria entregar a orquídea, pois cinco alunos queriam fazer a entrega e não concordaram com apenas uma “flor” para todos, gerando novas discussões construtivas.

Depois de um tempinho, chegaram ao consenso e pensaram em outro “presente”, um sugeriu bombons, outro, entregar todos juntos um vaso de flor, mas logo desistiram, pois seriam muitas mãos para um único vaso. Posteriormente, chegaram em um acordo: cada estudante entregaria um rosa para a Heleni.

Todos me olharam aguardando a aprovação e respondi que tinha achado a ideia maravilhosa. Disse que, em minha opinião, não teria um presente melhor para a ocasião e, com certeza, foi a melhor decisão, estando todos de parabéns.

Eu novamente, como tantas outras vezes, comecei a refletir como meus “pequenos” me surpreendem. Senti que havia cometido um erro ao sugerir uma orquídea, sem antes colocar a possibilidade de decisão para os(as) estudantes. Cheguei em casa e relatei para meu marido, que lembrou de um fato, não me recordo na íntegra suas palavras, mas segundo me lembro foram:

Você lembra, Claudia, quando trabalhou o problema do barco? Que a família do livro comprou um barco e o peso da família era maior, que o peso permitido? Você preparou aula pensando que a solução, que eles iriam trazer era fazer a troca do barco por um maior, e, no outro dia, a proposta mais aceita foi que a família tinha que fazer regime e você preparou tudo de novo [...].

Ele estava se referindo a literatura “Os problemas da família Gorgonzola”, que trazem situações problemas para serem resolvidos. Nesse momento comecei a sorrir, e lembrei-me que realmente, anteriormente, precisei me reorganizar e preparar novas atividades para os atendimentos. Esse fato recordado pelo meu marido, para atender as necessidades da turma, comecei a trabalhar o gênero textual receita.

Os(as) estudantes e eu fizemos uma salada de fruta e trabalhamos alimentação saudável. E, depois de construir os barquinhos de dobradura com o novo peso da família Gorgonzola, tudo deu certo.

Também percebi, que somos mediadores e quando nos damos conta, nossas sugestões também ampliam as discussões. Assim, parei de me sentir incomodada, pois o

importante é que, por meio do diálogo e afetividade, chegamos a comum acordo de forma democrática.

Para Freire (1987, p.45),

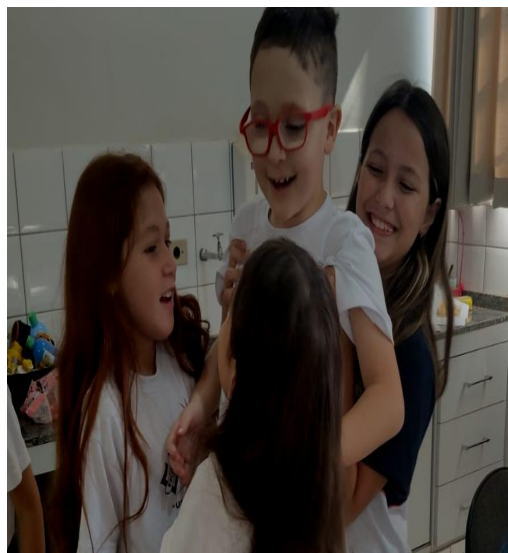
Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda.

Sendo fundamento o diálogo, o amor também é diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação.

Encerramos esse dia produtivo com cinco minutinhos, que os(as) estudantes optaram por fazer jogos de dramatização (alegria, tristeza, bravo, irritado...) e aproveitar um pouquinho da companhia de um coleguinha - que é atendido em outro dia da semana na SRM - estando presente somente nos dias destinados à pesquisa da História da Escola Municipal Monteiro Lobato. São momentos simples, mas que desenvolvem tantas habilidades.

Acreditamos que é possível ouvir nossos estudantes, deixá-los escolher e brincar. São momentos riquíssimos de socialização, interação e afetividade, como ocorreu nesse dia (conforme a imagem 54).

Imagem 54 - Momentos especiais em sala de aula



Fonte: Arquivo da pesquisadora (setembro de 2024).

Segundo Freire (1987, p.46), “Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade.” Que saibamos e possamos sempre desenvolver essa humildade de buscar o diálogo no dia a dia e de nos permitir sempre ouvir o outro e exercer a alteridade.

Para Fonseca (2009, p. 84) sobre o ofício do professor: “É procurar agir como cidadão, sujeito da história e do conhecimento. É, enfim, criar possibilidades de mudanças e, sobretudo, acreditar nessas possibilidades e se propor a participar ativamente do processo”. E quando nos permitimos participar de todo o processo de forma horizontal, o simples se torna significativo, porque cada um tem a liberdade de participar e de contribuir coletivamente de forma espontânea e interativa. E isso torna o ensino mais leve, mais partilhado, mais democrático.

2.6.1 O fascínio pela História Viva: de mãos dadas com o passado e o presente

Era uma quinta-feira, dia 26 de setembro, o dia estava ensolarado e uma temperatura agradável. Os(as) estudantes chegaram mais cedo para aguardar a diretora Heleni, que iria compartilhar a História da EMMOL com os(as) discentes da SRM e dos quintos anos do período da manhã. Alguns estavam ansiosos, outros nervosos e preocupados, porque uma colega ainda não havia chegado, mas todos estavam com os olhos brilhantes e motivados por esse momento tão aguardado.

A sala de aula, que iria receber a diretora Heleni, já estava preparada. Optamos por uma sala de aula, pois acreditamos, que não haveria tantos estímulos externos, como seria o caso se fosse no refeitório ou na biblioteca.

Os(as) educandos(as) buscaram água para nossa convidada e deixaram em cima da mesa da professora da turma. As lembrancinhas estavam numa cesta e as rosas todas organizadas. Também colocamos um vaso com água num cantinho da mesa, para que depois pudessem receber as rosas, que seriam dadas com tanto carinho.

A diretora Heleni chegou dez minutos antes do horário, e, quando as crianças a viram, correram até ela e logo se abraçaram (conforme a imagem 55). Foi um momento de reciprocidade e afetividade, como se já se conhecessem há muito tempo. O carinho e o sentimento de pertencimento ficaram em evidência.

Imagem 55 - Chegada da diretora Heleni na EMMOL



Fonte: Arquivo da pesquisadora (setembro de 2024).

Os(as) alunos(as) dos quintos anos estavam aguardando a nossa convidada. E os(as) estudantes da SRM estavam preocupados, pois quem faria a apresentação inicial não se encontrava presente. Um imprevisto familiar não permitiu a presença da estudante, que faria a apresentação. Diante dessa situação, os(as) educandos(as) pediram para a professora fazer a apresentação em nome de todos. Assim, aquele momento de angústia e preocupação dos discentes foi resolvido.

Apresentamos o tema que seria explanado e por meio de perguntas buscamos despertar a curiosidade de todos os ouvintes, que começaram a relatar, que até o momento não sabiam o porquê dos armários embutidos, o significado do sol no uniforme, o logo da escola, as janelinhas nas portas, a escada, a posição das janelas, o espelho no *hall* de entrada e, o principal, como EMMOL tinha sido construída.

A diretora Heleni em uma linguagem acessível fez uma fala cativante, significativa, expressiva, carismática, coerente, didática e com uma riqueza de informações, que não poderíamos transmitir sem a sua presença.

Deixou em evidência o grande respeito e admiração pela escola, pela educação e quanto essa instituição é importante em sua vida. A fala sincera da diretora Heleni, o carinho ao dirigir-se a cada criança, que ouvia atentamente, contava a história da instituição, e um pouco de sua história, de uma forma envolvente, que possibilitou aos ouvintes, ficarem atentos. Segundo Alberti (2004, p. 14)

E, ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. Que interessante reconhecer que, em meio as conjunturas, em meio as estruturas, há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem, enfim! É como se pudéssemos obedecer a nosso impulso de refazer aquele filme, de reviver o passado, através da experiência de nosso interlocutor.

No final da fala da diretora Heleni, ficou em aberto para novos questionamentos e diálogos, tivemos a participação de vários(as) alunos(as) dos quintos anos, que fizeram perguntas tanto pessoal, como relacionado a história da EMMOL.

Nossos(as) estudantes da SRM também fizeram questionamentos, sendo um momento, que transpareceu o engajamento de todos e o quanto a história da instituição despertou o interesse não somente dos(as) discentes da pesquisa, mas de todos, que estavam presentes naquela sala de aula planejada e arquitetada.

Para finalizar, fizemos uma fala de agradecimento as professoras Márcia Cristina Makohin e Maria José Brito Guirro, regentes dos quintos anos, que aceitaram prontamente a nossa proposta. E à diretora Heleni que, desde o início, compartilhou conosco toda a sabedoria e conhecimento. Respondendo todas as dúvidas e questionamentos, sempre com um brilho no olhar e um sorriso nos lábios.

Logo, a professora Márcia Cristina Makohin, graduada em Letras e especializada em Educação Especial e Neuroeducação, educadora na Rede Municipal de Campo Mourão há 19 anos e 7 meses, sendo sempre professora da Escola Municipal Monteiro Lobato, pediu a palavra e se dirigiu ao lado da Heleni (mostrado na imagem 53), relatando que, antes de entrar na Rede Municipal de Ensino de Campo Mourão, era professora contratada do Ensino Fundamental séries finais como professora de inglês na rede estadual.

Posteriormente, a professora Márcia disse, que naquela época, não tinha experiência com os “menores” e teria que dar aula de psicomotricidade, suas palavras foram:

Eu ia dar aula de psicomotricidade, eu não sabia o que significa a palavra. A Heleni, como diretora, ela me ensinou, ela dava aula junto comigo. Então, se eu sou uma boa professora hoje, e acredito eu que sou uma ótima professora. Eu devo muito a Heleni, porque tudo que eu aprendi dentro da sala de aula foi com ela, porque às vezes ela puxava a nossa orelha, mas eu sabia que ela puxava, porque ela me queria muito bem. Então, quando nós professores, né Heleni, puxamos a orelha de vocês, (maneira de falar), é porque nós gostamos muito de vocês [...]

Quando a professora Márcia se refere ao “puxar a orelha”, ela fala da necessidade de ensinar com comprometimento e orientando os(as) estudantes de forma construtiva, seja alertando sobre um comportamento inadequado ou encorajando a fazer melhor, pois acredita e sabe das potencialidades na aprendizagem de cada educando.

Imagem 56 - Relatos de afetividade



Fonte: Arquivo da pesquisadora (setembro de 2024).

A diretora Heleni reafirmou a fala da professora Márcia, enfatizando o trabalho “com amor”, e disse: “Quando a gente ama alguém, a gente corrige. Quem não corrige é porque não ama. Quem não corrige é porque não se importa para a vida da outra pessoa [...]. Mas quando a pessoa corrige o outro, é porque a pessoa ama o outro e quer o melhor para ela.”

Percebemos o quanto a história da escola, é a história de pessoas comuns e cada uma tem uma história em particular e recordações, que marcaram a sua vida. Nesse instante, os(as) estudantes da SRM estavam prontos para entregar as rosas, que já estavam prontas do lado de fora da sala de aula e cada um foi entregando para a diretora (conforme a imagem 57).

Alguns a abraçavam, outros agradeceram a sua presença, outros sorriam para ela com admiração, cada educando(a) com o seu jeitinho de ser e suas particularidades, mas realizando o que foi proposto com envolvimento e seriedade.

Acreditamos, que foi um momento muito especial para todos os envolvidos, diria ainda mais, que foi emocionante e essencial para todos.

Imagem 57 - Agradecimento: entrega das rosas para a diretora Heleni



Fonte: Arquivo da pesquisadora (setembro de 2024).

As professoras regentes também receberam rosas (demonstrado na imagem 58), pois ajudaram na organização, prepararam o ambiente, para que todos(as) ficassem confortáveis e estimularam a curiosidade dos(as) alunos(as) dos quintos anos sobre a história da EMMOL.

Imagem 58 - Entrelaçando memórias: professoras e estudantes



Fonte: Arquivo da pesquisadora (setembro de 2024).

Às vezes nos preocupamos tanto em trabalhar todos os conteúdos, que são previstos, que deixamos de proporcionar momentos práticos e de aprendizagens significativas. Concluindo mais uma cena e refletindo tudo o que foi produzido até o momento, percebemos o quanto as palavras de Freire (1996, p. 45) faz sentido:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação.

Quando conseguimos proporcionar o exercício da criticidade, reconhecendo a importância da área emocional, notamos, que a aprendizagem pode ser mais significativa para todos, para o professor que rompe com o conteúdo, muitas vezes transmitido de forma mecânica, para o discente, que por meio do engajamento escolar, percebe que o aprendizado vai além apenas do conteúdo curricular.

Somos seres humanos, com inseguranças, receios, emoções e desafios, que estão presentes tanto no dia a dia do professor, quanto do aluno, mas que precisam ser superadas, precisamos de coragem para romper barreiras e da compreensão dos sentimentos, que têm um poder imensurável.

Ensinar com afetividade, saber escutar, promover diálogos, problematizar é possibilitar novos caminhos de aprendizagem. Para Freire (1987, p. 97) “O diálogo não impõe, não maneja, não doméstica, não sloganiza”.

Isso não quer dizer, que não há uma seriedade no ato de educar, que não há objetivos a alcançar, mas reconhecer, que a formação do indivíduo não é unilateral e que o diálogo é comunicação e que gera ação, colaboração e aprendizagem, possibilitando gerar novos desvelamentos.

Sendo assim, segundo Freire (1987, p. 97), “[...] ninguém desvela o mundo ao outro e, ainda quando um sujeito inicia o esforço de desvelamento aos outros, é preciso que estes se tornem sujeitos do ato de desvelar.” Nessa perspectiva, observamos, que nossos(as) estudantes estão desvelando novos caminhos e construindo novos saberes.

2.7 Cena VI: O cinema como experiência e possibilidades de aprendizagem: um encontro com a alteridade

Como professores(as), buscamos metodologias, estratégias e recursos didáticos, que possibilitem o desenvolvimento global do(a) estudante. Como proposta metodológica, sabemos, que a Sequência Didática traz resultados positivos, como observado em nossa própria prática pedagógica no decorrer da nossa trajetória profissional, mas acreditamos, que o cinema pode ter uma potencialidade imensurável na aprendizagem, que deve ser instigado, experienciado, pesquisado e vivenciado tanto pelos(as) docentes, quanto pelos(as) discentes.

A proposta do ensino de História por meio do cinema é um desafio para nós professores, não é fácil trabalhar com algo, que nos desafia, mas compreendemos que o cinema é uma arte, que segundo Bergala (2008, p. 97), “é o que resiste, o que é imprevisível, o que desorienta num primeiro momento. A arte tem que permanecer, mesmo na pedagogia, um encontro que desestabiliza o conjunto de nossos hábitos culturais”.

Ensinar por meio do cinema, é oportunizar o acesso à arte, um trabalho sensível e ativo, lúdico e sistematizado, criativo e responsável, mesmo sabendo, que nem sempre nos sentiremos confortáveis, mas com certeza desafiados.

Para Bergala (2008, p.98), “o verdadeiro acesso à arte não pode ser confortável ou passivo. Não se “arrasta” as crianças para a arte como os bois para o arado [...] eles que devem ser expostos à arte e podem ser abalados por ela”. Expor os(as) estudantes a arte e ao cinema é essencial e acreditamos, que é necessário iniciar na educação infantil, que é a primeira etapa da educação básica.

Fresquet (2020, p.40), que dialoga com Bergala, afirma que “A hipótese do cinema como arte na escola consiste em entendê-lo como alteridade”, pois permite conhecer o interior do outro, trabalha com elementos diferentes e viabiliza a experiência, colaborando para a formação do indivíduo e a relação com o mundo.

Assim, como explicita Bergala (2008, p.100), “O verdadeiro encontro com a arte é aquele que deixa marcas duradouras”. não podemos obrigar nenhum indivíduo a ser tocado pela arte cinematográfica, mas precisamos possibilitar a experiência e o prazer do ato de fazer cinema.

Criar pontes e caminhos é um ato emancipador e como afirma Fresquet (2020, p. 15) “esse contraste com a sensação do inacabado é a marca do que tenho para dizer. A incompletude é uma característica também do conhecimento, do gesto criativo, da educação,

do cinema”. Começamos a trilhar um novo caminho, novas pontes foram construídas e novos saberes adquiridos.

Nessa nova experiência do cinema na escola, concordamos com Fresquet (2020, p. 95-96),

O filme é o produto de uma busca, não a transmissão de uma verdade ou uma mensagem. É na busca que se aprende, ensinando. O permanente estado de busca de um educador significa estar sempre em uma travessia junto ao outro. É preciso vencer a inércia do saber pronto, concluído; daquele saber que só pode ser “ensinado”, mas que carece de toda novidade, mistério e participação na sua construção. A busca deve ser fascinante, já que a fruição das descobertas produz novos motivos de busca e investigação.

Nessa travessia junto com o outro e nas novas descobertas e possibilidades, acreditamos em uma nova forma de ensinar e de aprender História, que o brincar pode andar de mãos dadas com a curiosidade e com a aprendizagem, de uma forma sistematizada, com seriedade, mas com alegria e abertos às novas situações que irão surgir.

O cinema é um parceiro pedagógico capaz de promover o engajamento dos(as) estudantes de uma forma sensível e responsável. Pode desenvolver a autonomia, a iniciativa, a criatividade e a socialização, possibilitando o ato de criação, a experiencição em todo o processo. Independente que essa participação seja mais modesta ou efetiva, mas que todos(as) participam e se sintam fazendo parte do processo.

2.7.1 Minuto Lumière: uma pedagogia da criação

Podemos dizer, que em 1895 os irmãos Auguste e Louis Lumière realizaram a primeira exibição pública cinematográfica. Segundo Fresquet (2020, p. 64), “[...] em 28 de dezembro de 1895 será projetado, pela primeira vez para um público, um conjunto de 10 filmes, no Salon Indian do Grand Café, em Paris, com a devida divulgação do evento e custo do ingresso”.

Esse evento é considerado por muitos como o início do cinema, no entanto, esse fato histórico também foi resultado do esforço de vários inventores, que trabalhavam para conseguir registrar imagens em movimento.

Para Fresquet (2020. p. 65):

É justo lembrar, também, os irmãos Max, Emil e Eugen Skladanowsky. Eles já tinham inventado, na Alemanha, um dispositivo de projeção de

imagens em movimento em uma tela grande [...] em novembro de 1895, a sua qualidade estava muito aquém daquela que os irmãos Lumière conseguiram [...]. Nos perguntamos quantos outros começos anônimos e desconhecidos terá o cinema no mundo.

Reconhecemos a importância do cinema, a sua trajetória e nessa primeira sessão de cinema em Paris, conforme afirma Vega (2023), as temáticas dos filmes correspondiam ao mundo do cotidiano dos irmãos ou na praia, sendo a câmera colocada em um ponto fixo.

Segundo Alicia Vega (2023, p. 26-27), pesquisadora, cineasta e educadora chilena, que desenvolveu um trabalho pedagógico e cinematográfico com milhares de crianças, no decorrer de seus 30 anos de trajetória.

Os irmãos Lumière nasceram em Lyon, França; Louis, em 1864 e Auguste, em 1862. Seu pai era proprietário de uma fábrica de produtos fotográficos e, nela, Louis conseguiu criar uma câmera filmadora. Ambos, considerados os inventores do cinema, organizaram a primeira sessão de cinema em Paris em 28 de dezembro de 1895, onde exibiram seus seis primeiros filmes de um minuto de duração cada um.

Os irmãos Lumière foram os pioneiros na exibição de imagens em movimento, e com o surgimento do cinema, surge também os espectadores. Depois de mais de um século dessa invenção, hoje o cinema é considerado a sétima arte e, como arte, vai muito além do entretenimento, possibilitando diversas formas expressivas e inserindo outras artes como trilhas sonoras, artes cênicas, pintura, dublagem, entre outras

No contexto atual, reconhecendo o cinema como arte e compreendendo que a tecnologia faz parte da vida dos(as) nossos(as) estudantes e de tudo que nos cerca, é possível adequar o uso das tecnologias de nossa prática docente, saber como usá-la é possibilitar um engajamento educacional, que promove o desenvolvimento de várias habilidades. Nesse sentido, concordamos com Fresquet (2020, p. 96-97),

O avanço da tecnologia, as mídias sociais, a espetacularização de uma sociedade de nativos digitais desloca o lugar da escola como o cenário para construir conhecimentos e afetos, reversibilizar as funções de aprender e ensinar com o outro social (professor/estudantes), numa interação com o mundo que não está aí como matéria, mas como potência de reinvenção.

Utilizar o cinema como proposta metodológica, é admitir o potencial metodológico para uma aprendizagem significativa e de experiencição, que o cinema pode promover, é

ampliar a visão e o conhecimento do(a) educando(a), usando o próprio celular como recurso pedagógico, reconhecendo a importância do ato de filmar.

Segundo Bergala (2008, p. 171):

É precisamente para que os próprios alunos façam essa experiência que a passagem ao ato é indispensável. Há algo insubstituível nessa experiência, vivida tanto no corpo quanto no cérebro, um saber de outra ordem, que não se pode adquirir apenas pela análise dos filmes, por melhor que seja conduzida.

Sendo assim, propiciar novas experiências com o cinema, é pensar em um processo educativo de criação e de alteridade, que envolve várias linguagens. Como afirma Fresquet (2020, p.96), “A escola já não é mais o lugar onde civilizar ou disciplinar sujeitos aprendentes e é, certamente, cada vez menos, um espaço de instrução com estrita transmissão de uma geração a outra”.

Segundo Bergala (2008, p.206),

Na escola, é fundamental, que cada aluno individualmente seja confrontado ao menos uma vez à plena e total responsabilidade de um gesto de criação, com tudo o que este envolve de escola, espírito de decisão, aposta, excitação e agitação. Para isso não é absolutamente preciso que cada um faça ‘seu’ filme, o que seria evidentemente impraticável em situação de sala de aula. Independente da situação pedagógica, é preciso a qualquer preço administrar os dois tempos: o da criação individual e o da criação em grupo.

Para o início desse momento inaugural de criação e alteridade com os(as) estudantes da SRM, fizemos o “Minuto Lumière”, que segundo Fresquet (2020, p. 68), “[...] nesse exercício inicial, introduzimos as crianças no conceito de enquadramento e plano, uma noção básica de linguagem e dos primórdios da história de cinema [...]” Proporcionamos um momento individual, de escolha e de sensibilização.

O Minuto Lumière foi a realização da gravação de um minuto, que envolve: a escolha do que o(a) educando(a) filmou e o momento que foi realizado, levando em consideração cores, sons, pessoas ou outros elementos. O posicionamento da câmera do celular foi fixo e/ou a câmera apoiada em um tripé e, por último, o início da filmagem.

Com essa metodologia, ao gravar um espaço da escola, tivemos a oportunidade de rememorarmos a infância do cinema, conectando-nos com o primeiro ato cinematográfico, pois “Rodar um plano é colocar-se no coração do ato cinematográfico, descobrir que toda potência do cinema está no ato bruto de captar um minuto do mundo” (Bergala, 2008, p. 210).

Essa experiencição é única e o(a) estudante é responsável por escolher, capturar, vivenciar e assumir diante de todos(as), a sua escolha histórica, pessoal e estética.

2.7.2 Minuto Lumière Mirins: um gesto lúdico de criação e emancipação na Escola Municipal Monteiro Lobato.

Começamos o “Minuto Lumière”, por meio de uma conversa com os(as) estudantes sobre o que é cinema, perguntamos se já foram assistir um filme em uma sala de cinema, se tinham o hábito de assistir filmes com seus familiares, de quais gêneros cinematográficos apreciavam, se tinha alguns filmes, que ficaram em suas memórias e se eles conheciam um pouquinho da história de cinema e como tinha surgido.

Apresentamos para os(as) discentes um pouco sobre os irmãos Lumière tendo como referência Alícia Vega, a qual utilizamos o texto e as imagens contidas no livro “Filmes”. Assistimos o primeiro filme da humanidade “A chegada do trem na estação”, utilizando o notebook, pois cada estudante poderia ver e rever, de acordo com a sua necessidade e curiosidade (conforme a imagem 59), apesar de sabermos que o ideal seria a projeção.

Na primeira vez que assistiram, os(as) discentes ficaram à espera de ouvir uma música, ou o som do trem, não se atentaram a riqueza de detalhes e informações, que o filme transmitia, ou fazendo relações contextualizadas.

Imagem 59 - Filme “A chegada do trem na estação”



Fonte: Arquivo da pesquisadora (julho de 2024). Foto tirada pelo estudante Samuel.

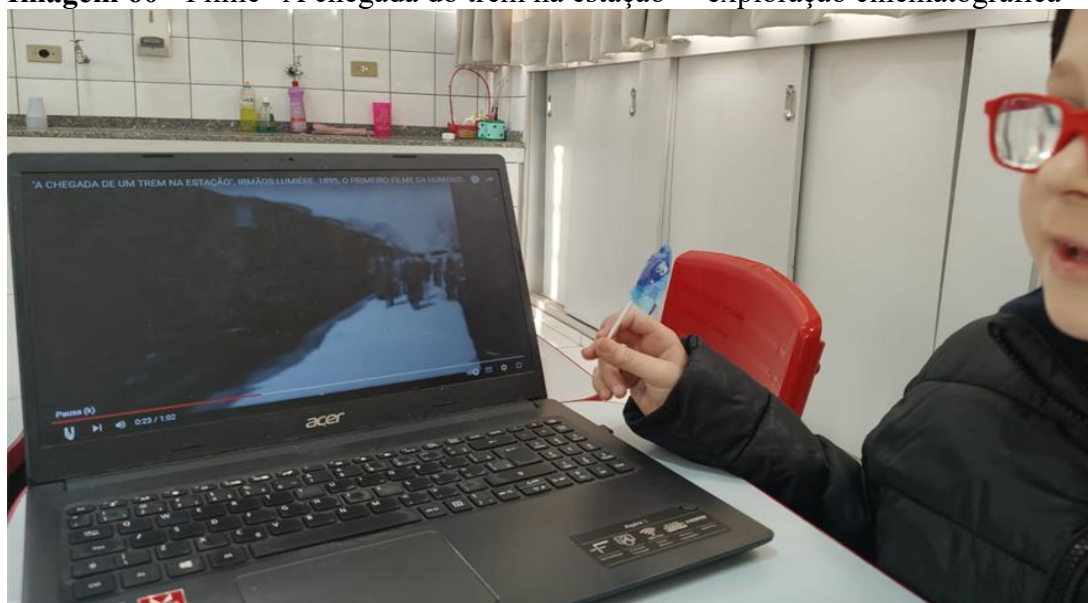
Os(as) estudantes assistiram ao filme juntos em torno de três a quatro vezes, mas adotando uma nova postura. Começamos a refletir sobre a época, que o filme foi produzido. Voltaram a olhar o livro de Alicia Vega para ver a data, que o filme foi apresentado.

Três educandos tomaram a iniciativa e fizeram juntos a operação de subtração com reserva, com a mediação da professora e envolvendo os demais discentes, para saber quantos anos já tinham se passado desde a primeira exibição do filme e relataram, que não conheciam ninguém, que tinha vivido a idade de 129 anos, fazendo relações com a sua idade, de seus pais, avós e chegando à conclusão, que nossa Escola Monteiro Lobato era muito nova.

Nesse instante de conversação e leitura da imagem projetada de apenas um minuto, novos questionamentos e comparações foram surgindo, um dos estudantes percebeu que a filmagem era em “preto e branco”, outros(as) observaram o estilo das vestimentas, em particular o uso de chapéus e boinas tanto em homens como mulheres e comentaram, que diferente de “Campo Mourão, lá deveria ser muito frio”. Os sessenta segundos do filme trouxeram sessenta minutos de uma conversa produtiva e significativa envolvendo os(as) discentes.

Todos os(as) educandos(as) após assistir “A chegada do trem na estação” no coletivo, também assistiram individualmente, fizeram pausas e novos comentários, que foram gerando novas abordagens históricas e relacionando com os dias atuais. Um dos nossos estudantes ficou impressionado com a velocidade do trem e disse: “parece que vai sair do computador” (mostrado na imagem 60) e assistindo novamente a mesma cena.

Imagem 60 - Filme “A chegada do trem na estação” - exploração cinematográfica



Fonte: Arquivo da pesquisadora (julho de 2024).

Fresquet (2020, p. 66) relata: “A lenda conta que, ao se projetar *A chegada do Trem*, muitas pessoas saíram correndo espantadas da sala. Não temos como comprovar o fato [...]”. Mas entendemos, que mesmo depois de um século, o mesmo filme continua impressionando olhares.

Após esse momento de possibilidades de novas aprendizagens históricas e explicado o que é o Minuto Lumière, iniciamos as gravações. Cada estudante escolheu em qual espaço (interno e externo) poderia gravar, verificar a gravação, e, se fosse de sua escolha, regravar.

As gravações de apenas um minuto transbordam o momento com novas aprendizagens e interações. Esses instantes foram marcados pela ludicidade, como afirma Fresquet (2020, p.99) “aprender a fazer cinema conjuga o verbo brincar”, ao mesmo tempo que, realizamos um trabalho pedagógico sistematizado e com o comprometimento dos(as) discentes, que abraçaram esse gesto criador. Para Fresquet (2020, p.88):

O Minuto Lumière esconde um gesto democrático na prática. Ele permite ao autor, que vira criança ou primeiro cineasta, cada vez, poder filmar algo do que acontece no mundo, com uma margem de liberdade que se escorre entre as regras de deixar a câmera parada e filmar sessenta segundos.

Nesse gesto democrático, foram gravados oito Minutos Lumières, sendo escolhidos os seguintes ambientes: Sala de Recursos Multifuncional, cozinha da Escola Municipal Monteiro Lobato, escadaria que dá acesso ao térreo, área externa da escola, quadra e entrada principal da escola e pátio interno da instituição.

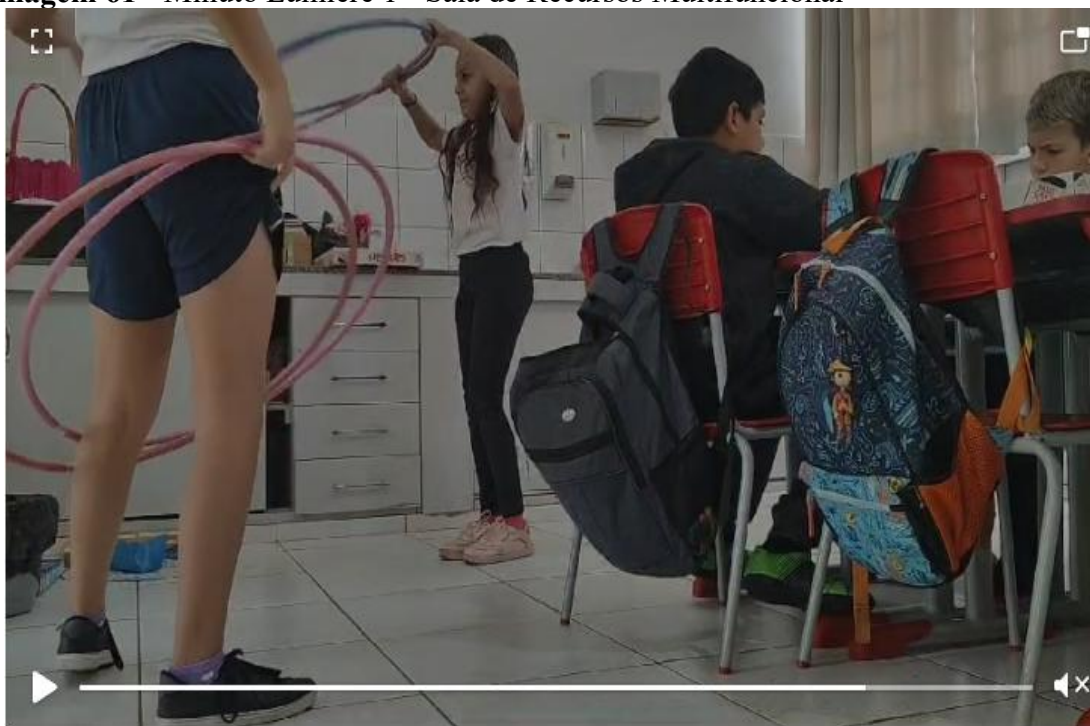
A seguir, apresentamos um pouco de cada um desses gestos lúdicos e únicos de nossos(as) estudantes.

O primeiro Minuto Lumière foi gravado por uma estudante, que escolheu a SRM, foi a primeira a se manifestar, que queria fazer a primeira gravação. Relatou, que gosta de vir para o atendimento e estar nas companhias dos colegas.

Segundo a discente, é um lugar especial e gostaria de filmar mostrando, que fazemos várias atividades divertidas na sala e que a maioria delas é realizada nesse espaço. Foram três tentativas para realizar a gravação.

Na primeira, o celular se moveu algumas vezes, na segunda, apoiou o aparelho no chão, mas não apreciou o ângulo e, a terceira, colocando-o em uma cadeira e conseguindo o ângulo, que queria, dizendo “é assim prof que eu quero” (demonstrada na imagem 61).

Imagem 61 - Minuto Lumière 1 - Sala de Recursos Multifuncional



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

A segunda gravação foi realizada também por uma educanda, que ficou indecisa onde gravar, primeiro escolheu a sala dos professores, mas, ao chegar no local, havia apenas um professor e mudou de ideia. Quando passou em frente à cozinha, que também tem uma “janelinha” olhou e disse: “quero gravar com as tias”.

Quando questionada o porquê de sua escolha, deixou em evidência o carinho e a dedicação das “tias”, disse, que sempre é tratada com muito carinho e o lanche delas é uma delícia.

A discente também escolheu esse local, pois apreciava cozinhar e relatou, que algumas vezes faz o jantar com o seu pai, falando que é muito divertido, pois conversam e ouvem música.

Nesse momento, as funcionárias autorizaram a estudante a abrir a porta da cozinha e a gravar da porta. Ficaram preocupadas, pois não estavam preparadas, mas a própria educanda explicou, que era um trabalho da SRM.

As funcionárias agradeceram e explicaram, que ainda não estavam de luvas e máscaras, porque não estavam manipulando alimentos. Elas ainda iriam mexer com os alimentos, porém a “tia” que estava descascando as batatas, já estava fazendo uso. Ficaram tímidas, mas felizes por se sentirem “escolhidas”. A estudante realizou apenas uma gravação e disse, que ficou feliz com o resultado (conforme a imagem 62).

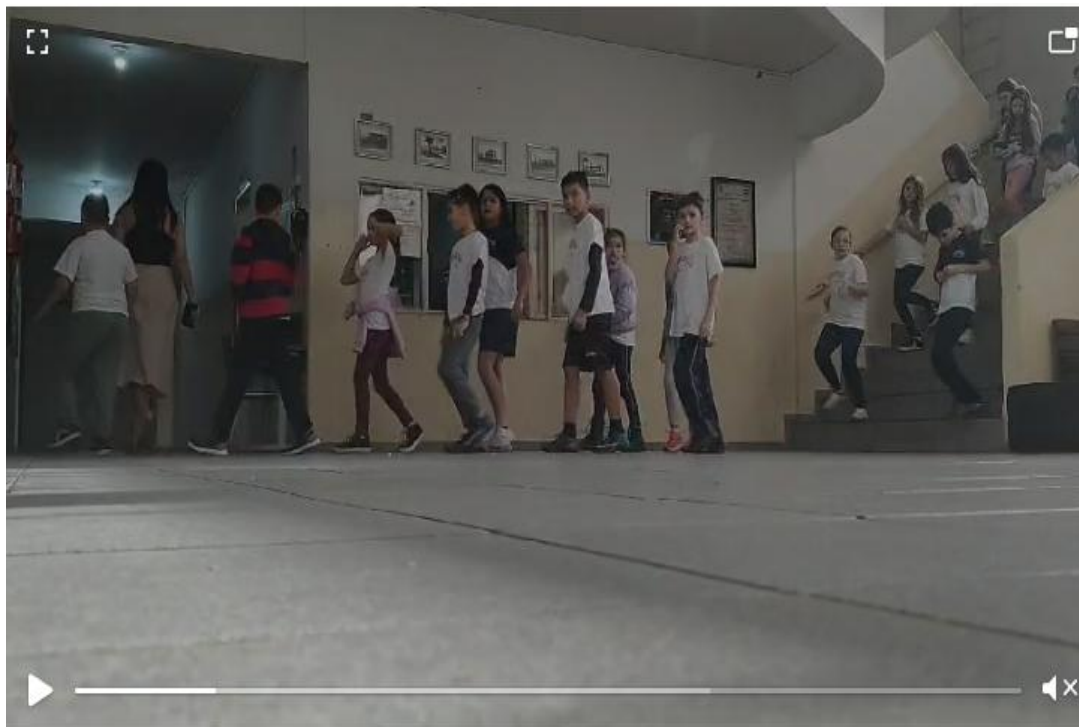
Imagem 62 - Minuto Lumière 2 - Cozinha da Escola Municipal Monteiro Lobato



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

Uma das gravações teve como cenário a escadaria da escola, que dava acesso ao térreo e ao refeitório. O educando relatou, que escolheu esse local, porque queria ver os alunos descendo para irem lanche. O intervalo era o momento, que ele mais gostava, afirmando que a gravação iria ficar “show de bola”. Foram necessárias duas gravações, apoiando o celular no chão e deitado. Nelas, o discente testou vários ângulos, várias posições até encontrar o desejado (de acordo com a imagem 63).

Imagem 63 - Minuto Lumière 3 - Escadaria da Escola Municipal Monteiro Lobato que dá acesso ao térreo



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

Uma das estudantes evidenciou o desejo de gravar na área externa da escola, escolheu filmar na calçada de uma esquina, onde fosse possível visualizar o prédio da escola e ao mesmo tempo o parquinho.

Foram necessárias três gravações para ficar da forma, que a discente queria. Na primeira, realizou a filmagem em pé, na segunda, com os joelhos e o celular apoiados no chão, porém, por não ser uma posição confortável, o aparelho não ficou imóvel. Na terceira, a estudante ficou deitada, segurando o equipamento, sendo a própria calçada o suporte.

Para a educanda, o parquinho “é tudo de bom”. Enquanto ela fazia a gravação, seus colegas brincavam próximos das árvores na calçada, ao terminar, relatou que foi muito legal, porque apareceu o parquinho, a sala de recurso, as árvores e os seus colegas (de acordo com a imagem 64).

Imagem 64 - Minuto Lumière 4- Área externa da escola

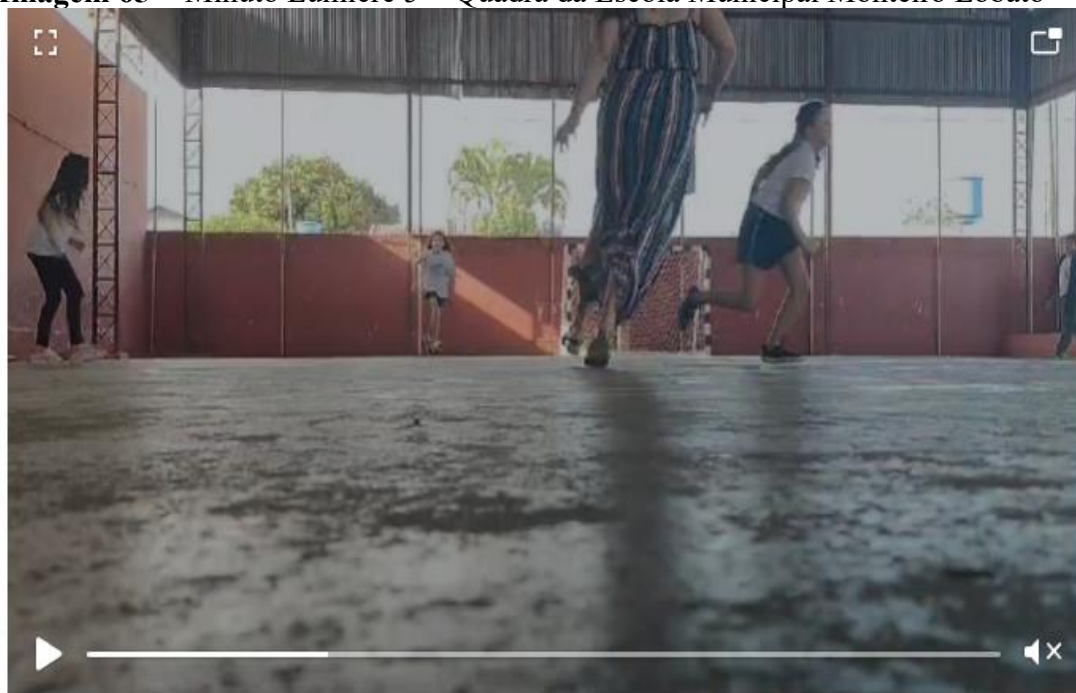


Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

Outra gravação, realizada por um estudante, foi a quadra de esportes. O discente relatou, que queria filmar em seu local preferido da escola, que era a quadra, comentando, que gostava muito das aulas de Educação Física e das atividades, que podiam correr.

Nesse momento, os(as) educandos(as) começaram a brincar de pega-pega e convidaram a mim, sendo sua professora, que não poderia recusar um pedido tão especial (conforme a imagem 65). Ao final da gravação, olhou para os colegas e disse, que também queria brincar um pouquinho. Logo, continuamos a brincadeira, mas agora sem câmeras, mas com a mesma alegria e autenticidade de antes.

Imagem 65 - Minuto Lumière 5 - Quadra da Escola Municipal Monteiro Lobato



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

A escolha do local de outro estudante foi a entrada principal da escola (de acordo com a imagem 66). Não soube explicar o porquê, mas não mostrou algum instante de dúvida. Com poucas e sinceras palavras disse, que gosta dessa entrada e acha essa parte da escola muito bonita. O discente gravou duas vezes, mas, antes de iniciar a filmagem, observou vários ângulos e utilizou a lixeira da rua como suporte para o celular.

Imagem 66 - Minuto Lumière 6 - Entrada principal da Escola Municipal Monteiro Lobato



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

O sétimo Minuto Lumière foi gravado no pátio interno da instituição. O educando demorou um pouco para decidir, onde queria filmar, pediu sugestão aos colegas e fomos dar uma volta pela escola.

Passou pela biblioteca, olhou o ângulo pelo celular, mas ainda não era o que desejava, tentou um novo ângulo, agora no corredor, que iria aparecer um painel sobre o escritor Monteiro Lobato, mas não apreciou, pois relatou “não aparece ninguém”. Pediu para irmos até o pátio da escola, olhou para a quadra, estava vazia, também desistiu.

Quando saía da quadra escutou movimento de outros estudantes, era o horário do primeiro intervalo, então decidiu gravar no pátio, onde iria aparecer os discentes, saindo do refeitório (mostrado na imagem 67).

Utilizou uma mesa de *ping-pong* como suporte para filmar, pediu para mim, a professora, ajudar no ângulo, que queria. Segurou bem forte o celular, quando encontrou o ângulo desejado. Não quis gravar novamente. Repetiu algumas vezes “que legal, que legal” e voltou falando, que filmou como “os irmãos”, se referindo aos irmãos Lumière.

Imagem 67 - Minuto Lumière 7 - Pátio interno da Escola Municipal Monteiro Lobato



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

Quanto ao oitavo e último Minuto Lumière, o estudante percorreu alguns lugares externos da escola, caminhou entre as árvores, foi até o parquinho e, quando estava se aproximando no pátio interno, ouviu o barulho vindo da quadra de esportes, que lhe chamou a atenção e foi caminhando até esse ambiente.

Ao chegar no lugar, reparou que as crianças estavam brincando com a bola e a professora da turma iria iniciar a aula de Educação Física.

O educando decidiu fazer a gravação e, imediatamente, solicitou minha mediação, como professora, para ajudar posicionar o celular de forma, que o mesmo ficasse firme. Deitando no chão e pedindo, que eu ficasse junto a ele, dizendo “estou com medo”. Uma fala, que transmite insegurança e medo do errar, mas superada pelo próprio estudante (conforme a imagem 68).

Após realizar a gravação, olhou para mim e fez a seguinte pergunta retórica: “fiz certinho, professora?!”. Disse que não precisava filmar de novo e saiu brincando, correndo e, literalmente, dando “pulinhos” em direção às crianças, que jogavam bola.

A professora gentilmente permitiu, que o estudante brincasse com os alunos da outra turma, que demonstrou alegria e satisfação. Ao chegar na Sala de Recursos, relatou aos seus colegas, que tinha feito igual aos “irmãos do trem”.

Ao finalizarmos o Minuto Lumière, me senti honrosa por nossos(as) discentes, meus olhos brilhavam ao olhar para cada educando(a), que estava superando barreiras, que tomou iniciativa e demonstrou autonomia, que foi capaz de escolher, de querer melhorar ou de estar satisfeito com a sua produção.

Imagem 68 - Minuto Lumière 8 – Aula de Educação Física



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

Cada minuto gravado foi uma verdadeira descoberta. Não houve receios; os estudantes mais tímidos não fugiram da câmera, e as inseguranças foram superadas. Não ficou nenhuma dúvida sobre o desejo de participar. Eles acompanharam os colegas nessa jornada, interagindo, participando, respeitando e sorrindo. Assistiram às gravações, compreenderam o que é o Minuto Lumière, e os sorrisos estavam sempre presentes ao longo do processo.

Quando terminamos as gravações, uma estudante pediu para fazer um desenho no caderno sobre o Minuto Lumière. Outros(as) discentes também relataram, que queriam fazer,

e, outro imediatamente começou a expressar, que não queria fazer, porque não desenhava bem e disse “vocês só sabem inventar”.

Nesse instante, lembranças vieram à tona, pois essa atividade não estava prevista, assim como tantas outras ações. Foi sugerido aos(as) estudantes, elaborar o desenho em uma folha de sulfite, e o educando, que não queria fazer o desenho, quando viu os colegas realizando, pegou uma folha de sulfite, que estava disponível para todos(as) e começou a desenhar.

Os desenhos representaram as seguintes cenas:

Imagem 69 - Minuto Lumière: desenho do estudante Leonardo



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

O estudante Leonardo iniciou duas gravuras e parou, pois relatou, que não estava gostando do resultado. Nessa versão final, desenhou o filme “A chegada do trem na estação”, mas acrescentou a árvore Pau Brasil da EMMOL, buscando evidenciar os chapéus, que eram usados na época dos irmãos Lumière (de acordo com a imagem 69 acima).

Imagem 70 - Minuto Lumière: desenho da estudante Luiza



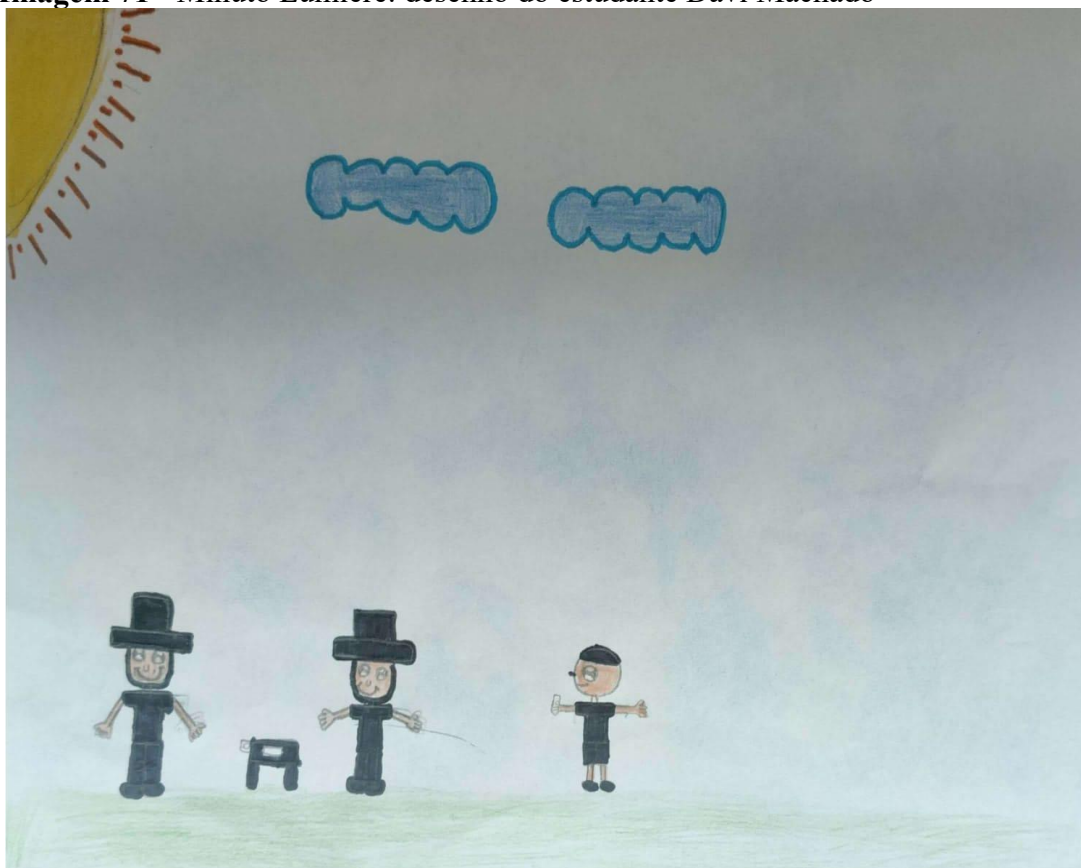
Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

A discente Luiza retratou “as tias da cozinha”, conforme a gravação realizada em seu minuto Lumière. A ilustração teve como referência, além do Minuto Lumière, o personagem “Paper Duck”⁸ e o programa de televisão Sugar Rush⁹, que é muito apreciado pela educanda (de acordo com a imagem 70).

⁸ Paper Duck - Trata-se de um personagem criado a partir de um vídeo no TikTok, onde patinhos de papel eram coloridos e personalizados, inspirados em um boneco de pelúcia da marca Lalafanfan. Disponível em: <https://newspulpaper.com/paper-duck-voce-conhece-o-novo-fenomeno-da-internet/>. Acesso dia 25 de agosto de 2024

⁹ Sugar Rush - é reality show americano de panificação, lançado na Netflix. Nessa competição, o tempo é o principal ingrediente. Ganha a equipe mais rápida no preparo dos melhores doces. Disponível em <https://www.netflix.com/br/title/80201328>. Acesso em 25 de agosto de 2025.

Imagem 71 - Minuto Lumière: desenho do estudante Davi Machado



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

O estudante Davi desenhou os irmãos Lumière, se atentou aos detalhes, colorindo apenas nas cores preto e branco os irmãos, pois, conforme a sua fala, as filmagens naquela época não eram coloridas.

Também evidenciou as vestimentas, mas ilustrou as roupas de manga curta, visto que moramos em lugar quente. Nesse gesto criativo, não esqueceu de desenhar os chapéus, que faziam parte da rotina das pessoas naquela época (mostrado na imagem 71). A escolha do desenho foi motivada, pelo que Davi viu no livro de Alicia Vega. Nele há desenhos realizados pelas crianças chilenas, os quais foram colocados no livro.

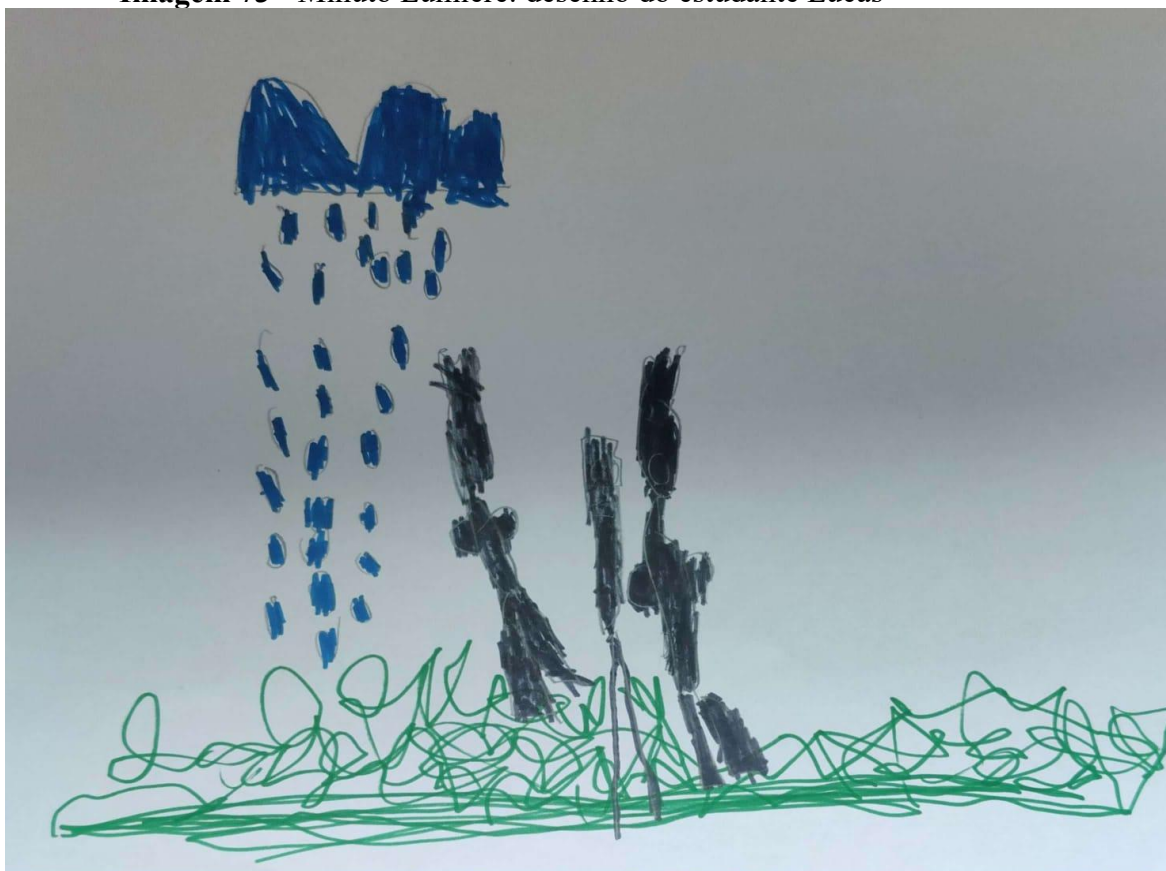
Imagem 72 - Minuto Lumière: desenho do estudante Samuel



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

O estudante Samuel representou em sua ilustração a área externa da Escola Municipal Monteiro Lobato, evidenciando a mesa de ping-pong, que foi onde o discente gravou o Minuto Lumière. Por isso, desenhou ele próprio segurando o celular, a quadra, pois relatou, que foi muito legal, quando seu amigo gravou nesse espaço e todos brincaram de pega-pega e as crianças se divertindo na hora do intervalo (conforme a imagem 72).

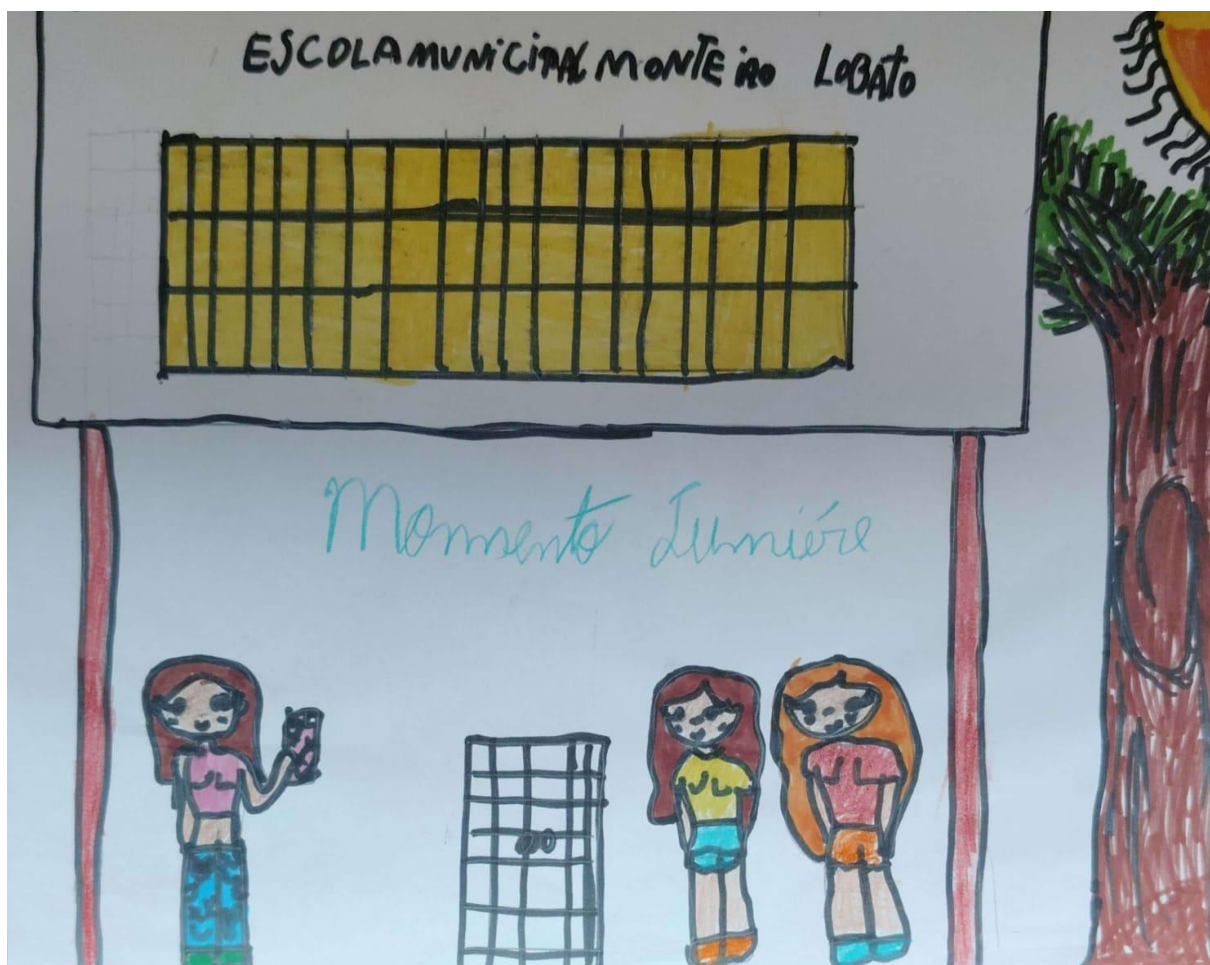
Imagem 73 - Minuto Lumière: desenho do estudante Lucas



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

O estudante Lucas também desenhou os irmãos Lumière, se atentou as cores pretas e brancas, tendo como referência o filme “A chegada do trem na estação”. Ilustrou os irmãos Lumière em um dia de chuva e, segundo ele, “os irmãos estavam felizes com a chuva, estavam brincando na chuva” (de acordo com a imagem 73).

Imagem 74 - Minuto Lumière: desenho do estudante Ana Lara

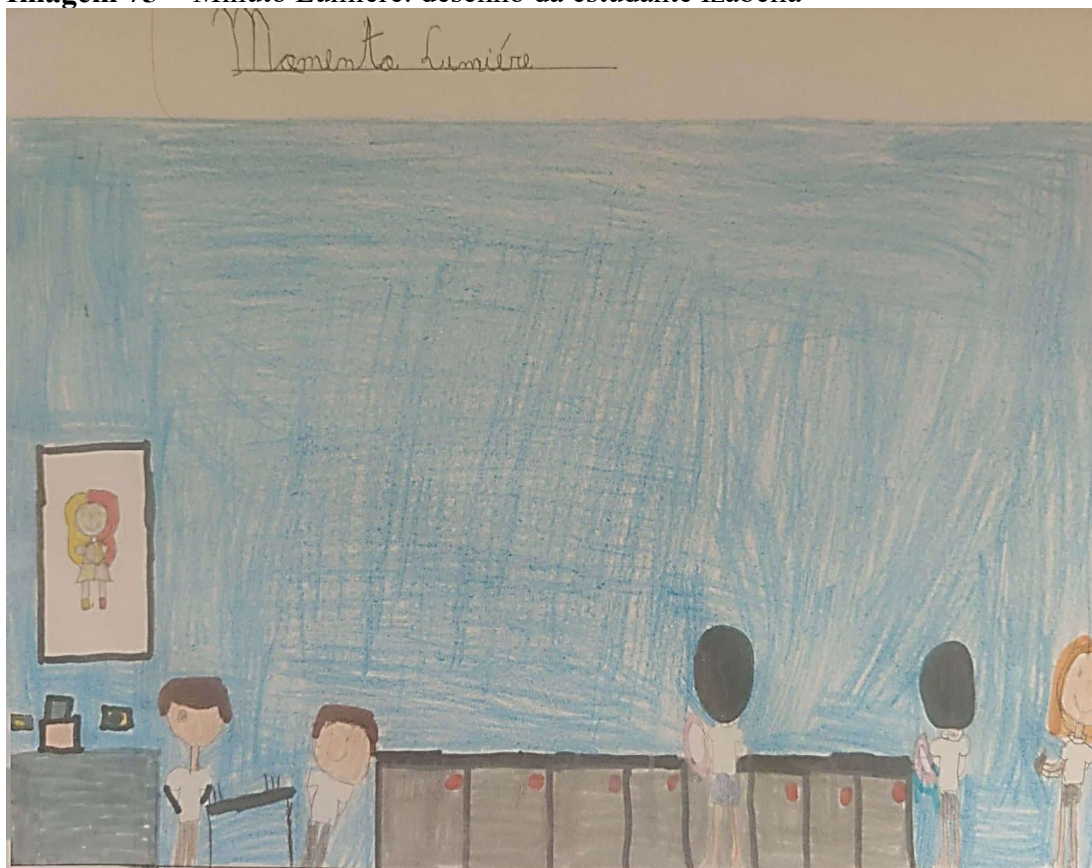


Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

A discente Ana Lara retratou em seu desenho todas as gravações, que foram realizadas na Escola Municipal Monteiro Lobato. Ilustrou ela gravando o Minuto Lumière com o celular e suas duas colegas (Izabella e Luiza), que a apoiava.

Também desenhou uma câmera no centro da folha, que representava o equipamento dos irmãos Lumière, fazendo uma comparação com os colegas de como a tecnologia havia avançando e trazendo memórias, que seus pais relatam, como, por exemplo, que não existiam celular, quando eram crianças e as televisões preto e branco (de acordo com a imagem 74).

Imagem 75 - Minuto Lumière: desenho da estudante Izabella



Fonte: Arquivo da pesquisadora (agosto de 2024).

A discente Izabella retratou em seu desenho, a sua gravação do Minuto Lumière realizado na Sala de Recursos Multifuncional. Ilustrou o celular e a imagem na tela dela própria, como protagonista desse momento, referenciando os cabelos ruivos, todavia registrado metade na cor loiro e a outra metade vermelho. Izabella desenhou os colegas jogando “Cara a Cara”¹⁰, as meninas brincando com o bambolê, passando-o de um braço para o outro e também reproduziu os armários embutidos (demonstrado na imagem 75).

Consideramos a atitude de desenhar como um ato de expressão representada pela linguagem artística. Assim, o que cada estudante iria ilustrar, foi de livre escolha. Justamente, porque a iniciativa partiu de alguns colegas, os demais adotaram e realizaram a atividade.

¹⁰ Jogo “Cara a Cara” da marca Estrela, é um jogo de tabuleiro com perguntas enigmáticas e respostas inteligentes. O jogo vem com cartas, distribuídas para cada adversário. Sendo assim, cada um dos jogadores irá fazer perguntas para descobrir quem é o personagem secreto do seu oponente. O jogo **Cara a Cara** é inteligente e rico em detalhes. As cartas são baixadas dependendo das respostas corretas. Para ganhar, as perguntas precisam ser corretas.

Cada um escolheu livremente o que desenhar. Assim, o gesto criativo do Minuto Luimière se prolongou da gravação para o papel. A cena ainda presente, escolhida, mirada na câmera, permaneceu e se prolongou no traço rico e único de cada uma das crianças. O desejo dessa continuidade da criação veio delas e se materializou belamente em cada um desses desenhos.

Segundo Bergala (2008), “[...] o objetivo primeiro da realização não é o filme realizado como objeto-filme, como “produto”, mas a experiência insubstituível de um ato, mesmo modesto, de criação.” Um ato que por meio da experiencição deixa em evidência as potencialidades educativas do cinema.

Um desafio, que, como professora, desestabiliza-me e surpreende-me positivamente, pois, assim como para meus estudantes, também é algo novo para mim. Associar essa experiencição da gravação do Minuto Lumière aos desenhos foi enriquecedor. Assim finalizamos mais uma cena.

2.8 Cena VII: O lugar da História Oral: a memória viva como possibilidade de Ensino de História.

Estamos chegando quase ao final da nossa pesquisa. Esse momento foi dedicado para apresentar o processo de produção das gravações das cenas, a escolha de fotos e vídeos para comporem a produção audiovisual.

Essa produção, fruto da presente pesquisa, é resultante de uma jornada que começou a ser planejada em 2023, no ProfHistória, e com os(as) estudantes da Sala de Recursos Multifuncional em maio do ano (2024), finalizando em fevereiro de 2025 com a devolutiva da pesquisa aos discentes, familiares e as pessoas envolvidas. Um processo repleto de expectativas e desafios.

Poucos minutos condensam um rico processo de criação e resultam no “produto”, objeto-filme. Os minutos da produção audiovisual em si, com certeza, não conseguirão expressar todo o caminho percorrido com seriedade, comprometimento, diálogo, respeito e afetividade.

Todavia, ao se materializar em filme, enquanto um suporte de memória, acreditamos, que poderá deixar marcas na memória não somente de todos os envolvidos em sua produção, mas dos que vierem a acessar e ver o filme, fazendo perguntas ao passado: o que foi? Como foi? Com quem? Assim, percebemos a beleza, a importância e o potencial educativo, cultural e histórico dos filmes, percorrendo espaços, tempos e fronteiras.

Confesso que, essa cena é a que mais me desafiou, tentei não demonstrar para meus(minhas) educandos(as) a minha insegurança e o pouco conhecimento, que tenho sobre o assunto, mesmo buscando leituras e orientações.

Segundo Fresquet (2020, p. 47), em constante diálogo com Bergala (2006),

[...] alguns professores podem sentir-se desestabilizados. Como desconcertar sem desestabilizar? Como desordenar sem destruir? Como alterar sem colocar em risco o que já existe? Como introduzir exceções no paraíso das regras, do previsto e estabelecido? Parece não ser possível, propriamente, ensinar artes, mas é possível arriscar fazê-las.

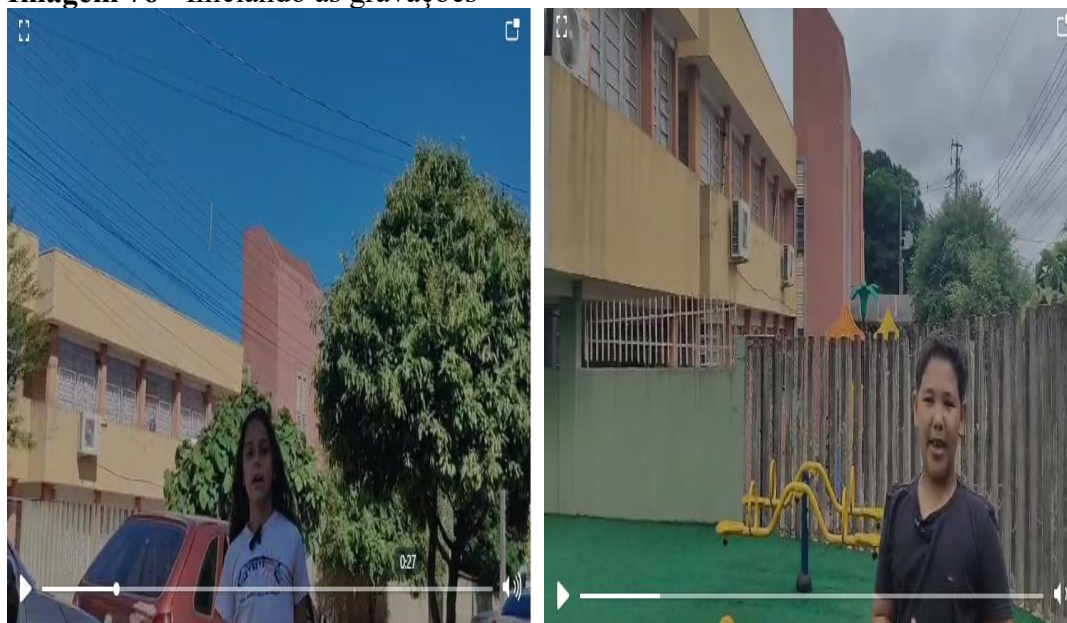
E era exatamente assim, que eu estava me sentindo, com receio de não conseguir realizar uma boa mediação. Ainda não havia um roteiro, apenas ideias, que foram se concretizando com os(as) estudantes e com eles aprendendo, superando receios e buscando fazer o melhor. Não o melhor para os outros, mas o nosso melhor. E, no meu caso, superando meus receios, realizando o cinema, mas sem esquecer o brincar, pois é possível aprender, sorrir e brincar, sempre há um espaço para cada momento.

Começamos no mês de outubro de 2024 a pensar coletivamente sobre a produção do vídeo documentário. Antes de iniciar a pesquisa, a proposta era que os(as) discentes fizessem entrevistas aos convidados, no entanto, os(as) educandos(as) foram os protagonistas, e, nada melhor, que cada um contribuir para a elaboração e participação nas gravações.

Conversando com os(as) estudantes, decidimos que o nosso documentário deveria ter uma apresentação inicial sobre o tema, um pouco sobre a história da escola e a participação dos(as) discentes, que poderiam relatar a sua experiência com a história da EMMOL ou fatos que lhe marcaram, durante a construção do projeto e que gostaria de evidenciar.

Os(as) discentes optaram inicialmente por fazer gravações individuais, iniciaram apresentando a História da Escola (conforme a imagem 76).

Imagem 76 - Iniciando as gravações



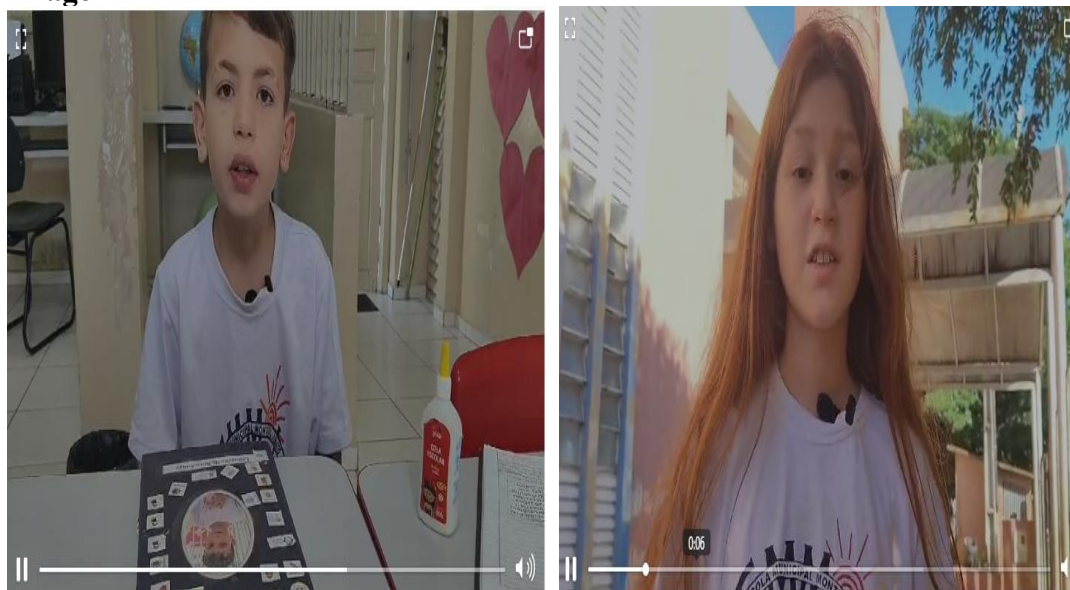
Fonte: Arquivo da pesquisadora (novembro de 2024).

Os(as) estudantes demonstraram o desejo de escrever, o que iriam falar. Elaboramos uma fala coletivamente por meio da nossa mediação. Logo, os(as) discentes relataram que se sentiram mais preparados.

Nesse momento da pesquisa, os(as) educandos(as), em modo geral, pediram para não fazer gravações espontâneas, queriam se preparar, treinar o que iriam dialogar, pois estavam com vergonha e medo de errar.

Aos poucos foram percebendo, que já conheciam a história da escola, por isso, não era necessário memorizar algo, mas explanar sobre o tema. Um de nossos estudantes, que não apreciava tirar foto, conseguiu e se dispôs a gravar um pequeno comentário, que para nós, que acompanhamos a sua trajetória, é algo grandioso e vitorioso (conforme a imagem 77).

Imagem 77 - Construindo o vídeo documentário



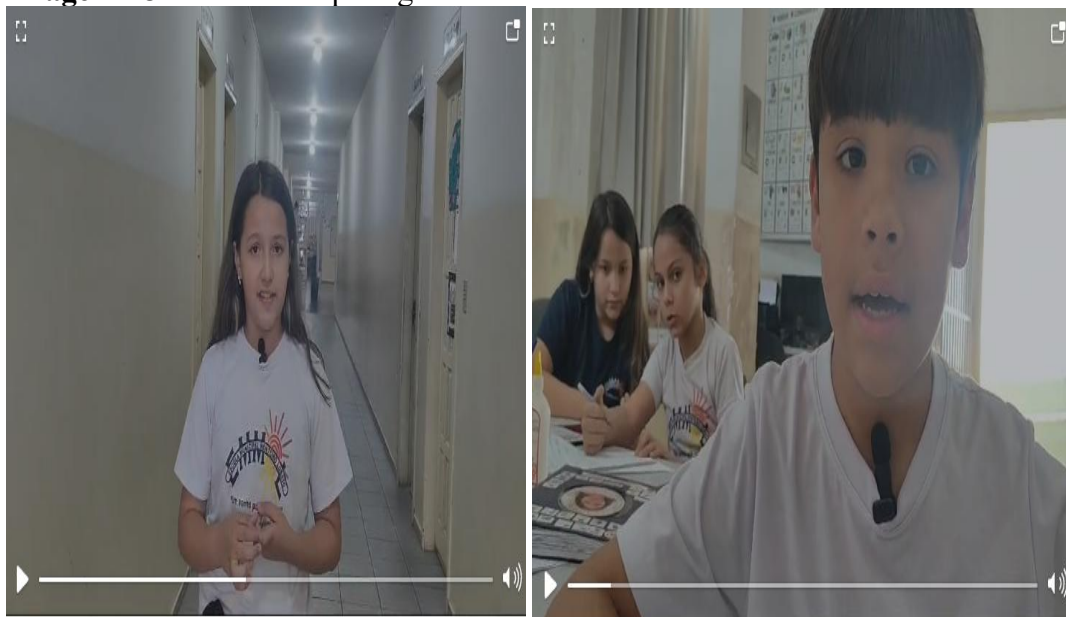
Fonte: Arquivo da pesquisadora (novembro de 2024).

Aos poucos as gravações foram se tornando sequenciadas. As explicações, que os(as) estudantes pediram para se preparar e memorizar, foram modificadas por eles(as) mesmos e transmitidas de um forma mais leve, porém, com comprometimento e maturidade.

Uma das educandas escolheu falar sobre a sua trajetória, de sua transferência de outra instituição escolar para a EMMOL, de sua alegria, quando aprendeu a ler e a escrever e de seu amor por essa instituição (mostrada na imagem 77).

Um estudante relatou que “a gente tem que acreditar no sonho, eu quero ser astronauta” e aos poucos a espontaneidade foi tomando forma.

Imagem 78 - Estudantes protagonistas



Fonte: Arquivo da pesquisadora (novembro de 2024).

Todos(as) os(as) discentes foram incentivados(as) e estimulados(as) a participar do vídeo durante nossos encontros (demonstrados nas imagens 78 e 79), sempre respeitando a decisão de cada um(a). Juntos, rememoramos nossa Sequência Didática e deixamos momentos de liberdade, para que os(as) estudantes pudessem fazer suas próprias gravações, explorando o celular e a companhia dos(as) colegas.

Ao longo do processo, coletamos diversos vídeos, fotos e momentos especiais. Nem todos esses materiais foram utilizados no documentário, mas todos fizeram parte dessa jornada, contribuindo para a riqueza do projeto.

Imagem 79 - Gravando, remembering and learning

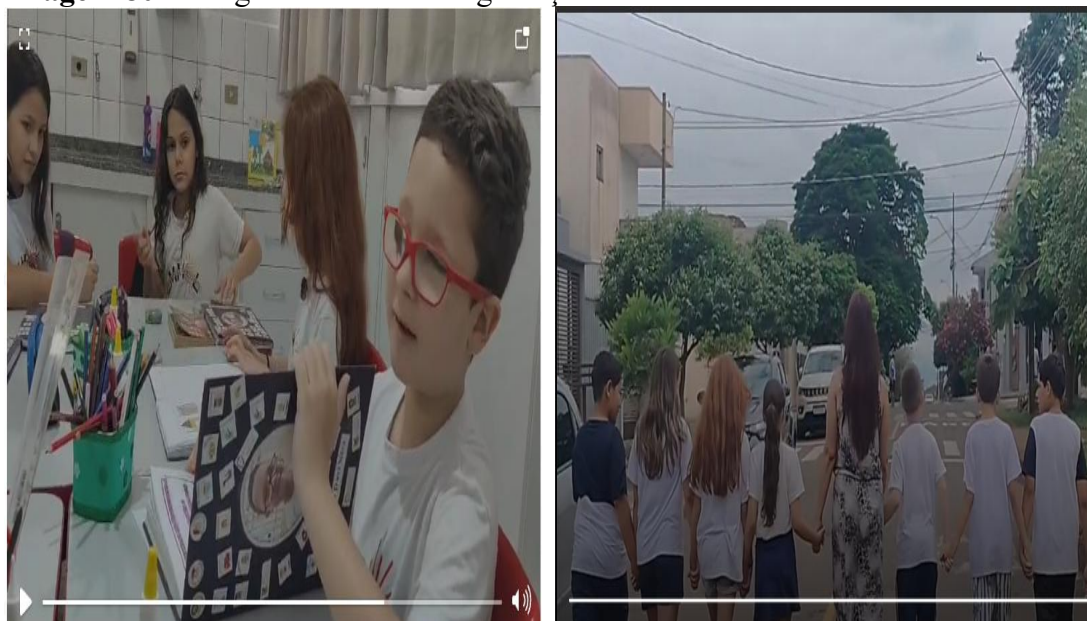


Fonte: Arquivo da pesquisadora (novembro de 2024)

Um dos nossos estudantes comentou sobre a árvore Pau-Brasil e o Momento Lumière, dizendo “vimos o filme dos irmãos e a estação, que era muito bonita”. E, assim, fomos percorrendo um novo caminho, que já tinha sido percorrido, por meio de nossas memórias, pelas aprendizagens adquiridas e o diálogo repleto de significados importantes, pois evidencia aprendizagens, escolhas, assimilações e conhecimento.

Nesse caminhar desafiante, de abertura ao diálogo com as crianças, encontramos ainda mais sentido nos ensinamentos de Paulo Freire (1987, p. 44) ao afirmar que: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Nesse trabalho dialógico, reflexivo e transformador, vamos nos fazendo homens, mulheres, sujeitos de nossa história e da História.

Imagem 80 - Chegando ao final das gravações



Fonte: Acervo da pesquisadora (novembro de 2024).

E, assim, aceitando ideias, ouvindo, dialogando, vamos aprendendo e ensinando. Por meio do ato de escutar, conseguimos fazer uma reflexão sobre as ações realizadas e os objetivos propostos, gerando reflexões sobre as nossas ações e escolhas (de acordo com a imagem 80).

Acreditamos que a aprendizagem acontece de forma mais prazerosa e significativa quando há o “nós”. Para Freire (1987, p.45) [...] “o diálogo é uma exigência existencial”, que multiplica ideias, gera conhecimento, humaniza, solidariza, e, ao mesmo tempo, constrói novas perspectivas, promove a liberdade. Assim, enquanto se ensina, se aprende, porque o aprendizado coletivo ultrapassa a imposição ou somente a transmissão de uma geração para a outra.

2.9 Cena VIII - Avaliação por aprendizes e aprendentes: do (in)visível ao visível

Chegamos à última cena, que parecia tão distante, e, agora, já estamos no mês novembro de 2024, encerrando a Sequência Didática. Nessa cena, os(as) estudantes da SRM fizeram a avaliação sobre o trabalho realizado por meio da SD. Cada educando(a) teve a liberdade de se expressar por meio de desenhos e o registro escrito. Podendo escolher o que queria registrar, seu vínculo pessoal com a instituição e a História da EMMOL.

Um aprendizado, que foi transmitido de forma simples, expressando uma pequena parte de um todo. Acreditamos, que não poderá se tornar visível todo o trabalho de criação, apenas por meio de uma avaliação, pois a aprendizagem se manifesta de várias formas e

durante todo o processo. Todavia, a avaliação faz parte do processo de ensino e aprendizagem e, neste sentido, ela segue o contínuo do processo de criação e liberdade, o qual objetivamos durante nossos encontros. A avaliação, assim, permite delinear elementos para acolher as experiências vividas pelas crianças juntamente com a professora. Como espelho, poderemos voltar nossos olhares para essa experiência e redirecionar novos caminhos. Em vez da exclusão a inclusão.

Segundo Luckesi (2005, p. 33):

Na avaliação nós não precisamos julgar, necessitamos isto sim, de diagnosticar, tendo em vista encontrar soluções mais adequadas e mais satisfatórias para os impasses e dificuldades. Para isso, não é necessário nem ameaça, nem castigo, mas sim acolhimento e confrontação amorosa.

O caminho percorrido foi marcado por acolhimento, diálogo e afetividade. Acreditamos que não podemos realmente avaliar, se excluimos os(as) estudantes por meio de uma atitude autoritária ou uma mera transmissão de conteúdo. Avaliar não é julgar, é acolher. É compreender todo o processo para decidir, qual o próximo passo deverá ser dado.

E, com acolhimento, comprometimento e diálogo, também foi o momento de realizar a edição do vídeo documentário, dando continuidade à cena anterior. Estamos vivenciando o que chamamos de momento de avaliação.

Segundo Fonseca (2009, p. 215), “a avaliação é parte integrante desse processo. Não está localizada no fim, tampouco no início, mas no decorrer do processo”. Ao refletir sobre o processo de avaliação, aferimos a aprendizagem durante toda a jornada, não de forma isolada, mas integrada e contínua, observando as ações de cada estudante, as rodas de conversa, a participação, a interação, os questionamentos, os comportamentos e o engajamento escolar.

Avaliar a aprendizagem, é analisar o ensino e as metodologias, as adequações e as estratégias utilizadas. É não buscar a igualdade do saber, exigindo que todos aprendam da mesma forma e as mesmas coisas, mas pelo contrário, reconhecer que todos nós estamos em processo de aprendizagens e de novos saberes, que são consolidados, ou mesmo, assimilados de formas diferentes.

Cada um tem sua maneira de aprender, de olhar o que foi construído na individualidade e no coletivo. Por isso, com a liberdade para ver o processo com ângulos diferentes, pois a experiencição é única, é individual, mesmo quando construída na coletividade e buscando sempre a equidade.

Avaliar é compreender, que nem sempre a resposta, se houve aprendizagem, se dará por meio do registro escrito ou pela oralidade. É observar diariamente todo o processo, é permitir e se permitir o ouvir, conversar, retomar as experiências realizadas, não buscando a excelência da igualdade, mas compreendendo que a excelência pode ter níveis diferentes de aprendizagens e de experientiação diferentes.

Implica, ainda, entender que cada um é tocado pelo ensino de forma diferente, mas todos podem aprender e expressar essa aprendizagem no decorrer de todo o processo. Múltiplos olhares são necessários para a avaliação, pois a aprendizagem pode ocorrer em diversas áreas e demonstrada de várias formas. Nesse processo, o professor também é responsável por avaliar a sua prática, pois o ato metodológico, construído de forma dialógica, possibilitará um ensino de História humanístico, emancipador, qualitativo e significativo.

Segundo Fonseca (2009, p. 216), “Refletir sobre a avaliação é pensar no aluno”, e ao pensar em nossos(as) estudantes e em suas aprendizagens, concordamos com a autora que a avaliação pode “contribuir para desestabilizar concepções arraigadas e, assim, provocar o debate e as lutas pela construção de novas posturas e práticas pedagógicas no campo da avaliação em História, no contexto das transformações sociais e educacionais” (Idem).

Dessa forma, acreditamos, que as atividades desenvolvidas pelos estudantes, devem ser avaliadas de forma contínua e no processo e as suas contribuições nessa cena são apenas uma parcela, que pode expressar um pouco dos saberes construídos.

E, nessa forma de expressão, ao contrário de uma avaliação classificatória e excludente, os(as) estudantes puderam fazer uma retrospectiva de todas as cenas e transcrevê-las para o papel de forma escrita ou por meio de desenhos, expressando um pouco daquilo, que aprenderam e de acordo com as suas especificidades.

Os(as) discentes demonstraram um bom conhecimento sobre o tema na oralidade. Durante o registro escrito, alguns falaram em voz alta e pediram ajuda para os(as) colegas na hora de passar para o papel, relatando, que poderiam esquecer, o que tinham falado. Assim, observamos o quanto o ato de escrever exige muitas habilidades e concentração.

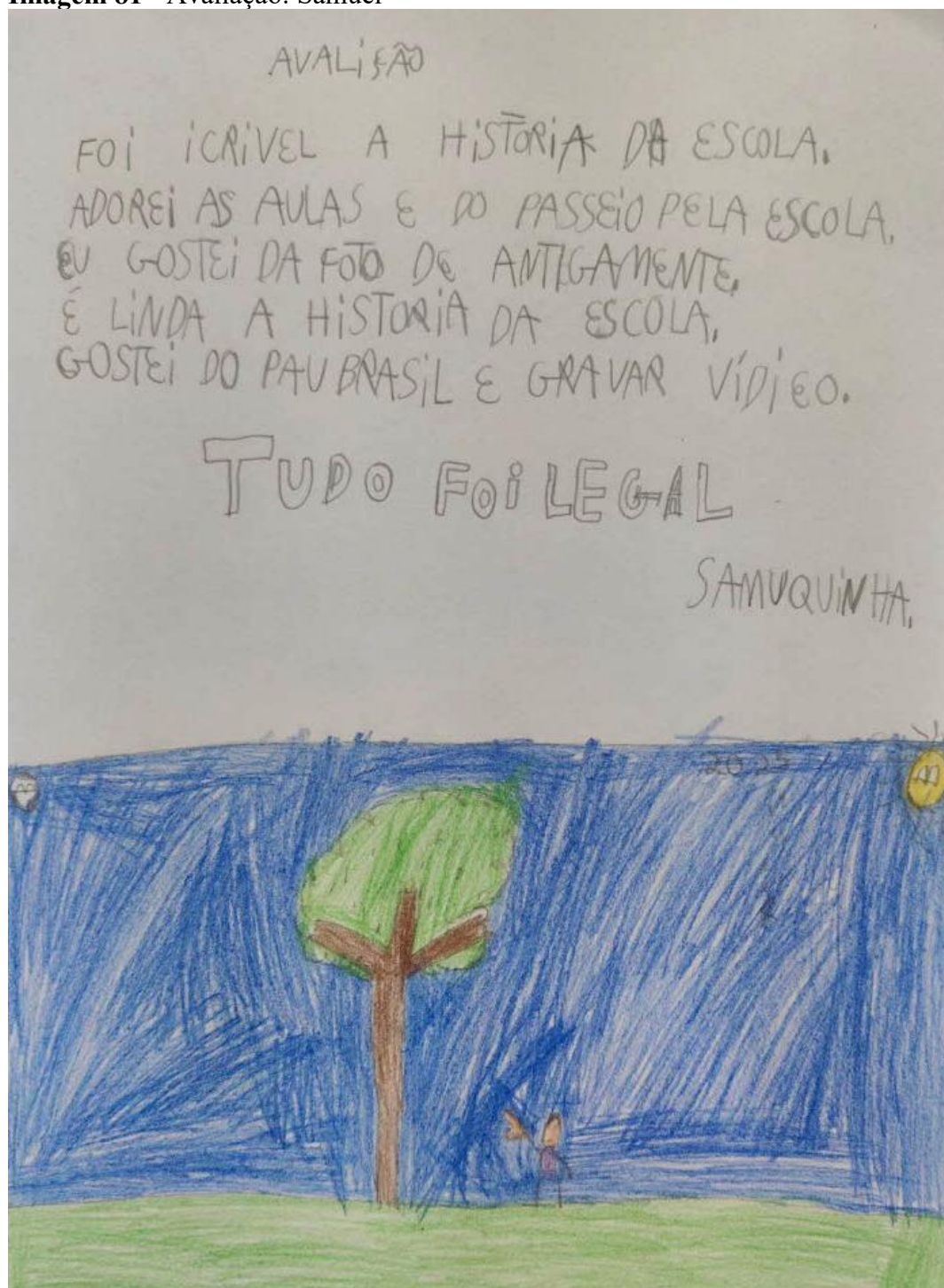
Também foi necessário a mediação da professora em relação à escrita das palavras, devido às trocas fonéticas, omissões e aglutinações no momento da escrita. As citações, que acompanham as fotos das avaliações, estão corrigidas na ortografia e algumas pontuações, entretanto respeitando na íntegra as narrativas dos(as) educandos(as).

Após o término das avaliações, cada estudante apresentou a sua produção aos colegas, alguns leram, o que havia escrito e explicaram o desenho, outros optaram por somente comentar e, no coletivo, todos foram participando, dialogando e rememorando.

A primeira avaliação foi do Samuel (conforme a imagem 81), que não teve dúvidas, do que iria fazer e desenhar, mostrou-se atento e concentrado na atividade.

O estudante fez o seu relato de forma breve e sucinta. A respeito do desenho suas palavras foram: “eu desenhei o Pau-Brasil porque eu gostei do Pau-Brasil. Eu não conhecia ele”. O discente, durante a realização da SD, foi várias vezes, onde está localizada a árvore Pau-Brasil e sempre relatava sobre as fotos antigas da escola, da história da escola e do patrono Monteiro Lobato.

Imagem 81 - Avaliação: Samuel



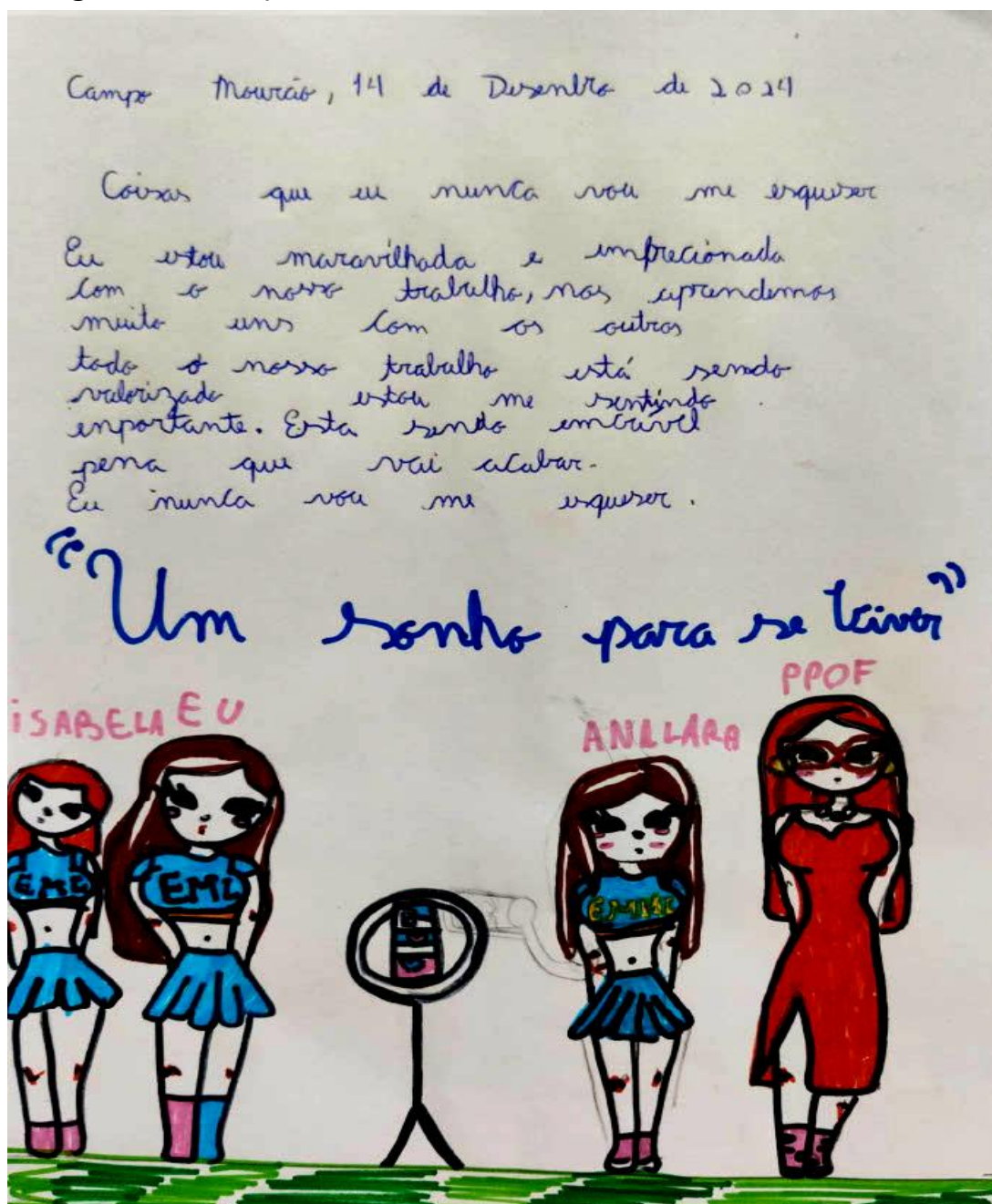
Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (dezembro de 2024).

Avaliação
Foi incrível a história da escola.
Adorei as aulas e o passeio pela escola.
Eu gostei da foto de antigamente.
É linda a história da escola.
Gostei do Pau Brasil e gravar vídeo.

Tudo foi legal
Samuquinha

Na segunda avaliação, a estudante Luiza optou por ler para os colegas a sua produção textual (conforme a imagem 82), e suas palavras podem ser conferidas na sequência.

Imagem 82 - Avaliação: Luiza



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (dezembro de 2024).

Campo Mourão, 14 e dezembro de 2024

Coisas que eu nunca vou esquecer

Eu estou maravilhada e impressionada com o nosso trabalho, nós aprendemos muito uns com os outros, todo o nosso trabalho está sendo valorizado, estou me sentindo importante. Está sendo incrível pena que vai acabar.

Eu nunca vou esquecer.

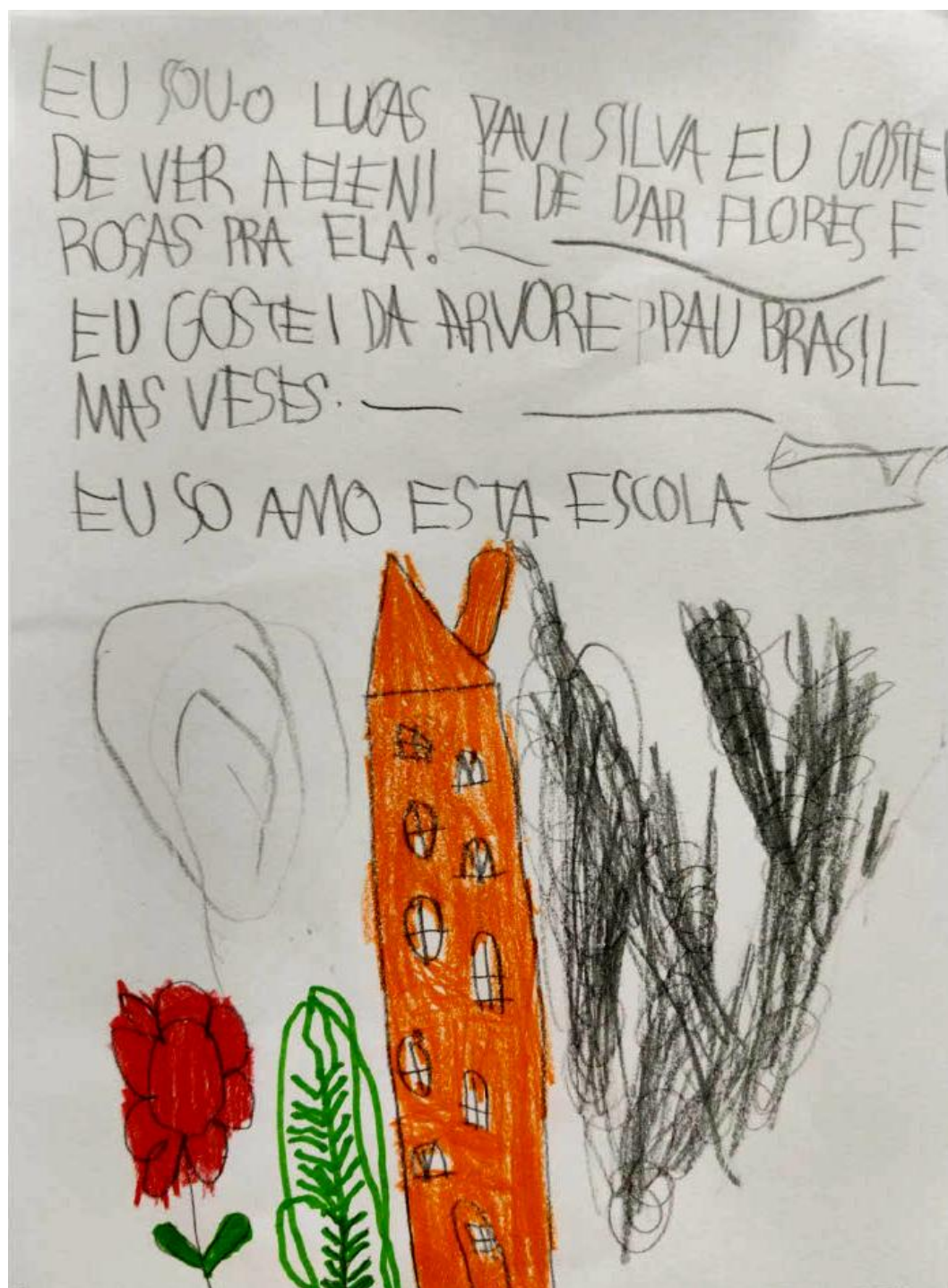
“Um sonho para se viver”

Apesar da educanda ter colocado a data “14 de dezembro”, a atividade foi realizada no dia 14 de novembro. Sobre o desenho, a discente relatou “eu desenhei a gente gravando lá fora, porque eu gostei muito e a gente estava fazendo muitas coisas para esse projeto”. A estudante tem uma grande preocupação em escrever corretamente e sempre pergunta se está correto, prestando atenção à conjugação verbal, à coerência e coesão.

Após a leitura, lembrou alguns instantes com detalhes e, juntamente, com os colegas, compartilharam momentos e experiências com sorrisos. Algumas vezes, todos queriam falar sobre a sua experiencição ao mesmo tempo.

A terceira avaliação foi comentada pelo educando Lucas em forma de contação de história (demonstrada na imagem 83). Na oralidade, explicou, com maior riqueza de detalhes, o seu desenho. Na imagem a seguir podemos conferir seu desenho e escrita.

Imagem 83 - Avaliação: Lucas



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (dezembro de 2024)

*Eu sou o Lucas Davi Silva, eu gostei de ver a Heleni e dar flores e rosas para ela.
Eu gostei da árvore Pau Brasil mas vezes.
Eu só amo esta escola.*

Em sua narrativa o estudante começou assim: “Colegas olhem para mim que vou falar o que eu fiz” e começou a narrar o seu desenho, como se fosse contar uma história. Com

a escrita “Eu só amo esta escola”, o discente novamente afirmou, que ama a EMMOL e que já havia estudado em outras instituições.

Nesse momento, outra educanda também relatou que, estudava em outra escola, e, que quando veio para essa instituição, tudo mudou, tudo melhorou. Ela também disse: “eu até gravei falando sobre isso”.

Sobre o desenho, o estudante comentou, que havia desenhado a rosa, que entregou para a Heleni, a Escola Municipal Monteiro Lobato e a fumaça, que saía da escola, era da cozinha. Suas palavras foram: “as tias da cozinha estava fazendo uma comida deliciosa”. Também relatou, que desenhou um pé alecrim, mas não explicou o motivo.

Chamou a minha atenção o estudante desenhar a fumaça, que, segundo ele, tinha um “cheirinho delicioso”. Ele é seletivo na alimentação, e, contudo, até o momento não aceita a alimentação escolar, observou o quanto os colegas, assim como ele, apreciam o “cheirinho” delicioso dos lanches.

A quarta avaliação foi realizada pela educanda Izabella, que optou por comentar como estava se sentindo e falar sobre o seu desenho (conforme a imagem 84). Em sua apresentação, usou um tom de voz baixo e meigo, demonstrando afetividade em suas palavras. Na próxima imagem podemos apreciar o desenho e a escrita da estudante.

Imagem 84 - Avaliação: Izabella



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (dezembro de 2024).

Eu me senti especial e nós gravamos com os colegas, fizemos uma aula passeio, vimos fotos, fizemos o Momento Lumière. Foi muito legal a Heleni ter vindo aqui. Foi muito importante para mim, eu nunca vou esquecer.

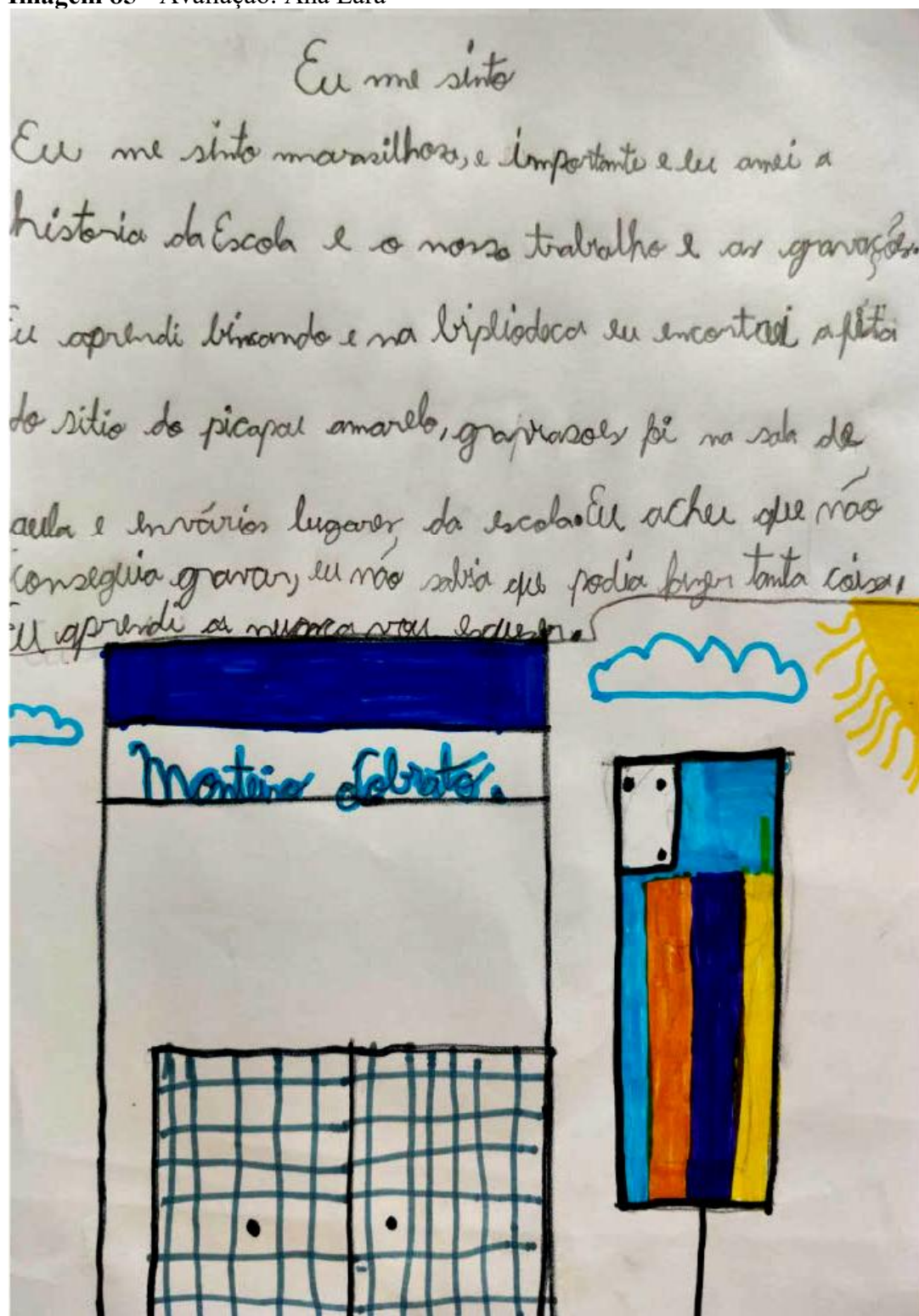
A estudante escolheu desenhar a árvore Pau-Brasil. Ela relatou, que a escolha “foi porque foram as crianças que plantaram e era a Heleni que estava aqui como diretora e essa árvore já quase não existe mais em nenhum lugar”.

Nesse instante, os(as) discentes comentaram, que todos estavam desenhando a árvore. Um estudante começou a reclamar, que estavam “roubando” a sua ideia; outros começaram a se defender ou defender o colega, que tem maior afinidade. E, por fim, todos compreenderam, que são momentos em comum, que fazem parte da aprendizagem e que ficaram guardado em suas memórias.

A quinta avaliação é da educanda Ana Lara, que demonstrou insegurança no momento de fazer o desenho. Ela começou a desenhar e desistiu, pois não estava gostando do resultado. Suas lágrimas vieram à tona, pois segundo a estudante, queria fazer “bonito” e, segundo ela, o seu desenho não estava ficando bonito.

Necessitou de estímulos positivos, da ajuda dos colegas e da minha mediação, como professora, entretanto conseguiu definir e concluir a seu gosto. No registro escrito, sabia o que iria escrever e foi mediada em relação a ortografia. Aos poucos foi concluindo (conforme a imagem 85), também percebendo o quanto o seu trabalho era importante e que os colegas queriam ouvir e ver a sua produção. A imagem revelou a potência de sua produção escrita e visual.

Imagem 85 - Avaliação: Ana Lara



Fonte: Arquivo e transcrição da pesquisadora (dezembro de 2024).

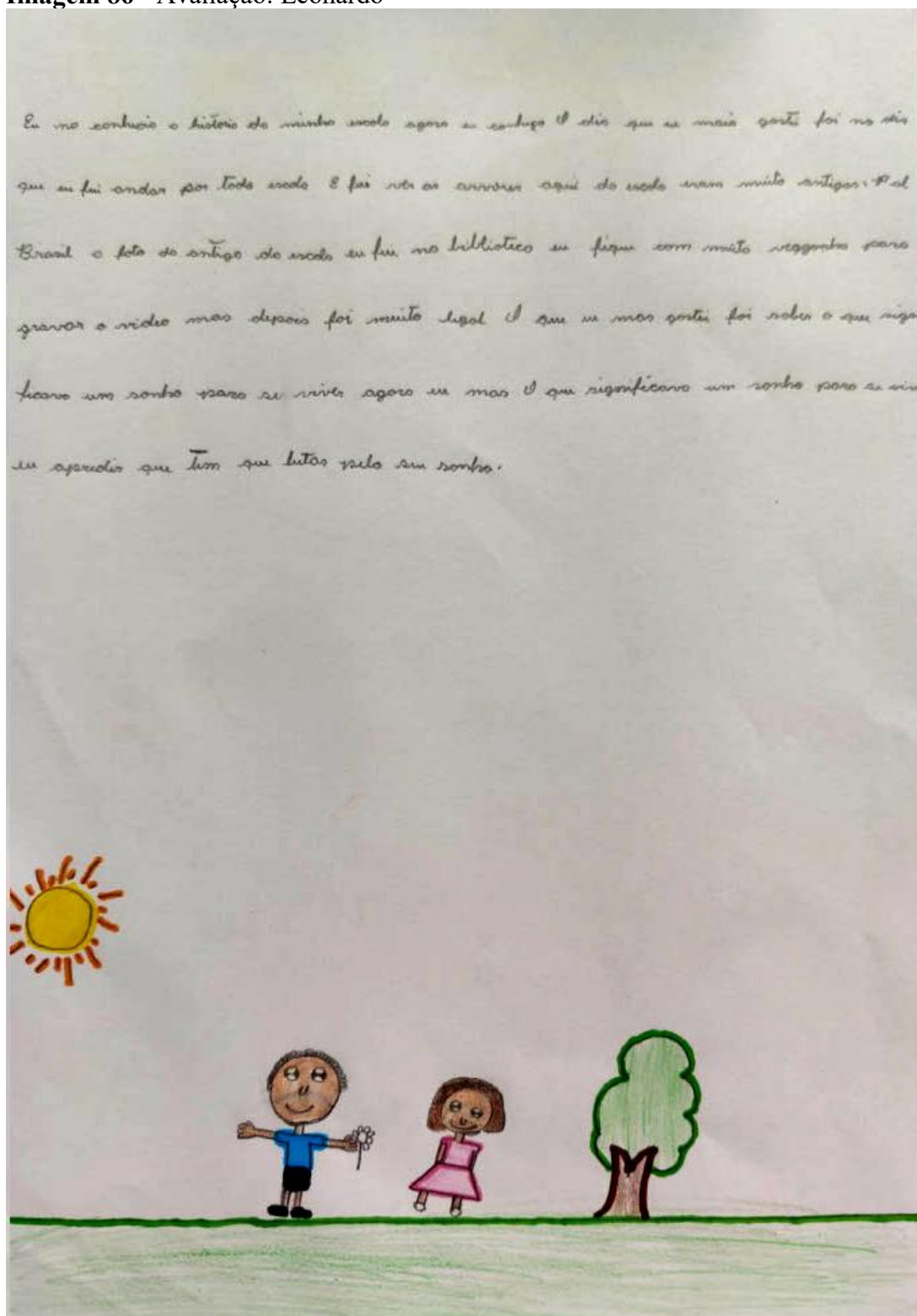
Eu me sinto

Eu me sinto maravilhosa e importante, e eu amei a história da Escola e o nosso trabalho e as gravações. Eu aprendi brincando e na biblioteca eu encontrei a fita do sítio do Pica Pau Amarelo, as gravações foi na sala de aula e em vários lugares da escola. Eu achei que não conseguia gravar, eu não sabia que podia fazer tanta coisa. Eu aprendi e nunca vou esquecer.

A estudante escolheu desenhar o celular, “porque a gente fez a gravação e aprendeu sobre a escola”, demonstrando satisfeita com o resultado final da ilustração. No final do atendimento, relatou, que estava feliz com todas as atividades realizadas e evidenciando, que jamais esqueceria esses momentos.

A sexta avaliação é do educando Leonardo. Na imagem a seguir podemos conferir a beleza de sua expressão escrita e no desenho (conforme a imagem 86).

Imagem 86 - Avaliação: Leonardo



Fonte: Arquivo da pesquisadora (dezembro de 2024).

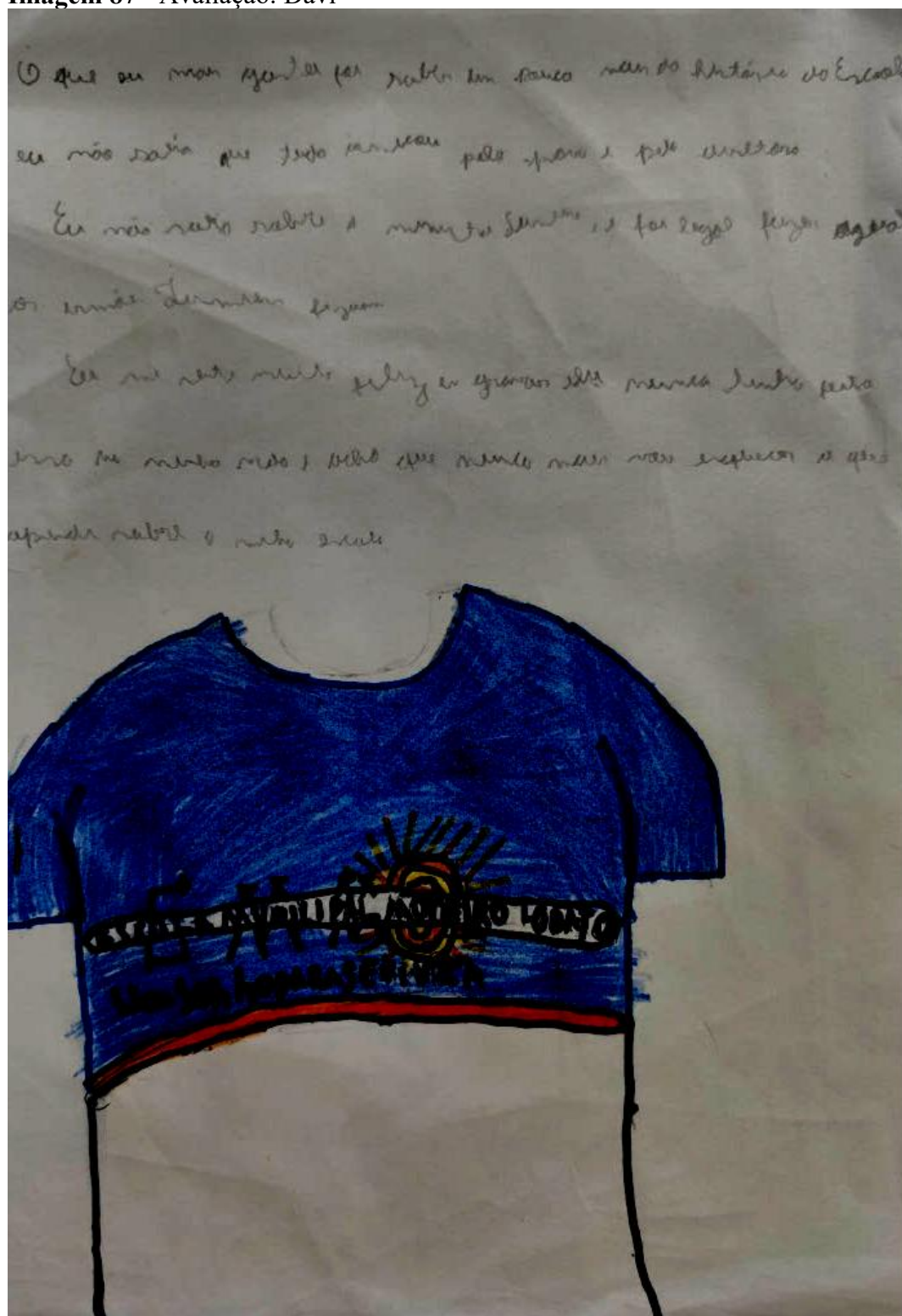
Eu não conhecia a história da minha escola, agora eu conheço. O dia que eu mais gostei foi no dia que eu fui andar por toda escola e fui ver as árvores aqui da escola que eram muito antigas, o Pau Brasil, a foto antiga da escola. Eu fui na biblioteca. Eu fiquei com muita vergonha para gravar o vídeo, mas depois foi muito legal. O que eu mais gostei foi saber o que significa um sonho para se viver. Eu aprendi que tem que lutar pelo seu sonho.

O estudante Leonardo preferiu ler o seu registro escrito. Ele desenhou a área externa da escola. Desenhando, ainda, ele entregando a rosa para a diretora Heleni e uma árvore, que representa as árvores, que foram plantadas na época da Heleni pelos alunos. Disse, ainda, o quanto ficou com vergonha de entregar a rosa, que nem ele mesmo sabe como fez isso.

Nessa sétima e última avaliação, o estudante relatou, que a escolha da camiseta é porque é o novo uniforme da escola, que começou a ser a usado no segundo semestre de 2024. Disse que gostou do novo uniforme, relatando que agora sabe o significado do sol e do logo da instituição, pois antes usava o uniforme, mas não sabia o significado e a história linda da instituição.

Podemos conferir, na imagem (87), a produção textual e o desenho do estudante Davi.

Imagem 87 - Avaliação: Davi



Fonte: Arquivo da pesquisadora (dezembro de 2024).

O que eu mais gostei foi saber um pouco da história da Escola, eu não sabia que tudo começou pelo povo e pela diretora.

Eu não sabia sobre o Momento Lumière, e foi legal fazer igual os irmãos Lumière fizeram.
Eu me senti muito feliz em gravar, eu nunca tinha feito isso na minha vida, acho que nunca mais vou esquecer o que aprendi sobre a minha escola.

Ao finalizar as apresentações das avaliações, compreendemos, que é um momento importante. Para Fonseca (2009, p. 220), a avaliação “é uma estratégia de aproximação, de diálogo entre o conhecimento instituído e os significados deste para a vida dos agentes da escola”.

Concordamos com a autora, pois a avaliação é uma prática investigativa, a qual uma das finalidades é a ampliação ou a superação da compreensão anterior, e, quando falamos, que é uma prática investigativa, é no sentido, de que deve ocorrer durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Implica, ainda, reconhecer que no final de um processo, já não somos os mesmos sujeitos, pois novas experiências e aprendizados vão ampliando e modelando a compreensão do mundo, que nos cerca e possibilitando novas reflexões, ações e saberes. É olhar para trás e ter uma nova visão sobre o que foi estudado, conversado e pesquisado.

2.9.1 Tecendo cenas e materializando memórias

Ainda, nessa cena, realizamos as escolhas dos vídeos e várias imagens para a edição do documentário, que poderiam ser utilizadas no momento da montagem, e, conforme fossem feitas as edições, utilizaríamos as imagens, que estavam salvas.

Todas as gravações, sejam individuais ou coletivas, foram assistidas e gravadas ou regravadas, conforme a necessidade de cada estudante. Apesar dos(as) discentes conhecer todo o processo, estavam ansiosos para ver o resultado final.

Alguns estudantes ainda não compreendiam o processo da edição de um vídeo, como seriam incluídos sons, áudios e que o resultado seria diferente, daquilo, que tinham visto até então. Esse processo novo para todos(as) os(as) estudantes gerou um pouco mais de ansiedade, porém, eles expressavam o sentimento de valorização e satisfação com os resultados até aquele momento.

A edição do documentário foi realizada pelo professor Diego Alex Ferreira, de 37 anos de idade, graduado em História pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar, Campus de Campo Mourão). Professor de História há três anos pela Rede Estadual de Ensino, nesse momento vive um dilema se permanece ou não na área da Educação, pois apesar de gostar de ser professor, a realidade dos professores contratados pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS) e as políticas educacionais do Estado do Paraná mostram-se preocupantes.

Todo o material coletado foi entregue ao professor Diego. Os(as) estudantes e as famílias dos(as) discentes assistiram à produção audiovisual. Os(as) discentes e familiares

foram convidados para irem um dia a noite na instituição, onde foi apresentado a SD finalizada e o documentário.

Professor Diego, assim como eu, é mestrando do ProfHistória e meu companheiro de outros trabalhos do mestrado. A escolha do professor Diego para a edição do vídeo é devido à cumplicidade, que realizamos os trabalhos anteriores, o respeito e a admiração, que tenho por ele e pela empatia que desenvolve os seus trabalhos. O professor Diego, ainda que temos pouco tempo de convívio, consegue compreender um pouco da minha essência e colocar em nossos trabalhos um pouco de nós.

Um exemplo dessa cumplicidade se expressou na produção do vídeo documentário “Cartões Telefônicos e o Orelhão”, desenvolvido na disciplina Ensino de História e Cinema, realizado no primeiro semestre de 2023, no ProfHistória. Tivemos a oportunidade de apresentar esse vídeo e o seu processo de criação no III Festival de Cinema: História, Memória e Experiências de Vida (em 2023), na Mostra de Cinema 19. CineOp, na cidade de Ouro Preto (MG)¹¹, em junho de 2024. E publicamos a respeito dele no evento científico, como o I Festival Internacional de Educação e Cinema¹², de Curitiba (PR).

Dada essa experiência inicial, confiamos todo o material coletado durante a Sequência Didática ao professor Diego. Foi um trabalho de diálogo entre nós, para que fizesse sentido e coerência no vídeo, toda a ideia gestada e construída com os(as) estudantes. Um dos grandes desafios, nesse momento, foi justamente selecionar, o que permaneceria na edição final do vídeo. Nesse aspecto, o papel do professor Diego foi fundamental, pois entre tantas imagens e gravações realizadas, chegou um dado momento, que era difícil retirar mais alguma coisa. Um de nossos objetivos era que o vídeo tivesse entre dez a quinze minutos e, neste ponto, a colaboração do Diego foi também essencial. Ele realizou várias edições e reedições até que se cumprisse o objetivo de tempo e da essência do trabalho realizado com os estudantes.

¹¹ A Mostra de Cinema, CineOP, realizada na cidade de Ouro Preto (MG), é um evento de expressão internacional que contou com uma programação estruturada em três temáticas principais: preservação, história e educação. As atividades aconteceram na Praça Tiradentes e no Centro de Artes e Convenções, incluindo exhibições de filmes em pré-estreias nacionais e retrospectivas, homenagens, seminários, debates, oficinas, sessões Cine-Escola, Mostrinha de Cinema, exposições, cortejo, shows musicais e outras atrações artísticas. Mais informações estão disponíveis em: <https://cineop.com.br/o-evento/apresentacao/>. Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

¹² No I Festival Internacional de Educação e Cinema, tivemos a oportunidade de participar e apresentar o texto intitulado “Festival de Cinema: reflexões sobre o Ensino de História e a experiência de fazer cinema com estudantes”. O texto, escrito e apresentado por nós, está atualmente em fase de publicação no *e-book* do evento.

Passados quase trinta dias, concordamos, que o vídeo estava pronto. A partir de então, organizamos junto aos(as) estudantes e a Equipe Pedagógica da escola, o momento de assistir à produção audiovisual. Depois de estudado todos os detalhes, escolhemos a data de 19 de fevereiro de 2025, para que os(as) estudantes e as suas famílias, professoras, pedagogas e a diretora da escola, membros da Secretaria Municipal de Educação, pudessem reunir-se na escola para o momento tão esperado: apresentar a SD finalizada e o vídeo documentário.

Imagem 88 - Convite aos familiares: devolutiva aos familiares



Fonte: Arquivo da pesquisadora (fevereiro de 2025).

Para esse momento tão aguardado e importante, elaboramos uma sequência de *slides* para que os nossos convidados pudessem compreender e visualizar as atividades realizadas e o envolvimento dos(as) estudantes durante todo o processo. Segundo Bergala (2008, p. 173), “A escola, se pretende ser um espaço de troca e socialização, deve assumir a finalidade de ‘mostrar o que se fez’”.

Mostrar o que se fez é valorizar a construção de cada etapa, evidenciar o protagonismo de cada estudante, estreitar os laços entre a escola e a família, é compreender que a experientiação é algo insubstituível no ato da criação. Apresentar o processo criativo é acima de tudo um respeito por cada pessoa envolvida e entender o valor grandioso do cinema para a aprendizagem.

2.10 Cena IX: O eu, o outro e o nós – quando as “cenas” se materializam.

O momento tão esperado se concretizou com a produção audiovisual finalizada. Segundo Bergala (2008, p.188) “O que não foi filmado enriquece o que foi”. No nosso vídeo não foi possível transmitir todo o processo. E nesse sentido, concordamos com Bergala (2008, p.188): “O que foi mostrado se apresenta, assim, como um rastro e aprendizagem e não como um produto acabado”.

O vídeo documentário recebeu como título o tema da pesquisa: “Um sonho para se viver: exercício da memória na reconstituição da história da Escola Municipal Monteiro Lobato no Município de Campo Mourão (PR) sob o olhar dos alunos da Sala de Recursos Multifuncional”. Com duração de quinze minutos e vinte e sete segundos, o vídeo é marcado por emoções, memórias, sorrisos e lágrimas, além de expressar novos saberes, experiências e um lindo caminho percorrido.

A produção cinematográfica seguiu um roteiro, começando com a leitura do título da pesquisa por mim, que sou a professora, acompanhada de um fundo musical. Ao mesmo tempo, foi apresentada a chegada de nossos atores e cineastas, conforme a imagem 89, utilizando fotos do acervo, de quando realizamos a Sequência Didática.

Imagem 89 - Respeitável público: com vocês os nossos atores!



Fonte: Arquivo da pesquisadora (fevereiro de 2025)

Em seguida, a estudante Luiza se apresentou, dizendo que era aluna da SRM e realizou uma breve apresentação sobre o que seria o documentário, enfatizando, que realmente a EMMOL foi e é “um sonho para se viver”.

Para abrilhantar ainda mais o nosso documentário, algumas gravações dos convidados foram inseridas. Os(as) discentes leram frases, extraídas das falas da professora Heleni, da professora Elisangela e da professora Rozélia, que contribuíram significativamente para a reconstituição da história da EMMOL, assim como todos os envolvidos.

Os(as) estudantes foram os protagonistas da pesquisa e, sendo assim, na produção audiovisual não foi diferente. Eles(as) percorreram os vários espaços da instituição e com o celular na mão se divertiram, brincaram, trabalharam, exploraram e produziram com responsabilidade, criatividade, dedicação e sempre com um brilho no olhar (conforme a imagem 90).

E foi numa quarta-feira, dia dezenove de fevereiro de 2025, às dezenove horas, que estudantes, familiares e todos os envolvidos na pesquisa se reuniram na Escola Municipal

Monteiro Lobato para assistir, pela primeira vez, à produção audiovisual e aos caminhos percorridos durante a Sequência Didática.

Dos oito estudantes, que participaram da pesquisa, cinco discentes e seus familiares estiveram presentes. Além deles, compareceram minha família, a direção, a equipe pedagógica responsável pela Sala de Recursos Multifuncional, as professoras que participaram da reconstituição da história da instituição, o professor Diego e a professora Divania, orientadora da pesquisa. A funcionária “tia Sirlei” não pôde comparecer, devido a um compromisso assumido que não pôde ser desmarcado.

Imagem 90 - Gravando: “Vem aqui comigo produção”



Fonte: Arquivo da pesquisadora (fevereiro de 2025).

Nessa noite especial, utilizamos o refeitório da instituição. Os convidados foram recepcionados por mim, professora e pesquisadora, e em cada cadeira havia um singelo cartão com o nome da pesquisa, uma frase sobre o sonhar (conforme a imagem 91) e uma bala de iogurte para demonstrar o quão a presença de cada um era importante.

Imagem 91 - Cartão que estava nas cadeiras



Fonte: Arquivo da pesquisadora (fevereiro de 2025).

Comecei a apresentação da pesquisa, explicando sobre a história da instituição e a minha própria história. Ao realizar a devolutiva aos estudantes e familiares, percorri, mais uma vez, o caminho principiado em fevereiro de 2013, quando me tornei professora dessa escola. Não pude esquecer as pessoas, que fizeram parte da minha trajetória e do quanto o “sim” de cada pessoa envolvida nessa pesquisa foi importante.

Percebi ao longo na explanação, que os convidados estavam engajados, atentos e emocionados em todos os momentos e que os meus estudantes orgulhosos e com um brilho no olhar ainda mais evidente (conforme a imagem 92).

Imagem 92 – Retrospectiva de nossa jornada



Fonte: Arquivo da pesquisadora (fevereiro de 2025).

Após todos os convidados conhecerem um pouco da pesquisa, chegou o grande o momento: as luzes se apagaram, uma música anunciou, que o espetáculo iria começar. Todos os olhares se fixaram na tela (conforme a imagem 93) e algumas lágrimas logo começaram a surgir.

Imagem 93 - Sessão cinema: o espetáculo começou



Fonte: Arquivo da pesquisadora (fevereiro de 2025).

Confesso que, já tinha me preparado para não me emocionar, pois já havia assistido o documentário várias vezes. Contudo, ao ver os(as) meus(minhas) alunos(as) na tela, e ao vê-los assistindo as suas produções, ao olhar para cada criança, para cada familiar, para cada colega de trabalho, para a minha família, outras imagens vinham na minha mente e me sentia feliz, emocionada e agraciada por viver esse momento único e indescritível.

Os meus discentes também estavam emocionados, assim como seus familiares. Seus olhares demonstravam orgulho, emoção, lágrimas e outros surpreendidos pelo resultado. Os(as) estudantes, apesar de realizarem e conhecerem todo o processo, não imaginavam como seria a produção final do documentário e se surpreenderam positivamente com o resultado final.

Após a exibição do vídeo documentário, cada participante envolvido(a) na pesquisa foi convidado(a) a se levantar e receber uma singela homenagem (conforme a imagem 94). Foi difícil encontrar palavras para expressar toda a nossa gratidão pelas contribuições memoráveis e essenciais, que elas ofereceram à nossa pesquisa.

Imagem 94 - Agradecimentos aos convidados



Fonte: Arquivo da pesquisadora (fevereiro de 2025).

Para finalizar essa noite, chegou o momento de chamar os(as) nossos(as) protagonistas, os(as) nossos(as) artistas, e a razão desse momento estar sendo tão memorável. Cada educando(a) foi convidado(a) a se dirigir à frente, diante dos convidados, para receber uma singela lembrança, além do meu agradecimento, carinho e gratidão (conforme a imagem 95).

Imagem 95 - Agradecimento aos protagonistas da pesquisa



Fonte: Arquivo da pesquisadora (fevereiro de 2025).

De todos os momentos vivenciados, essa noite foi a mais intensa. Um aprendizado, que acredito, que levaremos em nossas memórias (demonstrado na imagem 96). Não é necessário palavras para ver, que podemos fazer a diferença na vida um do outro, para saber que o aprendizado aconteceu, e que construímos também uma história. Para Freire (1996, p. 41),

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.

Imagem 96 - Nossas estrelas da noite: meus alunos



Fonte: Arquivo da pesquisadora (fevereiro de 2025).

Penso que propiciar condições de experiencição e acreditar nas potencialidades de nossos(as) discentes são os primeiros atos para uma educação crítica, emancipadora e que promova o ato de assumir-se. Precisamos trilhar os caminhos, mesmo sem ter a certeza dos resultados, mas tendo a consciência, que contribuimos e que podemos fazer a diferença na vida de nossos(as) alunos(as), assim como eles fizeram na minha.

Que esse trabalho pedagógico possa inspirar outros profissionais da educação e discentes. Que seja acessado e divulgado para toda a comunidade escolar, sendo utilizado pela própria instituição, Secretaria Municipal de Educação, município de Campo Mourão e todos, que como eu e as minhas crianças, ousaram tentar e foram tocadas pela arte cinematográfica.

Deixo abaixo o link da produção audiovisual “Um Sonho Para se Viver: História da Escola Municipal Monteiro Lobato de Campo Mourão Pr” realizada com os(as) estudantes da Sala de Recursos Multifuncional. Espero, que as imagens possam transmitir um pouquinho de toda a experiência e emoção da nossa jornada. Link de acesso ao vídeo documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=RgrgqzXV4js>

Finalizo essa cena, com as algumas palavras utilizadas em nossa produção.

“Juntos percorremos uma linda jornada, construímos uma linda história ao reconstituir a história da escola.

Que nossas crianças nunca parem de sonhar...

Que saibam o quanto são importantes, únicos, inteligentes e cheios de talentos e potencialidades.

Sonhar é o primeiro passo para o querer. E um dos meus sonhos em realizar essa pesquisa com meus alunos, também se tornou realidade.

Sonhos que foram sonhados

Sonhos que estão sendo vividos...

Sonhos concretizados...

Outros sonhos que ainda serão realizados...

Por isso...

Que nunca deixemos de sonhar...

Juntos, concluímos essa jornada...

Juntos construímos a nossa história, que ficará para sempre em nossas memórias

Sigam em frente meus amores e voem, voem alto..."

CENÁRIO III: NOSSAS VOZES: REMEMORANDO E FAZENDO PARTE DE UMA HISTÓRIA

No último capítulo denominado Cenário III, fizemos uma reflexão sobre os resultados das atividades realizadas por meio da Sequência Didática, como foram os encontros e a participação dos(as) estudantes. Realizamos uma autoavaliação e uma retrospectiva do percurso até chegarmos na produção do vídeo documentário.

Refletimos sobre as nossas ações, sobre o Ensino de História nas séries iniciais e na SRM e como melhorar a nossa prática metodológica de forma horizontal com os nossos(as) estudantes, observando se conseguimos atingir os objetivos propostos e se a aprendizagem foi significativa para os(as) discentes, bem como os desafios enfrentados durante esse percurso.

Acreditamos, que a pesquisa não será totalmente finalizada, pois poderá permanecer na memória de cada envolvido e, talvez, em possíveis rememorações no futuro. cremos, que “novas janelas” serão abertas e como seria importante abrir novas janelas e portas para um ensino de História significativo e emancipador.

A produção cinematográfica estará à disposição de todos, tentando transmitir de forma sensível a reconstituição da história da Escola Municipal Monteiro Lobato, que foi realizada sob o olhar dos(as) estudantes da Sala de Recursos Multifuncional. Deixando em aberto novas narrativas históricas para serem contadas e rememoradas, e, ao mesmo tempo, instigar outros profissionais da educação, que se permitam serem “tocados” e desafiados pelo cinema, que é um aliado de grande potencial no ensino de História.

3.1 O Ensino de História como possibilidade de múltiplas leituras e novos saberes

Após concluir a Sequência Didática (SD), é perceptível o quanto o Ensino de História aliado ao Cinema possibilita novas aprendizagens, não somente na área de História, mas no desenvolvimento do(a) estudante em diversas habilidades. Por isso, a importância de se trabalhar História, logo nas séries iniciais do Ensino Fundamental, com temáticas significativas e próximas dos(as) discentes, que vão além da memorização e das aulas expositivas.

Reconhecemos, por meio dessa pesquisa, que a História pode e deve caminhar de mãos dadas com o processo de alfabetização e as séries iniciais, dialogando e possibilitando a formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade, respeitando a identidade cultural e

compreendendo, que todos nós aprendemos, mas que também fazemos história e somos parte dela.

Percebemos, no decorrer da SD, que o engajamento educacional somente aconteceu de forma mais visível e participativa, quando o(a) estudante se tornou coautor, produzindo, aprendendo, construindo com o outro e se construindo também. Nessa perspectiva, acreditamos, que bons resultados foram alcançados, como veremos no decorrer desse capítulo, mas, para isso, o saber escutar foi necessário.

Segundo Freire (1996, p.113):

[...] o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele.

E foi nessa construção dialógica, de escuta e observação, que o aprendizado foi sendo mediado e concretizado. Os(as) próprios(a) estudantes foram revelando, por meio de questionamentos, suas dúvidas e curiosidades, demonstrando, por gestos, expressões e falas, qual seria o próximo passo a ser dado.

Em nenhum momento, tivemos a pretensão de seguir a padronização do que havíamos planejado no início dessa pesquisa. Pelo contrário, a liberdade de nos mover entre uma cena e outra foi essencial para a participação dos(as) educandos(as), que se sentiram inseridos e pertencentes tanto à pesquisa quanto à própria instituição escolar. Compreendemos, que todas as vozes merecem ser ouvidas e, por isso, buscamos escutá-las atentamente, pois até mesmo o silêncio se tornou um espaço de comunicação, gerando reflexão.

Outro ponto importante foi o respeito pelo(a) estudante. Entendemos que cada pessoa experiencia, vivencia, observa, seleciona, repara, compara e compreende de maneiras diferentes, pois cada um possui sua própria individualidade e é “tocado” de forma única, mesmo ao realizar a mesma ação. Nesse sentido, concordamos com Fresquet (2020, p. 22), ao afirmar que “Tomar a igualdade como objetivo (apenas) significa partir da desigualdade”.

Nesse sentido, ao respeitar cada discente, também respeitamos o ritmo de sua aprendizagem, não fazendo comparações ou buscando respostas unificadas, mas valorizando o seu desempenho e observando toda a sua evolução.

Buscamos sempre deixar em evidência, que todos(as) têm o seu espaço, que é único(a) e que com as contribuições de cada um(a), foi possível concluir a pesquisa.

Também relatamos aos(as) estudantes, que todos(as) nós temos os nossos receios, angústias, medo de errar e medo de tentar, por isso, o caminho seria percorrido juntos, porque juntos podemos dividir esses anseios e somar nossas conquistas e resultados.

Assim, ao respeitar cada discente, também valorizamos o ritmo individual de sua aprendizagem, evitando comparações ou buscas por respostas unificadas. Nosso foco é e foi reconhecer e valorizar o desempenho de cada um(a), observando todo o seu desenvolvimento. Sempre buscamos evidenciar que cada estudante tem seu espaço, que é único(a), e que, graças às contribuições de todos(as), foi possível concluir a pesquisa. Além disso, compartilhamos com os(as) estudantes, que todos(as) nós temos receios, angústias, medo de errar e medo de tentar. Por isso, reforçamos que o caminho é mais fortalecido, quando trilhado juntos, pois assim podemos dividir esses anseios e somar nossas conquistas e resultados.

Acreditamos também que o cinema foi fundamental para o engajamento e os resultados positivos, que alcançamos. Nessa perspectiva, compartilhamos a ideia de Fresquet (2020, p. 123): “fazer experiências dessa arte renova, no aprendizado, a vitalidade do aprender, como ação em movimento”. E, de fato, juntos aprendemos a descobrir novos saberes, demos espaço à nossa imaginação, desaprendendo para aprender, de forma lúdica, como ocorreu em vários momentos. Ao mesmo tempo, esse processo foi sistematizado, organizado, dialogado e estruturado.

O cinema, enquanto Arte, permitiu romper barreiras que, anteriormente, acreditávamos ser impossíveis no ensino de História. Essa experiência nos desafiou a fazer algo que, até então, não nos sentíamos confortáveis ou seguros para realizar.

Olhávamos para o caminho a percorrer, mas ainda não estava pronto, pois não se prepara para fazer cinema da mesma forma, que se prepara uma aula, com a qual estamos mais familiarizados. Foi realmente um desafio, tanto para os(as) estudantes, que tiveram sua primeira experiência gravando um filme, assim como os irmãos Lumière fizeram no início do cinema, quanto para a professora, que não se sentia totalmente preparada, mas se sentia desafiada a aprender e a acompanhar esse processo.

Notamos, assim, que nossa experiência com o cinema como Arte está totalmente relacionada com o que Fresquet (2020, p.20) nos ensina: “Com o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o ‘faz de conta’ e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do conhecimento”.

Enfatizamos, que o diálogo, o ato de escutar, o respeito pela individualidade, o cinema como parceiro e a construção coletiva da Sequência Didática proporcionaram resultados significativos. No entanto, não podemos esquecer, que o ensino também requer amorosidade e afetividade. Como afirma Freire (1996, p. 141):

Significa que a afetividade não me assusta, que não não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade.

Na perspectiva compartilhada com Freire (1996), de que não há separação entre “seriedade docente e afetividade”, podemos afirmar, com base em nossa experiência, que os(as) discentes percebem, quando há afetividade, quando a amorosidade é espontânea e genuína. Quando os(as) professores se preocupam não apenas com o conteúdo ou a nota, mas também com cada indivíduo, essa amorosidade favorece o engajamento dos(as) estudantes. Essa conexão emocional desperta maior interesse nos(as) educandos(as) e pode resultar em melhores aprendizagens.

Dessa forma, acreditamos que, para alcançar bons resultados, é fundamental o envolvimento afetivo do(a) docente com os(as) estudantes, promovendo uma relação de reciprocidade. Isso não implica na perda da autoridade, pelo contrário, pode despertar no(a) discente o desejo de aprender. Acreditamos que a amorosidade sempre esteve presente em todas as etapas do nosso processo educativo, aliada ao comprometimento e à responsabilidade no ato de ensinar.

Por meio dessa experiência de ensino de História e do cinema como Arte, diversas habilidades foram trabalhadas e identificamos algumas como essenciais para o desenvolvimento dos(as) estudantes. Entre elas, destacamos as seguintes:

Autoimagem positiva: todos(as) os(as) educandos(as) se surpreenderam com o resultado da pesquisa, sentiram-se mais capacitados(as) ao concluir todas as etapas da SD e passaram a olhar para si próprios(as) com mais afeto, com menos cobranças. Frases como “eu não sei” ou “eu não consigo” tornaram-se cada vez mais raras de ouvir. Percebemos, que o desenvolvimento da autoimagem no(a) estudante teve uma influência positiva em diversos aspectos de seu crescimento.

Atenção e concentração: essas habilidades, tão essenciais para o desenvolvimento educacional e cognitivo, representam um desafio constante para todos(as) os(as) educandos(as). Embora não possamos afirmar, que atingimos um nível elevado de

concentração em nossos(as) discentes, podemos relatar que, em diversos momentos, eles(as) buscaram a atenção seletiva, priorizando, o que estava sendo realizado. Demonstraram interesse e conseguiram focar sua atenção, provavelmente, porque o conteúdo e/ou a atividade eram significativos para eles(as).

Memória: os(as) estudantes demonstraram essa habilidade ao relatar, o que havíamos estudado e conversado, utilizando estímulos visuais como fotografias, árvores, objetos e a própria arquitetura da escola, além de relatos orais, escritos e gravações. Isso mostra, que a memória recente pode se transformar em memória remota, ou seja, a memória de longo prazo. Além disso, percebemos uma boa compreensão, pois vários(as) discentes se lembram de fatos históricos relacionados à história da escola, que ocorreram nas primeiras cenas.

Raciocínio: durante vários momentos dos diálogos e questionamentos, os(as) estudantes demonstraram essa habilidade ao pensar de diferentes formas, fazer comparações, julgar, levantar hipóteses, buscar soluções, coletar informações e procurar respostas. Trabalhamos com o raciocínio dedutivo, que estimulou o pensamento, a análise e a criatividade ao mesmo tempo. Também nos aventuramos a imaginar possíveis descobertas, usando a indução como fio condutor da pesquisa e realizando uma sequência de fatos, que promovem a organização e a estruturação do pensamento.

Linguagem: utilizamos essa habilidade diariamente em nossos encontros, de forma ampla e diversificada. Trabalhamos tanto a linguagem oral, seja receptiva ou expressiva, quanto à escrita e os desenhos. Essas formas de comunicação também envolvem outras habilidades, como a socialização e a afetividade, possibilitando experiências significativas nas relações intrapessoais (consigo mesmo) e interpessoais (com os outros).

Percepção: durante a SD, proporcionamos a cada estudante a oportunidade de conhecer e explorar fontes históricas, relacionando-as com o seu contexto. Isso aconteceu por meio de estímulos e questionamentos, que ajudam na atribuição de significados, na construção de conceitos e na formação de interpretações, tanto pessoais quanto coletivas. Trabalhamos diferentes sentidos, como a percepção auditiva, visual e tátil, para tornar a experiência mais completa e significativa.

Coordenação dinâmica manual: trabalhamos com objetos, que os(as) estudantes manipularam, utilizamos gravações feitas com o celular, escolhendo os melhores ângulos. Além disso, realizamos recortes, desenhos, colorações e registros escritos para enriquecer a experiência e desenvolver essa habilidade.

Ao refletirmos sobre as aprendizagens dos(as) educandos(as), percebemos, que o ensino de História proporcionou o desenvolvimento de diversas habilidades e permitiu múltiplas interpretações sobre a história da EMMOL. Desde o momento em que os(as) discentes assinaram o termo de compromisso, demonstrando sua disposição em participar da pesquisa, já foi possível notar um diferencial.

A leitura sobre o que seria desenvolvido trouxe uma novidade e observamos, que o olhar dos(as) estudantes mudou. Essa foi a primeira vez, que eles(as) tiveram essa experiência e autonomia no ambiente escolar, o que contribuiu para uma percepção mais ampla e envolvente sobre o tema.

Utilizar fontes históricas encontradas no próprio ambiente de pesquisa, como as pastas com fotografias da instituição, o uniforme escolar, a aula passeio, além de fontes escritas e orais, trouxe uma sensação de proximidade e despertou a curiosidade. É importante destacar como trabalhar com a história local é fundamental, pois permite ao(à) estudante ampliar sua aprendizagem a cada dia. Afinal, todos os dias é possível observar, comparar e rememorar o objeto de estudo, que, neste caso, era a própria escola.

Os múltiplos olhares se ampliaram ao estudar sobre o patrono da Escola, o escritor Monteiro Lobato, ao ouvir a história da instituição contada por quem vivenciou todo o processo, ao compreender cada espaço e a arquitetura da escola.

Tivemos discentes, que estudam ou já estudaram com as professoras participantes da pesquisa, e, aos poucos, eles(as) foram se sentindo mais pertencentes. Perceberam, que a EMMOL é de todos e que cada um faz parte dessa história.

Novas leituras foram feitas ao observar cada árvore. Cada questionamento gerou respostas, mas também novas dúvidas. Sempre buscamos, no momento certo, responder de forma ética e séria a todas as perguntas. Por isso, acreditamos que as aprendizagens ultrapassaram os muros da escola, incluindo visitas (virtualmente) ao túmulo de Monteiro Lobato; à casa da diretora Heleni e à criação de outras tantas cenas imaginárias em cada relato de memória.

Percebemos, que a melhor avaliação da aprendizagem dos(as) estudantes foi a observação do comportamento deles(as). Notamos o envolvimento dos(as) discentes nas cenas, os comentários feitos durante a pesquisa - que aconteciam em momentos de outras atividades relacionadas ou não à pesquisa -, as rodas de conversa, os comentários dos pais, além da dedicação demonstrada nos desenhos, na coloração e na escrita.

Também observamos os sorrisos espontâneos, a preocupação em buscar a excelência ao filmar, inspirando-se na forma como os irmãos Lumière gravaram. Além disso, destacamos a colaboração entre os colegas e o companheirismo demonstrado ao participarem juntos de todas as etapas.

Por meio da oralidade, que verificamos de forma mais evidente, conseguimos perceber o conhecimento de cada estudante, suas lembranças e socializações das avaliações realizadas. Notamos também a preocupação em gravar, sem esquecer de detalhes importantes, muitas vezes experimentando diferentes ângulos e filmando até obter um resultado que atendesse às expectativas.

As aprendizagens aconteceram, quando alguns(umas) discentes se permitiram tentar, aceitar os erros e tentar e tentar de novo e de novo. Eles(as) venceram o medo de serem fotografados(as), mesmo se sentindo incomodados(as), pois tinham o desejo de participar e se abriram para tentar.

A aprendizagem aconteceu, quando conseguiram falar naturalmente sobre a história da EMMOL, durante vários meses, e em cada dizer, novos detalhes eram acrescentados. Assim que conseguiram realizar as gravações, ou mesmo não filmando, se fizeram presentes, apoiaram os colegas e comentaram sobre suas experiências, dos seus sentimentos, agora com menos receio e maior autonomia, autoestima e novas leituras e saberes sobre a Escola Municipal Monteiro Lobato.

3.2 Os desafios do Ensino de História na construção de laços e entrelaços do aprender

Reconhecemos que o ensino de História por meio da construção histórica da EMMOL, trouxe aprendizagens significativas, que houve, de modo geral, uma participação ativa e efetiva dos estudantes. No entanto, tivemos vários desafios durante todo o processo, algumas inseguranças e receios, que surgiram conforme íamos construindo e ressignificando o olhar sob a história da instituição.

Pensamos como Freire (1996, 9. 26) “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. Em vários momentos, houve uma reflexão sobre a nossa prática, para que a nossa ação não se tornasse mecanizada, mas, pelo contrário, agir de acordo com o que acreditamos e defendemos.

Cremos, que essa reflexão foi fundamental para não cair em um erro tão fácil. Segundo Freire (1996, p.27), “Fala bonito de dialética, mas pensa mecanicistamente. Pensa errado.”

Dessa forma, buscamos nos esforçar para pensar certo e para poder ensinar, de acordo com o que acreditamos e nos propusemos. Também reconhecemos que, provavelmente, em alguns momentos, pensamos errado, mas buscamos sempre ensinar a pensar certo, de forma crítica e dialética, e, se, por acaso erramos, foi tentando acertar e fazendo o nosso melhor.

Iniciamos a nossa jornada com oito estudantes, porém, infelizmente, tivemos um discente, que a partir de terceiro trimestre, não conseguiu participar da maioria dos nossos encontros, por motivos de organização familiar, por isso não realizou todas as cenas.

Também tivemos outro educando, que foi diagnosticado com uma síndrome rara (Síndrome Brown-Vialetto-van Laere) e começou um novo tratamento, precisando se deslocar para a cidade de Curitiba (PR) constantemente e tendo várias atividades durante a semana, por ser atendido por vários profissionais. Não foi possível a participação em todo processo, mas de acordo com os poucos horários, que tinha disponível.

Um dos desafios foi a gestão do tempo, nossos(as) estudantes se envolveram na temática, e, em vários momentos, se tornaram pesquisadores/historiadores mirins. Foi extremamente gratificante a busca pelo saber e tantos questionamentos, que foram surgindo e são essenciais para as novas aprendizagens.

No entanto, foi necessário um tempo muito maior, que o imaginado para a realização das cenas, o que resultou em um atraso em nosso cronograma. Porém, não enxergamos esse fato como algo negativo, pois fomos muito além, do que estava previsto.

Ainda sobre a questão do gerenciamento do tempo, é importante evidenciar, que continuamos com o planejamento da SRM da Rede Municipal de Campo Mourão, portanto, seguimos com duas Sequências Didáticas. Como o nosso trabalho pedagógico é realizado em contraturno, conseguimos administrar bem as duas SD, e, ao mesmo tempo, instigar os(as) educandos(as) na pesquisa.

Ainda sobre a questão do tempo, tivemos, que alterar a ordem de uma cena, pois estava planejado para a diretora Heleni vir antes das gravações dos irmãos Lumière.

Em nosso cronograma, a nossa convidada especial viria no máximo até o mês de agosto, mas por motivos pessoais e familiares, somente foi possível a vinda da diretora Heleni no mês de setembro.

Entretanto, acreditamos que a mudança de ordem dessas duas cenas, não prejudicou a pesquisa, os(as) estudantes compreenderam o motivo, mas alguns ficaram ainda mais ansiosos pela chegada desse dia.

Sobre a participação dos(as) discentes, todas as individualidades e especificidades foram respeitadas. Sempre buscamos desenvolver todas as potencialidades, por isso, em vários momentos, necessitamos de um tempo maior, para que os(as) educandos(as) pudessem concluir, o que foi proposto, seja na oralidade, na pesquisa, nas aulas passeios, nas gravações, no registro escrito, nos desenhos e colorações, ou seja, na realização de cada cena.

Percebemos que os(as) estudantes gostam e apreciam se expressar na oralidade, mesmo os mais tímidos, e é por meio dela, que desenvolvem a organização e estruturação do pensamento, sistematizando a história da EMMOL em uma sequência.

Nos registros escritos, essa organização exige maior mediação, sendo necessário, além de trabalhar a organização do pensamento por meio da coerência e coesão, trabalhar a consciência fonológica, ortográfica, acentuação, paragrafação, substantivos próprios e comuns, pontuação e outros conceitos.

Acreditamos que, o ensino de História é um componente curricular, com grande potencial emancipador e fundamental para a formação dos(as) discentes. Segundo Fonseca (2009, p. 50), “a história é antes de tudo uma prática social”. Isso significa, que o estudo do passado nos ajuda a entender como as sociedades se organizam, como as pessoas interagem e, de que forma, os eventos históricos moldam o presente.

Ao analisar criticamente o passado, os(as) educandos(as) desenvolvem a capacidade de questionar, analisar, refletir e interpretar as complexidades do mundo e o contexto em que vivem. Eles(as) aprendem a identificar diferentes perspectivas, a reconhecer as raízes históricas dos problemas atuais e a imaginar futuros possíveis. Essa compreensão aprofundada é fundamental para formar cidadãos(ãs) conscientes e engajados(as), capazes de atuar de forma significativa em suas comunidades e na sociedade como um todo.

Em suma, o ensino de História permite, que os(as) estudantes se tornem agentes de transformação social. Por isso, sua presença na educação básica é vital, especialmente ao valorizar a história local e o contexto, em que nossos(as) discentes estão inseridos(as).

Dessa forma, compreendemos, o quanto é necessário repensar o Ensino de História, suas práticas e metodologias, trazendo essas discussões para o ambiente escolar em todas as suas esferas. Reconhecemos o potencial do ensino de História, mas sabemos, que é primordial, efetivá-lo de maneira prática e significativa em nossas salas de aula.

Não poderíamos deixar de destacar, o quanto a palavra “cinema” representa um desafio tanto para o(a) docente quanto para o(a) educando(a), embora sob ângulos diferentes.

Para o(a) estudante, o cinema é desafiador, porque estimula e instiga o processo de ensino e aprendizagem. É algo novo, que fascina e gera envolvimento espontâneo, rompendo com o ensino tradicional e atitudes passivas, que ainda são bastante presentes nos dias atuais.

Para o(a) professor(a), o desafio está na própria preparação. Muitas vezes, não estamos prontos para fazer cinema, pois é necessário trabalhar primeiro com o nosso interior. Não há respostas certas ou um caminho estabelecido, o que pode gerar receios e inseguranças, pois é preciso sair da zona de conforto e enfrentar o desconhecido.

Também é importante se permitir errar e acertar, além de conviver com algumas dúvidas. É preciso ousar e correr o risco de equivocar-se, pois, mesmo nas falhas, estamos aprendendo e ensinando muito mais, do que se não tentássemos arriscar.

Diante desses desafios, as gravações exigiram um tempo maior, justamente devido à liberdade e autonomia concedidas aos(as) estudantes, o que resultou em um atraso significativo na edição dos vídeos. O material selecionado foi entregue ao Professor Diego, responsável pela edição do documentário, somente na primeira quinzena de dezembro. Por essa razão, entramos em férias escolares, sem que os(as) educandos(as) tivessem assistido à produção final. Somente em fevereiro de 2025, os(as) discentes e seus familiares assistiram ao documentário, e, assim, finalizamos a pesquisa.

É importante ressaltar, que esse adiamento me incomodou como professora e mediadora do projeto. No entanto, todas as cenas necessitaram um tempo maior, do que o previsto, o que afetou também a finalização da última cena.

Poderia ter realizado as gravações de forma mais rápida e menos sistematizada, assim como a edição do vídeo. Contudo, isso representaria um equivoco, pois transmitiria erroneamente uma ideia de que aquilo, que era para ser feito, deveria seguir apenas minha visão e o material, que já tinha produzido, sem a participação democrática dos(as) estudantes. Essa abordagem poderia ferir a autonomia, a liberdade e o respeito pelos(as) educandos(as).

Confesso, que me senti desconfortável, como docente e mediadora, por não ter concluído a edição do documentário, conforme o previsto. Todas as cenas foram realizadas, mas faltou a socialização audiovisual. Ao explicar a situação aos(as) meus(minhas) discentes, fiquei surpresa, pois eles(as) não demonstraram tristeza ou insatisfação. Para os(as) mesmos(as), a pesquisa foi concluída, e, como já tinham visto as gravações, agiram com tanta naturalidade, que fiquei impressionada com a maturidade deles(as).

Assim, finalizamos o ano letivo com uma festa de encerramento, marcada por momentos de celebração e reflexão. Além disso, assumimos o compromisso de nos reunirmos no retorno às aulas para uma sessão de cinema, na qual os(as) próprios(as) alunos(as) seriam os autores do filme. Apesar de todo esse receio inicial, essa experiência foi e continua sendo gratificante. Isso porque construímos juntos algo, que o cinema e o ensino de História possibilitam: a união de diversos saberes. Talvez, ao permitirmos essa troca, possamos ampliar nossos horizontes e fortalecer ainda mais nossa aprendizagem.

O maior desafio foi se permitir ousar. Permitir-se ser fotografado(a), gravar e ser gravado(a), errar e tentar várias vezes, sem desistir. Foi também se permitir olhar para a escola com um novo olhar, ouvir e falar, questionar e responder. Além disso, foi se permitir mostrar seus sentimentos, cobrar-se de forma saudável, mas apreciar o resultado final.

Muitas vezes, ao perceber que o resultado não saiu, exatamente como desejávamos, foi importante se permitir e dizer - que está tudo bem - e realmente sentir que está. Afinal, não precisamos ser perfeitos, nem melhores, que os outros; o importante é tentar e fazer o nosso melhor.

Permitir-se aprender sem comparações, ser autêntico(a) e simplesmente aproveitar o processo de aprender. Seja como educando(a) ou educador(a), é fundamental se permitir sorrir e brincar, enquanto aprendemos. E, ao final dessa experiência, é possível se permitir sorrir, por ter sido tocado(a) por tudo isso - pelo aprendizado, pelos desafios superados e pelas emoções vividas.

3.3 Processo criativo de uma documentarista professora

Observando a minha, ou melhor a nossa trajetória, em nenhum momento me coloquei no papel de professora documentarista, mas sim de mediadora de um processo de criação, com muitas incertezas no ato de criar. Hoje inicio uma autoreflexão: um filme passa pela minha mente e, entre tantas reflexões, provavelmente esta será a última antes de finalizar esta pesquisa.

Nessa autoreflexão, não pude deixar de pensar nos relatos do cineasta brasileiro Carlos Diegues, a quem tomo a liberdade e o respeito de chamar de Cacá Diegues. Refiro-me ao livro “O Diário de Deus é Brasileiro”, trazendo reflexões e sentimentos, que se entrelaçam com as minhas emoções, pois, apesar de contextos diferentes, ele nos convida a olhar para dentro de nós mesmos, como um eco, que ressoa no meu próprio interior.

A professora documentarista não surgiu apenas no ato de gravar este documentário. O processo foi lento, gradual, permeado por experiências, que abriram novos caminhos e possibilidades. Experiências, que nos tocaram e, por isso, acredito, que também nos transformaram, acendendo uma nova perspectiva e trazendo uma mudança em nossa identidade profissional.

A professora documentarista, que na verdade tinha até resistência em fazer documentários, pois não possuía conhecimento para gravar e editar os vídeos, não se colocava no papel de documentarista, nem se imaginava nessa posição. Mas então, o que mudou? Por que escolher um caminho em que não se via nele? Como explicar que o receio, a insegurança e até a resistência deram lugar à iniciativa, à autonomia, à alegria, à mudança pedagógica, ao conhecimento, à sensibilidade e às experiências, que acredito, que o cinema pode proporcionar?

É fascinante perceber, que nossa identidade profissional e pessoal não é estática. Ela se constrói e se reconstrói ao longo do tempo, influenciada por nossas vivências e pelo nosso desenvolvimento. E essa trajetória não começou em 2024, quando realizamos a Sequência Didática e a produção do vídeo documentário. Tudo começou em 2023, no ProfHistória, quando conheci minha orientadora, a professora Divania Luiza Rodrigues, na disciplina de Ensino de História e Cinema, que me mostrou novas possibilidades desafiadoras de ensinar História.

A disciplina nos mostrava, e, até nos empurrava, a novas tentativas e metodologias; reflexões e análises críticas faziam parte de nossas aulas e conversas, algo tão natural, que criou um ambiente agradável e instigante entre história, cinema e educação. Sem perceber, fomos nos entregando ao novo, ao desconhecido e ao fascinante.

Em uma de nossas aulas, a professora Divania nos propôs criar um documentário a partir de objetos geradores, o que foi desafiador. Também tivemos uma oficina com o professor Eduardo Túlio Baggio, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar, Campus de Curitiba), que, além de compartilhar informações e conhecimentos sobre o ato de fazer cinema, contribuiu de forma significativa para nossa prática e para o desenvolvimento de um olhar mais atento e crítico. Assim, ao aliar os conhecimentos técnicos e sensíveis, nos forneceu novas ferramentas e perspectivas, que se entrelaçaram com as aulas de Ensino de História e Cinema.

A nossa primeira experiência na produção de um vídeo documentário ocorreu justamente nessa disciplina, sob a orientação da professora Divania. Nessa ocasião, o

professor Diego Alex Ferreira e eu escolhemos como objeto gerador os cartões telefônicos, partindo de uma rememoração e da compreensão de uma História Urbana e coletiva em torno dos telefones públicos, conhecidos como “orelhões”. Refletimos sobre sua importância histórica e o contexto atual, caminhando pelas ruas de Campo Mourão e examinando sua invisibilidade perante a população, ao mesmo tempo, em que reconstituímos a memória por meio dos relatos de diferentes gerações. Assim nasceu o documentário “Cartões telefônicos e os orelhões”

Com o documentário “Cartões telefônicos e os orelhões”, elaboramos um relato de experiência para o e-book. Participamos de forma remota da 1ª EducAção – Festival Internacional de Cinema Educação e Preservação, de Curitiba (PR), promovido pela Werner Produções LTDA. Atuamos, ainda, na categoria de Curadorias e Processos Formativos no CINEOP – 19º Mostra de Cinema de Ouro Preto (MG), na qual a professora Divania nos representou. A produção desse vídeo documentário, bem como essas participações em eventos importantes, nos fez perceber, que nosso processo criativo pode ter uma dimensão ainda pouco explorada, cuja extensão só agora começamos a compreender.

Rememorar essa trajetória ainda não me faz sentir uma professora documentarista. Mas já não sou a mesma e não quero voltar a ser, pois essa nova versão da professora Ana Claudia, é bem melhor. Foram esses momentos vivenciados, que me deram o alicerce necessário para realizar com os(as) alunos(as) da Sala de Recursos Multifuncional (SRM) o “produto” da minha pesquisa. Para mim, isso é muito mais, que um resultado: é um sonho sonhado e testemunhado. Com as experiências vividas, pude criar novos caminhos na prática em sala de aula, aproximando-se de tudo aquilo, que acredito e defendo: uma educação libertadora, que tornou possível transformar o sonho em realidade.

Apesar dos conhecimentos adquiridos com essas experiências e vivências, dialogo com Cacá Diegues (2003, p. 18), que afirmou: “Começar um filme é escolher uma porta por onde nele entrar, o que provoca o permanente pânico de estar escolhendo a porta errada.” No cinema, a certeza é incerta; fazer escolhas é necessário. Mesmo assim, os resultados foram assertivos e significativos.

Mas então me questiono: quando me tornei uma professora documentarista? Não sei responder, porque nunca me vi assim, mas acredito, que foi a partir do momento, em que me permiti vivenciar novos desafios. A gente não “vira” uma professora documentarista da noite para o dia, com uma data exata; é um processo de permissão para vivenciar novas experiências, é construção e reconstrução diárias, é uma abertura ao novo, é uma imersão na

prática, que as aulas de Ensino de História e Cinema me proporcionaram, bem como a oficina e as experiências, que evidenciaram o potencial do cinema na Educação.

Talvez uma pequena parte de mim já fosse uma professora documentarista, e eu nem sabia. Talvez essa professora, que hoje possa se enxergar como documentarista, tenha se revelado aos poucos ao realizar esta autoreflexão, ou talvez eu tenha sido apenas uma professora mediadora, que busca o melhor em sua prática docente. Independente da resposta, posso afirmar, que o cinema mexeu com as minhas estruturas e me permitiu mergulhar em novos desafios, aos quais eu mesma resistia moderadamente. Essa permissão abriu as portas para uma nova forma de ver, fazer e ser na educação, por meio de uma prática reflexiva e da coragem de experimentar.

E ao falar de experimentação, para Cacá Diegues (2003, p. 10), “ao fazermos um filme, fazemos vários filmes sucessivamente”. Fazemos um roteiro antes de tudo começar, mas a cada dia, a cada nova experiência, surge um novo olhar, tudo se transfigura e, mesmo havendo apenas uma versão final, mais de um filme foi realizado. Foi assim, que ocorreu em nossa prática: muitos filmes foram feitos, desde a nossa imaginação, as escritas, os desenhos, as brincadeiras, os sorrisos, os sonhos. Muito além do filme, que ficou gravado, esses “vários filmes” ficarão guardados em nossas memórias e se integram às nossas próprias experiências e histórias de vidas. Esse processo toma um sentido único e complexo de sentidos.

Compreendo, neste momento, após essa reflexão e também por meio das orientações da professora Dr(a). Juslaine de Fátima Abreu Nogueira (UNESPAR, Campus de Curitiba), que o processo realizado de forma coletiva foi um ato criativo. Somos professores, talvez documentaristas, mas acreditamos e defendemos o cinema na escola, reconhecendo e vivenciando o seu potencial de ensino e o desenvolvimento das múltiplas habilidades em nossos(as) educandos(as). Respeitamos as produções e o envolvimento de cada criança no ato de gravar e as experiências vividas; portanto, essa autoreflexão se faz necessária.

Todo esse processo criativo foi realizado com o celular pessoal da professora, um Realme 12 Pro 5G, e o programa utilizado foi o CapCut, versão para computador. Os(as) estudantes preferiram realizar as gravações segurando o celular nas mãos, por isso não utilizamos o tripé. Ao segurarem o aparelho, cada discente se envolveu ainda mais, tornando o projeto maior, pois o controle direto da câmera estava em suas mãos, com a liberdade de movimento. Outro fator importante é que a não utilização do tripé privilegiou a interação direta dos(as) alunos(as) com a gravação, contribuindo para uma atmosfera mais espontânea nas cenas.

Para as gravações, utilizamos um microfone de lapela sem fio, modelo Lu-b11 USB Tipo-C, com o objetivo de oferecer aos(as) estudantes maior flexibilidade de movimento e de captura de áudio. Risadas também surgiam durante as cenas gravadas, e, depois, percebíamos que o microfone estava desligado.

Recordo-me, com entusiasmo, de que os(as) discentes se tornavam mais do que apenas “atores” ou “participantes”; eles e elas eram também diretores e cinegrafistas de suas próprias cenas. Essa autonomia trouxe maior envolvimento criativo e a certeza, de que a pesquisa era verdadeiramente deles(as).

Quanto ao roteiro, não o primeiro, pois esse foi apenas uma janela que se abriu; foi construído coletivamente, por meio da mediação da professora, iniciando-se com a história da EMMOL. Nesse momento, os(as) educandos(as) da SRM ainda estavam inseguros e precisavam de algo mais concreto antes das gravações. Os(as) próprios(as) discentes manifestaram interesse em gravar as cenas, mas pediram para registrar por escrito, o que iriam falar.

Nesse atendimento, os(as) estudantes buscaram memorizar o que iriam falar, e quando se sentiram mais confiantes, iniciamos as gravações. Após cada gravação, o(a) educando(a) revia a cena gravada e decidia gravar outra ou manter a mesma. Em algumas cenas, foram necessárias várias gravações, com ângulos e locais diferentes, até cada discente ficar satisfeito(a) com o resultado. Dessa forma, a escolha das cenas, que iriam para o documentário, já iam sendo selecionadas pelos(as) próprios(as) autores(as) e uma sequência do roteiro estava sendo construída.

Após as gravações sobre a história da EMMOL, os(as) estudantes já estavam mais seguros(as), manuseavam a câmera com maior destreza, escolhiam os ângulos com maior propriedade, experienciavam vários lugares da instituição e se sentiam mais autônomos para escolher as cenas gravadas e gravar de forma mais espontânea.

Em alguns momentos, os(as) educandos(as) puderam explorar e gravar pela instituição sem a presença da professora, exploraram o espaço, a câmera e a história da instituição. Brincaram com o ato de gravar, sorriram, fizeram uma visita inesperada às “tias da cozinha” e mostraram, o quanto há leitura criativa no ato de gravar.

Depois que todas as cenas foram concluídas, no mês de janeiro selecionei algumas gravações feitas de forma espontânea, além de fotos e imagens e elaborei um roteiro sequencial. O professor Diego veio até minha residência e, em uma tarde, conversamos, tomamos café e compartilhei com ele o que havia pensado, seguindo um roteiro previamente

elaborado. Foram entregues vídeos e imagens, que ultrapassavam quinze minutos; no entanto, acreditei, que o professor Diego precisaria de material para trabalhar e, por isso, deixei livre para selecionar, com exceção das gravações das cenas realizadas de forma preparada e já escolhidas pelos estudantes.

O professor Diego compreendeu a essência da produção audiovisual e me questionou sobre as músicas. Eu disse, que optáramos por músicas sem direitos autorais. Confesso que, no início da pesquisa, pensei em produzir uma peça musical original para enriquecer o trabalho. No entanto, ao trabalhar com o ensino de História e sendo professora da rede pública, acredito que precisamos aproveitar ao máximo os recursos disponíveis e demonstrar que é possível fazer cinema com o material que temos, de acordo com a nossa realidade.

Nesse sentido, o professor Diego demonstrou cuidado e sensibilidade ao selecionar as músicas, retirar alguns pequenos vídeos e organizar uma sequência com o material produzido. Confesso que, nesse momento, já não conseguia decidir o que deveria ser retirado, pois a seleção inicial, do que seria enviado, já havia sido bastante difícil.

Ao receber a primeira versão do material audiovisual editado pelo professor Diego - que, notavelmente, sofreu poucas alterações nas edições posteriores -, emocionei-me logo de início. A imagem das crianças de mãos dadas refletia de forma fidedigna o modo como a pesquisa foi conduzida: juntos, de mãos dadas. Nesse momento, não contive a emoção; um sorriso singelo e lágrimas me tomaram. Era uma sensação de paz, nostalgia, afeto e muito aprendizado - na realidade, uma história vivida.

Lembrei-me, então, das palavras de Cacá Diegues (2003, p. 19). Segundo o autor, “Nosso filme, ao contrário, pretende retornar a certos temas básicos da humanidade, coisas como compreensão, amizade, compaixão, solidariedade, sentimentos clássicos de uma cultura fundadora, hoje esvaziados de sentido e importância”. Quanta riqueza o Cinema e o Ensino de História nos possibilitaram! Vivências e aprendizagens que vão muito além dos conteúdos, mas que, conforme o próprio Cacá Diegues (2003, p. 19), “Só podemos conhecer as pessoas quando nos interessamos por elas de verdade; um grande filme tem que começar por aí”.

E aqui reside um grande ensinamento: conhecer e permitir-se conhecer os(as) estudantes, possibilitando que eles(as) também nos conheçam. Acredito, que tudo flui melhor, quando realmente nos interessamos pelo outro, quando deixamos de enxergar apenas um “aluno” e passamos a reconhecer um ser humano pleno de potencialidades.

Assim, ao assistir a cada cena do documentário, fui rememorando nossas vivências, o que despertava em mim uma profunda sensação de paz interior. A versão final representou um

momento de reconhecimento do sublime na prática da pesquisa, validando a abordagem metodológica pautada na co-participação e na construção coletiva do conhecimento. As cenas não apenas ilustravam um resultado, mas simbolizavam a própria essência do percurso metodológico, no qual a conexão humana e a experiência compartilhada foram os pilares da investigação. Juntos, de mãos dadas, criamos também nossas memórias e nossas histórias. Acredito, que a beleza da pesquisa transcendeu dados e análises, pois tocou o coração e a alma, permitindo que iniciássemos e concluíssemos todo o processo de “mãos dadas”.

3.4 Entre laços e entrelaços: nossas memórias

Chegando ao final do terceiro cenário, faço uma reflexão, amparada na mesma frase, que utilizei na Introdução “‘Apague as pegadas’, ao menos algumas, para que os outros, que vêm atrás, tenham a chance de criar seus próprios caminhos” (Fresquet, 2020, p. 17).

Acredito, que ao apagar algumas pegadas, meus(minhas) estudantes puderam criar novos passos, fazer novas escolhas e construir comigo a nossa trajetória. Talvez possam parecer coisas simples, como, ao invés de dar uma orquídea, dar rosas, ou invés de escrever uma carta coletiva, escrever individualmente, ou ainda anotar o que quer gravar, pedindo a mediação dos(as) colegas e da professora, explorar novos temas, como quem foi verdadeiramente Monteiro Lobato, onde é o seu túmulo, por que temos uma planta chamada boldo na escola, entender por que há uma árvore Pau-Brasil em nossa instituição. Enfim, foram os novos passos, as novas pegadas, que conduziram toda essa dissertação.

As trilhas, que estavam feitas, foram essenciais para conduzir todo o projeto, mas foram os novos vestígios, que trouxeram a beleza da pesquisa, pois essas pegadas foram coletivas e abrindo novos caminhos para o saber. Havia uma estrada principal a ser percorrida, contudo, novas pegadas exploraram outros “carreadores e estradas secundárias”, tão essenciais para compreender a estrada principal.

Posso dizer, que é bem mais fácil caminhar e pedir para que sigam os nossos rastros, no entanto, provavelmente, eu não estaria com a minha consciência leve e a sensação gratificante de missão cumprida.

As novas pegadas possibilitaram, ao meu entendimento, e, analisando as aprendizagens e comportamento dos(as) discentes, que os objetivos fossem alcançados, pois conseguimos reconstituir a história da Escola Municipal Monteiro Lobato por meio de uma Sequência Didática (SD) e a produção de um vídeo documentário, contribuindo para um

ensino de História local reflexivo, ressignificando o olhar sob a instituição e contribuindo para a formação histórica, emancipadora e humanística dos(as) educandos(as).

Possibilitamos, que os(as) estudantes se sentissem verdadeiramente pertencentes àquele local e se reconhecessem como sujeitos históricos, ao mesmo tempo, percebendo as suas potencialidades.

Utilizamos várias fontes históricas e procedimentos metodológicos, para promover um ensino de História, que valorize as potencialidades dos(as) discentes do Atendimento Educacional Especializado, que, na maioria das vezes, se sentiam inferiorizados(as), devido as suas especificidades e a sua trajetória escolar. Essa gama de atividades propiciou o desenvolvimento da autonomia, socialização, oralidade, autoestima, iniciativa e conhecimento histórico.

Buscamos criar/desenvolver relações de alteridade, por meio de uma pesquisa horizontal, que levasse o(a) educando(a) a comparar, refletir, conhecer e analisar a história da Escola Municipal Monteiro Lobato, documentada na história oficial, também, a história rememorada pelas vozes dos sujeitos da comunidade escolar.

Acredito, que os desafios encontrados me preocuparam, não por serem comprometedores para a aprendizagem, mas porque temos um compromisso com cada discente, com a Escola e com a Educação. Todas as vezes que acordava, pensava em minhas ações, normalmente elas ficavam inconclusivas, pois faltavam a opinião, o diálogo com os(as) estudantes.

Penso que, agora entendo melhor o que é uma educação emancipadora, e, se não houver uma atitude de respeito pelo(a) educando(a), de liberdade e autoridade e, ao mesmo tempo, de humildade e comprometimento, estaremos pedindo para que os(as) discentes sigam apenas as nossas pegadas.

Eu não sei dizer, onde errei exatamente, mas posso afirmar, que como profissional, se falhei foi tentando acertar, lendo autores, que defendem a alteridade, o cinema, a educação como transformação, o ensino de História e o respeito por cada estudante. Em vários momentos, eu fui tocada de uma forma muito sensível pelos(as) educandos(as). Eu achava que eu já os conhecia, mas confesso, que essa experiência me fez conhecê-los ainda mais.

Em alguns momentos, me senti vulnerável, por não saber se estava no caminho certo, mas, na realidade, todo ano me sinto assim, me questiono se o meu trabalho com os(as) discentes da SRM está sendo eficiente e humanístico ao mesmo tempo.

Eu termino o ano letivo com dezessete alunos, eu queria muito ter realizado essa pesquisa com todos, mas hoje sei que é possível, pois podemos ensinar os componentes curriculares por meio do ensino de História e da interdisciplinaridade, porém seria necessário trabalhar apenas uma SD e não duas, como foi realizado no decorrer da pesquisa de mestrado.

Como professora da Rede Estadual do Paraná, e tendo experiência com os(as) estudantes do Ensino Fundamental séries finais e Ensino Médio, evidencio, que é possível trabalhar o ensino de História por meio do cinema em todas as seriações, e, provavelmente, ótimos resultados seriam alcançados. Creio, que não necessitaria um tempo ampliado, devido a autonomia dos(as) educandos(as).

Portanto, defendo o cinema como proposta metodológica a toda a Educação Básica, penso, que até mesmo a edição dos vídeos seria realizada pelos(as) próprios(as) discentes, pois observo que os(as) meus(minhas) estudantes das séries finais do Ensino Fundamental têm uma maior facilidade e autonomia na edição de vídeos, a qual eu ainda não consegui aprender.

Também compartilho, que desde o primeiro momento, a intenção era fazer um “produto” simples, porém funcional, que não estivesse longe da nossa prática diária de sala de aula e que outros(as) professores(as) poderiam realizar em sua prática docente.

Até porque, sabemos como a rotina é exigente, bem como, assim como eu, que tenho uma carga horária de quarenta horas semanais em dois municípios diferentes, outros(as) professores(as) vivenciam a mesma situação ou mais complexas.

Compreendemos que, como professora, mãe e mulher nossas tarefas se ampliam. Por isso, é necessário, uma prática metodológica, que seja realizável por todos(as).

Na SRM eu já trabalho com SD, e, muitas vezes, considerava o meu trabalho pedagógico tão simples, que me indagava se não seria algo singelo demais para um trabalho de mestrado. Confesso que o Cinema, apesar de ser desafiador, nesse aspecto me acalmou, pois realmente, na minha prática, era algo novo.

Em vários momentos, conversando com a minha orientadora, relatava que a minha pesquisa era algo simples. Ela, por sua vez, comentava “Ana o básico quando bem feito funciona e muito bem” e isso me acalentava.

Pois, apesar de optar por algo descomplicado, eu sou uma mestranda e realmente essa simplicidade pedagógica me inquietava.

Porém, ao mesmo tempo que me incomodava, eu pensava que se fosse algo difícil de fazer, não estaria contribuindo para o ensino de História, pois provavelmente seria feito apenas uma única vez, e, com certeza, essa não é a nossa intenção.

Acredito, que um dos desafios foi esse: fazer a SD aliada ao cinema. Também ficava pensando o quanto eu era leiga em relação ao cinema, e, confesso, me senti despreparada e insegura, pois ao meu lado estavam oito crianças, que olhavam para mim, como se realmente eu tivesse propriedade e muito conhecimento sobre o tema.

Na pedagogia dos Oprimidos, segundo Freire (1987, p. 46),

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Não saberei dizer, como meus(minhas) estudantes foram tocados(as) e como essa experiência ficará guardada em suas memórias, mas posso afirmar que, quanto a mim, busquei caminhar lado a lado com eles(as) (estudantes), procurando aprender cada dia mais, por meio do diálogo e da escuta, sem verdades absolutas, (pois alguns discentes achavam, que eu era conhecedora de todo o saber), mas por meio da experiencição e de juntos percorrer o mesmo caminho.

Por fim, entre laços e entrelaços, construímos nossas memórias e também um pouco da nossa história, ao reconstituir a história da EMMOL. Fonseca (2009, p. 100) afirma que “a experiência relatada nos mostra como é possível ensinar História desde os primeiros anos”. Nossa experiencição confirma as palavras da autora e também concorda que “Ler o mundo implica romper com generalizações, simplificações e fragmentações do processo educativo. Se ‘ler’ é ‘ler o mundo’, não podemos aprender a ler as palavras sem a busca da compreensão da História [...]” (Fonseca, 2009, p. 91), e para essa compreensão histórica, o ideal é que se inicie pela história local, que faz parte da realidade do estudante.

3.5 Um Sonho para se viver: um sonho vivido

Finalizo o terceiro cenário, rememorando a escolha do tema “Um sonho para se viver”: exercício da memória na reconstituição da História da Escola Municipal Monteiro

Lobato no município de Campo Mourão (PR) sob o olhar dos alunos da Sala de Recursos Multifuncional.”

Rememoro o princípio do mestrado (2023), em que cogitei a possibilidade de desenvolver a proposta com os(as) estudantes do Ensino Médio de uma Escola do Campo, por ser professora do componente curricular de História. Porém, no meu interior era algo, que não estava convencida, e, por isso, as coisas não fluíam.

Esse último tópico não faria parte da dissertação. Entretanto, após as várias narrativas sensíveis, as rememorações, reflexões, e a maneira que fui tocada pela experiencição ao realizar essa pesquisa e a análise sobre o logotipo “Um sonho para se viver”, que resolvi, na última semana do mês de dezembro de 2024, escrever e, ao mesmo tempo, rememorar.

Em uma madrugada de quarta-feira, exatamente no dia 29 de março de 2023, eu sonhei que o tema da dissertação seria a história da EMMOL com(as) os(as) discentes da SRM. Ao acordar, não parava de pensar nesse tema e de quando iniciei como professora nessa escola e a sua história, a qual eu conhecia superficialmente. Lembrava perfeitamente do sonho e não parava de pensar nele. Imediatamente queria contar para a minha orientadora, mas aguardei até sexta-feira, que era o dia da nossa aula.

Na sexta-feira, dia 31 de março de 2023, a aula foi no miniauditório da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Campo Mourão), onde seria exibido um documentário. Quando terminou, fui imediatamente falar com a minha orientadora, Professora Dr^o Divania, que sorriu, e, pela sua expressão, ficou feliz, dizendo, que a parte mais difícil tinha sido decidida, que era escolher o tema, a escola e a seriação.

Em nossa conversa informal, eu estava entusiasmada, conversando com minha orientadora e o horário de almoço ficando cada vez menor. Praticamente decidimos o tema da dissertação, que sofreu poucas mudanças posteriormente.

Sempre admirei a história da escola e sempre tive um amor muito grande pela Sala de Recursos Multifuncional, foram incontáveis lágrimas derramadas de felicidade com as superações dos(as) meus discentes. Por isso, trabalhar com essa temática, de certa forma, me realizava ainda mais como professora da Educação Especial, nessa instituição, a qual tenho muito carinho e respeito.

Assim, hoje, dia vinte e sete de dezembro de 2024, estou terminando esse capítulo, e, apesar dos desafios, acredito que aprendi muito mais, que ensinei. No município de Campo Mourão, a nossa distribuição de aula referente ao ano de 2025 ocorreu no dia seis de

novembro de 2024. Eu fui a sétima professora do período da manhã a escolher pela ordem de classificação. Mas, depois de onze anos, nove meses e sete dias, naquela terça-feira, eu soube, que para o ano de 2025, não seria mais a professora da SRM, pois a sala já tinha sido escolhida.

Confesso, que fiquei quase um mês sem retomar a escrita, pois não conseguia escrever sem associar, que no ano de 2025, não estaria no lugar, que eu sempre amei estar, apesar de compreender e respeitar todo esse processo democrático. Escrever trazia muitas lembranças, pois tenho alguns estudantes, que já estão comigo há três anos, sendo difícil me imaginar em outra sala, que não fosse aquela.

A história da EMMOL, realmente é um sonho para se viver, um legado deixado a todos do bairro Jardim Lar Paraná e ao município de Campo Mourão. Continuarei na escola vivendo esse sonho, iniciado pela diretora Heleni e comunidade escolar, consciente também, que na Sala de Recursos Multifuncional eu me tornei um melhor ser humano, e, conseqüentemente, uma melhor profissional.

Eu sonhei realizar com meus(minhas) discentes essa pesquisa de mestrado e eu vivi esse sonho junto a eles(as). Penso, que como a Heleni em sua narrativa, também vivi e estou vivendo a realização de um sonho e feita com amor, buscando na simplicidade alcançar os melhores resultados.

Para Fresquet (2020, p.89) “Nossos sonhos se constituem das coisas mais simples e singelas do real, as espelham e transformam. Daí que seja tão importante sonhar, é condição de toda mudança”.

Talvez se os irmãos Lumière não tivessem sonhado, o cinema teria outra história. Talvez se eu não tivesse sonhado, essa pesquisa teria outros rumos. Penso que, mesmo sendo adultos, é preciso acreditar nos sonhos e nos meus(minhas) estudantes. Creio, que também foram plantadas as sementinhas do acreditar e do lutar, pelo que se acreditam.

Eu não consegui permanecer na SRM, mas eu vivi esse sonho, sonhado na madrugada de uma quarta-feira e construído em uma instituição, que está vivendo um sonho, sonhado por muitos e concretizado por toda uma comunidade.

Finalizo com um sorriso singelo essa escrita, seguido de lágrimas nos olhos e com o coração cheio de coisas boas, tendo a plena convicção, que o Ensino de História vivenciado por meio do logotipo “Um sonho para se viver”, trouxe significativas aprendizagens para meus(minhas) educandos(as), e, ainda mais, para essa docente, que vivenciou todo esse processo e acredita no potencial do ensino de História a todos sem distinção.

Penso e defendo o quanto é fundamental, que se comece logo nas séries iniciais do Ensino fundamental, da mesma forma, acredito e reconheço que todos(as) os(as) estudantes possuem potencialidades em seu processo de ensino e aprendizagem.

Para Freire (1987, p. 73), “Críticos seremos, verdadeiros, se vivermos a plenitude da práxis”. Assim, crer é o primeiro passo para uma educação significativa, reflexiva, crítica e emancipadora. Transformar em ação aquilo, que acreditamos, é lutar por um ensino de História, que possa fazer a diferença na vida de nossos(as) discentes e na sociedade, somos transformados pela Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve, como ponto inicial, uma reflexão sobre o ensino de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental com os(as) estudantes da Sala de Recursos Multifuncional, tendo como referência a História local e as narrativas de sujeitos, que fizeram e fazem parte da comunidade do Lar Paraná, no município de Campo Mourão (PR).

Partindo da perspectiva, que todos somos sujeitos, que fazemos história e que somos parte da história, o ensino de História é essencial na formação da criança e na alfabetização histórica do sujeito.

Acreditamos, que ainda há um grande percurso a seguir. O ensino da História nas séries iniciais é um desafio, pois prevalece um ensino fragmentado, por vezes, distante do processo de alfabetização e da realidade do(a) discente, e, mesmo compreendendo, que a consciência histórica é inerente ao ser humano, é necessário estratégias e metodologias, que contribuam para o pleno desenvolvimento do sujeito.

Portanto, possibilitar diversas linguagens e trabalhar com fontes orais, objetos geradores e documentos é proporcionar um ensino de experiência aos(as) educandos(as), que de forma humanística, emancipadora, reflexiva e crítica vai construindo e ressignificando os saberes. Se reconhecendo como sujeito histórico, capaz de compreender o espaço, em que vive e intervir no espaço local, desenvolvendo o ato de pesquisar e investigar, gerando questionamentos, reflexões e potencializando a criticidade.

Apesar de ser chamada de “Considerações Finais”, estamos oportunizando novas reflexões, percebemos que a Sequência Didática e o Cinema são aliados pedagógicos, que têm muito a contribuir e que os(as) estudantes deram um retorno significativo no decorrer dessa pesquisa.

Acreditamos, que o ensino de História deve ser dialético, criativo e sempre dinâmico, que envolva o(a) discente em todo o processo, respeitando, que todos têm potencial para aprender e que a aprendizagem pode ocorrer de formas diferentes. Por isso, a importância de um ensino de História crítico nas séries iniciais, com metodologias e fontes, que permitam a experiência e o desenvolvimento da autonomia e da consciência histórica.

Como professora do Ensino Fundamental nas séries iniciais, do Ensino Fundamental séries finais e Ensino Médio, percebo, que as discussões sobre o ensino de História nas séries iniciais recebem uma atenção pedagógica ainda menor em relação às outras etapas da Educação Básica.

Precisamos urgentemente de um ensino de História crítico, que possibilite o autoconhecimento do(a) estudante e do outro, que não seja fragmentando entre as etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio), para uma compreensão histórica e construtora do saber.

Dessa forma, necessitamos dialogar, pesquisando, questionando e fazendo reflexões sobre a importância do ensino de História nas séries iniciais, buscando novos caminhos metodológicos na construção de novos saberes com a participação efetiva dos(as) educandos(as) e dos(as) docentes.

É necessário compreender e não ter dúvida, que os(as) discentes das séries iniciais também aprendem, ensinam, fazem história e que são sujeitos históricos, apesar da sua pouca idade cronológica, conseguem interagir, pesquisar, dialogar e compreender o contexto.

Como podemos desenvolver a consciência histórica se não trabalharmos desde os anos iniciais? Não podemos pensar em um ensino de História somente a partir dos sextos anos, pelo contrário, a História deve caminhar de mãos dadas com o processo de alfabetização e reconhecer a sua importância na formação do indivíduo.

Nessa reflexão, a própria pesquisa evidenciou o quanto os(as) estudantes das séries iniciais são curiosos(as) e, quando instigados(as), se tornam pesquisadores(as)/historiadores(as) mirins e podem ser protagonistas nessa construção de aprendizagem.

Eu acredito trazer reflexões sobre o processo metodológico, conteúdos e práticas no ensino de História em todas as seriações, mas evidencio a importância nas séries iniciais para abrir novas possibilidades e discussões, que contribuem para a cidadania, vida social, democracia e experiência humana, fundamental na formação da consciência histórica para poder realizar novas leituras do mundo ao seu redor.

Do mesmo modo, a pesquisa também evidenciou, que não somos detentores do saber, somos eternos aprendentes e ensinantes, sendo o diálogo fundamental em todo processo.

E justamente por crer em uma educação horizontal, também acreditamos no potencial das diversas fontes históricas, que se complementam e enriquecem o saber.

A história local e as narrativas orais são elementos, que nos aproximam da história e aos poucos vamos compreendendo o quão a História, é fundamental para entender e respeitar a diversidade e heterogeneidade e a sua importância no processo educacional e formativo do indivíduo, por abranger todas as áreas sejam elas, culturais, sociais e políticas. Tão necessárias para a formação de um sujeito democrático, que respeite as diferenças e tenha

uma conduta ética e crítica, percebendo, que história não é algo distante e que não é feita apenas por grandes heróis e fatos históricos, que aparecem nos livros didáticos, mas por pessoas comuns como nós mesmos.

Dessa forma, procurei deixar bem explícito, que é possível ensinar História, partindo da realidade do(a) próprio(a) estudante e não necessariamente na disciplina de História. Procurei deixar evidenciado, que por meio da SD e um documentário é possível o engajamento educacional, respeitando as especificidades de cada um(a), da mesma forma, que gostamos de sermos respeitados, mas tendo a plena convicção, de que todos(as) podemos aprender e ensinar.

Ao mesmo tempo, procurei demonstrar, que a possibilidade de uma aprendizagem significativa está também em saber ouvir, apagar algumas pegadas para possibilitar, que novos rastros sejam efetivados e novos caminhos percorridos, também que é necessário dar autonomia e responsabilidade aos(as) nossos(as) estudantes, mas para isso, é necessário acreditar em suas potencialidades sem deixar a afetividade e a sistematização e comprometimento com os objetivos propostos.

Por fim, também quero despertar o interesse dos(as) meus(minhas) colegas docentes para essa reflexão e um ensino de História mais crítico e significativo. Que essa discussão teórica e metodológica possa abrir novas janelas e portas e que por meio dessa pesquisa, outros(as) colegas se sintam inspirados(as) e motivados(as) a experienciar a cinematográfica para poder inspirar e promover novos saberes e construir novas aprendizagens.

Que a inspiração e o desejo por um ensino de História crítico, dinâmico, emancipador e atuante, colabore para que não haja considerações finais, mas novas considerações, reflexões, práticas metodológicas para um ensino de História significativo em toda a Educação Básica.

Sendo assim, diante do exposto, para inspirar trabalhos futuros, deixo as seguintes sugestões para novas pesquisas:

- Valorizem a história local. Nossos(as) estudantes fazem parte dessa história “menor”, contudo, grandiosa em memórias, compreendendo, que todos(as) fazemos e ensinamos História.

- Utilizem várias fontes históricas e procedimentos metodológicos, para promover um ensino de História, que valorize as potencialidades dos(as) discentes, desenvolvendo a autonomia, socialização, oralidade, autoestima, iniciativa e conhecimento histórico.

- Optem por criar/desenvolver relações de alteridade, por meio de um encaminhamento metodológico horizontal, que leve o(a) estudante a comparar, refletir, conhecer e analisar.

- Contribuam para um ensino de História significativo. Rompam com as barreiras impostas atualmente. Lembrem-se, que o vídeo documentário poderá ser desenvolvido com várias temáticas históricas e com todos(as) os(as) educandos(as) da Educação Básica.

- Permita-se experienciar no ato criativo, que o cinema pode possibilitar. Criem novos caminhos. Se for preciso apaguem algumas “pegadas”. Se arrisquem, permitam-se sentir dúvidas, mas permitam-se ousar. Vivencie essa experiência cinematográfica. O ensino de História merece essa experiencição.

- Acredite no seu potencial. Somos educadores(as). Fazemos a diferença na vida de nossos(as) estudantes e tenha certeza: nosso trabalho é mais grandioso do que pensamos.

Sigamos em frente!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. *In: Ouvir Contar*. Textos em História oral. Rio de Janeiro (RJ) FGV Editora, 2004. p.13-31.

BERGALA, Alain. **A Hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

_____. Alteridade. *In: FRESQUET, Adriana. Cinema para aprender e desaprender, Abecedário do cinema com Alain Bergala*. Rio de Janeiro: LECAPV, 2012. Disponível em: <https://cinead.org/wp-content/uploads/2021/03/Abeceda%CC%81rio-de-cinema-com-Alain-Bergala-traduzido-pt.pdf>. Acesso em: 07 de junho de 2024

BERTI, Andreza. Reverberações pedagógicas: as oficinas Minuto Lumière em uma escola catalã. **Tropos**: comunicação, sociedade e cultura, v.9, nº1, edição de Julho de 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/anama/Downloads/3431-Texto%20do%20artigo-10452-1-10-20200613.pdf>. Acesso em: 15 de junho de 2024.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Dados das Teses e Dissertações**. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> Acesso em: 21 de novembro de 2023

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em 05 fevereiro de 2024.

_____. Ministério da Saúde. **COVID-19 no Brasil**. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html Acesso em 06 junho de 2024.

CAIMI, Flávia Eloisa. História escolar e memória coletiva: Como se ensina? Como se aprende? *In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; GONTIJO, Rebeca. (Org.). A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 65-79.

CAINELLI, Marlene. Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental. **Educar em Revista**, vol. 22, 2006, pp. 57-72 Universidade Federal do Paraná. Paraná, Brasil.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CIDADE DE SÃO PAULO. **140 anos de história sepultadas no Cemitério da Consolação**
em São Paulo. Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/servico_funerario/noticias/?p=3275
26. Acesso em: 22 maio de 2024.

CREPALDI, M. A.; et al (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos De Psicologia** (Campinas), 37, e200090. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2024.

CRN Centro Regional de Notícias. **IBGE confirma:** Campo Mourão passou de 100 mil habitantes. Disponível em: <https://crn1.com.br/2024/08/ibge-confirma-campo-mourao-passou-de-100-mil-habitantes/>. Acesso em 24 de outubro de 2024.

DIEGUES, Carlos. **O diário de Deus é brasileiro/** Carlos Diegues. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ENCICLOPÉDIA Significados. **Tecnologia WhatsApp.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/whatsapp/>. Acesso em 29 julho de 2024.

FERREIRA, Diego Alex. **Cartões telefônicos e o Orelhão.** Direção: Ana Claudia Maiolli; Diego Alex Ferreira. Vídeo do Youtube. 2 de julho de 2023. 14min42s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRA8M2o2Ffc>. Acesso em: 01 fev. 2025.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro F.S; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro (RJ): Ed. Elsevier, 2012. p.169-186.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história:** experiências reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação:** reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

IPNET by vivo. **Google Meet:** o que é, funcionalidades e mais! Disponível em <https://www.ipnet.cloud/blog/google-workspace/google-meet/>. Acesso em 29 de julho de 2024.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola:** reelaborando conceitos e criando a prática. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

_____. **Um Sonho Para Se Viver:** História da Escola Municipal Monteiro Lobato de Campo Mourão Pr. Vídeo do Youtube. 7 de setembro de 2025. Duração: 15min38s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RgrgqzXV4js> Acessado em: 07 set. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** – Cotidiano Escolar. – 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003

_____. **Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** – Cotidiano Escolar. – 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MUSEU Monteiro Lobato. Disponível em <https://taubate.sp.gov.br/museummonteirolobato/>. Acesso em: 22 maio 2024.

OLHAR Digital. **Google Maps:** guia completo para usar os principais recursos. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2018/12/18/noticias/google-maps-guia-completo-para-usar-os-principais-recursos/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

OLIVEIRA, Ana Cláudia Maiolli de. **Cartões telefônicos e o Orelhão:** documentário para o Ensino de História. Vídeo do Youtube. 5 de maio de 2024. Duração 02min54s. Disponível em: <https://youtu.be/2KyObIwGuHQ?si=5yL5ldhREHyOasbi> Acessado em: 01 fev. 2025

OLIVEIRA, Ana Cláudia Maiolli de.; FERREIRA, Diego Alex; RODRIGUES, Divania Luiza. Cartões telefônicos e o Orelhão: criação de vídeo documentário para o Ensino de História *In: 19ª CineOP – Mostra de Cinema de Ouro Preto*, 2024, Ouro Preto - MG. CINEOP 19ª CineOP – Mostra de Cinema de Ouro Preto. Belo Horizonte - MG: Universo Produção, 2024, p.288.

OLIVEIRA, Sil Lena Ribeiro Calderano; PAIM, Elison Antonio. (2019). **“Batucando a memória vem”**: rememorações de uma matriarca amazônida. *História Oral*, 22(1), 31–55.

PARANÁ. **Instrução N° 09/2018–SUED/SEED.** Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-12/instrucao_092018.pdf Acesso em: 01 out. 2023.

_____. **Instrução normativa N.º 003/2024 – DEDUC/SEED.** Disponível em: <https://www.documentador.pr.gov.br/documentador/pub.do?action=d&uuid=@gtf-escriba seed@41453ed2-c1eb-462a-840b-ee71b0d4ec81&empPg=true>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PROJETO Político Pedagógico. Escola Municipal Monteiro Lobato. Campo Mourão. 2022.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto:** O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

RODRIGUES, Divania Luiza; FIGUEIREDO, Samuel Henrique; SILVA, Greiciane Farias. Festival de Cinema: História, Memória e Experiências de Vida. *In: 11º Seminário Internacional Cinema em Perspectiva*, 2024, Curitiba, PR. Anais de Artigos Completos do 11º Seminário Internacional Cinema em Perspectiva e XII Semana Acadêmica de Cinema. Curitiba, PR: Unespar, 2024, p.582 – 592.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo, Scipione, 2004.

SACRAMENTO, A. C. R. **A consciência e a mediação dos conhecimentos geográficos pelos professores em sala de aula**. Revista de Geografia Espacios, Santiago, v. 2. n. 3, p. 41-56, 2012

SACRISTÁN, J. G. Consciência e a ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. N. (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, 1991.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. O que só as histórias contam: fontes orais na sala de aula. In: _____. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte (MG): Ed. Autêntica, 2015. p.153-206.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. - 1ª Ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

UM sonho para se viver: exercício da memória na reconstituição da história da Escola Municipal Monteiro Lobato sob o olhar dos alunos da Sala de Recursos Multifuncional. Filme (15:23 min). Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1W4wKczLW8DE-tJNVNtCw3g5lC9XGDgh8?usp=drive_link

VEGA, Alicia. **Cadernos: Doze Brinquedos**. Coleção Cinemas e Educações. Vol. 3. Ed. Multifoco: Rio de Janeiro, 2023.

_____. **Cadernos: Filmes/Alicia Veiga**. Rio de Janeiro. Cinemas e Educações. Vol 2. Ed. Multifoco: R 2023.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 14ª ed. Editora Papirus, 2002.

VESTIBULER com prof. Altemir. biografias - **Monteiro Lobato**. YouTube, 14 maio/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qP03kfjcrMY>. Acesso em: 22 maio de 2024.

VIAJE Paraná. **Campo Mourão**. Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Campo-Mourao>. Acesso em 24 de outubro de 2024.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.